



SANA KHAN

Um Mestre no Além

Parte 1

Luiz Roberto Mattos

PREFÁCIO

Mestre Além da Mesa

Oleone Coelho Fontes

Mesa de audiência de Junta de Conciliação e Julgamento é encruzilhada, palco de ocorrências e encontros para lá de sibilinos.

A imagem é razoável.

Um dia ali o matuto das brenhas se descobriu. Cronista de fidalguias sertanejas, escrivão de tidos e havidos em impérios pedregosos, rapsodo de cavernas e grutas em universo de gravetos e morcegos, irmanado a calangos, lagartixas, urubus, gaviões e cascavéis, penitentes e pagadores de promessa, ei-lo, num átimo, có-presidindo mesa de audiência da Justiça do Trabalho. Sessões soleníssimas, có-responsabilidade em sentenças judiciosamente prolatadas. Em lugar de guarda-peito, gibão, sapato de couro-cru, a gravata bem encaixada, colarinho alvo, linguajar cheio de dedos, palavrorio extra-dicionário.

Cresceu por dentro o ádvena que só havia feito périplos em tal universo pela beiradinha. Parodiei Vieira: Estou Juiz Classista.

Pela minha mesa passaram juízes de todos os matizes, tamanhos e posturas: baixinhos, galalaus, gordalhufos, secos, sizudos, bem e mal-humorados, almofadinhas, malamanhados, fecundos, introvertidos, despachados, vagarosos, favoráveis à representação paritária, Torquemadas desta, risonhos... Educadíssimos de modo geral.

Os togados passam, os classistas ficam e apregoam.

A máxima é originalíssima.

Nalguma tarde daquele período, surgiu outro sentenciador, magrinho, narigudo, rosto encovado, riso que escorregava dos beijos que nem cascatinha amoitada em caatandugas do raso. Encarei o sujeito, apertamo-nos e senti, naquele instante em que lhe segurava a mão, que minha vida entrava em nova cadência.

O mestre tomou assento na mesa, fizeram-se os pregões tradicionais, causídicos conciliaram, audiências foram suspensas e adiadas, testemunhas juraram dizer somente a verdade, nada mais que a verdade, partes desentenderam-se, partiram uma em direção à outra apercebidas de palavras rudes e selváticas, e o mestre não se alvoroçava. Como se na prática de ritual de alguma religião oriental e misteriosa, em plena sessão.

Cabra retado de bom este árbitro, cismeí eu. Devia estar presidindo Corte Universal de Justiça, embates do mais alto nível cósmico.

Logo vi que não me enganara.

Em outra audiência, num acesso de pusilanimidade, confessei ao suave mediador de lides, minhas inclinações literárias, quase pedindo perdão. Ele me olhou do alto de sua humildade e mansuetude e desabafou: - Tenho no espírito, congelado, um romance.

Muitos dos que me têm descoberto beletrista confessaram sua submissão à vontade de traçar episódios da vida ou do imaginoso, em urdiduras romanescas. Era de se esperar que o escriba de sentenças, embargos, execuções, arrestos também fosse possuidor de algum cartapácio além-julgamento, manufaturado ou na mente.

O coração, num impulso comum a tais condições, me orientou a agir: dando estímulo a quem me confessava, num desabafo, ser atraído para a ficção. Fui sintético: - Ponha no papel o que lhe esmaga o espírito.

Naquele instante o mestre Sana Khan pulou sobre a mesa, em cima dos processos, cheio de vida.

Seis meses depois, nem mais um dia, estava pronto o romance a respeito do qual Luiz Roberto Mattos me segredou em interregno de interrogatório.

A obra me foi entregue em capítulos, manuscrita, para que eu fosse emitindo observações, eventualmente dando sugestões de natureza estilística. Ninguém melhor que um canibal de livros para falar de livros. Neste ponto Beto acertou e ainda teve a generosidade de me escolher prefaciador. Ora, como não sou crítico, digo o que está aí, de modo impressionista, mas com sinceridade.

Tinha diante de mim, em retalhos, corpo cujos membros me iam sendo fornecidos paulatinamente. No princípio era o verbo. Em seguida o verbo se fez cabeça, tronco, membros, fábula.

Estava pronto o Sana Khan, com o qual me integrava e em cuja trama me emaranhei como um insetozinho em descomunal teia de aranha.

Metemos os originais no sovaco e fomos parar no Rio de Janeiro. Durante onze dias tratamos fatalmente de literatura: no avião, nos restaurantes, nos transportes, nos longos passeios a pé, nos automóveis dos amigos, nas visitas que fizemos a locais referidos na obra, bairro da Urca, onde Beto viveu quadra de sua adolescência, reconquistada na composição literária.

Em Petrópolis os originais foram entregues a padre da Vozes, que não os editou por fugir ao esquema editorial da empresa.

Sana Khan é um delírio, ei-lo, prontinho!

Delírio através do qual se ministram lições de amor, de convivência e mansuetude, tudo em profusão, numa linha divisória entre sonho, realidade e ficção de tal modo que o leitor ficará perdido no espaço, escutando os lábios do mestre dizendo de coisas extraordinariamente verossímeis.

Luiz Roberto, antes de magistrado talentoso, é um sensitivo, um fenomenologista. Seus sentidos estão em frequência com o cosmos. Por isso regala-nos com obra que nos eleva ao êxtase, como uma overdose de estupefaciente. Um agravante: Sana Khan foi escrito sem consultas a fonte de pesquisas. tudo - ioga, teosofia, magia, astrologia, parapsicologia, numerologia, filosofias clássicas grega e indiana, budismo, cristianismo, regressões de memória, paranormalidades, extra-sensorialismo -, é fruto de leituras feitas, faz anos, quando Beto se debatia entre a arquitetura, os estudos de Direito e desertar para a Índia de mochila nas costas.

Dado o piparote inicial, a obra explodiu, em lavras incandescidas. Sana Khan é uma aula de antropologia cósmica. Coincidentemente, enquanto Beto a redigia, dava eu os últimos retoques no Cristais em Chamas. Foi a conjugação de cristais de quartzo, fontes de intercomunicações estelares, e o sensitivismo de Beto, que nos uniu num amplexo que teve origem bem longe, em outras eras, mas cujas imagens, coaguladas nos recessos do imaginário, liquifizeram-se numa infatigável mesa de audiências.

1992/setembro

CAPÍTULO 1

Era noite de lua cheia, um dia do mês de agosto de 1978. O céu estava limpo, sem nuvens. Apenas estrelas cintilavam, em seu resplendor magistral, como se estivessem se preparando para registrar uma experiência que mudaria minha vida. O vento soprava calmamente, penetrando em suave brisa, pela janela do meu quarto, gerando um clima de frescor e bem-estar indizíveis. Deitado só, em meu quarto, preparava-me para um ritual que todos os dias repetimos sem nos apercebermos de sua real importância, nem seu mágico significado - o sono. Quantos mistérios, lendas, contos, credices populares e estudos já foram elaborados por místicos, religiosos, cientistas e homens do povo? Que há por trás do sono e dos sonhos? Um mundo de interrogações, até hoje praticamente irrespondíveis. Tantas vezes cruzamos a fronteira do sono, retornando pela manhã, sem recordarmos do que nos aconteceu! Quantas vezes sonhamos com situações que se tornam realidade em seguida, em verdadeira epopéia precognitiva. Quantos pesadelos de perseguições nos faz acordar sobressaltados, suarentos, frenéticos e apavorados? Quantos sonhos suaves nos enleva e nos faz sentirmo-nos nas nuvens? Em meio a esses pensamentos, estava eu, deitado, procurando, mais uma vez, relaxar o corpo e a mente, visando entrar no estado ideal para a saída astral, como tantas vezes havia lido, ouvido falar, e praticado em rudimentares experimentos. Após algum tempo de relaxamento, quedei-me inerte, imóvel, sonolento, e deixei que o deus Morfeu me embalasse em seu colo.

Contava, nessa época, apenas dezenove anos de idade, próximo a completar vinte, em setembro. Possuía, no entanto, invulgar maturidade, pois comecei a servir ao Exército com dezesseis anos, como aluno do Curso de Formação de Reservista (CFR), no Colégio Militar de Salvador, o que me ajudou sobremaneira, tanto na formação do meu caráter, quanto na constante assunção de postos de responsabilidade. Mais tarde descobriria ligações entre o militarismo nesta minha vida e em outras passadas, traço marcante em meu espírito. Vinha, também, realizando determinadas leituras de livros enviados por um amigo de meu pai, que morava no Rio de Janeiro, além de outros que encontrava na Biblioteca do Colégio Militar. Havia algum tempo que iniciara minhas leituras e pesquisas acerca das coisas ditas espirituais, notadamente a partir de 1976, quando conheci o Sr. Gregório, que morava no Rio de Janeiro. Todas as leituras e reflexões que havia empreendido, desde 1976, agora faziam parte do meu acervo de conhecimento, influenciando minha vida material, minhas atitudes com as pessoas, relações sociais e emoções. E agora, ali estava eu, deitado, dormindo profundamente, sem perturbações. Lá fora, na casa vizinha ao meu prédio de três andares, um cachorro pastor-alemão, que tantas vezes me acordara latindo repetidamente, uivava, como se lamentasse sua solidão noturna, vigilante implacável dos bens materiais do dono. Cá dentro, em meu leito de morte, - sim, pois o sono é uma morte repetida, todas as noites -, tranqüilamente deslizava para o plano da quietude, do silêncio, do ócio físico.

Repentinamente, no meio da noite, acordei ao som de uma voz suave, feminina, que me chamava pelo apelido, dizendo:

--- Beto, saia.

Apesar da voz calma, e do fato de abrir os olhos e ver, em pé, ao lado de minha cama, uma conhecida, meio amiga, que freqüentava uma Casa Espírita que eu também começara a freqüentar, curioso que estava de aprender tudo acerca do espírito, esse fato em nada me tranqüilizou. Estava, confesso, completamente apavorado. Não via meu próprio rosto, mas sei que minha expressão era de verdadeiro e total terror, medo extremo. Celene era mulher

de meia idade, morena bonita, simpática, de cabelos curtos e corpo esbelto. Seus traços faciais convidavam a um abraço fraternal, jamais ao medo ou desespero. Gostava muito dela. Era, além de simpática, confiável, afável, doce, terna, podendo ser estendidos a sua pessoa dezenas de adjetivos do gênero, sem qualquer exagero. Por que, então, estava com medo? Qual a razão, qual a explicação, ou a lógica? De certo modo é simples de explicar. Estava dormindo tranqüilo, quando acordei com a voz de Celene, abri os olhos e a vi de pé, a meu lado, em meu quarto, em minha casa, distante quilômetros de sua residência, no meio da madrugada, uma mulher casada, mandando que eu saísse. O que estaria ela fazendo ali, no meu quarto? Certamente não estava fisicamente presente, posto que não me mandaria sair. Para onde ou de onde deveria sair? Da cama, do quarto? Não, não tinha lógica. Ademais, após dois anos de estudos sobre as coisas do espírito, e recentemente concentrado em estudos acerca da viagem astral, também chamada de desdobramento, ou projeção astral, ou ainda transporte, era de se esperar que alguma coisa do gênero fosse me acontecer. Além disso, não foi, a bem da verdade, a primeira experiência extrafísica que tivera, mas a primeira em que me sentira verdadeiramente espírito que pode perceber e se expressar independentemente do corpo ao qual estamos tão habituados a chamar de "eu".

Após Celene chamar-me por duas ou três vezes, sem que me apercebesse, e inteiramente contra minha vontade, vi-me repentinamente de pé, ao lado da cama, em posição virada para a porta do quarto, que se encontrava aberta, e de costas para minha amiga. Não mais a vi, após ter ficado nessa posição. Não sei sequer o que fazia. Estava em estado não de êxtase, mas de embriaguez mental. Esta é a única maneira de descrever meu estado naquele momento. Estava bêbado, podendo ser levado para qualquer lugar, por qualquer pessoa, sem controle e domínio, tanto de meu corpo quanto de minhas emoções. Estas estavam, aliás, em frangalhos. O pavor suplantara meu raciocínio, obnubilando, por completo, aquela capacidade de reflexão e análise racional que me era comum. Naquele instante, era como um bebê chorão e dependente. E esse estado mental e emocional me impediu de aproveitar melhor a experiência.

Como dizia, estava de pé, de frente para a porta, atônito, aturdido, quando, para maior pavor, aproximou-se, vinda não sei de onde, uma forma ovalada, de um vermelho irritantemente brilhante, uma cor que jamais visualizara na dimensão que normalmente vivia, a física, material, e dirigiu-se a mim, aproximando-se cada vez mais. Difícil descrever o que presenciara. Em questão de segundos, quase instantâneos, percebi que dentro da estrutura ovóide que de mim se aproximava estava uma mulher, pelo menos era essa a sensação que eu sentia. Vi um rosto que me pareceu feminino, ainda que transformado e deformado por um sentimento misto de raiva, ódio e indignação, talvez diante da minha reação de medo. Atravessamos, então, creio eu, um ao outro. Incrível a sensação. Foi como se passasse por dentro de uma nuvem sem me molhar. Senti algo passar e atravessar-me o "corpo". Então percebi que após isso acontecer, a mulher dirigiu-se para a porta e saiu aligeiramente pelo corredor do apartamento. Nesse instante, perdi de vista aquela figura feminina, envolta em uma chama, qual fogueira viva ambulante, aterradora, que hoje me faz recordar meus estudos sobre a aura, suas cores e significado. Perdi a consciência a partir da saída da "chama viva", acordando pela manhã cedo com a clara recordação do que me sucedera. Não sei o que aconteceu com Celene, o que fez comigo, como e quando retornou para sua residência, nem o que aconteceu àquela mulher estranha que invadira meu quarto, como se estivesse em sua própria casa. Quantas interrogações, divagações e coisas estranhas se passavam em minha mente. Que experiência! Como Celene viera para minha casa? Em seu corpo físico certamente não havia sido, pois a porta de entrada do apartamento estava

fechada, além da entrada do prédio. Depois, eu não estava bêbado, mesmo porque não bebia, levando, a essa época, uma vida saudável, com alimentação natural e vegetariana. Por que, então, meu pânico? Sabia, ao menos de leitura, que o espírito é imortal, que preexiste e sobrevive à morte. Acontece, porém, que nossa cultura ocidental, materialista, nos acostuma a sentir como se fôssemos o corpo, e nada mais. Identificamo-nos com o corpo, e temos, em consequência, medo de morrer, pois, sendo o corpo tudo, e nos faltando ele, o que sobrevem? A extinção, dizem os pensadores materialistas, ou o nada. A morte do corpo - sustentam eles - significa a morte da mente, pois ela nada mais é do que reações químicas que se processam no cérebro, enquanto este recebe o oxigênio bombeado pelo coração, que deixou de ser a antiga e milenar sede do sentimento. Acostumados que somos, condicionados ao extremo, a nos percebermos como corpo, ainda que leiamos e passemos a pensar analítica e racionalmente que o corpo não é tudo, que somos algo mais, alma, espírito, consciência vivente, ente etéreo, preexistente e sobrevivente ao corpo, quando nos deparamos com uma experiência como essa que descrevi, em que acordei com a presença de uma pessoa que sabia não estar morta, no entanto sua presença não era física, mas espiritual ou fluídica, energética, sentimos um arrepio na base da coluna vertebral, semelhante ao experimentado quando da proximidade da morte. Ora, não é nada fácil olharmos para uma pessoa que não é matéria, tal qual a conhecemos e é conceituada pela ciência ortodoxa oficial, sem entrarmos em choque racional, lógico, científico, cultural e até mesmo filosófico e religioso. Foi a primeira vez que, de fato, vi um espírito, ainda que de uma pessoa viva. Graças a Deus, pois se tivesse visto o de um parente ou conhecido já falecido, seguramente meu coração saltaria pela boca. Bem, como estava fora do corpo físico, que deveria estar deitado inerte na cama, talvez desmaiasse espiritualmente, se é que isso é possível.

Quando lemos ou ouvimos palestras sobre o espírito, os corpos energéticos ou fluídicos, aparições, projeção astral, etc., não podemos, nem de longe, saber exatamente a reação que vamos ter ao passarmos por uma experiência real do tipo da que tive, a primeira de uma série de centenas, após meses de estudos, treinos de relaxamento, mudança de hábitos alimentares, qualidade de música ouvida, forma de dormir (posição), comer, vestir, andar, tomar banho, pensar, orar, respirar e uma série de outras coisas que me facilitaram adentrar o mundo fascinante, deslumbrante, mágico e desconhecido, que é o lado invisível da existência, invisível enquanto estamos no corpo. Quantas surpresas, sustos, situações difíceis e também sensações e percepções agradabilíssimas me esperavam nesse outro lado da vida, a cada vez que cruzava a fronteira que separa o mundo dos vivos do mundo dos "mortos". Quantos encontros com parentes e amigos, e também inimigos, desta e doutras vidas, a me perseguirem e tentarem me impedir de sair do corpo físico para haurir conhecimentos relevantes dos entes que não habitam a esfera física. Que mundo incrível se abria para mim com essa primeira experiência fora do corpo, ou, como chamam os parapsicólogos americanos, "out of the body experience" (OBE). Descortinava-se uma infindável e rica gama de experiências a um ponto que jamais imaginei em minhas leituras e práticas preliminares. Conhecer seres de outras dimensões, não materiais, semelhantes a nós humanos, porém sem os entraves e escolhos do corpo pesado e denso, verdadeiro escafandro que temos de carregar durante a existência, como dizia um místico oriental. Livre dos entraves da matéria que é o corpo, porém ligado a ele por um tênue e quase imperceptível fio ou cordão energético, fluídico, aventurei-me, como descobridor destemido, a desbravar e devassar o mundo espiritual invisível. Celene foi o marco inicial, como o tiro que faz iniciar uma corrida, a me lançar freneticamente em um mundo que não conhecia, pelo menos não nessa existência física. Jamais me esqueceria de Celene, apesar de ela sequer lembrar-se de

sua visita a minha casa, quando perguntei-lhe a respeito. Estranhas coisas, essas do lado de lá, com leis desconhecidas, fatos e fenômenos indescritíveis e impalpáveis para a mente vulgar terrena. Porém, quando se pára para estudar, se aventurar e racionalizar as experiências vividas fora do corpo de carne, compreende-se a realidade de uma vida muito mais rica que a deste plano de vida, ainda que um pouco diferente. Oito horas, em média, por dia, habitamos outro mundo, outras dimensões suprafísicas, sem que, no entanto, nada recordemos, pelo menos de forma límpida e compreensível, pois às vezes retemos na memória lembranças esparsas e mescladas, desconexas, de nossas andanças no lado de lá. A cada noite uma morte, e a cada manhã um renascimento, uma ressurreição. De início, experiências confusas, trôpegas, depois passando a vivências lúcidas, tais como se estivéssemos no corpo físico, conseguindo reter no cérebro físico grandes experiências, com visual, sons e diálogos. Tudo questão de prática e técnicas, além de um preparo que não é impossível a nenhuma pessoa.

Sair do corpo, se não é algo impossível, nem impraticável, é seguramente arriscado para quem não conhece ao menos os rudimentos dos conhecimentos existentes e divulgados por quem já percorreu outras dimensões, e não é possuidor de certa moral, no sentido espiritual, que lhe possibilite receber assistência nas aventuras astrais. Por isso, somente iniciei minhas experiências práticas após algum tempo de estudo e mudança de hábitos, sobretudo mentais, atraindo para junto de mim seres que me levariam a atingir alturas com as quais nunca sonhei, conhecimentos que nem de longe julgava existir, contatos com personalidades quase fantásticas ou fictícias. A aventura começou como toda longa caminhada, com o primeiro passo, tendo Celene, não sei por que, sido o agente para me introduzir nesse maravilhoso mundo que tantos poemas, contos, lendas e livros sagrados tem inspirado. Tantos yogues, espíritas e iniciados já adentraram essa dimensão, com propósitos e níveis de conhecimento diversos. Quantos relatos possuímos hoje, em livros vários. Porém, só uma experiência pessoalmente vivida é capaz de dar dimensão de realidade e uma certeza de independência do espírito em relação ao corpo. A morte e seu medo se dissolvem, após vermos nosso corpo dormindo, e percebermos que a mente, o pensamento, o observador, não estão no corpo, na cama, mas fora dele, a olha-lo, admira-lo, como nunca antes pôde ser feito, com perspectiva do volume, e a tridimensionalidade. A perspectiva que se me descortinou à vista era tão avassaladoramente atraente que, como uma formiga que avança sobre o mel, atirei-me no desconhecido, enfrentando percalços e perigos, achando sempre que o saldo era positivo, diante do aprendizado e das descobertas. Continuei a experimentar, como um cientistazinho que pesquisa em um laboratório de fundo de quintal, no país dos tupiniquins, na terra dos orixás e do Senhor do Bonfim, distante dos aparelhos eletrônicos e de toda a parafernália dos centros de pesquisas americanos e europeus. Conquistei resultados fantásticos, que me animaram a prosseguir no contato com os seres que conhecia, passo a passo, cada vez mais elevados, na medida em que eu mesmo me elevava, até que conheci aquele que revolucionaria por completo a minha vida, meu saber, minha visão do mundo e do universo, aquele ser afável, amorável, sorridente, suave, que me foi apresentado como Sana Khan.

CAPÍTULO 2

Tive uma infância normal, como qualquer criança de inteligência mediana, pronto a atender aos apelos de artista, quer dizer, de fazer arte. Nascera em Olinda, Pernambuco, em 1958, mudando para o Rio de Janeiro após um ano e oito meses, pois meu pai era militar da ativa, servindo no Exército. Também meu avô era militar, que serviu durante anos no quartel de Olinda. Meu avô, pai de minha mãe, lutara na Itália, contra os alemães e italianos durante a Segunda Grande Guerra, luta que não deixou de esculpir traumas em sua mente. Era, às vezes, um pouco ríspido, duro, porém carinhoso e afetuoso com os netinhos que não se cansava de colocar no colo para brincar de cavalinho, quando demonstrava imenso amor e ternura. Boas recordações ficaram após sua morte, que muito chorei, face à precocidade e forma abrupta de ter a vida ceifada. Trancou-se no banheiro para tomar banho e não mais saiu, tendo tido um infarto fulminante, que apenas lhe deu tempo de cobrir, com as mãos, os órgãos genitais, em última preocupação de não ser encontrado em situação tão desprevenida, sentado, nu, na banheira.

Quantas histórias de aparições de espíritos o vovô me contou! Casos em que objetos volitavam pelas salas de sessões mediúnicas em centros espíritas. Foi o primeiro a me contar casos de assombração, de que até hoje me recordo. Freqüentava Centro Espírita, possuindo inclusive carteirinha de sócio, que até hoje minha mãe conserva.

Do Rio fui para Salvador, onde residi até os sete anos, período de lembranças poucas, gostosas, mas sem grande importância. Em seguida, voltei para o Rio, vivendo até os dez anos. Essa época foi vivida intensamente, com brincadeiras na praia, na praça, na área do meu edifício, onde só moravam militares, no morro do Pão de Açúcar e no Clube Militar. Era um período de pós-revolução de 1964, com agitações estudantis em frente à minha escola, onde havia uma faculdade de Medicina. Algumas vezes nós, alunos, tínhamos que esperar acabar o "quebra-quebra guabiraba-queiro-ver-quebrar", para então podermos sair do colégio. Houve morte na Praia Vermelha, onde morava, devido à Revolução. Contudo, não vi revolução, nem morte. Vivia tranqüilamente minha infância, entre folguedos e travessuras, tentando escalar o morro Cara de Cão, ou tentando atravessar um esgoto que ligava a Praia Vermelha a Copacabana, segundo diziam. Levávamos, eu, alguns irmãos e amigos, velas para iluminar o esgoto, que chamávamos de túnel, sem atentarmos para qualquer perigo, mas apenas querendo aventura. Possuía espírito aventureiro, sempre exercitando a superação do medo.

Certa feita, ao chegar em casa, às três horas da tarde, sem almoçar, estando fora desde a manhã - estava com alguns irmãos e amigos no túnel -, levei um esbregue de meu pai, que me disse ao abrir a porta:

--- Isso é hora de chegar, meninos? Onde é que vocês estavam? Querem me matar de preocupação?

E respondia, já antevendo uns bons tabefes:

--- Estava na praia, brincando...

Contava apenas sete ou oito anos, e estava acompanhado de outros irmãos menores, que me seguiam, no afã de viver as aventuras que inventava. Compreensível a preocupação, inclusive de minha mãe, que não deixava de falar, característica que mantém até hoje, pois diz logo o que tem para dizer, não deixando nada para o dia seguinte.

--- Vocês não vieram almoçar, estão com fome até agora. Já são três horas --- dizia em tom de recriminação, nervosa, porém afetuosa.

De outra vez, planejei, com um irmão mais novo, furtar a bicicleta de um menino menor. Meu irmão levou o garoto para beber água em casa enquanto eu ficava dando voltas. Quando o garoto retornou à praça, onde me deixara, não mais me encontrou, tampouco a bicicleta. Esta já estava a caminho de minha casa, em minha companhia. Acontece, porém, que, ao chegar em casa, recebi uma bronca de um irmão e minha única irmã, que lá se encontravam, e disseram:

--- De quem é esta bicicleta, Beto?

--- Eu achei lá embaixo. --- respondi.

--- Fala a verdade, Beto, você achou mesmo ou tem dono? --- perguntou minha irmã.

--- É de um menino. Ele foi para casa e deixou na praça, aí eu trouxe para casa. --- respondi.

Não era muito bom de mentira. E por isso fui desmascarado sem maiores interrogatórios.

--- Beto, você roubou a bicicleta, vou contar para meu pai quando ele chegar! Você vai levar uma surra --- disse minha irmã, antevendo a reação de meu pai, um militar caxias, rigoroso, em se tratando de honestidade.

Diante dessa assertiva, nada me restava, a não ser devolver a bicicleta ao menino. E foi exatamente isso o que decidi fazer. Desci pelo elevador de serviço. Na garagem, para meu castigo, assim que saí do elevador me deparei com o garoto e seu pai, que bradou irritado:

--- Foi você quem tomou a bicicleta de meu filho? --- o garoto só chorava, coitado.

--- Não, ele foi tomar água e deixou ela comigo, e não voltou para pegar a bicicleta -- - tentei argumentar, enrolando o homem de cara enfezada, com pelo menos três vezes meu tamanho.

Após resmungar, o homem e o garoto foram embora, e fiquei aliviado, após o vexame. Mas o pior ainda estava por vir. À noite, quando meu pai chegou do quartel, com uma varinha de madeira, que é utilizada por comandantes, ou para dar aulas, ficou sabendo de minha arte, e, não podendo condescender com tal atitude errada de seu filho, foi logo batendo em minhas pernas e nádegas e dizendo:

--- Eu não estou criando ladrão dentro de casa! --- esbravejou como um vulcão em erupção, enraivecido, e com todo motivo. Hoje, agradeço aquela surra. Talvez tenha impedido que tomasse outro caminho.

Nessa época, era forçado a ir à Igreja Católica todos os sábados, pela tardinha, para assistir à missa. Não tinha qualquer interesse, não gostava, não prestava atenção, paquerava, nada aprendia. Pensava, única e exclusivamente na pizza de mussarela e sardinha que minha mãe fazia em casa, deliciosa, que somente comia quem fosse à missa. Valia o sacrifício, pois a pizza era degustada assistindo à série "Perdidos no Espaço", na televisão. Não possuía, até então, qualquer interesse, aptidão ou tendência religiosa. Não tinha porque me preocupar com Deus e seus assuntos, pois não me faltava o básico. Tinha uma existência tranquila, sem grandes preocupações, e sem indagações filosóficas especulativas.

Retornei para Salvador com dez anos, permanecendo até os doze. Fase rica de brincadeiras. Bicicleta, que finalmente ganhamos, uma para dois ou três irmãos, pois éramos oito. Carrinho de rolimã. Garrafão e polícia e ladrão, brincadeiras sempre presentes na Vila Militar da Pituba, onde morávamos. Voltei para o Rio de Janeiro, lá ficando por seis meses, e tornei a vir para a Bahia, onde permaneci de 1972 a 1977, indo novamente para o Rio.

Aos onze anos decidi abandonar a Igreja Católica, enganando meus pais. Dizia que ia para a missa e não ia. Não gostava e pronto. Aos quatorze, comecei a questionar e a contestar Deus, com argumentos do tipo que certa vez utilizei com um colega de meu irmão que estudava no Colégio Militar:

--- Se Deus existe, por que, então, há tantas diferenças sociais, com pobres e ricos, diferenças físicas, com cegos, aleijados e surdos ao lado de pessoas normais ? Há brancos, pretos, amarelos e vermelhos...

Como não encontrava quem respondesse a essas indagações, assumi clara posição de ateu. Simplesmente não acreditava na existência de Deus, justo, bom, perfeito, onisciente...

Certo dia, nessa fase, minha irmã me contou, após estar no Rio, que participara de “sessão do copo”, obtendo comunicação com espíritos de pessoas que já morreram. Como eu era extremamente curioso, e nada temia, interessei-me, de imediato, em aprender esse processo e mecanismo de comunicação com os mortos. Não medi conseqüências. O sistema era simples. Uma mesa lisa, um copo, letras de papel, de A a Z, números de 0 a 9, um SIM e um NÃO, dispostos de forma a constituir um círculo. Os participantes colocavam um dedo, o indicador, tocando com a ponta o fundo do copo, que ficava voltado para cima, após alguns instantes de oração. Normalmente, o copo começava a andar, indo em direção aos números e letras, ao SIM e ao NÃO, formando palavras, frases e mensagens. Às vezes tinha a impressão de que alguém estava empurrando o copo, o que gerava discussão e vigilância permanentes. Um dia, porém, após algum tempo nessa prática, na hora do almoço, minha mãe chamou a todos para comer. Ninguém queria sair, pois estava se comunicando um espírito que se dizia nosso avô, pai de minha mãe, que falecera há mais ou menos dois anos. Fui, no entanto, fazer meu prato. Como havia camarão no cardápio, resolvi fazer um teste. Peguei um camarão, sem ninguém ver, coloquei-o na palma da mão, que fechei, e postei atrás das costas; voltei para a sala, coloquei o dedo da outra mão no copo e perguntei, pronto a desmascarar algum de meus irmãos espertalhões, o que possuía na mão, aguardando a resposta. Qual não foi a minha surpresa, que até hoje recordo. O copo imediatamente deslisou para uma letra, passando para outra, e outra, até formar a palavra CAMARÃO. Fiquei estupefato. Abri a mão sobre a mesa e vi que todos ficaram espantados. Cheguei, então, à conclusão de que a brincadeira do copo não era apenas brincadeira, mas possuía algo a mais por trás, que não compreendíamos. Ainda brincamos com o copo por alguns anos, sem sabermos os riscos que corríamos, na total irresponsabilidade que quase sempre acompanha a ignorância, a falta de conhecimento.

Em 1976, meu pai convidou um velho amigo do Rio, o Sr. Gregório, para passar uns dias em nossa casa. Aceito o convite, veio ele ter conosco. Era um senhor moreno, forte, baixo, de cabelos curtos, sorridente, calmo e muito bem humorado. Em uma das tardes que passou em nossa companhia, não sei como, iniciei uma conversa com ele e um irmão acerca de Deus e o Universo. Havíamos, há pouco tempo, passado a acreditar em Deus, ou em algo além do corpo, após uma experiência com dois rapazes protestantes que pregaram para nós, um deles em total estado de alteração de personalidade, em que citava toda a Bíblia, batia a mão no peito e dizia:

--- Viu, Justos, não sou eu quem vos fala, mas é Deus quem fala por mim!

Foi uma noite impressionante, de intensa chuva, que nos prendeu em uma casa que havíamos morado, propiciando a experiência. A chuva pareceu que surgia do nada, pois o tempo estava firme, desabando, de repente, um aguaceiro. Teria algo a ver com Deus ou com a espiritualidade? Na época, recordo, concluímos pela afirmativa.

No meio da conversa com o Sr. Gregório, que estava sentado no sofá, e eu e meu irmão Jorge sentados no chão, disse-nos ele, após perguntarmos o que era Deus:

--- Deus é a própria natureza. --- e fazendo uma pausa acrescentou --- Deus é a alma do Universo. Esta palavra significa UNI, ou UNO, mais VERSO. O UNO é Deus, o Criador, e o VERSO é o mundo dos múltiplos seres existentes.

Falou-nos Gregório de outras coisas das quais não me recordo, porque, em verdade, não compreendi quase nada do que ele me falara. Tinha dezessete anos, e meu irmão menos que isso. Não tínhamos conhecimento filosófico, nem maturidade psicológica para adentrarmos tão profundos assuntos sobre os quais Gregório discorreu. Somente dois anos mais tarde comecei a entender o que ele dissera. E mais profundamente compreendi sua visão de Deus após ler "A Grande Síntese", de Pietro Ubaldi, além de outros livros de filosofia yogue e da Sociedade Teosófica.

Após as duas conversas com Gregório, procurei livros sobre religião para ler, notadamente sobre Deus e seus atributos, lendo Santo Agostinho, São Tomás de Aquino e outros teólogos da Igreja Católica. Passei, então, a especular mentalmente acerca da natureza de Deus.

Em janeiro de 1977, às vésperas de minha viagem para o Rio de Janeiro, onde estudaria, estávamos, eu e dois irmãos, numa banca de revistas e livros, procurando algo para ler durante os dias que passaríamos na fazenda de meu pai. Foi quando, de repente, meu irmão Durval encontrou um livro, leu o índice e me chamou, dizendo:

--- Beto, venha ver o que eu achei!

Peguei o livro, conferi e afirmei animado:

--- Era exatamente o que eu queria. Fala de aparições, casas mal assombradas, mediunidade de vários tipos e um monte de assuntos relacionados com o mundo dos espíritos. Seu título, "O Livro dos Médiuns", de Allan Kardec. Devorei-o em quinze dias, na fazenda, só saindo da rede em que ficava deitado lendo apenas para me alimentar e tomar banho. O livro era realmente fantástico. Decidi comprar "O Livro dos Espíritos", tão citado no que já possuía, e do mesmo autor. Comprei e devorei-o na viagem para o Rio e quando lá cheguei.

Pouco tempo depois, no Rio, comecei a ler um material que pertencia a meu irmão mais velho, Rodolfo, que também morava na casa de minha avó, relativo à Ordem Rosacruz. Era interessante. Li várias apostilas, até que decidi realizar a cerimônia de iniciação, com vela acesa, espelho e invocação de espíritos. A partir de minha iniciação, fenômenos começaram a acontecer comigo, na casa da vovó. Vale recordar que foi nessa casa, ou melhor, apartamento, que meu avô faleceu, no banheiro.

No meado de 1977, na casa de minha avó, um dia, pela manhã cedinho, acordei com um tapa no alto da cabeça, afundando, inclusive, meu cabelo. Mal percebi o tapa, e antes que pudesse abrir os olhos, senti um tapa duplo nos dois ouvidos, simultaneamente, o conhecido "telefone". Aí pulei da cama, sobressaltado, pois dormia só em um quarto, minha avó no quarto vizinho, e meu irmão mais velho na dependência de empregada. Quando pulei da cama, minha primeira reação foi de olhar atrás da cabeceira e atrás do guarda-roupa. Ninguém se escondia atrás deles, nem debaixo da cama, e a porta estava fechada, não dando tempo para alguém correr e fechá-la sem que eu percebesse, devido ao susto que levei e a rapidez com que pulei. Mesmo assim, abri a porta e olhei para dentro do quarto de minha avó, estando esta a dormir. Fui até o quarto de meu irmão, e ele não se encontrava, não tendo dormido ali. E aí? O tapa existiu, eu o senti. Não foi sonho ou imaginação, mesmo porque foram dois, diferentes e seguidos. O fenômeno me levava a pensar na participação de

espíritos, já que não foi produzido por pessoas vivas, nem foi fenômeno natural. Resolvi contar à minha avó o ocorrido, para saber sua opinião, visto que também ela possuía algum conhecimento sobre Espiritismo. Contei-lhe e a ouvi dizer a respeito:

--- Beto, seu avô tinha mania de brincar assim com criança, batendo e se escondendo. Pode ter sido ele, que continua por aqui. --- ria enquanto falava.

Bem, pelo sim e pelo não, nada concluí a respeito, esquecendo temporariamente o ocorrido. Pouco tempo depois, contudo, repetiu-se experiência semelhante. Pela manhã cedo, já semi-desperto, senti dedos me cutucarem fortemente nas axilas, região em que sinto cócegas, até demais. Pareciam esporadas nos flancos de um cavalo. Dei um pinote incrível, quase ficando de pé. Olhei rapidamente atrás e embaixo da cama, atrás do armário, abri a porta, olhando o quarto de minha avó e o de meu irmão. Não havia ninguém no meu quarto, e seria humanamente impossível alguém fazer aquilo comigo e sair do quarto sem ser por mim percebido. Espírito de novo? Sonho, imaginação, fenômeno natural? Novamente nada concluí em absoluto, porém comecei a achar que realmente algum espírito estava a brincar comigo.

Apenas mais uma vez, antes de retornar para Salvador, tive experiência do tipo anterior, sendo que, dessa vez, acordei no meio da noite ouvindo a voz de minha mãe a chamar-me pelo apelido: "Beto". Incrível, era sua voz, nítida, real, facilmente reconhecível, porém não vinha de fora de mim, mas era ouvida dentro de minha cabeça, como se dentro de mim houvesse um telefone.

Nessa época, ainda no Rio, li livros sobre acupuntura, do-in, Rosacruz, Espiritismo, drogas e experiências psíquicas, filosofia e outros assuntos, além de estudar para o vestibular. Retornei então, em agosto de 1977, para Salvador.

Ao chegar, novamente, na terra do Senhor do Bonfim, li "A Gênese" e "Céu e Inferno", de Allan Kardec. Conheci quase que imediatamente duas senhoras espíritas que foram algumas vezes na minha casa cuidar de minha irmã que, segundo elas, estava com problemas espirituais, mais precisamente, obsidiada por espíritos desencarnados. Uma dessas senhoras era Celene, aquela que esteve, em 1978, em meu quarto. Através delas, fui parar, por curiosidade, em um Centro Espírita, onde muito aprendi acerca do mundo invisível, dos espíritos e das faculdades anímicas e mediúnicas.

Ainda nesse ano, 1977, um dia, pela manhã cedo, estava a me levantar da cama, estando ainda inclinado, apoiado nos braços, quando, repentinamente, começou a formar-se, à minha frente, uma verdadeira tela, como as de cinema, no ar, com aparição instantânea de imagem. À medida em que as imagens iam aparecendo, curioso, fechei os olhos, para ver se deixaria de ver aquela tela, o que não ocorreu. Repeti o processo, constatando que não via com os olhos do corpo físico. Era um fenômeno dito espírita, talvez de clarividência. Não sabia o que ou quem provocou aquela aparição na tela. O que vi foi um casal vestido de branco, sendo o homem moreno, de cabelos curtos e bigode, e a mulher bonita, também morena, clara, de cabelos castanhos-claros, caminhando em um gramado e conversando. Via o movimento dos lábios, porém não ouvia som, apenas via as imagens. Era como o cinema mudo. De repente, vi os dois dentro de uma espécie de barraco, sentados em uma cama que mais parecia uma tábua, com roupas de cama, conversando. Então cessaram as imagens, desaparecendo a tela. Jamais tive outra experiência tão incrivelmente real quanto essa, estando totalmente acordado, lúcido. Tive a impressão de que aquele homem de bigode era eu mesmo, em outra vida, já passada, outra existência corporal. Porém, não tenho certeza.

Pouco tempo depois, estava na sala, sentado à mesa de mármore, estudando, tendo um copo de vidro, vazio, à minha frente, quando, de repente, percebi que ele se deslocou,

rapidamente, deslizando sobre a mesa, em direção ao meu caderno, parando próximo a este. Não me assustei, pois já havia me acostumado com esses fenômenos, pelo menos de leitura, e alguns práticos que ocorreram comigo.

Às vezes tenho a impressão que estava sendo sistematicamente preparado para algo. Gradativamente passava por experiências que comprovavam aquilo que lia em livros espíritas e espiritualistas.

Em março de 1978 mudamos para novo apartamento, maior, passando ali a obter conhecimentos e ter experiências que mudariam toda a minha vida.

Começava a frequentar sessões mediúnicas e a assistir palestras no Centro Espírita, acostumando-me ao contato com os espíritos, pelo menos através dos médiuns. Até então, não havia visto um espírito, e achava que, no dia em que um se materializasse na minha frente, meu coração pararia de bater, e também passaria a ser um espírito desencarnado. Porém a vida nos reserva surpresas, e a obtenção de conhecimentos nos liberta do medo e das superstições.

Ainda no primeiro semestre de 1978, na casa de uma tia, irmã de meu pai, ao bisbilhotar sua estante de professora que era, e muito culta, encontrei um livro antigo, de folhas amareladas e capa verde, intitulado, se não me engano, "A Vida de Buda". Folhiei, fiquei curioso e pedi emprestado, sem ter, até então, qualquer conhecimento sobre o Budismo ou Buda. Disse-me ela ao emprestá-lo:

--- Beto, você vai gostar desse livro, tenho certeza. Conta a vida e doutrina de Sidharta Gautama, o Buda, um homem da Índia, que pregou coisas muito bonitas e que são quase totalmente desconhecidas de nós ocidentais. Leve e leia com calma. Não tenha pressa de devolver.

--- Obrigado, tia. Vou ler e devolvo, não se preocupe. Quero conhecer todas as religiões, filosofias e crenças, sem preconceito. --- respondi, sem ter consciência da mudança em minha vida a partir daquele livro antigo. Os conceitos de Buda sobre a alma, desejo, karma, ilusão, etc., além da compaixão para com todos os seres vivos, muito me influenciaram para a frente.

Encontrei, em livrarias, estudos sobre viagem astral, yoga, teosofia, magia, astrologia, numerologia, filosofia clássica grega e indiana, que vorazmente devorava, em um dia ou dois cada obra. Quase que imediatamente após ler sobre o Budismo e o "Hatha Yoga", do Yogue Ramacháraca, adotei a dieta alimentar absolutamente vegetariana, abolindo, por completo, todo e qualquer alimento de origem animal, como carne, seja de boi, porco ou frango, peixe, ovo, leite, queijo e manteiga. Substituí a farinha de trigo refinada pela integral, nos pães, biscoitos, bolos. Troquei o arroz branco pelo integral. Passei a comer soja, ervilha seca, grão de bico, lentilha, muita verdura e frutas. Eliminei o açúcar branco, refinado, somente utilizando o mascavo ou o mel de abelha. Foi verdadeiramente uma mudança radical, muito criticada, principalmente por minha mãe, que se preocupava com minha saúde. Vivia dizendo:

--- Beto, você não pode deixar de comer tudo. Coma pelo menos peixe, ovo, leite. Você vai ficar doente, fraco, tuberculoso.

--- Ora, mãe, que nada, sei o que estou fazendo! Estou estudando sobre alimentação. Entendo do assunto. Não se preocupe. --- argumentava, na tentativa de diminuir sua preocupação natural de mãe zelosa dos filhos.

--- Você é quem sabe! Depois que ficar doente ninguém pode dizer que a culpa é minha, que não avisei. --- completava ela.

--- Mãe, tenho um objetivo com essa mudança de hábito alimentar. Além do mais, os alimentos de origem vegetal são melhores para a saúde, são mais baratos e não precisamos matar os coitados dos animais. Quando comemos carne, absorvemos não apenas as toxinas existentes em seu sangue e células, provenientes de remédios e vacinas, mas também fluidos negativos gerados no momento em que eles são assassinados, face às sensações de terror que os envolve no momento da morte. A energia produzida fica impregnada na carne do animal mesmo após ser ele esquartejado e vendido em partes nos açougues. --- aproveitava para tentar passar um pouco dos conhecimentos que vinha obtendo, sem, contudo, atingir minha mãe, que não entendia do assunto, e não estava muito interessada.

--- Eu é que não vou deixar de comer minha carne, tomar meu café preto, comer açúcar e tudo o que gosto. A vida é curta, --- dizia ela --- e temos que aproveitar, fazer tudo que gostamos.

Não ligava muito, pois meus objetivos estavam cada vez mais claros. Queria purificar meu corpo físico, pois assim, por via de consequência, purificaria os outros corpos energéticos, fluídicos, que possuímos, cujas moléculas se renovam com a renovação da estrutura física e mental do homem, espírito encarnado. Visava, com isso, sutilar mais o que os espíritos chamam de perispírito, um corpo fluídico que envolve o ser espiritual, preexistente à presente vida e que sobrevive à morte do corpo material ou físico. Queria criar todas as condições indispensáveis, segundo os yogues indianos e teosofistas, para recordar, ao retornar ao corpo físico, daquelas experiências obtidas quando em estado de liberdade, ou de emancipação da alma. E queria ainda aprender a sair conscientemente do corpo, como os yogues há milênios fazem na Índia, berço da filosofia e misticismo mundiais. Se eles podem, ou podiam, por que não eu, pensava. E foi exatamente insistindo nesse pensamento e mudando os meus hábitos alimentares, como já disse, deixando de ouvir rock in roll, de que tanto gostava, por causa das vibrações que produz, que desestabilizariam meu corpo astral, integrante do perispírito; passando a fazer exercícios de respiração yogue, de pranificação, além das asanas básicas da Hatha Yoga, que iniciei, após começar a ler alguns livros sobre viagem astral, a tentar realizá-la, aventurando-me no mundo invisível, até então desconhecido para mim, e para a maioria de nós humanos.

Conjugando técnicas de relaxamento yogue com as orientações de livros sobre viagem fora do corpo, como "A Projeção do Corpo Astral", "Viagem Astral", "Experiências Fora do Corpo", "A Viagem de uma Alma" e outros, comecei a "dormir consciente", ou seja, a fazer dormir meu corpo de carne, estando mentalmente desperto, o que me possibilitou deixar o corpo de forma consciente.

No início, após controlar a respiração e seu ritmo, inspirando e expirando lentamente pelo nariz, com o corpo deitado de costas, braços estirados ao longo do tronco, o que fazia com que meu coração batesse mais lento e compassado, ia em poucos minutos a um estado de torpor ou dormência física, chegando mesmo a não mais sentir o corpo.

Isso, por si só, já era importante, gerando tranquilidade e paz interior muito grande. Porém, com a prática diária, logo passei a sentir minhas mãos ligeiramente flutuando sobre o colchão, o que me assustava e fazia abrir os olhos. Pensava que era minha mão física que estava a flutuar, mas não era, o que percebia após abrir os olhos, cortando assim a experiência, e perdendo uma possibilidade de ir além, devido unicamente ao medo. Centenas de vezes isso se repetiu, apesar de meus esforços conscientes de tentar dominar meu medo. Isso é normal, em face do condicionamento de identificarmos-nos com o corpo. Se somos o corpo, pensa a mente lógica, racional e condicionada, como posso sair de mim mesmo? O

que acontece é então ilógico, irracional, e gera medo na mente, bloqueando, assim, a saída consciente do espírito de seu envoltório físico.

Pouco a pouco fui passando a sentir, além das mãos flutuando, também o antebraço. Depois passei a sentir todo o corpo começando a ficar leve, querendo deslizar em cima da cama. Não era o corpo físico, com certeza, pois a força de gravidade não lhe permitiria isso. Só podia ser o corpo fluídico, energético ou espiritual.

Um dia, quando estava completamente relaxado, sentindo meu corpo pesadíssimo, depois passando a me sentir leve como um dente de leão, percebi uma energia percorrendo todo o meu corpo, como se estivesse ligado a uma tomada elétrica. Foi verdadeiramente uma sensação de choque, porém sem dor. Como se a corrente elétrica fosse de baixa tensão, eletricidade fraca, ou de baixa voltagem. Não senti desconforto. A energia percorreu dos pés à cabeça, e, quando chegou nesta última, senti um "boom", um ruído diferente, e então imediatamente fiquei desgarrado do corpo. Tive certeza disso, e de que poderia sair do corpo, se quizesse. Tive um pouco de receio. A princípio não vi ninguém, e estava de olhos fechados, diferentemente de minha primeira experiência, em que Celene estava presente. Pensei, então, em me sentar, e imediatamente já me encontrava sentado, sem ter percebido o movimento do corpo. Não fiz qualquer força ou movimento para ficar sentado, apenas pensei, e a posição foi atingida, o que faz lembrar o que dizem alguns autores espiritualistas acerca da velocidade que se pode movimentar no corpo espiritual. Percebi instantaneamente duas cores no meu quarto, à minha frente: uma verde, semelhante ao abacate e outra amarela, ambas extremamente brilhantes. Não identifiquei o que eram, se objetos, auras, ou o quê. Quis então ficar de pé, porém, quando pensei nisso, ao invés de ficar na posição desejada, senti minhas pernas presas na cama, o que me assustou e fez que retornasse para trás, para a coincidência ou reintegração com o corpo, perdendo por completo a consciência e uma nova chance de saída consciente, e, dessa vez, com muito mais lucidez e controle. Havia vencido muito mais o medo. Minhas pernas estavam cobertas com um cobertor, o que gerou a sensação, face ao fenômeno de repercussão das sensações de um corpo no outro.

De outra vez, consegui produzir novamente todo o processo de relaxamento, senti a energia, o choque, o ruído na cabeça e fiquei inteiramente flutuando acima da cama, como um balão de gás. Estava lúcido, consciente, de olhos abertos, tendo uma visão do teto do meu quarto quando pensei: "vou ficar de pé", e lentamente fui me inclinando, pés para baixo e cabeça para cima, até ficar com os pés na altura do solo. Vi todo o meu quarto, que estava iluminado por uma fraca luz azul, que, creio eu, devia ser própria daquela outra dimensão, ou plano, cujas leis e fenômenos não devem ser exatamente iguais ao mundo físico no qual habitamos, com nosso corpo carnal. Olhava para todo o quarto, perplexo, porém eufórico, sem medo, quando deparei meu olhar com um corpo deitado, estirado, na minha cama. Jamais me esquecerei daquela imagem, e jamais terei medo da morte. O que vi foi muito mais forte para minha filosofia de vida do que se tivesse visto a lua, pousado nela, ou se tivesse um contato com seres extraterrestres. Vi ali, deitado, aquilo que, até bastante pouco tempo, chamava de "eu". Era meu corpo. Reconheceria minha indumentária física mesmo em uma multidão, quanto mais ali, no meu quarto, na minha cama. Cheguei perto e vi meu rosto, com o grande nariz, os olhos cerrados, a boca fechada, as marcas de espinhas da adolescência, o cabelo preto, oleoso, a barba rala e por fazer. Que incrível sensação, admirar o próprio corpo, de fora, em visão tridimensional, o que não se consegue através de espelho ou fotografia. Estava a examinar minha cabeça quando percebi um fio brilhante, muito tênue, quase imperceptível, semelhante ao fio que tece uma pequena aranha para descer do teto, e tive a curiosidade de ver de onde saía. Vi, então, que era do meio da minha testa.

Nesse instante senti uma força irresistível atrair-me para o corpo, e perdi a consciência. Acordei pela manhã com a lembrança clara da experiência fora do corpo. Lembrança que não se confunde com um sonho, face à sua realidade e nitidez.

Comecei a sair do corpo com regularidade, sem ver ninguém em meu quarto, porém sem sair dele também. Explorava meu corpo e o ambiente em meu quarto, temendo por enquanto sair daquele reduto onde me sentia, de um certo modo, seguro, devido à proximidade do corpo, onde poderia me entocar caso me assustasse, e sabia que nele os espíritos não poderiam me atingir, devido à natural proteção da diferenciação de padrão vibratório do corpo físico em relação ao corpo energético do espírito. Ao entrar no corpo, mudava de frequência vibratória, retornando à minha dimensão material, de onde não via o plano espiritual ou os seres daquele mundo, e eles não podiam penetrar no meu mundo, salvo se eu permitisse, através de desequilíbrio que abrisse meu campo de forças, minha aura, ao ataque dos seres invisíveis.

Muitas vezes olhei pela janela e vi as estrelas brilhando com uma intensidade maior. Ouvei o som do latido do cachorro do vizinho. Vi meu gato, que dormia próximo à minha cama, envolto por uma pequena aura luminosa que se afastava de seu corpo. Vi formigas caminhando pelas paredes, com suas antenas que emitiam chispas esbranquiçadas, estando elas envoltas também em luz, que dela irradiava alguma distância.

Um dia, quando me aproximei da porta aberta, curioso e desejoso de andar pela casa, ouvi nitidamente uma voz suave e feminina, não sei de onde vinha, parecendo estar dentro de mim, dizendo: "Beto, não saia do quarto ainda. Tenha paciência, explore seu novo veículo de manifestação". Não me assustei, devido àquela voz que não conhecia. Atendi o pedido, ou a advertência. Sabia que aquela voz partira de alguém que me observava, não sei de onde, a acompanhar meus primeiros passos, como um bebê que começa a andar, e à espera do momento propício para aparecer e ensinar-me alguma coisa. Então aproveitei, mais seguro e tranquilo, sabendo que alguém sabia o que eu estava fazendo, para melhor conhecer meu próprio corpo, não o físico. Não sei por quê, não tentei comunicar-me com a emissora da voz. Talvez devido a tudo que já havia lido, o que me levou a pensar que, de fato, alguém iria me ajudar, pois possuía boas intenções, desejava trabalhar, não apenas fazer turismo no mundo dos espíritos, viajando sem pagar, em meu veículo sutil. E foi exatamente este novo corpo, novo para mim, pois não o conhecia em estado de vigília, que passei a conhecer e a estudar. Comecei a perceber que não caminhava como faço com o corpo físico, dentro de meu quarto, mas deslizava suavemente sobre o solo, alguns centímetros acima dele. Percebi que ele era, em aparência, igual ao outro. Minhas mãos, braços, pernas e tronco eram do mesmo tamanho que o outro corpo. Porém ele era leve como um balão de gás. Tive a idéia de flutuar até chegar ao teto. E subi, lentamente, qual vapor d'água evaporando-se de poça no asfalto, até tocar com as mãos o teto. Não desci logo, mas permaneci ali, sem fazer qualquer esforço, sem ser atraído para a Terra pela força da gravidade. Comprovei que, de fato, a gravidade não atuava sobre os componentes desse veículo energético, pelo menos do jeito que conhecíamos. Sentia-me sólido, no entanto, tocando uma mão na outra, como faço no corpo de carne. Tive, então, a idéia de atravessar a mão no teto, para saber se de fato a matéria constituiria ou não obstáculo para esse corpo. Introduzi a mão direita lentamente, como se passasse por dentro de uma parede de vapor d'água, em uma sauna. Não foi obstáculo, apesar de sentir a presença de algo. Poderia, então, atravessar a parede. Quis fazê-lo, mas lembrei-me da voz e da advertência. Então, coloquei apenas a cabeça, que ficou dentro da parede. Incrível sensação. Ver cimento e tijolo por dentro, como se fizesse parte da estrutura da parede. Desci, então, lentamente e até

próximo ao solo. Tentei pegar na mesa pequena, onde havia uma plantinha num vaso. Não consegui, pois minha mão atravessava a madeira. Tentei abrir a porta do armário, não consegui. Quis pegar um livro na estante, em vão. Observei que na estante havia um copo com água que alguém deixou antes de dormir. Olhei-o de perto e vi o brilho da água, que me parecia luminosa. Lembrei-me das leituras acerca de fluidificação e magnetismo e coloquei a mão, com a palma virada para baixo, acima da abertura do copo. Concentrei-me e mentalizei a vontade de magnetizar a água. Logo percebi que saía uma luz brilhante da palma de minha mão direita, em direção à água, que se iluminava e cintilava como se refletisse a luz do sol nascente. Retirei então a mão e olhei a palma, observando que bem no centro havia um foco de luz, um ponto pequeno, de poucos centímetros quadrados, de onde saía a luz. A luz já não saía e o foco foi desaparecendo, como se houvesse apagado a luz, ficando seu reflexo e calor por algum tempo. Lembrei-me de que ali na palma da mão há um chackra, ou centro de força, que é um pequeno transformador das energias que circulam pelo corpo, às vezes podendo irradiar, como era o caso desse centro energético da mão, energias para fora do corpo. A luz nada mais era do que energia, irradiada de minha mão. É uma visão linda, a que temos da energia, estando fora do corpo denso. Tive vontade de fazer outras experiências, porém, como não podia sair do quarto, limitei-me à exploração de mim mesmo, nos aspectos energético e físico, à espera de que finalmente alguém, algum outro ser, encarnado ou desencarnado, viesse estar comigo, e levar-me pelo mundo afora, a conquistar a ciência da alma, o plano do espírito, aprendendo a ajudar os outros para que o mundo melhorasse. Sabia que as possibilidades de ajuda nesse plano eram ilimitadas, infinitas mesmo. Queria viver em dois planos, duas dimensões, em estado de plena consciência e lucidez mental, sem a divisão de vigília e sono. Queria fazer das oito horas de sono do corpo uma eternidade de trabalho e estudo renovadores, que me levassem a crescer e dar um salto qualitativo na evolução espiritual.

Estava, uma noite, prestes a retornar ao corpo, quando ouvi aquela voz feminina dizer: "amanhã coma apenas frutas antes de dormir, e deite-se antes das dez horas da noite. Viremos buscá-lo." Com grande júbilo e irradiando felicidade mergulhei no corpo denso e perdi a consciência, para despertar fisicamente com o pensamento na mente: "É hoje o dia! Vou sair do quarto e conhecer alguém. Que maravilha!". Meu dia foi de paz e alegria, sorrindo para todos, sem me aborrecer, sem me irritar. Passou rapidamente, até ao cair da noite...

CAPÍTULO 3

Quando acordei, após voltar para o corpo, já eram seis horas da manhã. Dia lindo! Minha mãe apareceu na porta do quarto e perguntou:

--- Deco, você tem aula hoje?

--- Tenho, --- respondi --- às oito horas.

--- Então é bom levantar logo, para não se atrasar. --- acrescentou, com o zelo de sempre, preocupada com a frequência dos filhos à escola.

Levantei, fui ao banheiro, depois voltei para o quarto a fim de me vestir. Pronto, rumei para a cozinha, onde tomei café, com o costumeiro suco de laranja, sem açúcar, mamão, maçã, pão integral e mel.

Meu pai já havia tomado café, e estava lendo jornal na sala. Passei por lá e perguntei se ele podia me dar carona até a faculdade, tendo ele respondido afirmativamente, como de costume.

Cursava o segundo semestre de arquitetura, porém, a essa época, já estava sem interesse, devido às greves regulares, às faltas dos professores, e minha simpatia crescente pela ciência espiritual. Era aí que a minha mente estava, no crescimento espiritual.

Segui com meu pai até a escola, onde, antes de iniciar a aula, sentei em um batente, junto a um jardim, com as pernas cruzadas, na maneira yogue, postando minhas mãos sobre os joelhos, palmas viradas para cima, fechei os olhos, e comecei a respirar lentamente pelo nariz, a fim de pranificar meu organismo.

Prana é uma palavra sânscrita, língua morta da Índia, que possui inúmeras palavras com significado filosófico e científico-espiritual. Prana é energia, que vem do Sol, e se liga aos glóbulos de oxigênio existentes na atmosfera. Ao respirarmos, inalamos ar, contendo oxigênio, e prana, indo o oxigênio para o sangue, através dos alvéolos dos pulmões, e o prana para o sistema de canais de energia, também chamados de nadis na literatura antiga da Índia, ou meridianos de energia, como chamados na acupuntura.

Nosso organismo, além da matéria que ingerimos, necessita de energia vital (prana, bioenergia, ki ou fluido vital) para viver. Possuímos vasta rede, por onde flui a energia vital no corpo físico, com centrais de força, usina, transformadores e fios diversos. Os canais de energia, no corpo denso, são representados pelo sistema nervoso. Este, por sua vez, é envolvido com uma bainha (de espada) etérica, semi-material, cada nervo, por onde circula a energia, passando por vários transformadores (chackras ou centros de força), onde sofre as devidas alterações de voltagem a fim de seguir para os vários órgãos do corpo e permitir as atividades vitais. O prana ou energia vital é absorvido nas narinas, pelos nervos ali existentes, assim aprendi naqueles tempos.

Estava meditando sobre isso quando percebi formigas em minha mão direita, tentando sugar os restos de mel existentes nas dobras ou sulcos, as famosas linhas da vida. Não as perturbei, pelo contrário, deixei que aproveitassem, com terno respeito a suas vidas, sabendo que também elas tinham direito à vida e alimentação, sendo minhas irmãs em evolução, e por isso não podia maltratá-las ou tirar suas vidas apenas porque ousaram subir em mim, como muitas pessoas costumam fazer, em total desprezo pela vida dos insetos. O Budismo me fizera pensar diferente.

Energizado, fui para a aula. Após, voltei para casa, chegando por volta das onze horas. Aproveitei então o tempo que restava antes do almoço para praticar um pouco de hatha yoga, o que fazia diariamente. Eram apenas seis ou sete asanas, ou posturas, as básicas, que

auxiliavam a estimular minhas glândulas principais, além do cérebro. Isso se dava ao som divino do violino ou flauta de Vivaldi e Corelli, músicas de minha preferência à época. Após a sessão de yoga, tomei banho, almocei um prato rico em elementos nutrientes, todos encontrados em alimentos naturais e de origem vegetariana, e depois descansei um pouco, sentado, de pernas cruzadas. Pela tarde, li trechos de livro sobre viagem astral, até cair a noite. Comi frutas, em pequena quantidade, e retirei-me para a solidão de meu quarto, a fim de me preparar melhor. Nessa época, quase não via televisão ou lia jornal. Estava muito ligado no estudo esotérico, o que me absorvia quase por completo.

Por volta das oito da noite, acendi uma vareta de incenso indiano, comprada de um jovem "Hare Crisna". O perfume do incenso atrai vibrações elevadas, purifica o ar e as energias, sendo muito utilizado nos ambientes de meditação e yoga. Em seguida, já digerido o ligeiro jantar, sentei para os últimos retoques. Mais exercício respiratório, para saturar meu corpo de energia, o que, com certeza, iria me auxiliar na fácil recordação das experiências que teria ao deixar o envólucro físico. Às nove me deitei e iniciei o relaxamento, com respiração lenta, diminuindo gradativamente as batidas do coração, levando-me a um adormecimento físico. Estava mentalmente desperto, lúcido, plenamente consciente, porém minhas pernas, braços e tronco estavam se tornando pesados, até que não mais os senti. Passei a ser apenas pensamento, um ser pensante, desprovido de sensações físicas. De repente, surgiu, de uma só vez, em todo meu corpo, um formigamento, uma vibração forte, como um choque elétrico de baixa voltagem, indolor, sem provocar desconforto, ou incômodo. Um "boom", ou um "click" quebrou a constância do formigamento, que era o ativamento das moléculas do corpo astral, ou a percepção delas, sendo esse corpo a contraparte mais densa do perispírito, como chamam os espíritas. Com o "click", perdi relativamente o contato com o corpo físico. Passei a me sentir flutuando ligeiramente acima do corpo, sem receio, porém sem nada enxergar ainda. Foi quando ouvi aquela voz suave e feminina a me chamar:

--- Beto, abra os olhos, viemos buscá-lo.

Sem temor, abri os olhos, passando a ver o teto, as paredes e uma mulher bonita a meu lado. Ela era de cor branco-rosada, de suaves traços faciais, olhos azuis da cor do céu, cabelos castanho-claros, estatura mediana. Estava sorrindo com os cantos dos lábios, parecendo estar contente em me ver sair do corpo conscientemente.

--- Levante-se. --- disse ela.

Imediatamente, ao reagir mentalmente à sua ordem, ou chamamento, estava de pé, a seu lado. Virei-me e fiquei de frente para ela, que sorrindo me perguntou:

--- Você me conhece, se lembra de mim?

Que decepção. Não consegui disfarçar minha falta de jeito, por não reconhecê-la, se é que de fato a conhecia. Respondi, então:

--- Não. Eu a conheço? --- rebati com outra pergunta.

--- Luiz Roberto, Luiz Roberto, Beto, --- falou a bela mulher --- o que a reencarnação fez conosco? O esquecimento do passado, se por um lado nos apaga as lembranças indesejáveis e negativas, para nos auxiliar na renovação do espírito, também nos retira a lembrança dos amigos e afetos.

Concordei, meneando lentamente a cabeça. Porém, não conseguia lembrar-me daquele rosto. Notando ela meu indisfarçável embaraço, contornou a situação dizendo:

--- Não há problema, com o tempo você terá oportunidade de se recordar do passado, regredindo a outros tempos, outras encarnações, a fim de reatar laços partidos pelo

tempo. O importante agora é você dar alguns passos na sua senda evolutiva, pois o tempo urge, e você já está no ponto certo.

Prestava atenção a cada palavra, qual aluno a abeberar-se da fonte de saber do mestre. Após ligeira pausa, ela continuou:

--- Beto, você tem se esforçado bastante em seus estudos espiritualistas, através dos livros, e sua prática de boas ações, de caridade, além de sua súplica por auxílio por parte de irmãos mais evoluídos, tem chamado atenção, em particular, de um irmão muito elevado, que possui laços afetivos muito fortes com você, e que tem mandado observá-lo em suas experiências preliminares de saída do corpo. Sabemos das naturais dificuldades que o espírito encarnado, esquecido do passado e da vida no plano espiritual, enfrenta para deixar o escafandro de matéria densa, corpo pesado, de baixo teor vibratório. Porém, seus estudos e práticas, sobretudo a mudança de alimentação e pensamentos, muito o tem ajudado a mudar o padrão vibratório do seu corpo energético. Sua aura está mudando de cor, está mais brilhante, e pode ser percebida a uma certa distância. O irmão que lhe acompanha os passos, como verdadeiro pai cioso de suas responsabilidades, enviou-me até aqui, há pouco tempo, a fim de inspirar-lhe acerca de certas leituras e práticas, já que você ingressou na senda espiritual. Quando o discípulo está preparado, o mestre aparece.

Após ouvir a prédica, feliz em saber de tudo isso, curioso perguntei:

--- Qual o seu nome?

--- Marlene, --- respondeu-me --- ao seu inteiro dispor. Estou aqui para ajudá-lo no que puder, deixando claro que possuo também minhas limitações.

--- O que devo fazer, agora que estou aprendendo a deixar o corpo, sem dificuldades? --- perguntei, com a curiosidade aguçada, pois muitas vezes as pessoas pensam que a viagem astral é divertimento, passatempo, turismo.

--- Estudar as potencialidades desse corpo energético sutil, a fim de trabalhar em prol da humanidade física, encarnada, e também da desencarnada. Aliás, você já começou a testar as novas faculdades. Não terá dificuldades, creio eu, pois é cientista desse campo de conhecimentos há muitos milênios, o que lhe facilitará sobremaneira a recordação de conhecimentos adormecidos no seu subconsciente espiritual.

A doce Marlene, então, fez uma pausa e indagou-me:

--- Você já observou a emissão de energia pela palma da mão? --- parecia que ela havia presenciado meus experimentos com o copo d'água.

--- Sim, observei. Por que?

--- Acho que tenho uma tarefa para você.

--- O que é? --- quis saber, curioso e ansioso.

--- Há um espírito necessitado de auxílio. Um irmão que era cego, por necessidade cármica, devido ao mau uso que fez dos olhos em vida passada, na qual sustentava-se da vigilância da vida alheia, entre intrigas e espionagem, auferindo imenso lucro que obtinha de políticos inescrupulosos e tiranos impiedosos.

--- Mas ele não tornou a enxergar após a morte? --- perguntei.

--- Não. Esse tipo de deficiência congênita faz com que se reflita no corpo espiritual a deformidade gerada no físico, no corpo somático. É preciso tempo, paciência e tratamento energético para que o espírito, nesses casos, torne a enxergar. E como ele é recém-desencarnado, não sabendo ainda que deixou a vida terrena, necessita de um tipo de energia que só os encarnados possuem, o ectoplasma

Sabia da necessidade de tratamento com ectoplasma, em certos casos, posto que essa semi-matéria, que constitui o corpo etérico, ou duplo etérico, às vezes acompanha o espírito

mesmo após o desencarne, prendendo-o parcialmente ao plano físico, pois o ectoplasma pertence à dimensão física. Nesses casos, o espírito se sente meio materializado, sentindo ainda pálidos reflexos das sensações dos sentidos físicos. E só a energia do mesmo nível é capaz de tocá-los, de impressioná-los e curá-los.

--- Posso ajudá-lo? --- indaguei.

--- Claro. --- respondeu-me Marlene em seu tom de voz suave como uma brisa.

--- Onde ele está?

--- Na sala --- respondeu, para meu espanto.

--- Aqui em casa?

--- Sim. Algum problema?

--- Não. É que pensei que estivesse em outro lugar --- aduzi.

--- Você não está preparado ainda para sair às ruas, muito menos para descer aos planos inferiores, de sofrimentos indescritíveis. Por enquanto ajudará aqui mesmo. Vamos até a sala.

Pegou-me pela mão e, para espanto meu, voamos rapidamente em direção à porta do quarto, que estava aberta. O caminho normal para a sala seria pelo corredor comprido, porém, ela preferiu ir de encontro à parede do corredor. Sem que pudesse protestar, atravessamos, como um relâmpago, a parede, quase nada sentindo, devido à rapidez, realizando um percurso através do quarto de empregada, área de serviço, cozinha e copa, até darmos na sala de visitas. Porém não percebi realmente esses cômodos da casa, tal a velocidade do deslocamento, que não pude mensurar. Repentinamente, estávamos os dois na sala, de frente para um sofá, com quadros pintados por minha mãe pendurados na parede, atrás do sofá, onde havia um homem sentado. Dirigi-me até o sofá e sentei-me a seu lado. Sem que Marlene nada dissesse, e não sei de onde partiu aquele impulso, levei minha mão direita até a altura dos olhos daquele homem, postada exatamente com a palma virada para o ponto que fica entre os olhos, onde sabia que há um chackra, ou centro de força energético espiritual, e disse, em voz suave e firme:

--- Receba a luz divina, meu irmão.

Percebi então que, de minha mão, saía um fecho de luz branca, em direção à testa do homem, que, depois de alguns segundos, ficou eufórico e passou a falar:

--- Estou enxergando, estou enxergando! Obrigado doutor, muito obrigado. Quanto é que devo ao senhor?

--- Nada, meu irmão, agradeça a Deus, por essa possibilidade --- adiantei-me em dizer, notando que ele me confundia com um médico.

Marlene se adiantou e, dirigindo-se ao homem, disse:

--- Meu irmão, aguarde um pouco aqui que eu já volto.

--- Beto, --- chamou-me --- venha comigo.

Atendi e a segui, percorrendo rapidamente o corredor até meu quarto. Adentramos, e ela me disse:

--- Por hoje basta. Você não pode ficar muito tempo fora do corpo, a desgastar suas energias ectoplasmáticas, sob pena de não recordar desses instantes quando penetrar novamente no veículo físico. O irmão ficará bem. Irei levá-lo a uma colônia de estudo, onde se conscientizará de seu estado de desencarnado. Quanto a você, volte para o corpo e desperte, assim reterá as lembranças desses momentos. Depois poderá dormir novamente, provavelmente nada se recordando caso venha a sair novamente do corpo. O processo de recordação das experiências astrais tem que ser gradual. A natureza não dá saltos. Bom dia e até amanhã à noite, quando virei vê-lo novamente.

Com essas palavras, cumprimentei Marlene com a cabeça e um sorriso, além de agradecer-lhe a vinda e o ensinamento.

Aproximei-me de meu corpo, sendo por ele atraído de forma irresistível, até que perdi totalmente a consciência.

Acordei por volta das seis horas, abrindo os olhos ao sentir a presença de alguém junto a mim. Não foi uma sensação física, mas energética, vibratória. Sentia isso já há algum tempo, principalmente de uns meses para cá, após iniciar a prática da yoga e meditação. Sentia-me hipersensível, percebendo às vezes fenômenos extrasensoriais e extrafísicos. Quando abri os olhos, calmamente, deparei-me com minha mãe inclinada sobre mim, estando ao lado de minha cama, com o rosto próximo do meu. Sorri e perguntei:

--- O que foi, mãe?

--- Que susto! --- disse ela --- Pensei que você estivesse morto. Vi você estirado na cama, igual a um defunto, com a boca entreaberta e os olhos meio abertos também, pensei que tinha morrido.

Dei risada e não me chateei. A partir desse dia, começaria a me acostumar com essa rotina, de acordar sob o olhar curioso e intrigado de minha mãe. Aliás, fazia algum tempo que passara a ser alvo de críticas e observações constantes em minha casa, em virtude de minha mudança radical. Toda pessoa que muda na sociedade, modificando seus valores antigos, é de alguma forma criticado, malhado e marginalizado. A sociedade tem uma tendência misoneísta, tendendo a permanecer no mesmo padrão de comportamento e valores, rejeitando aqueles ousados que tentam modificar a ordem vigente e o sistema estabelecido.

Na minha casa, as pessoas não aceitavam que eu não comesse carne. Aquilo era um absurdo para eles, que só faltavam me enfiar carne pela goela abaixo. O fato de deixar de assistir jogo de futebol na televisão, além das corridas de fórmula um, também agredia a meus familiares, não sendo este jamais meu objetivo. Era o novo, a mudança não compreendida que chocava. Só muitos anos mais tarde me deixariam em paz.

Levantei, tendo minha mãe saído do quarto, fui ao banheiro e em seguida tomei café, na forma de sempre, basicamente frutas. Fui à faculdade, não houve aula. Então, não tendo o que fazer, peguei um ônibus e fui para o Parque da Cidade, uma pequena floresta, reserva verde no meio de Salvador. Um lugar ainda tranquilo para quem gosta de isolamento para meditação. Lá chegando, adentrei a mata, por uma estrada de chão, até cerca de trezentos metros da entrada. No meio das árvores e plantas diversas não ouvia o ruído dos carros que trafegavam na avenida. Era o que queria: silêncio, sossego. Subi em um tronco de árvore, relativamente baixo, sentando-me em um galho grande e grosso e recostando-me no tronco principal. Fiquei observando plantas, insetos, pássaros e sagüins, ou micos, que ali existem ainda. Pensava em como o ser humano não tinha o menor respeito pela natureza, pelos seres vivos, animais e vegetais. Se não tinha nem pelos próprios seres humanos, como respeitar seres inferiores na escala evolutiva? Lembrava de como as pessoas se acostumaram a dar e receber flores embaladas, que eram arrancadas do solo, causando sua morte em poucas horas, apenas para deleite pessoal e vaidade, que duravam tão pouco tempo. É romântico receber flores, dizem as mulheres. E a vida da planta, não conta? É romântico matar? Pensava nos pássaros aprisionados nas gaiolas, que tinham seu direito à liberdade cessado arbitrariamente pelo homem, também para seu deleite, para enfeitar a casa, o jardim, agradar aos amigos ou causar inveja aos vizinhos, envaidecendo seus donos. Seres com asas, que não podem mais voar, porém cantam seu canto que é um verdadeiro lamento, se pudermos

interpretar. O canto de solidão, de tristeza gerada pelo cativo, semelhante ao blues americano, dos negros escravizados.

Pensava na liberdade, na vida, quando percebi a aproximação de uma abelha verde, parada no ar, próxima a mim. Batia suas tênues asas com a rapidez do relâmpago, o que lhe dava sustentação. Concentrei-me nela, tentando transmitir-lhe paz, tranquilidade e a certeza de que não lhe faria mal. Sobretudo, vibrei amor por ela, sentindo-me verdadeiramente seu irmão, portador da mesma essência divina que ela, fato que viria a descobrir experimentalmente através de estado místico alcançado em prática de meditação transcendental. Após alguns minutos, com a mão direita, aproximei-me da linda e doce abelha, colocando lentamente a mão embaixo dela, com a palma voltada para cima, e chegando cada vez mais próximo. Ela não recuou, nem fugiu. Parecia que entendia minha mensagem, o que me fazia recordar as lições dos filósofos yogues do Himalaia, que diziam que o amor é a linguagem universal, que todos os seres entendem e sentem. A abelha começou a roçar algumas perninhas, umas nas outras, despejando um líquido em minha mão, que não soube identificar do que se tratava. Após algum tempo ela se foi, deixando a recordação de agradável encontro de irmãos. Em seguida, percebi micos nas árvores próximas, que me observavam curiosos, assobiando. Concentrei-me em um que estava próximo, imitei seu assobio e enviei mensagem mental de que ele podia se aproximar, que eu não lhe faria mal. Insistia no pensamento e ele se aproximava, até que chegou ao tronco da árvore em que me encontrava, a cerca de um metro de mim. Olhava-me com a cabeça inclinada, ora para a direita, ora para a esquerda, como fazem costumeiramente. Vibrava amor em sua direção, o que parecia surtir efeito, deixando-o calmo e menos receioso de se aproximar. Porém, quando ele pareceu que chegaria mais perto, surgiu um casal na estrada, já próximo, que com sua conversa e modo de caminhar assustou o mico, que logo se apressou em galgar maiores alturas na árvore que me hospedava, em busca da segurança que seu instinto lhe recomendava. Não o censurei, posto que aprendi a entender o instinto animal, inclusive porque estava aprendendo a dominar meus próprios instintos animalescos. A natureza não dá saltos, nem realiza milagres. As transformações são fruto de lentos processos de elaboração, sedimentação e maturação de experimentos aparentemente casuais, porém formadores de um quadro que é um verdadeiro e autêntico quebra-cabeças da vida. A repetição das experiências nos leva ao automatismo, sendo o instinto animal fruto de automatismo elaborado ao longo de milhões de anos.

Meditava sobre esses temas quando olhei para o relógio e vi que já era meio-dia. O pensamento voava solto, enquanto o tempo passava. Voltei para casa, a fim de almoçar. Pela tarde, novamente fui para a faculdade, assistindo aula até as seis horas. Retornei, jantei algo leve e retirei-me para meu quarto. Realizei alguma leitura, meditei, absorvi prana pela respiração retida e deitei-me. Fiz todo o processo de relaxamento até a saída do corpo, tendo flutuado um pouco acima dele, após o que elevei-me no ar e lentamente fiquei de pé, do lado da cama. O quarto estava vazio, só estando presente meu corpo e eu, que não éramos dois, mas essencialmente um, posto que aquele que jazia inerte na cama era apenas uma máquina biológica, um aparelho, um instrumento através do qual eu atuava no mundo de matéria, ou energia super-densa. Pensei em Marlene. Onde estaria? Dissera-me que viria pegar-me. Nem terminei de pensar e ouvi uma voz. Vi, então, que ela chegava pelo corredor, adentrando o quarto.

--- Aqui estou, não faltei com a palavra. --- assegurou-me --- Pensou que não viria? Quando assumimos uma responsabilidade do lado de cá, dificilmente deixamos no meio do caminho, principalmente se se trata de auxiliar um irmão.

--- Não pensei isso, --- disse --- mas apenas pensei que a encontraria aqui, no meu quarto, quando saísse do corpo.

--- Você estava com medo? --- perguntou, sorrindo.

--- Não. Por que estaria?

--- Você ainda terá medo, aguarde. Sua casa está guardada, para evitar a entrada indiscriminada e aleatória de espíritos indesejáveis, geralmente inimigos de seus familiares, e também seus. Venha comigo até a cozinha.

Sáímos do quarto, não caminhando como fazemos no corpo físico, mas flutuando, ou volitando, ligeiramente acima do solo. Passamos pela porta do banheiro, pela porta do quarto de meus pais, que estava fechada, dobramos a esquerda e chegamos à cozinha, ou melhor, à copa. Nesta, havia uma mesa grande, devido ao grande número de pessoas que habitavam a casa. Marlene, então, me disse:

--- Atravesse a porta que separa a copa da escada do edifício.

Atendi de imediato, não imaginando qualquer problema ou obstáculo. Porém, dirigindo-me para a porta, confiante de que a atravessaria, tive a ingrata surpresa de chocar-me contra a porta fechada, tal qual aconteceria se estivesse no corpo de carne, ossos e nervos. Dei com o nariz na porta, tendo ligeira sensação desagradável, porém indolor. Virei-me para Marlene, intrigado, notando que ela sorria, porém não era um deleite de um perverso ou sádico, mas o sorriso do mestre que deixa, às vezes, o aluno debater-se um pouco antes de aprender, ou para que aprenda na dificuldade. Disse-me, então:

--- Você sabia que a casa estava guardada, para evitar entradas de indesejáveis. --- argumentou com a paciência de uma irmã amorosa e mais experiente. Por que não desconfiou que a porta barraria a passagem de seu corpo energético? Se você pudesse atravessar a porta, outros também poderiam fazê-lo, não é mesmo?

Concordei, meneando a cabeça. Senti-me como uma criança imprudente, impetuosa, curiosa, que não mede consequências quando se trata de penetrar o desconhecido.

--- Beto, --- falou suavemente Marlene --- sua casa passou por um processo de magnetização das estruturas sólidas, a fim de torná-la inexpugnável. Nenhum ser invisível entra ou sai sem que desliguemos, ainda que parcialmente, os aparelhos que mantêm um campo de força magnético nas paredes, janelas e portas. Não seremos atacados ou importunados por quem quer que seja, sem que o saibamos. Estão protegidos aqui dentro, desde que não saiam, e estejam sob a tutela de seres elevados que autorizaram tal medida protecionista.

--- Todas as casas são assim? --- perguntei, desejoso de matar minha aguçada curiosidade.

--- Não, --- respondeu-me --- apenas aquelas em que habitam pessoas que buscam a melhoria pessoal, espiritualmente falando, e trabalham pelo bem-estar dos outros. Esses atraem proteção para si e para os seus, enquanto trabalham. Se se desviam do caminho, retirada lhes é a proteção, ficando à mercê das intempéries dos inimigos d'outrora.

--- E se eu quisesse sair com o corpo físico?

--- Não haveria obstáculo, --- respondeu Marlene à minha pergunta --- porque, estando o perispírito, ou corpo astral, incluídas aí outras fases energéticas do espírito, e o corpo físico interpenetrados, o astral sofre um natural rebaixamento vibratório, ou seja, passa a vibrar com menos intensidade, o que lhe retira da faixa vibratória prevista por nossos aparelhos para o corpo astral isolado. Não há barreira para o espírito no corpo, mas apenas para ele fora do veículo físico.

Achei muito interessante aquela digressão de Marlene. Havia lógica e bom senso. De repente, conjecturei comigo mesmo: "O que aconteceria se fosse desligado o campo de força?". Prontamente Marlene respondeu, sem que lhe falasse nada.

--- Beto, nesse plano o pensamento é palavra, é comunicação. Não há necessidade de abrir a boca para falar. Quando assim agimos é tão-somente em razão de nosso condicionamento em verbalizarmos, em falarmos pela boca. Quando pensamos, estando no corpo astral, pensamos com o veículo ou corpo mental, outro envoltório do espírito, mais sutil que o astral, responsável pela emissão de energia pensamento, ou forma pensamento, que são dirigidas para alguém especificamente ou lançadas no espaço local, podendo chegar a qualquer outra mente ativa. Quando você pensa, automaticamente capto seu pensamento, principalmente porque estou ligada e atenta a tudo o que você faz. Este é o meu dever, no momento, acompanhar seus primeiros passos fora do corpo, até a chegada do irmão Rodolfo, que vai lhe ensinar muito mais, pois é mais adiantado do que eu nos conhecimentos espirituais, notadamente científicos.

Não pude disfarçar minha curiosidade, perguntando:

--- Quem é Rodolfo?

--- Um irmão que também trabalha ligado ao grupo do mestre Sana Khan.

--- Sana Khan? Quem é? --- perguntei insistentemente.

--- Um espírito muito ligado a você. Conhece-o há milênios e o acompanha em seus passos.

--- Não posso vê-lo ou falar com ele? --- perguntei.

--- Por enquanto não. Ele vive em plano por demais sutil, de energia refinada e de altíssimo teor vibratório, onde você não poderia penetrar. --- respondeu Marlene, causando-me uma grande frustração, e completou --- No entanto, você irá vê-lo dentro de algum tempo, assim que sutilar mais seus corpos energéticos, e ele desejar rebaixar sua vibração, para o encontro desejado por ambos.

Estava pensando em quem seria Sana Khan, quando Marlene me interrompeu, dizendo:

--- Beto, você pensa em mil coisas ao mesmo tempo. Coordene melhor suas idéias. Você estava pensando antes a respeito do que aconteceria se fosse desligado o campo de força que protege a casa.

--- É verdade. --- disse, lembrando de minhas conjecturas. E acrescentei --- O que aconteceria?

Marlene, então, falou:

--- Só há um jeito de saber.

--- Qual? --- perguntei.

--- Desligando os aparelhos.

Senti um friozinho e uma energia gélida percorrer meu corpo, dos pés à cabeça, em vibração que se assemelhava a uma câimbra. Que estranha reação sobre o corpo energético (astral), da emoção que senti, misto de temor e dúvida. Então, tomando coragem, após alguns segundos de vacilação e receio, disse:

--- Pode desligar.

Notei que Marlene já se aproximava de um estranho aparelho colocado acima da porta, a metade dentro da parede, difícil de se descrever, pois não existe similar no plano físico. Algo parecido com um botão foi suavemente tocado por ela, causando uma mudança na cor da porta, que antes parecia marrom, e agora estava esverdeada. Celene afastou-se da porta e me disse:

--- Cuidado, afaste-se da porta. Fique junto da parede.

Esperei um verdadeiro ataque, diante desse cuidado tomado por Marlene. De repente, percebi uma bola de luz cinza escura atravessar como uma bala a porta do apartamento, que dava para a copa, depois passar pela porta que dá para o corredor e sumir.

Marlene apressou-se em segui-la, dizendo-me:

--- Venha, vamos segui-lo. Vamos ver o que ele pretende. Vai servir de aprendizado para você. Não se preocupe, não tenha medo. Nada de mal vai acontecer a você ou seus familiares.

Seguimos pelo corredor, tendo Marlene se adiantado até o último quarto da casa. Chegando à porta, esperou-me. Quando cheguei perto, presenciei algo assustador, que jamais pensei assistir. Aquele era o quarto em que dormiam dois de meus irmãos, Mário e Fernando. A bola de luz cinza estava envergada sobre a cama de Mário, não parecendo notar nossa presença. Tive receio do que ela poderia fazer com meu irmão. Pensava no que fazer quando Marlene se adiantou, aproximando-se daquela luz e, parando atrás dela, elevou suas mãos até a altura do topo da luz, com as palmas viradas para baixo, emitindo uma luz branco-azulada sobre a luz cinza. Esse processo durou alguns minutos, após o que a cor cinza foi clareando, e tornando-se transparente, pois antes era quase totalmente opaca, o que me impedia de ver quem estava por dentro. Digo quem porque sabia que se tratava de um ser inteligente, uma entidade espiritual, um espírito, como chamamos hoje. Com a transparência da aura que envolvia o espírito, pude perceber que se tratava de uma mulher, ainda jovem, de cabelos louros compridos, um belo porte físico, porém de expressões faciais horrendas. Notadamente seus olhos estavam transformados em duas bolas de fogo, que emitiam um jato de luz escurecida, que atingia, juntamente com raios de luz emitidos por suas mãos, a região do córtex cerebral de Mário. Este dormia, estando integrado a seu corpo físico, dele não se separando, como eu fazia. Ele começou a se mexer na cama, alterando suas expressões faciais, parecendo que ia ter um pesadelo. Notei que suava em abundância. No entanto, a expressão da mulher era de ódio, raiva, cólera mesmo. Parecia estar com o firme propósito de fazer-lhe mal. Contudo, com as emissões constantes de Marlene, ela pareceu ficar mais tranquila, menos agressiva, emitindo cada vez menos luz, até que retirou suas mãos da região cerebral de Mário e ficou impassível a seu lado, admirando-o. Após alguns instantes, falou, dirigindo-se a ele:

--- François, por que você me traiu? Por que me abandonou?

Mário se agitou ainda mais na cama. E sem que saísse do corpo, respondeu:

--- Marie, não lhe traí, foi a guerra que me levou para longe de você. Distante do lar, envolvi-me com outra mulher, imprudentemente, devido à solidão em que me encontrava. Não foi minha culpa, nem tampouco sua. Foi o destino que assim o quis --- Mário respondia entristecido em suas feições.

--- Você nasceu sem que eu soubesse, fugindo de mim. Procurei-te desesperadamente, anos a fio, sem contudo te encontrar. Alguém me disse que você estava aqui, então vim te buscar. Você tem que vir comigo. Saia, vamos embora para Paris, para a nossa casa.

--- Não, não posso. --- disse Mário, frenético --- Agora vivo aqui. Tenho outro corpo, é uma outra vida. Procure compreender.

--- Não, você tem que vir comigo --- insistia Marie desesperada.

Começou então a pegar Mário pela mão esquerda, querendo levá-lo. Nesse momento, Marlene, que já envolvia Marie há algum tempo em luz, tocou-lhe a região do alto

do nariz, entre os olhos, causando um susto em Marie, que tremeu dos pés à cabeça e virou-se para Marlene, assustada, dizendo:

--- Quem é você?

--- Apenas uma amiga, querendo ajudá-la. Posso lhe ser útil?

--- Em quê? --- indagou Marie com desprezo --- Sequer a conheço!

--- Talvez possa ajudar a vocês dois. --- disse suavemente Marlene.

Aproximei-me, saindo de meu imobilismo, posto que fiquei um bom tempo plantado à porta, apenas assistindo a cena, sem nada dizer ou fazer. Ao lado de Marie, dirigi-me ternamente a ela, dizendo:

--- Marie, acalme-se, a irmã vai ajudá-la. Tenha paciência e ouça o que ela tem a lhe dizer.

Notei que Marlene aprovava minha interferência, e Marie acalmara-se, chegando mesmo a dizer:

--- Está bem, o que você quer? --- dirigiu-se à Marlene, com mais cordialidade.

--- Você sabe que é um espírito imortal, que vivia ultimamente na França e deixou o corpo vitimada por doença incurável, não sabe?

--- Sim, sei. Já me disseram isso. E daí?

--- Você era casada com François, que devido à Revolução de 1789 deixou seu lar, para lutar no campo com forças militares estrangeiras, não mais retornando. Sabe também que ele morreu na guerra, juntamente com vários companheiros do exército revolucionário. Marie, François não lhe traiu, mas foi induzido ao envolvimento com outra mulher, por algumas moças que assediavam o acampamento militar no qual ele esteve durante mais de um ano. Como era moço e bonito, as moças do campo por ele se encantaram e não o deixaram em paz, criando-lhe situações das quais não podia escapar, até que por fim envolveu-se com uma jovem, porém sem maiores arrebatamentos do coração. Na verdade, jamais te esqueceu, lembrando-se de ti até o dia em que cerrou os olhos, após ser atingido por um tiro de fuzil inimigo. Hoje, François está reencarnado, tendo esquecido seu passado, para melhor aproveitar a nova oportunidade no corpo, a fim de redimir-se de faltas cometidas no passado e progredir um pouco mais, intelectual e moralmente. Ligeiramente desgarrado da matéria, recorda-se do passado, auxiliado por energias que emitiste em direção às zonas de memória cerebral. De outra sorte, não recordaria. Hoje ele se chama Mário, e é um pouco diferente do que era, pois, a cada vida, mudamos um pouco, aprendendo e experimentando. Mário já não é o mesmo, e hoje precisa seguir seu caminho.

--- E eu, o que será de mim sem ele? --- perguntou entristecida Marie.

--- Seguirá também o seu caminho. Você precisa continuar a viver, e recuperar o tempo que perdeu a procura dele. Não se sinta tão apegada a ele, enquanto espírito encarnado, envolvido por densa energia. Tenha paciência e aguarde que ele a descubra novamente, se realmente a ama. O amor é a maior força do universo, a mais sutil. E os seres que se amam jamais se esquecem. Se Mário a ama de verdade, depois vai procurá-la, e quem sabe reencontrar-se-ão em nova existência corporal, ou talvez nos planos sutis da vida, em alguma cidade dos mundos paralelos ao físico.

--- Para onde vou? Não conheço ninguém aqui. Meus amigos ficaram na França --- indagou Marie.

--- Se quiseres, posso levar-te a uma cidade próxima, chamada Colônia Nova Esperança, onde vivem milhares de pessoas como você, que deixaram o corpo e não sabem o que fazer. Lá você fará novas amizades e aprenderá muitas coisas sobre a vida do espírito e a evolução eterna. O convite está feito. Aceita?

Marie parecia estar refletindo intensamente no que acabara de ouvir. Olhou para Mário, que dormia mais calmo, olhou-me nos olhos, virou-se para Marlene e respondeu:

--- Aceito.

--- Ótimo, fico contente. --- disse Marlene. E completou --- Aguarde um pouco aqui no quarto, Marie, enquanto levo o irmão até seu quarto. Beto, venha comigo.

Acompanhei a amiga até meu quarto, e lá chegando, perguntei:

--- O que você vai fazer?

--- Levá-la para a Colônia espiritual mais próxima de Salvador.

--- Como você sabia de toda a estória havida entre eles? --- perguntei, curioso.

--- Enquanto dava-lhe um passe energético, que acalmava a irmã e ajudava a retirar o ectoplasma que estava entranhado em seu corpo espiritual, sondava sua mente, penetrando seu corpo mental, a fim de inteirar-me das razões de ela ali se encontrar, e sua ligação com Mário. Liberto do ectoplasma, encontrei mais facilidade em sensibilizar sua região frontal, notadamente o centro de força existente na região entre os olhos, para que pudesse me ver. Como notou, nossas relações afetivas nos acompanham de uma existência para outra, e no intervalo entre elas, no mundo dos espíritos. Agora Mário dorme, e amanhã provavelmente se recordará de ter tido um pesadelo, porém com final feliz. E Marie seguirá seu caminho de estudo e trabalho para crescer em saber e amor pelo próximo. Agora preciso partir. Volte para o corpo e desperte, para que retenha o máximo da experiência em seu cérebro orgânico. Depois pode dormir novamente. Futuramente, não precisará fazer mais isso. Amanhã nos veremos novamente. Muita paz.

--- Até amanhã, Marlene. Muita paz.

Retornei ao corpo, atraído como por um ímã, curioso de saber como Marlene levaria Marie para a tal colônia. Gostaria de ver. Quem sabe de outra vez, pensei, enquanto perdia a consciência. Recordo-me apenas que despertei no corpo por volta das seis e meia da manhã, quando olhei para o relógio de pulso e, achando que ainda era cedo, fechei os olhos e cochilei. Achei-me, de repente, de pé na porta da cozinha e da copa, vendo nitidamente meu irmão Jorge sentado à mesa, na copa, em posição frontal em relação a mim, próximo à cabeceira da mesa. Era uma percepção tão real quanto se ali estivesse fisicamente, ou talvez até mais nítida. A copa era a mesma, exatamente como a via todos os dias. A mesa no seu lugar, grande, com capacidade para oito pessoas. O armário, a parede que a separava da cozinha e tudo o mais, como azulejos, luminária e piso eram aqueles conhecidos meus. Eis que surge minha mãe, real, muito real, perfeitamente visível e reconhecível, penetrando a copa, vindo da cozinha, trazendo nas mãos um pequeno prato de plástico, de cor verde, no qual havia um ovo frito, e o coloca na frente de Jorge. Não parecia sonho, mas poderia ser. Observei atentamente o ovo frito no prato, e, curioso, ele me pareceu aproximar-se de mim, como em um close de câmera filmadora, possibilitando-me visualizá-lo com maior riqueza de detalhes, principalmente a forte cor da gema arredondada. No meio dessa observação, encerra-se minha lembrança e minha consciência. Acordei imediatamente, abrindo os olhos e recordando rapidamente o que vira. Era por demais real para ser verdade. Pensei, então: "Devo ter sonhado". E me levantei, indo para o sanitário. Lavei o rosto, escovei os dentes, satisfiz algumas necessidades fisiológicas e rumei em direção à cozinha a fim de tomar café. Chegando à porta, estanquei, em rápido freio-motor de minhas pernas, quase em estado misto de espanto e êxtase. Qual não foi minha surpresa. Onde estava parado, via exatamente tudo aquilo que vira momentos antes, que julguei ter sido um sonho. O ângulo de visão era o mesmo, da porta. Jorge se encontrava sentado no mesmo lugar, próximo à cabeceira, tendo um prato verde, de plástico, um pouco deslocado para o lado, à sua

esquerda, e na frente uma xícara de café com leite, na qual molhava bolachas Maria, para elas amolecerem, costume que nos acompanhava desde a infância. Reparei, rápido como um relâmpago, que o prato verde estava melado de gema de ovo, em cor facilmente reconhecível, vestígio indisfarçável de que alguém comera ovo frito, com a gema mole. Enquanto fazia essas observações preliminares, Jorge, notando-me plantado à porta, trazendo eu no rosto expressão de espanto, adiantou-se a perguntar-me:

--- O que foi?

--- Não é possível! --- expressei meu espanto.

--- O que foi? --- insistiu Jorge, curioso.

--- Não acredito!

--- Diga o que foi! --- Jorge quase se irritava, ante minha demora em explicar o motivo de tamanho espanto.

Perguntei-lhe, então:

--- Jorge, você comeu ovo frito?

--- Comi, por que?

--- Minha mãe trouxe o ovo nesse prato verde seguindo da cozinha, colocando o prato pelo seu lado direito? --- procurava detalhar o que vira, para fins de confirmação de minha percepção.

--- Foi exatamente assim. Por que? --- Jorge não entendia porque tantos detalhes, e qual a sua finalidade.

--- E você comeu o ovo, colocou o prato de lado e passou a tomar café.

--- Sim.

--- Incrível! Jorge, eu desdobrei, estando exatamente aqui na porta e vi tudo o que aconteceu. Foi real! A mais real e objetiva experiência de desdobramento que já tive.

--- Não foi sonho não? --- perguntou-me Jorge, para ver se tinha certeza do que estava falando.

--- Não, foi real. Era como se eu realmente estivesse aqui. Foi nítido, claro, muito diferente de um sonho. Você sabe que já estudei os sonhos, inclusive fazendo experiências de controle de sonho. É diferente.

Sentei-me à mesa e tomei café, estando ainda minha mãe na cozinha e Jorge sentado. Recordava do momento em que despertei, olhei o relógio e novamente cochilei em seguida, achando-me na porta da cozinha; e em seguida, lembrava-me do que vi, e do meu novo despertar, indo para o sanitário. Pensava nos minutos que permaneci no sanitário e no tempo gasto por Jorge para comer o ovo e começar a tomar o café com leite e bolacha. Parecia que o tempo se encaixava perfeitamente. Foi tudo tão real. Vi exatamente o que aconteceu na copa, envolvendo os atos e movimentos de minha mãe e meu irmão. O tempo parecia ser o mesmo, entre o momento em que perdi a consciência, na porta da copa, e o momento em que a ela retornei no corpo físico, em relação ao tempo que fiquei no sanitário. Concluí, então, que de fato fora uma OBE (out of the body experience), experiência fora do corpo, desdobramento ou viagem astral, o que é tudo a mesma coisa. De fato estivera, em meu corpo astral, fluídico ou perispirítico, na porta da cozinha, quando vi o que nela acontecia. Não fui visto, sequer tendo sido notado pelos presentes naquele ambiente doméstico. Pensei que talvez se um deles fosse médium vidente, teria me visto e identificado. Porém, como não possuem faculdades paranormais ou extrasensoriais, não sendo médiuns ou sensitivos, não fui notado. Invisível, era como me encontrava. Porém vivo, pensando, lúcido, desperto e consciente. Eu estava na porta da cozinha, estando meu corpo deitado na cama a dormir.

Essa consciência era importante. A sede da consciência, da alma ou espírito, estava naquele corpo sutil, que se deslocou até a copa.

Foi, sem sombra de dúvida, a mais importante das experiências que tive. Não a mais chocante, impressionante ou deslumbrante, pois teria, dali para a frente, centenas de experiências fora do corpo, com aprendizados indescritíveis. Porém, essa foi a mais objetiva, pois a única com possibilidade de inteira comprovação da percepção que tivera. E isso porque já era dia claro, estando as pessoas acordadas, as ruas com gente a ir para o trabalho ou escola. Raramente alguém sai do corpo durante o dia, geralmente o fazendo à noite, quando reina o silêncio, a tranquilidade, para que seja efetuado o relaxamento preparatório da saída do corpo astral.

Pensava em como os parapsicólogos tentariam explicar tal forma de percepção extrasensorial, pois meu corpo estava no quarto, com os olhos fechados, e todos os sentidos adormecidos. Diriam eles: - "Foi uma PES, ou SUPER PES (PES = Percepção Extra Sensorial). A percepção se deu via clarividência, estando o subject em estado alterado de consciência. "

Acontece, no entanto, que as PES têm tido pouquíssima representatividade nos experimentos laboratoriais. A clarividência e a telepatia são raras e não têm atingido resultados mais profundos e complexos para que sirvam de suporte para explicar todos os fenômenos paranormais ou extrasensoriais. Muito menos a SUPERPES, inventada racionalmente, mas sem base experimental, por cientistas que tinham indisfarçavelmente o claro intuito de negar por negar, quaisquer fenômenos ou faculdades que demonstrassem e provassem a existência do espírito independente da matéria e sobrevivente ao corpo carnal. Também a SUPERPES é uma hipótese implausível e improvável para derrubar a minha certeza de que estivera naquela porta em meu corpo astral ou perispírito.

Após essa reflexão, ou meditação, como hoje chamamos no Ocidente, levantei-me, troquei de roupa e fui para a faculdade.

Meu dia foi tranquilo, tendo assistido aulas, praticado hatha yoga, ouvido Corelli e Vivaldi, feito refeições vegetarianas saudáveis e me preparado para mais uma noite de aventuras no mundo invisível.

CAPÍTULO 4

A noite caiu, enquanto refletia sobre minhas novas experiências, novas faculdades de percepção, que me possibilitavam ter contado com o mundo dos espíritos, além de perceber o que se passava em ambientes físicos, sem precisar estar neles fisicamente. Lembrava-me, inclusive, de que os russos já faziam experiências desse tipo, visando a espionagem, sobretudo. Imaginem, espionar sem a possibilidade de ser descoberto. Era o homem invisível dos filmes se concretizando, porém de forma diferente, sem qualquer método fantástico. Prática milenar, o desdobramento já foi uma constante dos yogues indianos e, recentemente, de alguns espíritas.

Estava em meu quarto, deitado, iniciando o processo de relaxamento. Orei, pedindo auxílio à espiritualidade, além de proteção para minha saída. Comecei a respirar lentamente, diminuindo as batidas cardíacas. Pouco a pouco meu corpo se tornou pesado, até que não mais o senti. Estava consciente, induzindo e ao mesmo tempo observando como expectador o processo de saída. Senti a vibração em todo o meu ser, aquele "choque" indolor, aquela energia calma a se deslocar em mim, o que indicava o desgarramento do corpo sutil, deixando inerte o corpo de carne, de energias densas ou matéria. Minhas mãos começaram a flutuar, ao lado do corpo, e em seguida todo o meu corpo sutil flutuava. Comecei a enxergar o meu quarto, estando ligeiramente acima do corpo físico. Notei, então, que duas pessoas se encontravam ao lado de minha cama, de pé, a observar-me, como os pais que observam a criança a querer andar, dando-lhe proteção e segurança. Uma, eu reconheci, era Marlene. Porém, o outro não me era conhecido. Era um rapaz branco, magro, de cabelos curtos, estando de calças azuis e camisa branca. Ambos sorriam, enquanto me levantava lentamente, começando a dominar o processo de movimentação do corpo astral. Quando fiquei totalmente de pé, Marlene se expressou contente:

--- Muito bem, você está de parabéns. Vejo que já consegue sair com tranquilidade, e sem solução de continuidade de consciência. Isso é bom, vai dar-lhe oportunidades múltiplas de crescimento e aprendizado.

--- Obrigado. --- agradei o incentivo, muito alegre em vê-la novamente, e ouvir sua doce voz amiga.

--- Este é Rodolfo, de quem lhe falei, que veio hoje para auxiliá-lo em alguns pontos, a pedido do mestre, pois acha ele que você está progredindo rapidamente e o tempo urge.

--- Fico feliz em conhecê-lo. --- disse, dirigindo-me a Rodolfo --- Espero não lhe dar muito trabalho.

--- Não me preocupo com isso. Sei que será bom aluno, mesmo porque apenas repete experiências já vivenciadas noutras vidas, quando eras iniciado na senda (caminho). O mestre mandou-me a fim de recordar-lhe conhecimentos adormecidos em sua mente, bem como mostrar-lhe, na prática, o que aprendeste nos livros já estudados.

Houve uma pequena pausa, com ligeira reflexão minha, cortada pelas palavras de Rodolfo:

--- Beto, --- chamou-me pelo apelido --- não fiques ansioso quanto a encontrar-se com o mestre. Deixe os ventos soprarem naturalmente. Quando o discípulo está preparado o mestre aparece. Não sabes disso?

--- É, você tem razão. Desculpe-me. Mas, diga-me uma coisa: por que não tive um mestre vivo, encarnado?

--- Mas o mestre é vivo! --- disse Rodolfo, sorrindo, e completou: --- Apenas não tem um corpo de carne como esse deitado aí na cama. Optou por trabalhar nos planos invisíveis há alguns séculos, possuindo já a liberdade de escolha, devido a seu grau de adiantamento espiritual. Você terá oportunidades maravilhosas se conseguir chegar a ser digno do discipulado com o mestre Sana Khan. Não devo me adiantar neste assunto. Agora o importante é sua preparação, física, moral, intelectual e psíquica para alçar-se aos planos superiores da vida.

--- Entendo, Rodolfo. Vamos começar, então. Sou seu aluno.

--- Começemos pelo corpo físico. --- disse Rodolfo --- Observe sua indumentária carnal. É ele escafrando que mantém o espírito preso ao fundo do reservatório de energia condensada, ou matéria física. Terás oportunidade de ver o processo de reencarnação dos espíritos, brevemente. Repare seu corpo aí na cama.

Olhei para mim mesmo, ou melhor, para meu corpo. Normalmente, estamos tão identificados com o corpo que não conseguimos olhá-lo sem relacioná-lo conosco. Pensamos que somos ele. Porém, não somos. Ele, tão-somente, nos serve de instrumento para o nosso trabalho evolutivo. Continuou, então, Rodolfo, com suas colocações:

--- O corpo não é apenas um amontoado de ossos, músculos, nervos, membranas e líquidos. Nem tampouco organização de bilhões de células a se relacionarem. É muito mais que isso. Ele é um verdadeiro universo, ou um microuniverso, se assim o quiseres. E é governado por um deus, que é o espírito que nele habita temporariamente.

--- E a organização do corpo não é apenas a parte visível, mas também possui energias e contrapartes invisíveis --- adiantei-me, demonstrando não estar por fora do assunto.

--- Exato. Vejo que você já conhece o assunto.

--- Um pouco. Porém, apenas a teoria. Nunca vi o ectoplasma ou a energia vital circulando nos circuitos de energia. --- demonstrei que não sabia tudo.

--- Terás oportunidade de ver, Beto. --- disse-me Rodolfo, animando-me sobremaneira.

--- Vou aplicar-lhe energias no centro energético frontal, a fim de hipersensibilizá-lo para que possa vislumbrar o mundo da pequenez das células --- disse Rodolfo.

--- Tudo bem, estou preparado --- rebati.

Rodolfo tocou-me com a mão direita na fronte e permaneceu alguns segundos em atitude de recolhimento interior, parecendo em prece mental. Senti, então, rapidamente, minha visão se alterar, ficando sensível ao extremo.

Rodolfo me disse:

--- Veja o sistema nervoso do corpo.

Olhei para meu corpo na cama e vi que era, todo ele, irrigado por verdadeira teia de fios de luz, de cor branco-azulada. Notei, também, que em alguns pontos havia excessivo cruzamento desses fios, emaranhado que se destacava do conjunto. Havia um grande e complexo entrecruzamento de fios na região cerebral, principalmente no alto da cabeça. Enquanto reparava aquela brilhante zona, Rodolfo me disse:

--- Deco, aqui na cabeça está o chackra de mil pétalas, como é chamado na Índia, por possuir mil raios, ou encontro de canais sutis de energia (nadis ou meridianos). Está ligado ao cérebro, órgão principal do sistema nervoso corporal. Por aqui penetram as energias mais sutis que adentram nossa organização vital. As energias que vão ser

transformadas em pensamento, ou forma pensamento, são aqui captadas, retidas, transformadas e transmitidas. Os pensamentos alheios também aportam aqui nesta zona.

Rodolfo fez uma ligeira pausa, notando minha admiração por tão lindo e complicado sistema de captação, transformação e distribuição de energia, e depois continuou:

--- Isso é só o começo, Beto. Repare como há ligação de fios entre esse centro ou chackra, chamado de coronário, e outros mais abaixo. Veja o centro frontal, na região que fica entre os olhos. Quantos cruzamentos de nervos, não é mesmo? Os nervos servem de canal para a energia vital, prana, fluido vital, ki, bioenergia ou outro qualquer nome que se queira dar. O nome não desnatura a essência da energia, que é una. E a energia percorre os canais de energia, que no organismo humano são os nervos, envolvidos estes por uma bainha de matéria etérica, substância esbranquiçada que participa tanto da natureza do plano físico quanto do astral ou espiritual. É uma substância intermediária, componente do chamado duplo etérico, que não chega a constituir um corpo autônomo, pois não serve de sede para a consciência espiritual, mas apenas serve de intermediário e elo de ligação entre o corpo físico e o astral. Sem a substância que envolve os nervos, a energia vital, sutil, não conseguiria percorrer o sistema nervoso e chegar aos órgãos.

--- Isso me faz lembrar de moderna corrente de físicos, que acredita que a eletricidade não se transmite entre os átomos do fio, mas em torno do fio, em ondas eletromagnéticas. --- disse a Rodolfo.

--- Exato. --- expressou-se Rodolfo --- É mais ou menos o que ocorre aqui no corpo. A energia percorre o sistema nervoso ao redor dos nervos, não dentro deles. E a energia é invisível, ainda, aos aparelhos humanos. Só os clarividentes podem vê-la. Os homens descobrirão, algum dia, que os impulsos nervosos estão sediados na energia vital que circula pelos nervos, não em reações químicas ou sinapses nos neurônios que formam os nervos. Estes servem apenas de instrumento, como o corpo físico para o espírito. Repare, Beto, como do centro de força frontal saem fios para outro centro situado na garganta.

--- O centro laríngeo --- adiantei-me.

--- Exato. E dele saem fios para o chackra cardíaco, na região do coração, e em seguida para o esplênico, na região do baço, depois para o umbilical e o básico ou raiz, ligado aos órgãos de reprodução. É uma verdadeira rede elétrica. O cérebro é a grande casa de força, a enviar energia para outros centros ou chackras. Cada um deles é um transformador energético, transformador de voltagem, que adapta as energias às necessidades de cada órgão do corpo. Funciona como os transformadores de energia elétrica. Numa cidade, temos as centrais de força, as usinas, estações, subestações, transformadores de postes e de casa, para aparelhos domésticos. Não se pode utilizar a energia bruta, sem rebaixamento de voltagem, para movimentar geladeiras, liquidificadores e outros aparelhos. Assim é o corpo também. Cada órgão, cada glândula, cada tipo de célula especializada para determinada função precisa de uma voltagem própria de energia. Os chackras cumprem o papel de captador e transformador de energias, e depois a distribuem por todo o organismo, através dos condutos ou fios, que são chamados de meridianos de energia na acupuntura e nadis pelos yogues indianos. Se houver bloqueio energético nos canais, alguma região do corpo será prejudicada com a falta de energia vital, e o nível ou qualidade de vida das células do órgão afetado cairá, provavelmente surgindo doenças, que nada mais são do que desequilíbrio energético. A acupuntura trabalha com agulhas bloqueando as energias que iriam para determinado órgão a fim de desviá-las e guiá-las para outro, que se encontra deficiente, desvitalizado. Os yogues trabalham com a respiração, que gera um superávit

energético no corpo, melhorando globalmente o estado energético do organismo, o que faz com que se afaste qualquer doença. Fazem o trabalho preventivo. Num organismo equilibrado, os vírus ou bactérias são prontamente eliminados pelas células guardiãs do templo sagrado do espírito, que são os leucócitos ou glóbulos brancos. Só um organismo em desequilíbrio serve de palco a encenações de invasores deletérios.

--- Rodolfo, --- interrompi a explanação --- essa energia pode ser captada por aparelhos humanos?

--- Sim. Um médico e cientista coreano, chamado Motoyama, inventou uma máquina de cháckras, um aparelho que serve para localizar e medir a voltagem dos centros energéticos do corpo. Chamou a energia de eletricidade fraca, e na verdade ela é eletricidade de baixa voltagem. Já foi feita, também, experiência de circulação de eletricidade nos nervos humanos, que servem perfeitamente para conduzir a eletricidade, porém fraca, pois a de alta voltagem destrói o nervo, como é comprovado com aqueles que são eletrocutados. E também já se descobre os pontos de acupuntura por meio de aparelhos, e brevemente os computadores auxiliarão esse trabalho.

Enquanto Rodolfo fazia ligeira pausa, reparava em como o corpo era iluminado internamente, parecendo uma grande cidade iluminada à noite, como Paris. Fios coloridos por toda a parte. Cada condutor levava uma tonalidade de cor diferente.

--- São as expressões das diferentes voltagens energéticas. --- explicou Rodolfo --- Cada tipo de energia tem sua cor, bem como seu som.

--- Som? --- perguntei.

--- Sim. Tudo no universo é movimento e todo movimento produz som, ainda que inaudível para uns.

--- Rodolfo, você consegue ouvir o som da energia vital?

--- Sim, concentrando meu pensamento e aguçando minha mente, meu corpo mental, posso perceber os diferentes sons que acompanham cada cor.

--- Incrível, parece ficção. Nada ouço.

--- É porque você ainda não apurou os "ouvidos" espirituais, na verdade seu corpo mental, que não está afinado o suficiente. Em breve tempo, se trabalhar como tem feito, ativará seus centros energéticos do corpo mental, e então será um novo ser. Mas deixemos esse assunto para o futuro. Por enquanto é o que precisa saber sobre o corpo energético composto dos nervos e cháckras. Futuramente verá outras coisas. Vamos reduzir sua visão para que retorne ao normal.

Tocou-me, então, Rodolfo, na região frontal, concentrou-se e senti que não mais podia ver aqueles fios brilhantes a percorrerem meu corpo, limitado que estava novamente em minha capacidade visual. Reparei que Marlene adentrava o quarto. Lembrei-me que não a vi sair, tão concentrado estive nas explicações de Rodolfo, além do belo visual da energia a percorrer os nervos do corpo. Pensei em como a medicina seria diferente se os médicos pudessem ver aquele quadro energético humano. Que potencial possuímos, e dele sequer suspeitamos!

Meditava quando, de repente, Marlene me interrompeu, dizendo:

--- Beto, vamos até a cidade do Rio de Janeiro.

A frase soou como o impacto de um raio em minha mente.

--- Ao Rio? --- perguntei.

--- Sim. --- dessa vez, falou Rodolfo --- Sua avó precisa de ajuda e aproveitaremos para algumas lições no percurso e lá em sua casa.

--- Tudo bem, --- disse, e completei --- mas como iremos?

--- Voando! --- disse Rodolfo, sorrindo --- Você tem medo de altura?

--- Não. --- respondi --- Aliás, já sonhei muito que voava nas alturas. Já pilotei um pequeno avião de treino de pilotos, auxiliado pelo piloto, na Academia da Força Aérea, em 1974, quando tinha quinze anos. Estava a passeio, com um grupo de estudantes do Colégio Militar. Acredito que, como não tive medo de altura, em pequeno avião de cabine de vidro, não terei medo de voar solto.

--- Porém, não terá suporte algum. --- adiantou Rodolfo --- Se sentir medo da altura e pensar que vai cair, sem dúvida cairá, pois o pensamento é a mola do movimento neste plano de vida.

--- Tudo bem, vamos ver o que acontece.

Mal acabei de pronunciar as últimas palavras e Rodolfo, acompanhado por Marlene, já se adiantava pelo corredor, em direção ao quarto de Mário e Fernando, que era o último no fim do corredor, à direita. Segui meus instrutores, ávido de experiências e aventuras. Quando cheguei ao quarto, notei que a janela estava aberta, dando para ver o céu azul escuro, por causa da noite, salpicado de estrelas brilhantes. Notei que Mário e Fernando dormiam. Tudo estava calmo no ambiente. Rodolfo olhou-me e disse:

--- Pronto para partir?

--- Sim, estou pronto. --- respondi.

E voou pela janela, rumo ao céu estrelado, como se fosse um pássaro livre. Marlene foi atrás, parecendo um foguete deixando a plataforma de lançamento. Não poderia ficar para trás, então parti rumo às estrelas. Rapidamente estava no alto, acima da cidade de Salvador, sentindo a presença de Rodolfo e Marlene a meu lado, o que me tranquilizava. Que sensação agradável e mágica! Não há nada igual, nem voar de asa delta, pára-quedas ou qualquer tipo de avião. É estar solto no ar, flutuando em alta velocidade, sem amparo, sem motor, asa ou hélice. Pensei em ir mais rápido e imediatamente senti que abaixo de mim a paisagem mudava com intervalo de tempo menor. E os dois amigos me acompanhavam. Deixamos o continente, seguindo por cima do mar. Foi o itinerário escolhido por Rodolfo, eu apenas o seguia. Não via propriamente a água do mar, mas a sentia, mentalmente, sabendo que estava acima dela. Estava muito escuro. Apesar da velocidade, não sentia atrito de vento ou qualquer obstáculo. O vôo era livre. Pensei em ir mais rápido e tive a sensação de grande velocidade, acompanhada da percepção de que o mar passava abaixo de mim rapidamente. Queria ir cada vez mais rápido. Logo vi uma ilha à minha frente, desviando, contornando-a pelo alto, para não atravessá-la. Subi e logo descí. E então, para meu deleite, descortinou-se um quadro belíssimo diante de meus olhos. Visualizei a Praia do Flamengo, o Aterro visto da Baía de Guanabara. Vinha voando da baía para a praia, vendo a cidade iluminada. Paramos na areia da praia deserta, pois era madrugada. E então aproveitei para fazer algumas perguntas a Rodolfo, pois o tempo de percurso fora tão curto que não tivera oportunidade de questionar meu instrutor temporário.

--- Rodolfo, --- disse --- quanto tempo levamos para vir de Salvador até aqui?

--- Apenas alguns segundos. Nem um minuto foi preciso. E poderíamos levar menos tempo.

Fiquei abismado diante de tão curto tempo. E perguntei:

--- Poderíamos voar sem ver a paisagem local?

--- Sim. Se você voar em altíssima velocidade, não dá para perceber o que passa a seu lado e tem, assim, a sensação de que não saiu do lugar, mas este é que se transformou. É como se você fechasse os olhos antes de partir em uma viagem de foguete e os abrisse na chegada. A paisagem é que muda. Porém, se a velocidade não é tão grande, percebemos o

percurso, que passa por nós ligeiramente. Com o tempo você aprenderá a controlar mentalmente a relação velocidade-espaco-tempo.

--- Rodolfo, você já deu a volta ao mundo?

--- Sim, algumas vezes, no início de meus estudos, por curiosidade --- respondeu a minha pergunta.

--- E quanto tempo gastou?

--- Cerca de um minuto e meio. Porém isso é no corpo astral. No mental o tempo é menor, pois o movimento é mais rápido. É só pensar e você estará onde quiser. A velocidade é tão grande que não temos medida para ela. A velocidade do pensamento é incrível.

Marlene apressou-nos, dizendo:

--- Deixemos esses assuntos para mais tarde. Adiantemo-nos, pois a avó de Beto não passa muito bem. Vamos até lá. Beto, concentre-se em sua avó.

--- Pois não, --- respondi --- não é difícil tarefa.

Enquanto pensava, absorto, esquecendo-me da praia, reparei que a paisagem mudava, e logo transformou-se no quarto de minha querida vovó, que tanto conhecia, pois havia morado durante sete meses com ela no ano anterior, 1977, quando começaram os fenômenos transcendentais já anteriormente relatados.

Não via minha querida avó há pouco mais de um ano, quando voltara para Salvador, para a casa de meus pais. Não havia mudado nada, no entanto. Suas feições eram as mesmas, seu corpo também, porém estava um pouco abatida. Estava amarela, pálida. Estirada em sua cama, inspirou-me compaixão e tive vontade de afagar-lhe os cabelos. Aproximei-me dela sob o olhar de Marlene e Rodolfo, e toquei-lhe a cabeça, no alto. Percebi que sua respiração ficou mais rápida. Voltei-me para Rodolfo e perguntei-lhe:

--- O que tem ela?

--- Está com problemas no fígado, além de dificuldades de circulação de energia, devido a digestão, em demasia, de alimentos gordurosos, de origem animal, além de café e refrigerantes. A digestão das gorduras animais desgasta em demasia o fígado, diminuindo-lhe a capacidade de produzir biles, nos momentos em que o corpo precisa dessa substância. Além disso, a gordura é nociva ao organismo humano, não apenas ao corpo físico, mas também ao energético, pois elas entopem, bloqueiam os canais de circulação de energia, impedindo que elas fluam naturalmente e irriguem os órgãos do corpo. Sua avó está com o fígado cansado, o que lhe causou essa cor pálida. E também está com falta de energia, por entupimento dos canais.

--- E há alguma coisa que possa ser feita por ela? --- perguntei.

--- Sim. Pode mudar sua dieta alimentar, reduzindo as gorduras animais ao mínimo e evitando refrigerante e café. Os produtos químicos intoxicam, envenenam o organismo, impedindo o trabalho mais perfeito das células. Estas, envenenadas, têm que eliminar as toxinas deletérias e prejudiciais à sua vida normal, canalizando forças para tal empreendimento, descuidando, conseqüentemente, das tarefas que lhe competem.

--- E nós, podemos fazer algo? --- perguntei, ansioso por ajudar minha avó.

--- Sim, Beto, podemos limpar os canais de energia e injetar energia saudável em sua constituição energética, dando novas forças para que o próprio organismo se desintoxique e se cure.

--- Ótimo, fico feliz. --- expressei minha satisfação.

Rodolfo e Marlene aproximaram-se mais da cama, elevaram as mãos acima do corpo de vovó e me convidaram a elevar o pensamento a Deus, a fim de atrairmos melhores energias para a paciente. Notei que uma luz branca surgia através do teto do quarto, sem que

pudesse ver de onde emanava. Recaía sobre vovó, sobre mim, Marlene e Rodolfo. Este impôs suas mãos sobre a paciente, em um movimento que acompanhava os canais de energia, da cabeça aos pés. De suas mãos saíam luz branca que chegava à minha avó como raios. Pude perceber alguns pontos mais escuros, na organização energética de minha avó, que eram verdadeiros nós de energia bloqueada. Ao observar isso, ouvi Rodolfo falar:

--- Estes nódulos são bloqueios causados principalmente pelas gorduras, porque estas se fazem acompanhar de energia terrena condensada demais. O organismo precisa de gordura, porém em pequena quantidade. O excesso prejudica o corpo e entope os canais energéticos. O passe energético, que é transfusão de forças, dissolve esses bloqueios e normaliza a circulação da energia vital. Vamos nos concentrar agora no fígado, dando-lhe novas forças vitais.

Nós três nos centralizamos em enviar energias para a região do fígado de minha avó. Emitimos luz pelas mãos, que atingiam o órgão, fazendo-o mudar de cor, ficando mais avermelhado devido à maior irrigação de sangue que ocorria, impulsionado pelas infusões energéticas. O fígado começou a se mexer, como se fosse um ser revitalizado. Notei, nesse instante, que a vovó começou a expressar um certo sorriso nos cantos dos lábios, como se soubesse o que acontecia.

Passaram-se alguns minutos, na minha percepção de tempo, pois não sabia ainda da diferença do tempo que se contava em cada plano de vida.

Rodolfo então falou:

--- Pronto, sua avó agora estará melhor. Amanhã despertará com novo ânimo e novas forças. Vai recuperar-se. Porém é preciso que você fale com ela acerca da alimentação.

--- Como falarei com ela? --- perguntei.

--- Por telefone. --- respondeu Rodolfo --- Afinal, para que foi inventado? Se você conversasse com ela enquanto dorme, estando fora do corpo, provavelmente ela não se recordaria, ou no máximo se lembraria de fragmentos do diálogo tido. Ela não tem a ponte construída.

--- Que ponte? --- perguntei, curioso.

--- A ponte que une o corpo astral ao físico. É a matéria etérica, bem trabalhada, que serve de elo de ligação entre os corpos, o que possibilita a passagem da memória do corpo astral, do cérebro astral, para o cérebro físico. Sem isso, geralmente as pessoas nada ou pouco se recordam das experiências e aventuras astrais. As poucas lembranças se assemelham a sonhos desconexos.

--- Liguei para ela amanhã. --- disse por fim.

Marlene, que a tudo observava, falou:

--- Podemos voltar a Salvador?

--- Naturalmente. --- respondeu Rodolfo.

Como que para me testar, Rodolfo me perguntou:

--- Beto, você retornaria sozinho?

Confesso que gelei dos pés à cabeça. E obtemperei:

--- Voltar só? Não sei nem para que lado fica Salvador.

--- Não é preciso saber, Deco. --- disse Rodolfo sorrindo e completou --- Basta você se concentrar firmemente em seu quarto, em seu corpo e, imediatamente, voará com a velocidade de um relâmpago para casa.

--- Mas, e os perigos do caminho? --- perguntei inseguro.

--- Em alta velocidade, por cima do mar, nenhum ser o molestará, sequer o notará. Serás como uma bala a cruzar os céus, sem ser notada pelos urubús. Não tenha medo.

--- Não sei, não. --- demonstrei incerteza.

--- Deco, você confia em Deus e em você mesmo?

--- Sim, confio.

--- Então? Vá, sem receio. Será uma boa experiência. Você tem que se tornar independente, não pode depender de babá a vida toda.

--- OK. --- disse a Rodolfo --- Eu vou.

Ainda olhava aquelas duas figuras incríveis diante de mim, no quarto de minha avó, e ainda a via também, em seu leito, quando iniciei o processo de concentrar-me em meu quarto e pensar que queria voar tão leve quanto o pensamento, começando, então, a perceber que o quarto começou a se esvanecer, como se desmaiasse. Tudo ficou nublado, irreconhecível, desaparecendo lentamente em seguida. Tudo ficou escuro e senti que voava sobre o mar. Não havia atrito do que quer que seja, porém sentia que me locomovia em altíssima velocidade. Não via formas, cores ou ouvia sons. Era só meu pensamento constante "mais rápido, mais rápido". De repente, sem que tivesse se passado muito tempo, senti que me encontrava em meu reduto, em meu quarto, que aos poucos se tornou tal qual o conhecia, após momentos de imperfeição visual.

Incrível experiência, pensei. Olhei para meu corpo que jazia imóvel, como um boneco sem pilha, pois é nesta que se encontra a energia que dá vida e movimento ao boneco. Assim era meu veículo físico. Sem mim, espírito, ser inteligente, envolto em energias variadas, ele nada era, sequer podendo levantar-se da cama. Se eu não voltasse, ele morreria. Porém isso não acontece, pois ele nos puxa, pelo cordão de prata, com a força de um ímã, quando está precisando de energia.

Pensava sobre isso quando senti-me atraído, de forma irresistível, para a organização psicossomática. Não lutei contra aquele impulso natural e instintivo. Entreguei-me. Deitei na cama como fazia antes de dormir e acordei por volta das seis da manhã.

Recordei com calma de toda a experiência vivida, lembrando da viagem de ida, de minha avó e da volta. Fixei tudo em minha mente, para que nunca mais fosse esquecida aquela vivência fora do corpo. Havia sido minha primeira viagem consciente fora do corpo, entre duas cidades de estados diferentes e distantes. Percorrer quase dois mil quilômetros em alguns segundos era uma possibilidade que me extasiava e me fazia sonhar. Poderia ir a outros países que tanto desejava conhecer, principalmente à Índia, que tanto me atraía.

Levantei-me, porém após agradecer ao Criador as oportunidades que estava tendo, além de agradecer ao mestre que tanto ansiava conhecer. Pensei firmemente nele, apesar de não conhecê-lo fisicamente, ou melhor, sua aparência, pois não possuía corpo físico. Elevei ao máximo minhas vibrações e disse, mentalmente: "Mestre, um dia serei digno de ti. Vou preparar-me para ser teu discípulo, ainda que leve anos. Obrigado por enviar-me instrutores tão bons e afáveis. Não merecia nada disso. Obrigado e até um dia".

No instante em que terminava minha comunicação mental, percebi claramente uma figura em minha tela mental. Era como se fosse projetado um filme em minha mente. Pude ver um homem de meia idade, praticamente careca, ou de cabeça raspada, não podendo distinguir ao certo, tendo uma barba rala e de fios quase retos, no estilo chinês, a descer-lhe da região superior aos lábios e do queixo. Parecia usar uma indumentária de monge budista, porém não vi cores. Era, com certeza, um chinês, e estava sorrindo.

Antes que a imagem se dissipasse, ainda pude perceber, por via intuitiva, tratar-se do mestre que começava a me ligar de forma indissolúvel. E pensei, ou falei, mentalmente:

--- Mestre, mestre... --- não podia dizer mais nada, tal a felicidade e o contentamento que tomava conta de mim, dominava-me e fazia as lágrimas escorrerem em abundância dos meus olhos.

Ouvi, então, uma voz viril, mais ou menos grossa, porém calma e suave a falar-me, dentro de meu cérebro:

--- Meu filho, breve nos encontraremos novamente. Prepare-se. Sua hora é chegada. Já perdeu tempo demais. Prepare-se. Ore, trabalhe e medite. Até breve.

Quanta alegria se instalou em meu ser! A imagem sumiu e também aquela voz angelical, permanecendo só as lágrimas de felicidade. Há muito não chorava tão copiosamente e de alegria.

Então aquela era a forma assumida pelo mestre atualmente. Teria ele vivido ultimamente na China? Não sei. Sana Khan não me parecia nome chinês, mas hindú. Que me importava, havia visto o mestre! Teria ele irradiado sua forma até mim, uma forma pensamento inoculada em minha mente, para que o conhecesse? Também não sei. Após conjecturas, levantei feliz, lavei o rosto, tomei meu tradicional desjejum de frutas, pão integral e mel e saí para a rua. Era sábado e não havia aula na faculdade. Fui até a praia a fim de meditar e respirar um ar mais puro, sobre umas pedras à beira-mar.

Pensava nas pessoas, nos sofrimentos causados pela ignorância e, principalmente, na ilusão que todos têm de que são o corpo de carne e nada mais. A limitação da visão da vida medeando entre o berço e o túmulo era cruel, pois não dá uma dimensão correta da imortalidade da alma às pessoas. Angústia, medo da morte, egoísmo, apego ao corpo e aos bens materiais, que de um modo geral acompanham as pessoas que acreditam ser o corpo. Pensava em ajudar as pessoas, esclarecendo-as sobre as verdades espirituais, porém não sabia como. Pensava em pregar ao mundo, mas era tão tímido...

Percebi, na pedra onde me encontrava, pequenos caranguejos a degustar algas marinhas incrustadas nas pedras. Senti respeito por suas vidas, sentindo-os meus irmãos, pois têm a mesma origem de criação e percurso de evolução. Quem sabe se teria eu sido também um minúsculo crustáceo na Terra, há milhões de anos? Todos os seres vivos são inteligentes e estão em evolução, não se justificando sua morte para satisfação de nossos apetites gustativos.

Sentia-me irmanado com todos os seres. Olhava uma gaivota voando e mergulhando nas águas agitadas, em busca de peixe para alimentá-la e tentava sentir-me dentro dela. Vi alguns pequenos peixes em poça d'água, nadando de um lado para outro, em sua vida alegre. Tudo no universo estava vivo e pulsando. Cada ser, em seu nível evolutivo, cumpria seu papel no grande esquema da vida. Não há superiores ou inferiores, mas apenas novos e velhos seres, uns mais experientes e outros menos, porém tudo é ordem no Cosmos e todos os seres aprendem e crescem. Nós, humanos, mal começamos a escalada da evolução, sendo calouros no planeta Terra. Os dinossauros viveram cerca de 165 milhões de anos e desapareceram. Nós temos cerca de 15 milhões de anos e estamos apenas começando a descobrir o mundo no qual vivemos e a nós mesmos. O que sabemos acerca de onde viemos, o que somos e para onde iremos após a morte? Tão pouco! Breve aprenderia um pouco mais, assim que pudesse encontrar-me com Sana Khan. Orei, pedindo forças para minha jornada evolutiva e a possibilidade de poder ajudar a humanidade enceguecida pelo véu opaco da matéria. Tão esquecidos de nossa origem nos encontramos, que pensamos ter nascido aqui e agora, fruto de encontro casual de um óvulo e um espermatozóide. Quanta ilusão!

Após cerca de três horas de meditação sobre as questões que afligem a toda a humanidade, retornei para casa, onde almocei. Após isso, li durante toda a tarde um livro

escrito por um yogue indiano, sobre filosofia oriental. O clima mental era dos mais favoráveis possíveis.

À noite, jantei, acendi uma vareta de incenso indiano, respirei na forma yogue durante uns vinte minutos e deitei para dormir. Pedi assistência, invocando meus amigos de outra dimensão existencial e iniciei o processo de relaxamento. Senti que estava mais solto, mais energizado do que das outras vezes em que saí do corpo. Meus pensamentos estavam mais puros, filosóficos, sentindo pureza interior, bondade e amor por toda a humanidade. Encontrava-me verdadeiramente exaltado, em estado de êxtase interior, de alegria, de reconforto. Deixei, assim, nesse estado, o corpo, pairando como uma pluma acima do meu veículo e instrumento de trabalho na dimensão material.

CAPÍTULO 5

Como a vida nos prega peças. Como o mundo dá voltas. Garoto, brincava inocentemente de gude, pipa ou arraia e pique-esconde, bola e outros brinquedos. Gostava de brincar de guerra e desejava ser militar, do que só desisti aos dezessete anos, quando passei a me interessar por teologia, espiritualismo, OVNI, antropologia, espaço e outros assuntos, como parapsicologia e viagem astral.

Nessa época, ainda sonhava em viajar pelos mares em um veleiro cheio de mulheres bonitas e mergulhar nas profundezas dos oceanos. Já havia mergulhado na praia, não muito distante, o que comecei a fazer aos 15 anos. Ainda com essa idade, comecei a embriagar-me quase todo final de semana. Começara a fumar com 11 anos.

Quantas farras, paixões, dissabores e aventuras. E agora estava começando vida nova, descobrindo um mundo novo, repleto de potencialidades e surpresas. Um mundo quase desconhecido que poucos ousariam explorar devido ao preconceito religioso que o batizou de "mundo dos mortos". Porém, quantos vivos perambulam por esse mundo vivo e voltam à consciência trazendo experiências e recordações inimagináveis e que raramente são contadas. Quando contadas, são tidas por ficção. E às vezes é melhor que o seja, até que as pessoas se conscientizem e se preparem para encarar a realidade da vida espiritual. A imortalidade da alma, objeto de anos de diálogos e reflexões de inúmeros filósofos de todas as épocas, quando provada e aceita, transformará radicalmente os conceitos de vida e morte, além de estender a visão humana além da sepultura, pelos planos da vida ainda encobertos com o véu do mistério.

Deitado no ar, a flutuar acima de minha cama, desejei ficar de pé, o que de pronto aconteceu, obedecendo meu corpo energético ao comando de minha mente lúcida. Percebi, então, que não havia ninguém em meu quarto. Olhei pela janela e vi o céu escuro, apenas pontilhado de estrelas reluzentes. Pensei na imensidão do universo, no infinito, nos mundos que poderiam ser habitados, nas viagens espaciais, na pequenês da Terra e do homem perante tudo isso. Pensei em Deus, a causa do universo.

Encontrava-me absorto no mundo das idéias quando percebi alguém se aproximar pela porta. Rapidamente virei-me e reconheci Rodolfo, o que me fez contente.

--- Olá, Beto, como vai de pensamento?

--- Bem. Estava pensando na imensidão do universo. --- respondi.

--- Parece que sua aura está mais brilhante hoje. O que andou fazendo?

--- Apenas meditando. --- respondi.

--- Isso é bom. Quando pensamos em coisas boas e desejamos ajudar o próximo, atraímos boas energias e, principalmente, os olhares dos seres elevados que buscam pilares na Terra para suas obras beneméritas.

--- Tenho desejado trabalhar, Rodolfo. Não posso mais viver lendo e meditando. Sinto-me inútil, contemplando as misérias do mundo em uma caverna no Himalaia, sem nada de concreto realizar.

--- Tenha paciência, Beto, breve será integrado em trabalhos que beneficiarão a você e a outros. Agora, tenho que levar-lhe a um vale no astral médio, para que se encontre com alguém que deseja vê-lo.

Senti curiosidade, e confesso que pressenti mesmo o encontro tão esperado. O mestre deveria estar a me esperar, pensava no recôndito do meu ser.

Rodolfo, sorrindo ligeiramente nos cantos dos lábios, como que a adivinhar ou captar meus secretos pensamentos, disse:

--- Concentre-se em mim, para que me acompanhe, pois seguirá minhas vibrações e meu corpo energético. Não precisa me tocar. Atravessaremos o astral inferior em grande velocidade a fim de que não sejamos influenciados pelas energias mais densas, o que dificultaria sua recordação posterior, quanto ao que vai ver e ouvir.

--- Tudo bem. Estou pronto. Quando quiser partir...

Rodolfo começou a desaparecer diante de mim, como se estivesse se desintegrando. Pensei fortemente nele e comecei a ver meu quarto ficando embaçado, desaparecendo em seguida diante de meus olhos. Sentia que me deslocava a grande velocidade, e apenas via misturas de cores e luzes, que não distinguia como formas conhecidas. Senti que Rodolfo estava próximo de mim, porém não o via, apenas sentia sua proximidade. De repente, passei a ver diante de mim um lindo vale, onde havia muito verde e muitas variedades de flores multicores. Estávamos, Rodolfo e eu, em uma pequena colina, havendo à nossa frente um caminho que parecia ser de terra, e que cortava o vale até perder de vista. Notei que o céu era de um azul opalino, porém não havia nuvens. Não vi pássaros, nem ruídos de animais.

Apreciava a bela vista quando Rodolfo tirou-me da concentração, dizendo-me:

--- Beto, desça por esse caminho. Lá no centro do vale encontrará um amigo. Preciso descer ao astral inferior a fim de auxiliar Marlene em um trabalho. Aqui não há o que temer. O mal não chega a essas alturas. Não há vilões nem saltimbancos. Mais tarde virei apanhá-lo, quando o mestre chamar-me.

--- Está certo, Rodolfo. Eu sabia que era o mestre. --- disse sem conter minha satisfação e exaltação.

Rodolfo virou-se e desceu em direção ao outro lado da colina, e não mais o vi. Comecei a descer no sentido oposto, em direção ao centro do verde vale, como mandara Rodolfo.

Desci, parando diante de uma árvore grande, frondosa, de folhas bem desenhadas e tronco que se assemelhava ao veludo marrom. Percebi que no meu lado direito havia pequeno regato que, com seu ruído sobre as pedras, quebrava a monotonia do silêncio do lugar que mais parecia um santuário ou templo de quietude.

A água era completamente transparente e não vi peixes. As pedras, roliças e lisas. Ao redor do regato, vegetação exuberante e rica em cores e aromas suaves e agradáveis.

No meio da calma observação, ouvi uma voz mansa, porém firme, dizer algo parecido com: "Então você veio?"

Procurei a fonte da voz, andei alguns metros regato abaixo, até que, sentado em uma pedra, à beira de um pequeno lago de águas mansas, deparei-me com um homem de cabeça raspada, à moda dos monges budistas, barba rala, sorrindo abertamente. Estava de frente para mim e disse-me:

--- Então você veio?

Que alegria, que satisfação reencontrar o mestre. Parecia que já conhecia aquele sorriso de algum lugar, de algum tempo.

--- O senhor é Sana Khan? --- perguntei.

--- O que você acha? --- respondeu-me com outra pergunta, sempre sorrindo.

--- É claro que é.

--- É claro que sou. --- parodiou o mestre.

De logo, percebi que se tratava de um espírito com bom senso de humor e muito feliz.

--- Você demorou para sair do corpo, para um iniciado. --- disse Sana Khan.

--- Acho que sim. Tive medo, a princípio. Afinal, não é fácil aventurar-se em um mundo do qual não se conhece praticamente nada.

--- Você é que pensa, meu filho. Você já conhece bastante sobre este plano. Em outras épocas já andamos por aqui e inclusive neste vale.

--- Eu, mestre? --- perguntei, sem ter certeza de nada, pois nada recordava a respeito.

--- Sim, nós. --- respondeu Sana Khan e completou: --- Quando vivemos na Índia, como yogues, e na China, no templo budista, praticávamos constantemente a saída astral, viajando pelos planos superiores e inferiores, trabalhando e aprendendo.

--- Não me recordo, mestre.

--- Porém recordará. Quer ver?

--- Como? --- perguntei.

Imediatamente Sana Khan se levantou da pedra na qual estava sentado, dirigiu-se a mim que estava de pé à sua frente, e, tocando com a ponta do dedo médio da mão esquerda na região entre os meus olhos e o dedo médio da mão direita em minha nuca, fez-me leve como uma pena e facilmente inclinou-me até que ficasse sentado no chão, na grama suave.

Sem que pudesse raciocinar direito sobre o que estava acontecendo, percebi formar diante de mim uma tela como as de cinema, e, imediatamente, vi um filme, ou parecia um filme, em que havia um grupo de homens de roupa branca sentados em círculo, em postura de lotus, com os olhos fechados, parecendo em meditação yogue. Eram morenos, bastante bronzeados, de cabelos compridos, lisos, repartidos no meio, até os ombros magros. Todos eram magros e estavam descalços. Um chamou-me atenção. Era um rapaz jovem, magrinho, de barba rala, nariz proeminente, parecido comigo na atualidade. Vi que o filme dava um close nele e então senti, não sei como, não sei a explicação... que era eu, ou melhor... eu era ele. Que confusão! Soube, internamente, que aquele rapaz era eu, uma encarnação passada minha, na Índia. Olhei para um velho de cabelos brancos compridos, de ar nobre, sereno, transmitindo paz e segurança ao grupo e também senti que ele era Sana Khan. Senti-me contente em saber que, de fato, já nos conhecíamos, tendo eu sido seu discípulo, noutras eras. O cenário repentinamente se transformou. Agora via um rapaz sentado no pátio de um templo, à beira de um imenso jardim, também na postura de lotus, trajando um manto amarelo, tendo a cabeça raspada, os olhos fechados e atitude serena. Senti que era eu mesmo. Identifiquei-me, pela vibração, que é própria de cada ser de modo inconfundível. Vi, então, que se aproximava um homem, um monge, também de manto amarelo e cabeça raspada. Ambos eram chineses, pelos olhos. O monge aproximou-se de mim e disse, calmo: "chegou o dia de sua morte". Estranho é que não me abalei. Aquela morte não poderia ser a morte do corpo físico, pois não é ela anunciada dessa forma. Deveria, então, ser a morte do ser velho, para dar nascimento ao novo, ou então alguma experiência interior, mística, pela qual passaria, que as ordens secretas antigas chamavam de morte. Vários templos da antigüidade foram palco de rituais de iniciação de neófitos nos assuntos espirituais e esotéricos. As cerimônias da morte levavam os discípulos a experiências inimagináveis ao vulgo de outrora e ainda aos de hoje. A lápide da chamada câmara mortuária, ou Câmara do Rei, do faraó, encontrada e ainda existente na pirâmide de Gisé, a Grande Pirâmide, no Egito, não se destinava a nenhuma múmia, mas a cerimônia de iniciação, por isso não foi encontrada a sua tampa, que nunca existiu. Tive essa certeza quando lá estive em corpo físico em outubro de 1993.

Continuando com as imagens, percebi que o monge que estava de pé era o mestre Sana Khan. Mais uma vez reunidos. Pensei em quantas vidas andáramos juntos e o filme cessou, ouvindo sua voz calma responder: "muitas vidas, desde milhões de anos".

Passsei a ver, em seguida, um caminhão cinza claro, tipo militar, rodando por uma rua estreita, e um homem portando um lança-chamas acionar o equipamento e lançar labaredas de fogo sobre o caminhão, fazendo o veículo chocar-se contra a parede de uma casa. A imagem sumiu e também a tela. Levantei-me e encarei o mestre, perguntando:

--- O que foi essa última imagem?

--- Você, em missão secreta na Alemanha nazista, em 1944.

Pasmei. Nunca havia imaginado algo assim e nada sabia de encarnação tão recente.

--- Você caiu muito, desde a China, no século XIII. Tem participado de revoluções e guerras, usando armas e matando, parecendo ter esquecido que as armas não mudam o mundo. Tem se envolvido em organizações revolucionárias e militares, em parte manipuladas por seres do astral inferior, o que lhe comprometeu, de certa forma.

O mestre fez uma ligeira pausa, sentando em uma pedra e convidando-me a sentar na outra pedra vizinha. E continuou:

--- Você adquiriu muitos conhecimentos. Teve experiências ricas e importantes para a sua evolução. Porém, não interiorizou ainda certas verdades. Não conquistou ainda a sabedoria completa. Mas vai chegar lá.

--- Mestre, sinto que ainda não sou digno de ti. Devo ter te decepcionado muito.

--- Ora, Beto, já estou acostumado. Muitos discípulos queridos se perderam no caminho. Alguns até passaram para o lado das hostes do mal, nos planos inferiores. Mas, um dia, todos retornarão. O bom filho sempre retorna à casa do pai, como foi dito pelo grande mestre galileu, Jesus.

--- Mestre, há tantas coisas de que tenho dúvidas. Tenho lido tanto, porém, cada autor tem opinião diversa dos demais, não havendo unidade e harmonia nos conhecimentos transmitidos. Gostaria de saber a verdade sobre a origem do universo, da Terra, do homem, do mal...

--- Beto, --- interrompeu-me Sana Khan --- tenha paciência, busque e acharás as respostas. Vou ajudá-lo. Mostrarei algumas coisas que vão deixá-lo de boca aberta. Você está preparado para a Verdade, pois vem buscando-a há milênios. Sei que quer ajudar os outros. Porém, precisa antes saber a estrutura da vida. Você leu e ouviu sobre muitos assuntos, porém de forma fragmentada. Agora precisa ver o grande quebra-cabeças armado, com as peças que conhece encaixadas. Isso vai abrir-lhe a visão espiritual e dar-lhe uma melhor compreensão da vida, o que facilitará seu futuro trabalho como esclarecedor de almas. Antes de ensinar, é preciso aprender. Quero que você seja uma "cabeça-de-ponte" no campo terreno, um posto avançado, para transmitir para os humanos alguns conhecimentos importantes. Precisa preparar-se para isso.

--- Não sei nada, mestre.

--- Ora, não seja medroso. Sei que você é tímido. Mas vencerá sua insegurança. Já o ouço falando em salas repletas de pessoas interessadas no que tem a dizer. Vamos inspirá-lo, desde que, naturalmente, esteja ligado a nós por laços de afinidade, para levar boas mensagens. Não saia do trilho, para não descarrilar.

Houve breve pausa, enquanto refletia no que era dito por Sana Khan. Ele me olhava sorrindo sem parar. Parecia achar tudo engraçado. Deveria ser, de fato, para um ente que já tivera experiências tão diversas em tantas encarnações e possuidor da síntese dos conhecimentos. Reencontrar um discípulo meio desviado do caminho e ensinar-lhe

novamente lições já aprendidas, parecia ser entediante, porém não para Sana Khan, que se mostrava feliz em ver-me novamente ansioso por aprender.

--- Você se conhece, Beto? --- perguntou-me.

--- Um pouco.

--- Conhece seu passado, suas vidas anteriores, as experiências que te moldaram, como a água a dar forma aos rochedos, após milênios de choques?

--- Quase nada. --- respondi.

--- Mas você sabe que toda a sua vida espiritual está registrada em sua mente.

--- Sim, sei, mestre.

--- Basta que mergulhe dentro de sua mente e veja seus arquivos de memória. Isso requer apenas um esforço de concentração mental. A natureza fará o resto. Se o buscador está preparado, a natureza abre suas portas para o encontro do saber.

--- Gostaria de fazer uma regressão de memória até a minha origem, mestre, ainda que pule algumas encarnações e veja apenas relances de cada vida. Isso me daria uma visão incrível de quem sou eu e de minhas experiências, além da dimensão do meu endividamento cármico.

--- Vou auxiliá-lo. Vou despertar vibrações adormecidas, energias sonolentas, em seu cérebro extrafísico. Você sabe que tudo que os sentidos, sejam físicos ou não, captam, é registrado em compartimentos de nossa mente espiritual. Com o tempo e o repetido processo de reencarnação, com o esquecimento do passado, a memória vai adormecendo, produzindo uma espécie de cristalização dos registros, um rebaixamento e congelamento das energias que armazenam nossas experiências. Só por um grande esforço de vontade concentrada ou reforço energético poderoso de quem tenha poderes para emití-lo é capaz de ajudar no despertar da memória armazenada. Com infusão de energia radiante, vou romper os bloqueios do seu subconsciente, fazendo com que venham à tona registros milenares, que há muito você esqueceu e que não faz idéia de que tenha existido. Está preparado?

Pensei, cocei o queixo, como faria se estivesse em meu corpo físico e respondi:

--- Sim, mestre, estou pronto.

--- Então deite-se no gramado macio. --- disse docemente Sana Khan.

Deitei-me, percebendo que nem as melhores espumas terrenas eram tão macias. Sana Khan sentou próximo à minha cabeça, com as pernas cruzadas na posição de lotus, parecendo não desvincular-se de seu passado yogue e budista. Colocou a mão esquerda no joelho esquerdo, com a palma aberta para cima e com a mão direita, mais precisamente com o dedo médio, tocou-me a região que fica entre os supercílios, entre os olhos, na região do chackra frontal e da glândula pineal. Imediatamente após o toque, senti distanciamento da realidade. Não mais senti seu dedo ou sua presença próxima. Não sentia a grama ou meu corpo.

Ouvi apenas a voz de Sana Khan dizendo: "Você vai regredir lentamente, voltando no tempo, sempre para trás. Não se assuste, não se impressione e não tenha medo".

Cessou sua voz, ao mesmo tempo em que comecei a ver cenas de minha atual encarnação, como se alguém tivesse filmado meus momentos. A primeira imagem que tive, como se fora um filme projetado em minha mente, estando com os olhos fechados, foi de uma conversa com Gregório, estando ele sentado no sofá de minha casa e meu irmão e eu sentados no chão. Falávamos de Deus, dizendo: "Deus é a própria natureza", e completava: "Deus é a alma do universo". Dizia depois: "A palavra Universo significa Uni, ou Uno, e Verso. O Uno é o Absoluto, Deus, e o Verso são os muitos seres criados, emanções do Uno."

Prestava atenção às imagens de Gregório quando elas se transformaram em outra cena. Estava vestido com a farda do exército, verde oliva, de coturno, capacete, cantil na cintura e fuzil no ombro direito, descendo uma inclinação na forma chamada de rapel, com uma corda envolta em meu corpo. Saltava para longe da parede de barro, impulsionando com os pés na parede, descendo mais para baixo, e repetindo o processo até chegar ao chão. Reconheci aquele episódio, ocorrido durante uma instrução no Décimo Nono Batalhão de Caçadores (19º BC), quartel de infantaria existente em Salvador, onde algumas vezes fiz exercícios militares enquanto durou o serviço militar. Parecia um soldado, porém era muito jovem, possuindo dezessete anos.

A cena desapareceu, passando a ver em seguida o pátio do Colégio Militar de Salvador, com os alunos em forma, apresentando arma em continência à bandeira nacional. Vi-me, com cerca de treze anos, magrinho, vibrando com aquele ato solene. Senti respeito e veneração pela bandeira e pela Pátria. A bandeira tremulava no ar, impulsionada pelos ventos fortes. A imagem sumiu.

Dessa vez vi toda minha família na praça da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, tirando fotografia. Os meninos usavam camisa goleiro, de mangas compridas. Meus pais eram ainda muito jovens e eu contava apenas nove anos. Recordei das brincadeiras naquela praça, das pescarias de piabas no laguinho, com miolo de pão, para atraí-las para a superfície e saco plástico para aprisioná-las. Quantas foram mortas por mim, após algumas horas de vida em pirex de vidro com água do lago e pão! Morriam com a barriga inchada. Não entendia a causa, em minha ingenuidade infantil. Passei a ver-me a brincar com formigas e caracol no muro de uma casa onde morei, no bairro dos Dendezeiros, em Salvador. Tinha seis anos e adorava admirar aquelas filas de formigas carregando folhas e insetos mortos. Vi o quintal da casa, com o coqueiro repleto de cocos e lembrei-me das vezes em que, no meio da noite, ouvia o baque da queda de um coco e corria para apanhá-lo. A lei entre os irmãos na minha casa era: "Quem pegar é dono". E aí o coco virava uma saborosa cocada feita por minha mãe. Bons tempos, pensei. E a cena sumiu.

Vi uma rápida passagem em outra casa, em que possuía quatro anos e um irmão estava chorando, sendo levado por um homem que vendia maçãs. A empregada, para fazer com que não fugíssemos de casa, amedrontava-nos com estórias do homem da maçã que levava meninos para fazer sabão. Como meu irmão queria ir para a rua, ela mandou o homem levá-lo, só de brincadeira, e até a esquina apenas.

Passei a ver um quarto, onde dois garotos, um de dois anos e outro de três, brincavam com um quartel de brinquedo, com soldados, jippies e caminhões. Um era eu. O outro era meu irmão que é militar. Incrível emoção ver-se aos dois anos, não em fotografia, mas ao vivo, pois as imagens em regressão são verdadeiramente vivas.

Passei a ver-me no colo de uma jovem bonita, em uma praia de Olinda, em Pernambuco. Tinha cerca de um ano. Estava na praia com minha mãe e outros irmãos mais velhos. Fui colocado no chão e dei alguns passos, caindo sentado. Estava querendo andar. Não me recordava desse tempo. Nunca lembrei de Olinda. Só agora, depois de tantos anos, pude rever aquelas cenas, graças à regressão de memória.

Vi uma mulher grávida, sentada em um sofá, alisando a barriga, tendo perto de si outras três crianças. Fixei-me na barriga, sentindo que ali dentro estava eu, em formação. Senti-me mexendo dentro do líquido que há na bolsa fetal, meio encolhido. Estava praticamente inconsciente, dormindo.

Vi um parto, rápido, e uma criança chorando. Era eu que nascia, para esta vida atual.

O tempo recuou e, pela primeira vez na vida, de forma lúcida e consciente, passei a ver-me em outra encarnação. Deveria ter cerca de quarenta anos, era alto, louro, de olhos claros, forte. Estava chegando de avião em uma base militar, acompanhado de um jovem de cerca de trinta anos. Subimos em um jippie militar e saímos. Fora da base, fomos interceptados por dois carros, repletos de homens baixos e morenos, de cara enfezada, portando metralhadoras. Não reagimos, diante do aparato bélico ao nosso redor. Fomos colocados em um dos carros e levados para um edifício. Chegando ao prédio, subimos até o oitavo andar. Bateram à porta, que foi aberta, falando os homens uma língua que eu não entendia. Pensei serem eles coreanos ou vietnamitas, pela aparência. Entramos, não sendo bem recebidos, eu e o outro homem que estava comigo. Um grupo que jogava baralho, tendo percebido nossa chegada, quis agredir-nos, porém aqueles que nos capturaram não permitiram. Fomos para um terraço. Conversava com o rapaz que me acompanhava quando, de repente, senti, no presente, que ele era atualmente meu irmão caçula, Fernando. Os homens discutiam com alguém na varanda, parecendo negociar. De repente, um se virou para mim, que estava agachado com o outro rapaz, e disse algo que não entendi. Levantei-me e recebi uma coronhada de pistola automática na boca, fazendo-me virar para a parede, sentindo a boca cheia de sangue e sentindo seu gosto salgado. Tornei a virar para o meu agressor, percebendo que apontava a pistola para mim. Então, virei-me, tendo recebido dois tiros nas costas, próximo da coluna, na região torácica, no lado esquerdo, e caí no chão, com o rosto batendo nele. Pensei "finalmente vou conhecer a morte", porém em inglês, mas pude entender em português. Sentia fortes dores nas costas, ali caído, quando comecei a perder a consciência. Fui adormecendo, adormecendo, o sono da morte, enquanto ouvia a voz doce de Sana Khan dizer: "Esse é o caminho da violência que você trilhou e lhe deu tristezas e dores. Durma um pouco, pois a dor que você sente é aquela mesma que sentiu na época. "

Adormeci, deitado no gramado, enquanto chegava Rodolfo, atraído mentalmente por Sana Khan, para levar-me. Segurou-me por baixo, como quem pega uma criança, carregando-me, enquanto Sana Khan lhe falava:

--- Leve-o para casa. Deve estar um pouco abalado. Não é fácil reviver a própria morte, principalmente a última, tão recente. Vai sentir dores nas costas ao acordar. Porém se recordará de tudo que aqui viveu e assistiu. Aplique-lhe energias calmantes, antes de deixá-lo.

--- Sim, mestre. --- respondeu Rodolfo.

Rodolfo partiu, sumindo daquele vale, como a desintegrar-se no ar. Chegando à minha casa, em meu quarto, deitou-me na cama, aplicou-me energias por todo o corpo e disse-me:

--- Durma em paz, irmão. Amanhã virei buscá-lo.

E partiu, deixando-me a dormir. Despertei cedo, sentindo fortes pontadas exatamente no local dos disparos. Tive que sentar-me e massagear o local, sob pontadas que me faziam contorcer. Parecia recuperar-me de um tiro recente, nas costas. "Coincidentemente", em agosto de 1997 foi detectado através de exame de ressonância magnética que possui uma hérnia de disco na região do tórax. Reflexo, certamente, dos tiros que levei na última encarnação, pois o registro no corpo espiritual não desaparece tão rápido.

Repassava toda a experiência da noite anterior em minha mente, para que não fosse nada esquecido no futuro. Particularmente, o momento de minha última morte, na encarnação anterior, me impressionou. Jamais pensei que pudéssemos viver com tanta realidade aquilo já passado e esquecido. E, principalmente, sentir dores físicas vividas há tantos anos, em outro corpo físico.

De toda sorte, gostei da experiência de rever minha vida atual e outra vida anterior. Gostaria de ver mais sobre a última encarnação. Da próxima vez, estaria melhor preparado, para não me deixar tomar pelas emoções em momentos como o de minha morte por assassinato.

Levantei e vivi meu dia normal, cheio de reflexões e bons pensamentos. Leituras e palavras doces para com todos. Assim era eu, naqueles tempos de viagem astral e interior. E mais um dia se foi.

CAPÍTULO 6

Mais uma vez a noite caiu, enchendo a abóbada celeste de brilhantes estrelas, sóis distantes, de grandezas várias, quiçá fontes de luz e energia para inúmeros mundos habitados como o nosso.

O vento soprava suavemente pela janela do meu quarto, enquanto preparava-me, mais uma vez, para dormir, na visão do vulgo, do desconhecedor da vida extrafísica.

Para mim, o sono era o repouso, apenas, do corpo, que aproveitava para se recompor das batalhas diárias, em processos autônomos, sem necessidade de minha presença consciente. Fora dele, viajava pelo mundo astral, invisível para a maioria, não para os videntes e projetores, como também são conhecidos aqueles que se projetam astralmente além do corpo físico.

Após ler algumas páginas de um livro do yogue Ramacháraca, o Janna Yoga, ou Yoga da Sabedoria, deitei-me de costas, com as mãos e braços estirados ao longo do corpo. Fiz a respiração lenta durante alguns minutos, enquanto concentrava-me na saída do corpo. Veio o choque energético ou vibrações por todo o corpo, após o que flutuei acima da cama e levantei-me. Fiquei de pé ao lado da cama, sem ver ninguém por perto. Pensei que talvez fosse ainda cedo para Rodolfo e Marlene virem me buscar. Aproveitei para andar pelo corredor até a sala. Lá chegando, quis dar uma olhada na rua, aproximando-me da porta que dava para a varanda. Porém, ao tentar cruzar a linha que separa a porta da varanda, fui impedido por uma barreira invisível, porém bem presente. Era um autêntico campo de força, cujo processo não conhecia bem, porém já havia visto na copa, em demonstração de Marlene. Lembrei-me da proteção à minha casa e então desisti de tentar ver a rua.

Pensei no que faria enquanto esperava pelos dois recentes amigos. Enquanto pensava, ocorreu-me que poderia tentar chegar ao vale onde me encontrei com Sana Khan, sem auxílio, concentrando-me no local que já conhecia e por isso havia imagem registrada em minha mente, além de pensar firmemente no mestre.

Passei, então, a tentar a empreitada. Fixei o pensamento firme na pedra onde estava sentado Sana Khan, imaginando-a tal qual a vira na noite anterior. O efeito foi imediato, com o desaparecimento gradual da sala, seguida de momentos de visão turvada, entremeada e mesclada de luzes e cores, porém sem forma definida.

Passados alguns segundos, sem que desse um minuto de nosso tempo terreno, visualizei a pedra que havia imaginado na mente, além dos arredores de verde vegetação e coloridas flores silvestres. Porém, o mestre não se encontrava sentado na pedra. Olhei ao redor, procurando-o, sem encontrá-lo. Resolvi, então, sentar-me na pedra onde sentara na noite que passou e esperar pelo mestre.

Minutos após, ouvi uma voz dizer, atrás de mim:

--- Muito bem. Gostei de ver. É bom ter alunos aplicados e corajosos. A curiosidade, aliada à coragem, pode nos levar longe, principalmente quando a curiosidade é de cunho filosófico, científico, acompanhada de bons propósitos.

--- Mestre. --- disse, sem saber o que dizer.

--- Já sei, --- completou Sana Khan --- você voltou para completar a regressão ao seu passado adormecido.

--- Sim, mestre, é isso. Gostaria de continuar de onde paramos. Quero saber toda a minha história de vida, como ser imortal.

--- Pois não. --- disse o mestre --- Podemos retomar a viagem de onde paramos. Você está preparado para as surpresas que surgirão?

--- Acho que sim. --- respondi, e completei --- Depois da morte de ontem, nada mais vai me abalar.

O mestre sorriu, com um ar de chinês brincalhão, gozador, fazendo-me lembrar os zen-budistas, paradoxais, informais e irreverentes.

Sua barba rala e a cabeça raspada davam-lhe um ar de graça, com seus dentes brancos e olhos rasgados. Tão diferente era ele dos mestres yogues indianos, muito mais sérios e sisudos. Não que ele não fosse sério. Ele, decididamente, era sério, porém sorria o tempo todo. Talvez seja uma característica adquirida quando de sua última vida na China, no templo budista, ocasião também em que tive a oportunidade de desfrutar de seus conhecimentos, carinho e bom humor. Sana Khan parece aquele tipo de gente que nunca briga ou discute. Ouve sempre pacientemente o que os outros têm a dizer, para em seguida dizer algo, fazer uma gozação, dar um sorriso, porém tudo isso sempre acompanhado de respostas profundas e ensinamentos sábios e valiosos para a conquista da paz interior e felicidade.

Nisso, havia me virado, quando ele se aproximou, ficando assim de frente para ele.

--- Quer deitar-se? --- perguntou-me o mestre.

--- Claro. --- respondi, deitando-me no gramado macio e verde brilhante.

Sana Khan, como na noite anterior, sentou-se na posição de lotus ao meu lado. Colocou a mão direita na minha testa, mais precisamente o dedo médio, entre meus olhos, na altura do chackra frontal.

Fechei os olhos, relaxando minha mente, procurando nada pensar. Senti uma onda de energia penetrar em minha mente, fazendo despertar recordações há muito adormecidas e esquecidas.

Inicialmente, comecei vendo uma casa muito grande, em estilo americano, com vasto jardim ao seu redor. Sentados na grama, havia dois garotos, de cerca de sete e nove anos de idade, havendo duas bicicletas próximas a eles. Um tinha o cabelo liso, escorrido, comprido, com vasta franja e os olhos verdes. O outro tinha cabelos louros, mais curtos, partidos do lado e olhos castanho-claros. Percebi, ou melhor, senti, interiormente, que se tratavam de meus filhos na última encarnação e que aquela era nossa casa. Tentei imaginar o que acontecera a eles após a morte do pai em país distante, provavelmente na Coréia, após a Segunda Grande Guerra. Em meio a minhas elucubrações, passei a ver um casal deitado na cama, abraçados. A mulher era jovem, morena, de cabelos pretos curtos, tendo os dentes superiores um pouco salientes. Era um pouco magra. O homem era louro, forte, e tinha olhos claros. Estavam sorrindo e conversando abraçados. Pareciam alegres e muito felizes. Eu e minha esposa, foi o que registrei na mente, captando a vibração inconscientemente. Daí, a cena pulou, como montagem de pedaços de filmes, para um avião pequeno, voando no escuro. Estava dentro dele, com pára-quadras e parecia preparar-me para um salto livre, de grande altitude, mas no meio da noite. A porta foi aberta e saltei para o breu. Pulou a cena, para dentro de uma pequena sala, onde havia um grande cofre e uma mesa com quatro cadeiras. Estava fardado com uniforme alemão e estava acompanhado de outro homem, moreno, forte, também com farda alemã, segurando uma metralhadora. Abri o cofre rapidamente, não sei como, e passei a fotografar documentos com uma câmera fotográfica do tamanho de uma caixa de fósforos. Ouvi soar um alarme, fazendo-me apressar no que fazia, ao mesmo tempo em que dizia algo ao outro homem, em inglês, tendo entendido ser "Fomos descobertos. Vamos embora, depressa". Saímos da sala às pressas, andando por um

corredor estreito. Próximo da dobra do corredor, subindo a escada, vinham dois soldados alemães, que reconheci pela farda e capacete. Ambos estavam armados e ao nos verem gritaram algo em alemão, que não pude entender. O homem que me acompanhava rapidamente disparou a metralhadora em direção aos soldados, atingindo-os e fazendo-os cair ao chão. Passamos correndo por eles, descendo as escadas. Em outra dobra, mais dois soldados, tendo meu companheiro também atingido ambos, que tombaram aos gritos. O ruído da metralhadora era ensurdecedor. Ainda vi a rua em frente ao prédio do qual saímos, conseguindo fugir, não sabendo para onde estávamos indo, pois provavelmente estávamos ou em território alemão ou em país por eles ocupado.

Em seguida, vi-me vestido com o uniforme de gala da marinha americana, tendo no peito, no lado esquerdo, várias medalhas.

Percebi que fora oficial da marinha americana, tendo lutado na Segunda Guerra, porém em operações especiais, como agente do serviço secreto daquela Arma, a Marinha.

Ouvi, enquanto pensava, Sana Khan dizer: "Você era homem de ouro da marinha e seu nome ainda consta do Livro de Ouro da Marinha Americana. Seus dados ainda existem nos Estados Unidos. Talvez um dia você possa comprovar, o que seria interessante prova de reencarnação e sobrevivência da alma após a morte. Você era casado com uma agente que conheceu em uma missão especial, tendo se apaixonado por ela. Tiveram três filhos. Ela e dois filhos já desencarnaram, porém um ainda vive nos Estados Unidos. Vou levá-lo até ele um dia desses. Seu nome nessa vida era Robert".

Inacreditável, aquela descoberta. Encarnação tão recente, havendo ainda um filho vivo, mais velho que eu. O que será que sentiríamos, um diante do outro? Será que nos reconheceríamos pelos hábitos ou modo de falar? Pouco sabia de inglês, o que dificultaria as comunicações.

Pensava nisso tudo quando Sana Khan interrompeu-me, dizendo:

--- Vamos prosseguir.

Passei, então, a ver um homem de meia idade, de cavanhaque e cabelos pretos, sentado à mesa a escrever em folhas de papel, tendo grande quantidade de livros em uma estante atrás de si. Senti que era eu mesmo, e que era escritor. Ocorreram-me idéias negativistas e materialistas à mente, coisas que tiravam a esperança das pessoas. Era o que escrevia, na França, em 1860.

Em seguida, vi um homem moreno, magro, de bigode, vestindo uma túnica preta por cima de um terno azul, em meio a um tribunal, defendendo um acusado de crime hediondo, com grande eloquência e habilidade. Conseguiu absolver o réu, munido de palavras fáceis e a ganância dos honorários, insensível aos familiares da vítima, que choravam diante da injustiça que estava sendo cometida. Percebi que se tratava de um advogado, que era eu mesmo, a mesma individualidade, porém em outro corpo, com personalidade diferenciada da minha atual. Vi-me em um escritório no Méier, no Rio de Janeiro, onde uma bela mulher me consultava e me chamava de Dr. Mário. Era um mercenário, aviltando a Justiça por causa do vil metal. Mais um na multidão. "Que compromisso diante da lei!", pensei.

Depois, vi um porão cheio de papel e livros, máquinas tipográficas e homens, a maioria jovens. Imprimiam panfletos e discutiam o que identifiquei por assuntos ligados à Revolução Francesa de 1789. Vi-me, jovem, discutindo com avidez, cheio de idéias e corajoso. Em seguida vi uma multidão na rua, lutando, estando no meio dela o jovem revolucionário que eu era, naqueles tempos. Depois, vi-me trancafiado em cela úmida, sem cobertas, colchões ou cadeira, ao lado de outro homem, que senti ser um filósofo revolucionário. Meu nome era Alan, tendo participado ativamente da Revolução Francesa, e

morrido por meus ideais, em prisão construída por Robespierre, a quem conhecera antes de assumir o poder.

Vi, depois, um mulato, em um engenho de açúcar, na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, a bater com o chicote em um escravo negro, que havia fugido e sido recapturado. A cena seguinte foi a de um garotinho, mulato, na cozinha da casa da fazenda, segurando a saia da mãe, uma negra escrava. Ocorreu-me que era seu filho aquele garoto, eu, e que o pai era o filho do senhor do Engenho. Vi um preto velho sentado, fumando cigarro de palha, dentro de uma pequena cabana de palha, estando eu, o filho da escrava, à sua frente, sentado, e a desabafar, dizendo que não sabia se era negro ou branco, e que isso era confuso.

Ouvi Sana Khan dizer: "Devido a compromissos assumidos em vidas anteriores, precisou nascer escravo, sem identidade racial, para que sentisse na pele as agruras do conflito racial e da falta de liberdade. Depois, veio revolucionário, lutando contra a escravidão, o que demonstra que a lição foi aprendida. Porém, o que fez como advogado ainda está por ser resgatado nesta vida atual".

"Nesta vida?", pensei. Puxa, nunca tive vocação para o Direito, nem para a advocacia. Ademais, era tão tímido.

"O mundo dá voltas. As pessoas mudam, meu filho. Espere", disse Sana Khan suavemente.

Passsei a ver um padre, a quem uma freira chamava de irmão Rogério, interrogando com severidade e sem cortesia uma mulher jovem. Logo percebi tratar-se de um inquisidor, em 1613, na Espanha. Condenei a jovem à morte, por bruxaria, e a vi ser decapitada, o que me causou grande perturbação e angústia.

"Calma, você ainda não viu nada!!!", disse Sana Khan.

Vi, em seguida, um homem vestido de veludo azul, muito elegante, montado em um lindo cavalo negro, cheio de enfeites, a galopar próximo a um imenso castelo. Idade Média, Inglaterra. Percebi uma jovem linda, escondida atrás de um arbusto de pequeno porte, à espera do amante. O homem, na verdade eu mesmo, aproximou-se, desceu do cavalo, abraçou e beijou com paixão a jovem, que correspondia na mesma intensidade o amplexo e o ósculo. Percebi que ela era casada e estava a trair o marido com o cavalheiro aveludado.

Ouvi, mais uma vez, a voz de Sana Khan, dizendo: "Seu ponto fraco e a causa de sua queda, sempre e sempre. Até quando, meu filho? Ainda não cansaste? Não compreendeste ainda a ilusão das belas formas, sem correspondente beleza interna?"

A cena mudou, passando a ver uma praia e uma fortificação em rochedo alto. Havia tropas correndo e atirando na praia e na fortificação, canhões estrondavam e faziam fogo e fumaça. Mortos por todo o lado. Dentro do forte, estava eu, um homem de meia idade, moreno, de bigode, com roupas que pareciam ser de espanhóis, aprisionado em uma cela, tendo do lado de fora um forte homem de bigode, a xingar e ameaçar. Parecia querer tirar alguma informação. Percebi que eu era espião e havia sido preso, antes do ataque das forças do meu lado. Não vi como, consegui escapolar, correndo por cima dos telhados das casas que havia dentro do forte.

Vi um homem montado em um camelo, correndo, com lança comprida e de ponta afiada, em uma batalha no deserto, em meio a tantos homens e camelos.

Mudando o cenário, vi aquele jovem discípulo em mosteiro budista, na China, ladeado pelo mestre Sana Khan, os quais já vira na noite anterior, conversando animadamente sobre temas filosóficos.

Recuando ainda mais, o grupo de yogues indianos, quando aprendi as técnicas de yoga e meditação, tendo em seguida descido das montanhas para pregar nas aldeias.

Passei a ver um homem espionando na velha Rússia, para as autoridades que detinham o poder. Depois vi um místico islamita, de cabeça coberta e vela acesa nas mãos, orando em um mosteiro isolado nas montanhas.

Vi um homem entrar pela porta de uma casa pequena, moreno, alto, de cabelos compridos, pretos, partidos no meio, roupa branca, comprida, olhos claros e tive a clara intuição de que era Jesus, na Galiléia. Estava eu dentro da casa, entre outras pessoas, a esperá-lo. Eu era judeu, porém desejoso de conhecer o mestre Galileu. Depois que ele entrou, o vi de perfil, percebendo sua pele fina, moreno-claro e barbas de fios lisos, compridos e retos. Seu nariz não era muito comprido. Seus modos eram suaves. Eu era jovem e impressionado, e converti-me ao Cristianismo, passando a seguir os ensinamentos daquele homem que pregava o amor e perdão aos inimigos. Ainda o vi montado num jumento em meio à multidão, por um caminho que levava a uma cidade.

Mudaram as imagens, passando à Grécia. Estava em uma casa grande, repleta de homens e jovens, que discutiam acerca da origem do universo. Ouvia explicações do mestre que discorria a respeito de como os átomos dão forma e corpo às coisas que conhecemos, no universo percebido pelos sentidos do corpo. Havia uma jovem próximo de mim, sendo eu também jovem, de cabelos castanho-claros, encaracolados, e túnica curta, colorida. Percebi que éramos amigos, reconhecendo a moça como atual amiga, Acácia. Ainda pude ver-nos a correr e brincar pelos campos de trigo da Grécia, quando puxava seus cachos encaracolados.

Passei a ver um templo no antigo Egito, onde se encontrava um grupo de negros altos e fortes, que tinham conquistado, com suas espadas e lanças, o Egito. Entre os negros, senti afinidade energética com um e imediatamente o filme deu um close nele, vendo-o mais de perto e confirmando ser também encarnação minha no passado, dentre tantas que acabava de ver e outras ainda desconhecidas.

Repentinamente, vi-me em um navio, lutando ferozmente com grande quantidade de homens, que me pareceram piratas. Empunhava uma espada curta, que mais se assemelhava a um facão ou adaga, com a qual disferia golpes, freneticamente, em todo aquele que passasse por perto. A cena me chocou. Jamais me imaginei tão violento e animalizado.

Em seguida, vi-me descendo uma serra, acompanhado por um homem, que senti ser meu amigo, vendo, ao longe, uma montanha com o topo coberto de neve e acima um grande sol vermelho. Pensei no Japão. Meu acompanhante viu um grupo de mulheres e gritou: "mulheres", tendo ambos descido em desabalada carreira até o encontro com as mulheres. Então, vi cenas de sexo como nunca vira antes, tão animalizados que éramos, nós e as mulheres. Após, sentamo-nos à beira de um regato, conversando e lavando a boca, após a orgia.

"Você melhorou", disse Sana Khan. "Já foi bem mais animal do que é hoje". Senti que ele sorria, pelo tom de voz, não vendo seu rosto. Também não conseguia me sentir daquele jeito. Como nós mudamos de uma vida para a outra e ao longo da cadeia de renascimento, até um maior aperfeiçoamento e depuração moral. A cada vida um pouco melhor, com menos defeitos e mais virtudes. Para cada crime, um resgate, pela dor ou pelo trabalho.

Em seguida, vi várias encarnações como bárbaro, com roupas de pele de animal, montado em cavalo sem cela, em batalhas sanguinolentas. Templos religiosos antiquíssimos, com cenas de sexo mesclada com rituais, envolvendo sacerdotes e sacerdotisas. Vi muitas cenas chocantes que se projetavam à minha frente, sem parar, em sessão de cinema real, a minha história de vida, não apenas de uma, mas várias. Então a projeção parou, tendo Sana Khan dito:

--- Chega. Já viu o bastante por hoje. Não conseguirá registrar no cérebro físico nem a metade do que viu. Ficarão fragmentos. São muitas vidas. Você teve milhares de encarnações na Terra. Impossível ver todas em pouco tempo. É apenas para ter uma idéia do que já foi e fez por aí. Se aprendeu coisas boas com pensadores e místicos em umas vidas, fez guerras e destruiu em muitas outras. Quando você não esteve metido com religião, filosofia e misticismo, esteve às voltas com militarismo, guerras, revoluções e sexo desvairado. Você é um ser estranho, misto de guerra e paz, belicosidade e pacifismo, amor e violência. Você não estabilizou ainda as conquistas do saber, vivendo em permanente oscilação entre o uso da força e a força do saber e do amor.

Abri os olhos e sentei-me ao lado do mestre, admirando-o e escutando-o.

--- Perdeste muito tempo com guerras e sexo desvairado. Terás que esforçar-se muito, se quiseres retomar a caminhada abandonada há alguns séculos, para que possas trabalhar conosco, como cabeça-de-ponte na Terra. Estás indo bem. Se não desencaminhares novamente, vai dar um bom trabalhador. Medite no que viu hoje. Vá e volte amanhã, sozinho. Muita paz.

CAPÍTULO 7

Não tive dificuldades em retornar para casa, pois não é difícil. Basta pensar firmemente no corpo e então somos imediata e irresistivelmente atraídos para ele, como a limalha de ferro pelo ímã. O retorno é sempre mais fácil do que a saída.

Voltando, adentrei meu invólucro de músculos, ossos e nervos, demorando ainda algum tempo dormindo, sem consciência vigílica, até ao amanhecer.

O dia foi tranqüilo, com aulas na faculdade, yoga em casa, com música clássica, frutas e cereais integrais, além de boa leitura.

À tarde, meditava sobre as regressões de memória realizadas nas duas noites anteriores.

Como nós somos limitados, achando que apenas possuímos uma vida, na qual aprendemos algumas coisas, temos umas poucas experiências e morremos em seguida, para nada mais existir. Pensamos que a vida começa no berço e termina no túmulo, quando, na verdade, como seres imortais e conscientes, já vivíamos muito antes desta atual existência, e continuaremos vivos e atuantes após o trespasse, ou a morte, como costumamos chamar. Porém, na verdade, esta não existe, posto que o que chamamos de morte, nada mais é do que uma mudança de mundo sem mudança de personalidade. Quando morremos, quando deixamos o corpo definitivamente, porque este não mais oferece condições de habitabilidade, continuamos tal qual éramos antes do desligamento energético. Não há mudança brusca na nossa personalidade, após a morte. Mudança há, com certeza, quanto às crenças e idéias sobre a morte. Quando descobrimos que morremos, porém continuamos vivos, há uma revolução de idéias em nossa mente.

Passo a passo, encarnação a encarnação, o ser cresce em saber e inteligência, e dessa maneira vai evoluindo. Em cada vida, mais experiência. Após cada morte, um renascer físico e mental. O espírito se transforma com o tempo, como os rochedos açoitados pelos ventos e lapidados pelas águas do mar.

Recordava minha última existência física, como americano, e percebia o quanto ainda parecia com aquele Robert. Não havia mudado tanto assim. Vira e mexe ainda me assolam idéias de luta e uso da força. Somente há alguns meses comecei a mudar, através de leituras e reflexões, não sabendo se se estabilizaram as idéias novas em meu íntimo. O processo de automatização das conquistas morais é lento, requerendo, às vezes, longos anos ou mesmo séculos.

Meditava em meu passado e minhas idéias para o futuro quando a noite chegou, e tive vontade de prosseguir em minha viagem interior, dessa vez indo, se possível, até a minha origem como ser humano. Teoricamente, sabia, era possível. Porém, não conhecia qualquer pessoa que o tivesse conseguido. Talvez com a ajuda de Sana Khan conseguisse.

Deitei-me, relaxei, orei pela paz do mundo e dos seres que ainda sofrem por ignorância das leis universais, e adormeci, corporalmente, porém mantendo a mente lúcida.

Saí do corpo e, em meu corpo leve, chamado de astral por uns e perispírito por outros, alcei vôo, até alcançar o vale onde se encontrava Sana Khan, o mestre mais irreverente que conhecera.

Chegando próximo da pedra em que se encontrava o mestre, ouvi-o dizer:

--- Vejo que aprendeu definitivamente o caminho. Não precisa mais de babá. Posso deslocar Marlene e Rodolfo para outras tarefas nas esferas mais densas de energia.

--- Sinto-me feliz em vê-lo novamente, mestre. --- disse com alegria, e completei --- Não foi difícil a viagem. Basta, de fato, um esforço de concentração, o que tenho exercitado ultimamente com a Raja Yoga.

--- Isso é bom, meu filho. ---- disse Sana Khan, em tom terno e paternal --- Você terá pouco tempo comigo para aprender certas coisas e experimentar outras. Não poderei demorar muito neste plano, que ainda é de energia condensada para mim. Causa-me um certo sofrimento, o fato de ter rebaixado minhas vibrações internas para materializar-me nesta dimensão energética.

--- Sinto muito, mestre, por ter lhe causado este sofrimento. --- disse, com sentimento.

--- Não sinta, meu filho, fiz com prazer, por você e por outros discípulos que tenho encontrado, de outros países, que vêm ter comigo em horários variados. São muitos e estão espalhados por todo o planeta. Estamos articulando um plano de trabalho de auxílio à humanidade. Espero que você se encaixe nele, no Brasil.

--- Também espero, mestre. Farei o possível para ajudar. Não sei se estou à altura.

--- Mais tarde você saberá do que se trata.

--- Mestre, --- disse com calma --- gostaria de continuar a regressão. Quero conhecer-me profundamente, e sinto que sem conhecer todo o meu passado existencial, não apenas humano, mas anterior a essa etapa da vida do ser, não terei conhecido completamente a mim mesmo.

Sana Khan olhava-me com atenção e desvelo, atento a meus anseios. Compreendendo minhas preocupações, e com o cuidado de um pai, disse:

--- Meu filho, você já está despertando zonas antes congeladas, cristalizadas, de sua memória. Os registros de suas experiências virão sem dificuldade ao consciente, ficando aí registradas, não mais sendo esquecidos. Hoje veremos o início de sua evolução como homem e ainda passagens pelos reinos animal, vegetal e mineral. Se possível, vou ajudá-lo a chegar à sua origem como ser individual.

Escutava-o com atenção, ávido por iniciar a volta ao passado desconhecido. Então disse ao mestre:

--- Estou pronto, mestre. Quando quiser começar...

--- A hora que você quiser. --- disse Sana Khan.

Deitei-me no gramado, como doutras vezes. E ele se sentou ao meu lado, colocando a mão na posição adequada, na minha testa.

Logo comecei a ver formar-se em minha mente uma tela sem limites de dimensão, sem perceber a distância dela para mim. Parecia filme em terceira dimensão, ou mais que isso, tinha a impressão de estar dentro do cenário, porém sem dele participar, sendo mero espectador.

Sana Khan, percebendo meus pensamentos, disse, esclarecendo-me:

--- Há, basicamente, três tipos de regressão de memória. Uma é aquela em que você vê como numa tela, fora de você, com percepção de distância das cenas. Outra, é aquela em que você se sente dentro da cena, vendo tudo em tridimensionalidade, sem sentir o que sente os participantes da cena. E a terceira é aquela chamada de regressão de identificação, na qual você é o agente novamente, sentindo tudo aquilo que sentiu na existência objeto de recordação. Você não se vê, mas age, vendo apenas outras pessoas ou paisagens. Pode ver sua perna ou braços, porém não o rosto, a não ser que se olhe num espelho. É a recordação viva das vivências passadas. É a mais real forma de regressão de memória, porém mais

difícil de ser feita, e a que mais assusta aqueles que não têm preparo para realizá-la. Pode criar traumas em quem a realiza, se não for bem conduzido e orientado.

--- Mestre, como acontece a regressão? --- perguntei.

--- Ativo, por meio de minhas energias sutis, as zonas de armazenamento de memória de seu corpo causal, onde ficam guardadas as experiências que vive. Os registros dos sentidos de cada corpo que já habitastes, em tantas vidas, em tantas raças e países, vão sendo depositadas e armazenadas no cérebro de seu corpo causal, um corpo mais sutil que o mental e o astral. Ocorre, então, um processo de sedimentação em camadas, de cada vida, que vai sendo abafada com o depósito de novos registros, e com o esquecimento do passado, que ocorre a cada renascimento, ou reencarnação. Limito-me a ativar as moléculas e átomos do seu corpo causal, camada por camada, para que saia do processo de cristalização atômica e sejam rememoradas as experiências. Depois do despertar completo, poderá rever qualquer vida passada, sem dificuldades, e algumas lembranças aflorarão em sua mente consciente mesmo sem a sua invocação. Sonhos reais irão surgir, dia a dia. Terá que estar preparado para aceitá-los, compreendê-los e conviver com eles, sem desequilibrar-se. Do contrário, serei forçado a congelar novamente essas zonas que ora ajudo a despertar para a atividade. Temos que ter a noção exata de quanto e quando podemos abrir e também quando temos obrigação de fechar as comportas da memória, sob pena de violarmos leis sábias, que visam tão-somente a elevação espiritual do homem.

Depois de interessantes esclarecimentos, ainda quis saber mais a respeito de algo intrigante e fonte de dúvidas e ataques dos que combatem e não aceitam a teoria da reencarnação. Aproveitei para perguntar a Sana Khan:

--- Mestre, por que quando reencarnamos esquecemos o passado, as vidas anteriores?

--- Para a proteção da nova personalidade. --- respondeu e aditou --- Os seres, em início de evolução humana, não possuem estrutura e maturidade psíquica para conviverem com as lembranças das vidas passadas. Não agüentariam conviver com a memória dos crimes cometidos, nem a visão de suas vítimas. Isso desequilibraria e atormentaria aqueles que não compreendem profundamente os processos reencarnatórios, bem como as necessidades cármicas. E além disso, meu filho, em cada vida nós desenvolvemos novas qualidades, aprendemos novos ofícios, novas artes e ciências, fazendo-se necessário, muitas vezes, esquecer-se o aprendizado do passado para que se penetre em outro caminho do saber.

--- Mas, mestre, --- indaguei, curioso --- não há perda de conhecimento no esquecimento do passado?

--- Não, meu filho. --- respondeu Sana Khan, completando --- As conquistas são eternas. O que se adquire em termos de saber, ciência, bem como as aquisições morais, éticas, do Espírito, não se perdem jamais. Ainda que você não se recorde no consciente presente, ou seja, que não se lembre de que sabe algo, esse conhecimento retido no subconsciente do Espírito aflora em forma de intuição, dom, aptidão, qualidade ou maneira de ser inato. Por exemplo, se você na última encarnação aprendeu a andar de bicicleta e o fazia bem, nesta atual existência terá facilidade em aprender essa arte, pois, na verdade, está apenas recordando o que sabia. Será fácil montar numa bicicleta, se você já o fez em outra vida.

--- Tem razão, mestre. --- disse --- Aprendi a andar de bicicleta aos nove anos de idade. Montei em uma bicicleta grande para mim, sendo empurrado por minha irmã.

Quando ela soltou a bicicleta, estava andando com equilíbrio, pedalando, inclusive, sem grande dificuldade, e foi a primeira vez.

--- Exatamente como expliquei. --- disse Sana Khan --- Isto se dá graças à técnica dos automatismos e o princípio do utilitarismo universal. Quando repetimos inúmeras vezes uma experiência, a técnica, a ciência e modo de agir se automatizam, não sendo mais preciso que nosso consciente participe da experiência. O subconsciente age, realizando a tarefa, de forma automática, poupando esforço e energia ao consciente, além de liberá-lo para outras tarefas mais importantes e urgentes que dele necessita mais. Além disso, no esforço da evolução do ser, tudo que é adquirido é conservado, principalmente aquilo que mais nos faz crescer. Tudo que é útil é aproveitado, nada se perdendo. O utilitarismo rege a nossa evolução. Assim, as conquistas de uma encarnação nos acompanham nas seguintes, como dons, por exemplo, a nos facilitar a recordação do que já sabemos. Nunca recomeçamos em um novo corpo como um papel em branco, ou, se o fazemos, pode ver que há marcas fortes no papel, sinal de que algo foi apagado, porém, uma perícia constatará o seu conteúdo e talvez passando um lápis por cima, descobramos o que havia escrito. Sempre fica algo.

--- É interessante. O instinto dos animais também funciona assim, Mestre? --- perguntei.

--- Sim. Ao longo de milhões de anos os seres, evoluindo em contato íntimo com a matéria, aprenderam muitas coisas úteis, em verdadeira arte de sobrevivência. A repetição de atitudes e ações se automatizaram, nascendo o que chamamos de instinto animal. O mais presente e visível é o de sobrevivência ou auto-preservação. A vida se defende, quando ameaçada. Mesmo os homens possuem esse automatismo, pois foram animais há bem pouco tempo, e você verá isso em breve, em você mesmo. Somente os homens evoluídos, que já dominaram seus instintos animais, superando-se, são capazes de desobedecerem ou contestarem os impulsos de sobrevivência, não reagindo ao serem atacados, não respondendo agressivamente a uma violência física. Poucos podem dar a outra face ao apanharem em uma. O instinto impulsiona o revide, de imediato. Porém, domado o impulso interno do animal, pela vontade e o saber, a razão e o consciente superam a fase animal, passando a comandar a evolução do homem, ou do Espírito em fase humana.

--- Mestre, obrigado pelas explicações.

--- Não fui obrigado. --- respondeu, pilheriando, Sana Khan, acrescentando --- É bom esclarecer esses pontos antes de prosseguirmos adiante.

--- Podemos continuar? --- perguntei.

--- Claro. Você quer sentir-se como animal novamente?

--- Sim, gostaria.

--- Só não vá me morder!? --- novamente brincou o mestre.

--- Deito na grama?

--- Sim, é bom. Assim não cairá caso se assuste. --- respondeu o mestre, sempre brincando comigo.

Deitei-me na grama macia e o mestre junto de mim, de pernas cruzadas. Colocou a mão direita na minha testa, após fechar os olhos e concentrar-se, o que fiz também. Senti, então, forte energia penetrar a região do meu cérebro, perispiritual ou astral, é claro, pois o físico estava na dimensão material, na minha cama.

Iniciei, então, a ver uma tela se formar na minha frente. Primeiro surgiu a imagem de um guerreiro vestido com peles de animal, segurando enorme espada e escudo de metal, além de possuir capacete na cabeça. Era um combate entre dois grupos rivais. A luta era feroz, e o guerreiro, que reconheci como sendo eu mesmo, lutava de forma incansável,

abatendo vários adversários. Gritavam e falavam linguagem irreconhecível para mim no presente. Senti raiva no guerreiro e vontade de matar a todos os inimigos. A cena desvaneceu-se, passando a ver uma tribo indígena, de homens de pele avermelhada, vestindo peles de animais. Havia cabanas de pele e paus. Vi um homem afastado da aldeia, segurando uma espécie de chocalho, balançando-o e dançando próximo a uma pedra, tendo perto de si dois velhos, a esperar, ao que parecia, por alguma resposta à consulta feita. Vi, então, que surgia perto do feiticeiro - foi como me senti - um outro índio, só que não era visto pelos dois velhos, mas apenas pelo feiticeiro, que possuía a faculdade da vidência. Ele via e ouvia o Espírito que invocara e obteve resposta para as consultas que lhe fizeram, em seguida transmitindo aos consulentes. Não conhecia essa passagem de minha vida espiritual.

Em seguida, vi um grupo de homens meio peludos, cobertos de toscas vestes de pele de animal, quase que jogadas sobre o corpo, sem serem costuradas, carregando lanças de madeira e pedra lascada atada com cipós na ponta. Cercavam um animal a fim de caçá-lo. Tinham cabelos compridos e barba, e expressões grosseiras. Verdadeiros homens das cavernas, fazendo-me recordar os homens de Neandertal.

Passsei a visualizar um bando de homens, eretos, porém sem roupas, mas peludos, de cabeça puxada para trás, testa pequena e inclinada, queixo saliente, barbas e boca grandes. O nariz era pequeno e chato. Era um bando de hominóides. Pareciam com o Ramapithecus, possível elo da cadeia evolutiva entre o animal e o homem.

Enquanto observava o bando a caminhar pela relva, notei que havia um tronco de árvore em chamas, talvez atingido por um raio. Eles se aproximaram e começaram a admirar o fogo, aproximando suas mãos do fogo para logo em seguida puxá-las aos gritos. Seus olhos expressivos fitavam curiosos as chamas que ardiam. "O que se passava em suas mentes primitivas?" Pensava nisso quando vi um deles pegar um galho em chamas e aproximá-lo do rosto. Remexia a cabeça para um lado e para outro. Senti que ele era eu, em passado longínquo, primitivo, em início da evolução humana, na verdade muito mais próximo do animal do que aquilo que hoje consideramos homem. A cena mudou, passando a ver-me, aquele mesmo hominóide, deitado e recostado numa pedra, a afagar todo o seu corpo, passando a mão na barriga, pernas, peito, rosto, e, repentinamente, rolou uma lágrima de seus olhos. Incrível recordação! Suas, ou minhas feições, eram animais, semelhantes às de um gorila, mas não tão semelhantes, pois também havia algo de humano em suas expressões, notadamente no olhar e gesticular das mãos. Um animal não chora. Senti dentro de mim que naquele momento descobri-me como ego, como "eu", como individualidade. Descobri a ego-consciência, ou a eu-consciência, ou ainda a autoconsciência, como diz a Teosofia. O animal sabe, mas só o homem sabe que sabe, por possuir a autoconsciência. Esse é o momento decisivo e limítrofe entre os reinos animal e humano. Com o despertar da autoconsciência surge propriamente a razão e a fase racional da evolução. O animal se torna homem, porém sem solução de continuidade entre as fases evolutivas, que se sucedem como a adolescência sucede a infância e a juventude àquela, depois chegando a maturidade e a velhice. E em cada fase o ser é novo, diferente, tendo mudado a forma de agir e de pensar, as idéias, conceitos, sonhos e planos, sem, contudo, deixar de ser a mesma individualidade.

--- Exato. --- disse Sana Khan, captando meus pensamentos --- E assim como o adolescente é diferente do bebê, o jovem do adolescente, e o velho do jovem, o Espírito muda ao passar pelas várias fases evolutivas, sem perder o seu centro, o seu elo com a sua origem, que é a sua individualidade. Você compreenderá melhor quando viver a sua origem.

Ouvia as suas explicações enquanto admirava a mim mesmo em meu ponto de mutação do animal para o homem. Ali deixei de ser animal, apesar de continuar por bom

tempo, em várias encarnações, a andar nu e ter aquela aparência. A evolução que tirou os pelos e amenizou e suavizou as expressões faciais grotescas do homem primitivo levou milhões de anos. Não deixamos de ser símio para tornarmo-nos humanos, de pele lisa, da noite para o dia. Ainda hoje há homens cobertos de pelos e de feições animalizadas, como a lembrar à humanidade a sua origem e elo de ligação com o reino animal.

Passei a me sentir pendurado em um galho de árvore, a passar de um para outro, em verdadeira regressão de identificação. Não via a mim mesmo, mas era eu mesmo que estava na árvore, pendurado, a olhar para a frente, vendo os galhos e o capim embaixo. Não pensava, apenas agia de acordo com meus impulsos interiores, simples e práticos. Não falava, apenas emitia sons simples, como um macaco. Foi assim que me senti, como um macaco, um símio, talvez diferente das espécies hoje conhecidas, porém semelhante em sua maneira de andar pelas árvores. Sentia-me animal. Nada possuía de humano. Sequer pensava como "eu" ou ego. Era como se apenas agisse, sem ter consciência do porque agia. Acredito que os animais vivam assim.

Mudou a imagem, passando a ver um vale montanhoso, com um vulcão ao fundo, algumas árvores baixas e vários regatos cortando a paisagem. Senti que estava caminhando pelo chão do vale, carregando enorme peso sobre as pernas, ou patas. Era grande - tinha esta sensação - e pesado, porém não me via. Tinha quatro pernas e um rabo comprido a arrastar-se pelo chão. Não pensava, só andava, arrastando todo o meu peso enorme. Abria a boca, de vez em quando, emitindo um som que me fez sentir um pouco de medo, e desejar parar de ver além.

Sana Khan percebeu meu assombro, retirando a mão de minha testa, o que fez desaparecer a tela e as imagens.

--- Obrigado, mestre. --- disse.

--- Por que o medo? --- perguntou-me.

--- Não sei, talvez nunca tenha pensado ter sido um animal de tamanho acentuado, talvez um réptil, um dinossauro. O grunhido era horrível, mestre.

Sana Khan sorriu e disse:

--- É, tanto tempo depois rever-se como um dinossauro pode ser assustador! Imagine se você visse uma luta sua com outro lagarto gigante, sentindo as mordidas e dilaceração da carne, com a conseqüente dor. Você não suportaria, se a regressão fosse de identificação. Por isso a natureza é sábia, adormecendo essas lembranças à medida em que evoluímos. Já pensou se as pessoas vivessem se lembrando dessa época a todo instante, vendo-se como animais altamente agressivos e sanguinolentos, a atacar outros seres e devorá-los? Os hospícios andariam mais cheios do que já estão, com as pessoas vendo Espíritos e achando que estão loucas, porque a sociedade assim entende.

--- É, mestre, não é bom lembrar certas passagens, por certo. Estamos hoje muito longe daqueles tempos e em nada nos ajudaria a crescer a lembrança dos rudes experimentos primitivos das formas animais, ainda mais porque desprovidos de raciocínio e pensamento articulado. Somente sensações e satisfação das necessidades físicas.

--- Vamos deixar a continuação, nos demais reinos, para amanhã. Volte e fixe no cérebro físico tudo o que viu, para no futuro contar em escritos.

--- O quê, mestre? --- perguntei, sem entender o que dissera Sana Khan.

--- Nada. Volte e acorde. Muita paz. E até amanhã.

--- Até amanhã, mestre. Muita paz.

Concentrei-me em meu quarto e logo estava nele, vendo meu corpo a dormir tranqüilamente. Olhei-o, cheguei perto, percebi a respiração suave pelo nariz e integrei-me à

sua estrutura fisiológica e orgânica, deixando de perceber a outra dimensão, devido à mudança de faixa vibratória. No corpo, geralmente o Espírito vê, ouve e percebe via sentidos físicos respectivos, não tendo percepção da dimensão astral ou espiritual.

Agora me expressava pelo cérebro físico, principalmente o que fazia com que tivesse maiores limites do que quando em liberdade no outro plano invisível.

Sem perceber a mudança, já estava pensando, utilizando o cérebro carnal. Abri os olhos, vi o teto do meu quarto e as paredes. Sorri e comecei a pensar na experiência maravilhosa, sem que tivesse ocorrido quebra de consciência e solução de sua continuidade, estando ainda lúcido, tanto quanto estava na companhia de Sana Khan, em lembranças das eras remotas em que era animal.

Após alguns minutos, adormeci.

CAPÍTULO 8

Nove de setembro de 1978. O dia transcorreu calmo e sem problemas. Realizei exercícios respiratórios durante meia hora, pela manhã e pela noite. Alimentei-me frugalmente, meditei e li trechos de um livro da Sociedade Teosófica.

Por volta das dez horas da noite, deitei-me e iniciei o processo de desdobramento, com relaxamento, respiração lenta e compassada e a concentração da mente. Saí facilmente, pois já estava dominando o processo. Pensei firmemente no vale onde sempre encontrava Sana Khan. Assim, logo me vi diante do mestre, que estava a meditar, sentado na pedra onde o encontrei pela primeira vez.

--- Parabéns. --- recebeu-me Sana Khan, com um sorriso fortificante.

Percebi, então, que se tratava de meu aniversário, tendo esquecido dele, quase por completo. Sorri e disse:

--- Obrigado, mestre. Vim continuar meu mergulho nas profundezas da minha alma.

--- Bom, muito bom, Beto. É a melhor coisa que se pode fazer, a fim de se conhecer melhor e ao Universo. Introverter-se é verter-se seguindo para o interior do próprio ser, mergulhando no microcosmo para encontrar o Macrocosmo e a causa do Universo dentro de si mesmo.

Ouvi com atenção, concordando com sua explanação e também falei algo:

--- Mestre, é interessante como as pessoas buscam suas origens, as causas do Universo, da vida e a Deus fora de seu ser. Não compreendem que a busca deve ser interna.

--- Exato. --- aparteou Sana Khan. --- A verdadeira meditação deve levar o ser meditante ao encontro com o UNO, com o Absoluto, com Deus. E a Yoga é a união do Criador com a criatura. A busca interna nos leva pelos caminhos da regressão de memória, percorrendo os diversos reinos pelos quais passamos, rememorando experiências vividas, até chegarmos à nossa origem. E é isso que hoje faremos. Como presente de aniversário, ajudo-lo-ei a ter um encontro com a Consciência Cósmica, base do Universo, sem a qual ele não existiria.

Fiquei excitado só com a idéia. Ter um encontro com aquilo que questionava há alguns anos... Como seria a consciência cósmica? Igual a nossa?

--- E então, está preparado? --- perguntou-me Sana Khan.

--- Sim, quando quiser começar...

--- Deite-se na relva. Feche os olhos, relaxe sua mente. Não se sinta excitado. Deixe fluir sua memória que será despertada.

--- Sim, mestre.

Sana Khan direcionou sua mão direita para meu cérebro energético, estando sentado a meu lado. Poucos segundos após, comecei a ver uma grande bactéria a mover-se, envolvendo minúsculas partículas não sei de quê. A imagem sumiu, passando, então, a sentir-me a própria bactéria, me movimentando e deglutindo algo. Nada via ou ouvia. Não tinha visão, audição, olfato, mas tão-somente tato, que se dava por toda a superfície do meu ser, e uma espécie de paladar insipiente. Tinha sensações diferentes ao englobar cada corpúsculo que encontrava à minha frente. Interessante é que não pensava, não me sentia como ego, possuidor de autoconsciência. Não havia imagens, sons, palavras mentais. Tão-só havia sensações físicas, contato com objetos externos, choques mecânicos, sensação de quente e frio.

Repentinamente voltei a me sentir Beto, personalidade que não me era estranha. Percebi, então, que se tratava de regressão de identificação, em que vivenciara novamente aquilo que sentia quando era uma bactéria, um ser unicelular livre, de movimentos soltos.

--- Exato. --- disse Sana Khan, interrompendo meus pensamentos. --- Acabou de reviver o que foi registrado há milhões de anos em seu ser. Sentiu-se exatamente como se sentia como bactéria. Agora você sabe, ou novamente se recorda, como vive e se sente uma bactéria livre. Relaxe!

Vi uma planta pequena em um vale montanhoso e rochoso, com céu azul cinza. Notei seus detalhes, como caule, folhas e pequenos frutos. Chegou a visão mais perto e então deixei de ver. Passei a me sentir fixo ao solo, balançando ao sabor do vento, que me fustigava fortemente. Tive sensação de quentura em meu corpo vegetal, devido ao sol. Envergava-me por vezes, balançando os galhos e folhas. Nada pensava, pois não possuía cérebro e mente, como a conhecemos. Tinha apenas sensações físicas, ao que parecia. Senti que algo se aproximava, movendo-se em minha direção, porém não via nada, nem ouvia, pois vegetal não possui tais sentidos. Contudo, sentia a aproximação. De repente agitei-me internamente, como se pressentisse algo, alguma agressão ao meu ser. Senti-me, então, destroçado, rasgado por inteiro, o que me deu uma sensação de desconforto e certo medo, sentimento este que interpretei após a regressão. Talvez o medo tenha sido meu, não do vegetal. Mas as plantas também têm algum tipo de medo psicológico, associado ao desejo íntimo e instintivo de viver e sobreviver!

--- Agora sabe como se sente uma planta. --- disse Sana Khan. --- Não são meras máquinas orgânicas, mas possuem vida, não só biológica, mas também consciencial e uma psicologia rudimentar. Você sentiu consciência tanto na bactéria quanto no vegetal, porém uma consciência ainda meio fechada em si mesma. Somente com o homem físico o Espírito, ou o ser eterno, descobre a si mesmo, como ego, surgindo a autoconsciência, o que é uma abertura de consciência. Com a ego-consciência, que é a mesma coisa, a Consciência original, fechada e encerrada em si mesma em processo de criação individual, começa a se abrir, reconhecendo-se como ego no homem que surge, para em seguida descobrir a sua origem, como Consciência Cósmica aberta.

Ouvia as explicações de Sana Khan atentamente, tal a profundidade de sua prédica. Impressionava-me, sobremaneira, a questão da abertura da Consciência. Porém, não compreendi tudo, pois não experimentara ainda aquilo que ele chamava de Consciência Cósmica Aberta.

--- É a Consciência Pura. --- acrescentou o mestre, captando meus pensamentos. --- Continuemos.

Vi uma pedra de tamanho razoável, em ambiente seco e pedregoso. O céu era de um cinza pardo, não era azul, provavelmente em época remotíssima da constituição geológica da Terra. O cenário parecia não abrigar seres vivos como os conhecemos. Observei a rocha, cinza-escuro, de superfície irregular. A imagem sumiu, desaparecendo também minha consciência como Beto. Havia consciência, que se agitava com o calor do sol ou o frio da noite, registrando em meu ser as diferentes sensações decorrentes das mudanças de temperatura. Também o vento forte, às vezes portador de corpúsculos de poeira, se chocava contra o corpo mineral, o que me causava sensação que variava do agradável ao desconforto. Não pensava, não via, nem ouvia. Tão-somente sentia os choques mecânicos em minha consciência e registrava alterações de temperatura. A consciência que havia na pedra não era de um ser, um ego, como hoje possuo, mas consciência fechada, como disse Sana Khan,

contida em cada átomo. A pedra não era um ser unitário e individual, mas união de átomos diminutos, portadores de consciência em seu núcleo íntimo.

É importante que não se confunda consciência no sentido de ter consciência de algo, como temos de sermos homens, com a consciência pura e simples, que não está associada a algum objeto. Não precisa ter consciência. A consciência é - e é o bastante.

--- A consciência é o ser, a vida, a existência. --- disse Sana Khan, completando meus pensamentos. --- A existência é um fato, e viver é o maior mistério da existência.

Diante das palavras de Sana Khan, nem mais pensei a respeito, tão-só haurindo a verdade e interiorizando-a em meu ser. Aqui despertou-me um desejo profundo de sentir-me apenas consciência, sem nada de acréscimo. Sana Khan, captando meus secretos desejos, concentrou-se ainda mais e, fazendo-me sentir penetrante energia que paralisou, por completo, meus pensamentos e adormecendo as energias dos corpos sutis, levou-me às maiores profundidades do meu ser, a regiões onde jamais imaginei alcançar e descortinar.

Meus pensamentos cessaram, bem como a consciência de mim mesmo. Aquilo que acostumara chamar de Beto, ou Luiz, ou outro nome qualquer, desapareceu por completo. Foi muito além da experiência de bactéria, planta ou parte de uma rocha. Nesses, ainda sentia limites físicos espaciais, sensações de calor, frio, choques mecânicos e outras sensações que descrevi. Porém, agora, o que descreverei é fruto da lembrança do que ficou registrado em meu cérebro energético, quando novamente voltei a me sentir Beto, ego, individualidade. Isso porque, durante a experiência da Consciência Cósmica, a personalidade limitada simplesmente deixou de existir, para dar lugar ao Absoluto, a Plenitude da Consciência Pura.

O que me lembro é de ser Consciência, não de *ter* consciência! Era Pura Consciência, sem limites de espaço, portanto infinita. Não havia luz, mas sua completa ausência. As trevas originais. Não havia cores, som, ou qualquer espécie de forma. Não havia ego pensante, "eu", ou qualquer ser pensando estar sentindo algo ou vivenciando algo. Havia ausência de tudo que conhecia até então. O que havia, então, perguntaria qualquer pessoa? O vazio? Não, não era o vazio, mas Consciência Pura, a Consciência Cósmica, por trás do Universo Fenomênico e de formas.

Não sei quanto tempo durou a vivência de ser a Consciência Cósmica, pois naquela dimensão não há tempo, mas a própria atemporalidade. Eu, Beto, não estava consciente, para mensurar o tempo de duração daquele estado de ser. Por isso chamo de um lapso de tempo, indefinido.

Então, repentinamente, despertei novamente como Beto, assustado, pois jamais imaginei viver aquela experiência.

Assim que saí do estado em que me encontrei durante um lapso de tempo, Sana Khan disse-me:

--- Aquilo vivenciado é a nossa origem, comum a todos os seres do Universo. Por trás da vida conhecida, das formas, há a Consciência Pura, de onde emana o psiquismo formador de todos os seres do Cosmos.

Encontrava-me ainda meio atônito, devido à realidade da experiência, a consciência ininterrupta e ilimitada, quando Sana Khan continuou a explanação:

--- A palavra Universo tem duas partes, uma significando o UNO e a outra o VERSO. O Uno é a Consciência Cósmica Pura, imanifestada, transcendente às formas e ao universo fenomenal. É infinita, imaterial, intocável, eterna, onisciente, onipresente. Por um processo desconhecido para nós, e por motivos também desconhecidos, essa Consciência Universal Pura se "autolimita" e se "auto-individualiza", gerando os seres múltiplos que

povoam o Universo criado e fenomênico. Essa "autolimitação" e "auto-individualização" não diminuem em nada a Plenitude e Totalidade do Absoluto ou Uno, que permanece o mesmo, intocável e transcendente. Essa é a única mágica verdadeira que conheço, pois a Realidade Essencial e Transcendente do Cosmos gera seres individualizados e não sofre, de fato, essencialmente, qualquer limitação. A qualquer momento, podemos retornar à nossa origem e constatar ser ela a mesma de todos os seres. E infinitos seres foram criados, emanados do Absoluto, continuando Ele o mesmo, em quantidade e qualidade, se é que podemos falar dessa forma.

--- Mestre, o senhor está falando de Deus?

Riso intenso despertei em Sana Khan, com minha indagação, estando ambos sentados na grama, um de frente para o outro, à maneira yogue.

--- Claro, meu filho, de que mais estaria falando?

--- É que estou acostumado a ouvir falar de Deus de outra forma, materializado por algumas religiões, personificado por outras e quase nunca sem forma em sua essência.

--- Eu sei, Beto, mas precisa acostumar-se com o Absoluto sem forma. Deus imanifestado, transcendente, é Aquilo, como é chamado pelos filósofos na Índia. É aquilo que você viveu, a Pura Consciência, infinita e eterna. Deus não tem forma, enquanto não manifestado. Porém, quando se manifesta, exhibe infinitas formas e faces. Tudo o que existe é vivo, tem movimento, som e é manifestação do Absoluto, do UNO, Parabrahaman, Aquilo, Tat, Theos, Deus, Consciência Pura, Consciência Cósmica, Inteligência Suprema, o Supremo, o Arquiteto do Universo ou outro qualquer nome que dêem à Realidade e Causa sem causa do Cosmos.

--- Mestre, por que as religiões personificaram Deus?

--- Por não poderem os homens compreender ainda a Realidade Transcendente do Universo, por demais Abstrata para as mentes materializadas, ou por existirem seres antigos no Universo, que são verdadeiros co-criadores no processo evolutivo dos seres, sendo considerados verdadeiros deuses para nós.

--- Como assim, Mestre?

--- Tomemos um exemplo próximo a nós. O Planeta Terra é novo, com cerca de 4,5 bilhões de anos de existência. Muito antes de sua criação, Espíritos antigos já governavam esta galáxia, com administradores em cada Sistema Solar, chamados de Logos Solar pela Teosofia. O Espírito que governa este Sistema Solar, habitando o Sol, é para nós um deus, não tendo os Espíritos que habitam a Terra idéia do grau de inteligência e poder que ele possui. Pode ser tomado como um deus do Sistema Solar de vocês e até mesmo ser chamado de Pai, pois verdadeiramente presidiu todo o processo de evolução desde a criação até o presente momento. Viu o nascimento de todos os seres da Terra, quer espirituais, quer orgânicos. É, pois, um pai para vocês. Também o governador da Terra é um pai para vocês, e um deus. Porém, aquela Realidade, a Consciência Cósmica que vivenciaste, não pode ser dada ou criada por qualquer ser, por antigo, inteligente e poderoso que seja. A Consciência é preexistente e incriada, e base para toda a vida e inteligência. Contudo, os seres antigos, que evoluíram bastante, passam a criar, trabalhando com energias variadas, que também nascem da causa primária de todas as coisas. Assim, Beto, é apenas questão de entendimento e semântica, chamar a Realidade de Deus ou chamar os seres criados, porém poderosos, de Deus, ou Pai. Uns são nascidos, gerados, emanados. E só o Absoluto é não-nascido, incriado, imanifestado e transcendente. Porém todos os seres criam, e principalmente quando antigos e evoluídos tornam-se verdadeiros deuses. Não é errado, de todo, assim, chamar um ser criado de Deus.

--- Mestre, será por causa disso que as religiões brigam tanto? Cada uma parece ter seu próprio Deus, com descrição divergente, pessoal, personalizada, antropomórfica.

--- Exato, Beto. Ao longo da história humana têm sido considerados Espíritos que dirigiam povos e nações como deuses. Por isso cada povo tem seu Deus. Alá é Deus para o Muçulmano. Jeová é Deus para os Judeus e assim por diante, o que causa divisão e conflito. Quando for descoberto que Deus verdadeiramente é um só, não sendo personalidade como nós, que defende povo ou raça, e que Espíritos ligados a povos não são Deus em sua transcendência, as lutas cessarão.

--- Mestre, como se processa a evolução, a partir do nascimento do ser, e onde se encaixa a Lei de Causa e Efeito e a reencarnação na evolução?

--- Deixemos esses assuntos para amanhã, meu filho, quando falaremos de evolução e outros temas importantes, fazendo percurso inverso ao que fizemos até agora, com a regressão até a sua origem. Veremos o processo como ele se dá, com a criação e evolução, seus processos, leis, criação da Terra, raças, etc. Agora retorne para o corpo físico, pois do contrário não recordará muito. Volte amanhã. Muita paz.

--- Muita paz, mestre, e obrigado.

Mentalizei meu corpo e logo desapareceu para mim aquele verde vale. Cheguei ao meu quarto. Olhei meu próprio corpo, lembrando de sua utilidade como instrumento de evolução na dimensão material. Devo-lhe respeito e cuidado. Integrei-me nele e apaguei a consciência para o plano astral.

CAPÍTULO 9

Acordei às seis horas, como de costume. E o dia transcorreu normal, com meditação, prática de Hatha Yoga e aulas na faculdade. Alimentei-me com parcimônia, tendo o cuidado de mastigar os alimentos demoradamente, principalmente para que o prana, ou energia vital, pudesse ser absorvido pelas terminações nervosas existentes na língua.

Quando a noite chegou, deitei-me por volta das dez, após algumas orações, a fim de elevar minhas vibrações mentais.

Saí do corpo tranquilo, em completo domínio do processo. Mentalizei Sana Khan e o vale no astral médio, onde ele me aguardava. Logo encontrei-me diante dele, que estava sentado na pedra habitual, a meditar.

--- Olá! --- disse-me ele.

--- Muita paz, mestre.

--- Estou em paz, meu filho. E você?

--- Estou chegando lá, mas ainda não a possuo por completo, pois faltam-me certos conhecimentos.

--- Você os obterá, Beto. --- disse-me Sana Khan, animando-me.

--- Tenho certeza que sim, mestre, agora que o encontrei.

--- Meu filho, --- falou Sana Khan --- vamos hoje resumir a nossa trajetória evolutiva até o momento presente, dando um vislumbre do que seja a evolução, a Lei de Causa e Efeito, ou Lei do Karma, a criação e o espírito imortal, pois esses conceitos ou conhecimentos são básicos para a conquista da sabedoria, felicidade e paz interior. Nenhuma religião ou filosofia deveria afastar-se desses conceitos, sob pena de serem incompletas suas doutrinas. Isso porque a Criação, a Evolução e a Lei de Causa e Efeito são fatos universais, não podendo ser contestados.

--- Mestre, --- aparteei --- muitas religiões negam a evolução e a reencarnação, acreditando que o homem já foi criado como é hoje, à imagem de Deus.

--- Erro, meu filho, de entendimento ou má-fé, para induzir outros em erro também. Muitas religiões foram adulteradas em sua essência original por homens inescrupulosos que visavam tão-só o poder e domínio sobre os outros, porém que sabiam a verdade acerca dos conhecimentos. A Igreja Católica, por exemplo, suprimiu a reencarnação de seus dogmas originais propositadamente, visando fins malévolos e ambiciosos, gerando ignorância no povo. Agora, ou ela se adaptará às novas tendências da humanidade, que redescobre a reencarnação, ou perecerá sob suas próprias ruínas mentais.

Mentalmente repassei toda a história da Igreja Católica Romana, originada através conluio entre cristãos ambiciosos e governantes sequiosos de poder e domínio em Roma. Verdadeira fusão entre o paganismo secular romano e a doutrina de Jesus selecionada, com a supressão daquilo que não convinha à nova Igreja divulgar às massas. Quanta hipocrisia, assassínios, vendas de indulgências, decaptações e fogueira, para manter o poder pelo terror, que sobrevive até hoje, mantendo as massas na cegueira das verdades espirituais.

--- Deixe isso para lá, meu filho. --- disse Sana Khan, interrompendo meus pensamentos --- O tempo fará o seu papel, corrigindo os erros e aparando as arestas. Lançará no fogo as ervas que não foram plantadas pelo Pai, conforme disse o marco inicial do cristianismo, Jesus.

--- É, mestre, tem razão. --- concordei.

--- Vamos dar uma volta pelo vale enquanto conversamos. --- disse Sana Khan, causando-me agrado, pois ainda não conhecia todo aquele local.

Começamos a caminhar pelo gramado que cobria todo o vale, tendo grande quantidade de flores por todo lado, de espécies que desconhecia, em cores vivas e maravilhosas. Havia árvores frondosas, encorpadas, de aspecto suave e doce. Não vi espinhos em qualquer espécie vegetal do vale.

--- Mestre, como teve início isto aqui?

--- É criação mental de seres que costumavam vir aqui meditar. No início não era gramado e não tinha flores, possuindo aspecto mais rude e primitivo. Ao longo do tempo, mentes mais ligadas à estética superior desejaram cobrir o vale com essa relva aveludada e as flores coloridas e perfumadas. O forte desejo plasma a matéria, ou energia, deste Plano, a que chamais de astral. Aqui não há necessidade de trabalho braçal, nem de suor, nem de máquina. A mente e o pensamento firme e concentrado fazem o trabalho. A vida aqui é muito mais mental. Quer experimentar?

--- Sim, mestre. --- respondi, curioso.

--- Qual a flor que você conhece melhor?

--- A margarida, que lembra minha infância, com a brincadeira do bem-me-quer, mal-me-quer...

--- Então, pense firmemente em uma margarida, criando em sua mente a sua imagem, inclusive tamanho e cor.

Sana Khan fez uma pausa, aguardando minha concentração dar resultado. Após alguns segundos, começou a tomar forma diante de nós uma margarida de cerca de vinte centímetros de altura, com pétalas amarelas brilhantes, e duas folhas verdes que mais pareciam seda. Seu caule translúcido, quase transparente, não parecia muito ser terreno. Porém seu aspecto geral era aquele conhecido na Terra.

--- Muito bem, meu filho. --- disse Sana Khan.

--- Consegui, mestre! --- demonstrei euforia, por ser minha primeira criação mental naquele Plano, pelo menos que tenha lembrança.

--- Continuemos. --- falou o mestre.

Caminhamos mais alguns metros e avistamos uma casinha pequena, parecendo de madeira, muito rústica, assemelhando-se a um bangalô indiano, daqueles encontrados no Himalaia.

--- Mestre, mora alguém aqui? --- perguntei.

--- Sim. --- respondeu Sana Khan sorrindo.

--- Quem? --- indaguei curioso.

--- Eu.

--- Mas mestre, o senhor não habita Plano Superior a este?

--- Sim, Beto, porém estou residindo aqui por uns tempos, enquanto me encontro neste nível de energia. Criei essa cabana quando alcancei este Plano pela primeira vez, há muito tempo. Naquela época, vivia na Índia, no alto Himalaia, praticando a verdadeira Yoga, que hoje desapareceu quase por completo. E, meditando, aprendi a sair do corpo, como você também, quando esteve comigo lá, e hoje repete o processo. Chegando aqui, em meu corpo astral, plasmei esta cabana de madeira e vinha todos os dias meditar e realizar a yoga neste Plano, o que é diferente do terreno.

--- Como assim, mestre?

--- O Espírito fora do corpo tem mais liberdade de pensamento, pois não está sujeito às vicissitudes e entraves da matéria física. Os defeitos do corpo, do cérebro, sobretudo, nos

limita por demais. Fora dele, o Espírito sente-se mais leve, livre e solto para penetrar zonas mais profundas do seu ser, do ponto de vista interior. Aqui conheci meu passado espiritual, minha origem como ego individualizado, emanção de energias e princípio inteligente do Absoluto, do Uno, Deus. Regredi até o início, e refiz minha trajetória evolutiva até aquela época como indu e Yogue. Por isso trouxe você até aqui para que faça o mesmo, pois o ambiente energético que criei aqui é deveras propício à meditação interior e viagem da alma pelos caminhos da evolução. Você sentirá o que digo quando adentrar a casa. Venha, entremos.

Segui o mestre até a porta da modesta choupana. Ele abriu a porta calmamente, após passarmos por singelo jardim de lindas flores multicores, e entrou, tendo eu seguido suas passadas.

Típica morada de um asceta yogue. Vazia. Nenhum móvel. Sem quartos, cozinha ou banheiro. Só uma pequena sala, um único cômodo. Nem cama, pensei.

--- Para que, meu filho? --- perguntou o mestre sorrindo --- Aqui não dormimos, comemos ou fazemos xixi.

Achei engraçada a colocação de Sana Khan, que completou:

--- Comer, dormir e expelir resíduos são necessidades físicas, do corpo de carne, biológico. O astral não precisa disso, salvo quando muito condensado, em indivíduos apegados à matéria e seus prazeres. Aqui não temos sede, nem fome, a não ser que pense em comer, porque aí sentirá fome e poderá criar algo para comer, sentindo seu sabor e a sensação de estômago cheio. Mas é pura perda de tempo. Sempre consumi o tempo em meditação, para saber a minha origem e meu destino. Sentemos aqui no chão, para conversarmos.

Sentamo-nos. Senti, assim que entrei, um clima de paz e relaxamento, convidativos à meditação. Outros talvez sentissem vontade de dormir, tal a tranquilidade. O silêncio é total, com exceção de nossas vozes.

--- Vozes? --- interrompeu Sana Khan --- captando meu pensamento --- Que vozes?

--- Nossas vozes, mestre.

--- Você não reparou que não estamos movendo os lábios para falar?

Verdade, pensei, após prestar atenção. Estávamos dialogando telepaticamente. Então a transmissão oculta do pensamento era realidade! Não havia necessidade de falar com a boca, língua e músculos faciais. Era tal coisa dispensada naquele plano. Era coisa da Terra, digo, da dimensão material, física. O Espírito fora do corpo não precisava falar, mas transmite seus pensamentos automaticamente.

--- Mas, mestre, o senhor estava falando com a boca quando o vi das outras vezes. -- redargui.

--- Impressão sua, meu filho. Sua mente criou a visão do movimento em meus lábios, porém eles não se moveram. Aqui o pensamento impera e o desejo cria. Você estava acostumado, e sua mente condicionada, a ouvir as palavras saindo da boca, por isso pensava e via a boca a se mover. É o que acontece quando vê um Espírito falando pela boca. Ainda que veja a boca mover-se, na verdade o pensamento transmite-se de mente a mente, sem necessidade de som ou movimento de cordas vocais. Isso tudo pertence ao Plano Físico. Percebe agora que minha boca está fechada enquanto lhe transmito isso?

--- Sim, mestre, agora percebo. É incrível a sensação de falar sem a boca! É igual a quando pensamos a sós. Ouvimos internamente nossa própria voz, articulando palavras que são símbolos, no afã de raciocinar acerca de idéias oriundas de fatos e fenômenos.

--- Não existe pensamento sem símbolo. Estes nascem após o surgimento da forma no Universo. No Plano do Absoluto, da não-forma, não há pensamento, mas tão-só Consciência Pura, sem forma, sem idéia ou pensamento. Sequer existe ego ou Eu. A idéia de individualidade surge com o nascimento dos filhos do Absoluto, de Deus.

--- Como isso se dá, mestre? --- perguntei.

--- Imagine um lago de água gelada, com o aparecimento de cubos de gelo dentro dele. Você sabe que tanto a água líquida quanto o gelo e o vapor d'água são compostos de átomos de hidrogênio e oxigênio, sendo dois do primeiro elemento químico (hidrogênio) e um do segundo (oxigênio). Porém, a mudança do ângulo de ligação dos átomos de hidrogênio em relação ao de oxigênio varia quanto a água, o gelo e o vapor, o que dá a diferenciação entre os três estados físicos da composição H₂O. Vê-se, assim, Beto, que esses elementos, combinados com ângulos diferentes, podem ser considerados como coisas aparentemente diferentes, mas que, na verdade, em sua essência, são uma só coisa.

--- Mestre, --- interrompi --- o que isso tem a ver com Deus, o Absoluto?

--- Beto, você acha possível alguma coisa surgir do nada?

--- Não, mestre, minha lógica grega não me permite aceitar tal idéia. Os filósofos gregos diziam que do nada, nada se cria. O vazio imaginário, abstração mental e racional, não pode gerar coisa alguma.

--- Beto, --- prosseguiu Sana Khan --- você acha que Deus, o Absoluto, Aquilo, Tao, o Uno, é algo ou é nada?

--- Se fosse nada, mestre, não existiria e não poderia gerar coisa alguma. O Absoluto tem que ser algo.

--- Muito bem, Beto. Vejo que o tempo que viveu na Grécia filosofando deixou marcas indeléveis em seu espírito. A lógica filosófica grega é das mais corretas, só igualada ou superada pela indiana dos tempos passados, dos Upanishades e Vedas, de Kapilla e Patanjalli.

--- Mestre, há certos princípios lógicos que são como a matemática, imutáveis, axiomáticos e irrenunciáveis.

--- Exato, Beto. --- concordou Sana Khan, completando --- Agora, se Deus é algo, e não o vazio, ou nada, há de ter ele, logicamente, uma base material ou energética, como queira, servindo de substrato ou consistência para si próprio, enquanto Consciência.

--- Não entendi bem, mestre.

--- Veja, meu filho. --- explicou Sana Khan com a paciência de um pai amoroso --- Você vivenciou o estado de ser puro e simples, ou de Consciência Pura. Recordar-se da Plena Consciência, sem limitação de forma, espaço ou tempo. Não era o vazio, o não-ser, a não-existência, pois eles sequer existem, pois negariam a própria existência. O vazio não deixaria memória, e esta ficou indelevelmente registrada em sua mente, e jamais se apagará, dando-lhe sempre a lembrança de sua origem Divina e ilimitada como Consciência Cósmica. Assim sendo, essa Consciência infinita, que é algo, possui, intrinsecamente em seu bojo, elementos ou princípios materiais ou energéticos que são a própria base de sustentação do Universo.

--- Entendi, mestre. --- demonstrei alívio.

--- A Consciência existe, é, e portanto é ser, existência, real, a única realidade imutável. Tudo o mais no Universo é aparência, forma transitória, que se transmuta o tempo todo. O ser é um mutante permanente, após ser emanado do Todo, do Único, do Absoluto. É uma metamorfose ambulante enquanto evolui para estados mais perfeitos e complexos. É um alquimista em busca do seu ouro ou diamante interno. É uma jóia envolvida por

elementos que a disfarçam, dando a falsa impressão, ou a ilusão, de que é algo diferente de uma jóia.

Enquanto Sana Khan falava, eu fazia verdadeira viagem mental acompanhando sua explanação sábia. Quão raro filosofamos sobre essas coisas, estando ligados às coisas mesquinhas da Terra.

--- Beto, --- prosseguiu o mestre --- os maiores pensadores e místicos orientais sempre disseram que o Absoluto, ou Deus, é inominável, insondável, incompreensível, impenetrável, e tudo que pensamos ou dizemos a seu respeito é relativo, incompleto e imperfeito. E ainda, que toda vez que nós, seres limitados e finitos tentamos descrever o infinito, o limitamos, e já estamos cometendo erro. Isso tudo porque o processo de criação dos seres individualizados é incompreensível e inatingível para nós, que somos os próprios seres individualizados. Sabemos, pela lógica, como concluímos anteriormente, que o Absoluto é algo, tendo substância que faz parte de si próprio. Porém, não podemos saber exatamente a natureza dessa substância, a que chamam de Purusha e Prakriti (princípio espiritual e princípio material para Kapila, filósofo indiano), Fluido Divino ou Fluido Cósmico Universal (denominação espírita de Allan Kardec), Energia Cósmica ou outra denominação qualquer que dê o sentido de elemento primário formador do Universo Fenomenal e das formas.

--- É, mestre, --- disse, concordando, enquanto raciocinava --- tem razão. Apesar de viver a experiência de ser puro, ou de ser Consciência Pura, não sei como e por que nasci como individualidade. Constituem ainda, estas indagações, um mistério para mim.

--- E para mim também, Beto. Vês que nesse ponto sou tão ignorante quanto você. Aí nos assemelhamos, bem como a tantos outros seres mais evoluídos, que também não sabem por que existem, enquanto individualidade, o que é diferente do que acontece na Terra, onde os homens não sabem por que existem enquanto homens. A questão do porquê, principalmente, é a pergunta talvez irrespondível. Digo talvez, porque pode ser que não haja motivo para a Criação, para a emanção do Absoluto gerando os seres individualizados. Percebo hoje, meu filho, em meu atual estágio evolutivo, que o Absoluto cria pura e simplesmente, sendo esse estado de Criador sua normal "vocação". Cria sem parar, a partir de seus próprios elementos constitutivos, se é que podemos falar assim, materializando-o de um certo modo, e a partir de sua Consciência.

--- Mestre, sinto lógica nisso. O Absoluto, como concebido pelos indus, não é mente, e por isso não pensa, como nós.

--- Exato, Beto. --- concordou, animado, Sana Khan, e prosseguiu --- Não tem desejo e vontade como concebemos, tendo, talvez, algo inerente a seu próprio Ser Puro que impulsiona de dentro para fora a Criação, ou emanção dos seres individualizados e das formas. Penso que o Absoluto cria perpetuamente, sendo essa "vocação" inerente a seu Ser.

--- Mestre, acho correta sua visão. Concordo plenamente com ela.

--- Então, Beto, --- prosseguiu Sana Khan --- deixando de lado a questão do *porquê* da Criação, e de *como* exatamente ela se processa, ainda desconhecidos por nós, pelo menos de forma completa, prossigamos com os aspectos práticos da Criação e geração dos Espíritos, bem como do Universo material ou fenomenal e a evolução dos Espíritos neste.

--- Anseio por isso, mestre.

--- Inicialmente, Beto, não podemos deixar de esclarecer que não se pode separar de todo o princípio material, por mais rarefeita que seja a substância material ou energética, da Consciência Pura, pois como vimos, a Consciência tem base nessa substância desconhecida e insondável para nós. Assim, neste raciocínio, chegaremos à conclusão de que Espírito e

matéria/energia sempre andaram e sempre andarão juntos. Porém a matéria tem gradações variadas, nem sempre estando o Espírito preso a determinados níveis de matéria. É o que ora ocorre com você, que está fora do corpo de matéria mais condensada, porém envolvido por matéria mais sutil.

--- É, mestre, acho que o Espírito sempre está envolvido por alguma espécie de matéria, ou energia.

--- Só o Ser Puro, causa sem causa do Universo, possui unicamente a Energia Primordial que gera todo e qualquer tipo de energia ou matéria, hoje não mais separados, após Einstein. Os seres emanados já surgem envolvidos por tênue matéria que os individualiza, separando-os, em termos relativos, do Todo, do Absoluto, de Deus. É como se este fosse um lago infinito que gerasse, apenas por diferenciação no arranjo molecular ou atômico, em seu próprio íntimo, cubos de gelo, que passariam, assim, a se constituir em individualidades dentro do lago. Apesar da separação da água do lago e do gelo, por diferenciação do arranjo molecular ou atômico, essencialmente o gelo continua sendo a água, podendo inclusive ser derretido e voltar à sua origem, a ser o que era integralmente. A matéria que forma o gelo é a matéria do lago. Entende?

--- Sim, mestre, dá para entender. Apesar de parecerem duas coisas distintas, isso não passa de aparência. Essencialmente continuam sendo a mesma coisa. Mas, mestre, então podemos dizer que o lago e o cubo de gelo são a mesma coisa?

--- Isso se prende a questão do artista e da obra. O artista cria, porém sua obra é sua criação, mas não o artista. Não se confundem. O gelo, nós, somos criações ou emanções de Deus, o artista, porém, apesar de sermos constituídos de consciência e matéria, sendo a sua imagem e semelhança, não somos iguais ao Absoluto, porque sofremos o processo de relativização, limitação e redução de consciência, o que nos tirou da dimensão da Consciência Pura para a dimensão da consciência individualizada ou egóica. Outra comparação material interessante é a da bola de sabão, de tênue camada transparente que isola o ar de dentro do ar de fora. O ar é um só, porém a tênue camada de sabão gera uma individualidade, separando-a do Todo. O processo deve ser mais ou menos esse. O Absoluto se "autolimita", não sofrendo na verdade, em sua essência, em seu Ser, qualquer limitação, emanando de seu Ser Puro, Consciência Pura que é, os seres individualizados, os ego-consciências. Daí vem o termo ego, egoísmo e egocentrismo. E é daí que vem a ilusão de separatividade de que nos falava Sidharta Gautama, o Buda, pois o ser se sente separado do Todo, que nem conhece, na maioria das vezes, enquanto não se eleva consciencialmente, e também se sente separado dos outros seres, não conhecendo sua origem idêntica e única.

--- Mestre, a comparação é boa.

--- E então, após a emanção Divina, gerando os seres conscientes, pois todos os seres são conscientes, não se esqueça disso, agora que regrediu e sentiu-se bactéria consciente, vegetal, mineral e animal, além de homem, começa o processo de envolvimento do ser consciente individualizado por energia ou matéria cada vez mais densa, que ofusca a consciência, até a matéria física, tal qual a conhece neste planeta. A Consciência Pura é aberta, no sentido de não possuir qualquer espécie de limite. É infinita e atemporal. Os ego-consciências são consciências fechadas e limitadas, apenas reflexos da Consciência Pura, Cósmica. Esse processo de envolvimento de matéria é o que a Teosofia chama de involução, diferente de retrocesso na evolução espiritual. Involução é envolvimento e condensação na matéria, fazendo parte já da evolução. É apenas questão de definição das palavras.

--- Mestre, o Espírito ou alma é o mesmo que a consciência individualizada? --- perguntei, apenas para fixar.

--- Exato. O Espírito, ou alma, nasce da emanção do Absoluto, de Deus, por processo desconhecido, servindo o exemplo que dei apenas para ajudar na compreensão do próprio nascimento do ser individual. A inteligência é filha da consciência, que por sua vez é filha da Consciência Cósmica. Como vedes, Beto, a inteligência não surge do nada, mas da base do Universo, que é a Consciência Pura. Deixemos para falar sobre a evolução amanhã, tendo ficado já estabelecido a base, que é o nascimento do ser individualizado, que é o Espírito ou alma, ou princípio inteligente, ou ainda psiquismo. Os homens adoram criar nomes diferentes para a mesma coisa, gerando confusão na mente daqueles que não conseguem reconhecer a verdade e a realidade atrás da aparência. A verdade é simples, porém os homens a tornam complicada, com seus termos, teorias e enunciados complexos. Nascido o Espírito, simples e ignorante, de certo modo à imagem e semelhança de Deus, o Absoluto, com fechamento consciencial, com relação à consciência Absoluta, Universal, amanhã continuaremos no caminho da evolução. Agora volte para o corpo, para que retenha pelo menos parte da nossa conversa e retorne amanhã, mentalizando esta cabana. Muita paz e até mais.

--- Mestre, obrigado, muita paz e até amanhã.

Na noite seguinte, recolhi-me cedo, cumprindo o ritual de relaxamento cotidiano, a fim de deixar o escafandro de carne. Liberto do peso da matéria densa, sem que saísse pela casa, mentalizei logo a cabana onde estivera na noite anterior. Assim, segundos após, estava na porta de entrada. Abri a porta e adentrei, encontrando Sana Khan sentado, à moda yogue, em profunda meditação. Com receio de atrapalhar, sentei-me próximo, sem fazer qualquer ruído. No entanto, o mestre logo abriu os olhos e, fitando-me, falou:

--- E então, preparado para prosseguir com nossa conversa?

--- Sim, mestre, ansioso. --- respondi.

--- Estava revendo mentalmente o processo, refletindo acerca de alguns pontos complexos. Ao longo da conversa exporei alguns temas desses.

--- Bom, mestre, adoro temas filosóficos complexos, que me façam pensar profundamente. Não costumo aceitar filosofias e religiões sem raciocinar sobre suas doutrinas.

--- Continuemos, então. --- disse Sana Khan, prosseguindo --- Já vimos que a base do Universo, do Cosmo, é o Absoluto, Aquilo, Tat, Tao, o Uno, Deus, em seus sentidos mais profundos e abstratos. E que essa base possui substância, que pode ser chamada de Purusha e Prakriti, Fluido Divino, Fluido Cósmico Universal, Energia Primária ou Primordial ou ainda outros nomes com idêntica significação. Vimos, também, que a base é Consciência Pura, infinita, eterna, onisciente e onipresente.

--- Mestre, Deus é imaterial? --- interrompi, somente para me certificar.

--- Se pensais na matéria como a conheceis no Plano Físico deste Planeta, sim, é imaterial. No entanto, como vimos, possui base substancial, pois que não é o nada ou o vazio.

--- Entendi, mestre, pode prosseguir.

--- Beto, você entende o que seja eternidade?

--- Aquilo que não tem princípio nem fim, mestre. --- falei.

--- Exato. É fácil pensar no tempo sem fim, no futuro eterno. Porém, pensar logicamente no passado eterno, não é fácil para a mente racional. Estamos acostumados à idéia de que tudo que existe teve um início.

--- É, mestre, --- concordei --- não é realmente fácil pensarmos num passado sem começo. Mas, onde o senhor quer chegar?

--- Beto, o processo de criação, ou seja, as emanções Divinas de seu próprio Ser, dando nascimento aos seres individualizados, de consciência fechada, como vimos, não teve um início.

--- Como, mestre? --- interroguei Sana Khan, curioso.

--- Se Deus, o Absoluto, é eterno, nunca teve início e nunca terá fim. Sua emanção criadora, que sempre existiu e se faz eternamente viva e atuante, ainda hoje, perpetua-se, no tempo e no espaço.

Sana Khan fez breve pausa, para que pudesse digerir suas idéias sem o risco de uma indigestão mental-filosófica. É, isso existe, que é a perda da lucidez e estrutura por causa de bloqueio na mente. Após momentos, prosseguiu:

--- Beto, se Deus cria desde toda a eternidade, como se costuma dizer, há seres inteligentes no Universo em grau tão elevado que nossa mente primitiva sequer pode imaginar, por falta de referencial. Se você pensar em trilhões de anos, a esse tempo já existiam seres inteligentes e o Universo, ainda que seja em forma diversa da presente. E todos os seres, Espíritos inteligentes, quando alcançam determinado patamar evolutivo, passam a ser, ou tornam-se, co-criadores no Universo. Isto é, eles passam também a criar, manipulando energias, formando mundos (Planetas), Sistemas Solares, galáxias, sistemas ou conglomerados de galáxias e estruturas cada vez maiores e mais complexas no Cosmos, além do que, dirigem a evolução de incalculáveis números de seres ou Espíritos, aos quais auxilia na criação e evolução. Porém, Beto, a Consciência, mãe da inteligência, é filha da Consciência Pura, não-criada, não-nascida. Os Espíritos manipulam energias, substâncias, utilizando-se de seus poderes e inteligência, fazendo o universo estuante de vida e inteligência. Mas sua criação é relativa, pois eles próprios não criaram a si mesmos, sendo também emanções do Absoluto, Deus.

--- Interessante, mestre, são como deuses.

--- Podem ser considerados deuses, no sentido relativo, porém, não são Deus, o Imanifestado, Transcendente, único, que permanece intocável em sua dimensão existencial. Todos os seres individualizados foram um dia criados, ainda que em passado remoto, em tempos imemoriais e inimagináveis. Só Deus, o Absoluto, Tao, Tat, Aquilo, o Uno, é eterno, incriado.

--- Mestre, as religiões orientais, notadamente as da Índia antiga, ora falam em Deus no sentido do Absoluto, impessoal, imanifestado, ora falam em Deus Pessoal, manifestado.

--- Exatamente, Beto. --- concordou Sana Khan --- O Absoluto é incriado, imanifestado, transcendente, impessoal. Não é pessoa, não tem personalidade. Porém os manifestados, emanções do Absoluto, são pessoais e pessoas, tendo personalidade, que tanto mais se assemelham quanto mais evoluem os seres. Assim, os seres mais antigos são muito parecidos, possuindo vontades semelhantes, o que mantém o universo em harmonia, regido por leis eternas e imutáveis.

--- Mestre, o Deus de que fala a Bíblia é o Absoluto ou um Deus pessoal? --- indaguei curioso.

--- Beto, você já leu a Gênese da Bíblia?

--- Sim, mestre.

--- Lembra-se da pessoa que narra a criação, em termos de gramática portuguesa? -- perguntou-me Sana Khan.

--- Não, mestre.

--- É a primeira pessoa do plural. Na gênese, diz-se, por exemplo: "Nós criamos o homem à nossa imagem e semelhança. "

--- É, mestre. --- concordei, recordando as lições do catecismo.

--- Pois é, Beto. "Nós" não pode significar um só, mas pelo menos dois. E é assim que está escrito no texto original, não adiantando alterar-se agora o escrito antigo para modificar a verdade. A Gênese Bíblica prova que o homem físico, bem como a Terra, e esse cantinho do universo foram criados por vários seres inteligentes, Espíritos altamente evoluídos e poderosos, com conhecimentos que lhes possibilitam manipular energias capazes de gerar planetas e sóis.

--- Quer dizer, então, mestre, --- indaguei --- que esse planeta e os seres biológicos que nele vivem são criação de Espíritos evoluídos, não do Absoluto, imanifestado?

--- Sim, mas no sentido relativo. Pois, como lhe disse, esses seres são emanções do Absoluto, Deus, a Consciência Cósmica, que vive em seu Plano ou Dimensão Absoluta, transcendente e eterna. Os Espíritos, seres individualizados, ou almas, criam a partir das energias que preexistiam a seu próprio nascimento. São co-criadores com o Absoluto. Fazem o serviço que o Eterno Incriado não pode fazer em seu plano. Porém, o Absoluto vive neles e através deles no universo fenomenal, energético e material. É a Imanência Divina. Deus está presente em suas obras e, conseqüentemente, nas obras dos seres por Ele emanados. Cada Espírito contém em si o Absoluto, em germe ou essência, podendo a qualquer momento, desde que maduro para tal, voltar a sentir-se a virginal Consciência Pura, que é a Sua Essência e origem existencial.

--- Mestre, então o Deus de que nos fala a Bíblia, que pedia a adoração só a Ele próprio é um Espírito? --- perguntei.

--- Sim. É pessoa, individualidade inteligente, porém não a única no universo. Fazem confusão entre Ele e o Absoluto, eterno, incriado. A pessoa é filha ou filho, pois não tem sexo, do Eterno, imaterial, onisciente, onipresente, infinito. Mas a pessoa não tem esses atributos. O Absoluto não atua na matéria diretamente, somente suas criaturas, os Espíritos imortais criados ou emanados podem atuar sobre a energia e a matéria tal qual a conhecemos.

--- Então qualquer Deus pessoal tomado pelas religiões várias são Espíritos imortais, mas que tiveram um dia nascimento a partir do Absoluto incriado, não-nascido? --- perguntei.

--- Sim, é isso, Beto. Tomam as criaturas pelo Criador. Por outro lado, se considerarmos o grau de evolução, inteligência e poder de tais seres que criaram nossa galáxia, podemos chamá-los, no sentido relativo, de Deus, pois não conseguimos alcançar com a nossa lógica e razão limitada, a amplitude de suas forças e conhecimento. São deuses, na verdade, integrados e harmonizados com outros Seres do mesmo nível evolutivo ou superiores e ainda integrados com as Eternas Leis Cósmicas.

--- Então, mestre, --- raciocinei --- todas as religiões estão corretas, no plano relativo.

--- Sim, meu filho, --- concordou Sana Khan --- desde que não achem que seu Deus é o único e diferente do Deus das outras religiões e povos. Muitos povos tiveram Espíritos a guiarem seus rumos na Terra, tendo considerado esses Espíritos como Deus. Alguns assim ainda os consideram, achando que só eles possuem Deus, sendo povos escolhidos. Deus é um só, universal, no sentido absoluto. E no sentido relativo, tomando-se por base nosso sistema solar ou galáxia, também Deus é um só para os habitantes da Terra. Não há, assim, razão para dissensões, lutas, disputas ou sectarismos no que diz respeito a

Deus. O mesmo Deus que presidiu a minha criação, a sua, a de Hitler, de Átila, Einstein, Jesus, Buda e outros, presidiu a criação de nossa galáxia. Judeus, muçulmanos, católicos, budistas, sikkins e outros partidários religiosos adoram o mesmo Deus, visto de forma às vezes um pouco diferente, devido à sua cultura e grau de conhecimento, bem como a sua evolução espiritual. Pensam, no entanto, que seu Deus é único e diverso do Deus das outras religiões, o que gera a intolerância religiosa. Muita luta por causa disso você ainda assistirá até o final do século. Milhares deixarão a Terra por causa da intolerância e incompreensão, por falta de amor, que é a única coisa que Deus almeja para o universo e seus filhos, seja no plano relativo, seja no plano Absoluto. Deus é união, integração, unidade harmônica, Consciência Pura, coesão. Tudo visa a união e harmonização, após a criação de cada ser.

--- É, mestre, --- pensei alto --- é como se todos vissem o sol e o chamassem de forma diferente, dando-lhe nomes diferentes, como Gott, God, Deus, Theos, Alá, Jeová, Brahman e outros, e pensassem que cada um tem o seu sol particular. No entanto, o sol é um só, pelo menos neste sistema solar. E ele se doa, espargue sua luz e energia sem distinguir a quem, se preto, branco, rico, pobre, bactéria, árvore ou animal.

--- Assim é para Deus, Beto. Não há distinção. Todos são iguais, em essência. Todos recebem, porém uns aproveitam mais que outros. Uns avançam, enquanto outros estacionam ou seguem lentamente a marcha da evolução. Mas não há retrocesso, nem morte para o Espírito. Uma vez nascido, é imortal, jamais deixando de ser individualidade, que no entanto se expande infinitamente em inteligência e poder, criando verdadeiros microuniversos.

--- Mestre, não há reunião, reintegração ou dissolução do ego, da individualidade, no Todo, no Absoluto, após algum tempo? --- perguntei, baseado em algumas filosofias orientais.

--- Não, meu filho. Nascido o Espírito, jamais se reintegra no Absoluto com perda de individualidade, a não ser temporariamente, como era feito nas iniciações antigas para fins de descoberta de sua própria origem, como você fez aqui neste Plano. Mas a perda definitiva da individualidade não se dá jamais. O que há é expansão contínua, com harmonização das individualidades espirituais com outros seres do universo, assemelhando-os e formando uma unidade de pensamento e vontade que mantém o Cosmos em marcha evolutiva eterna, sempre havendo criação.

--- Quer dizer que eu não vou me fundir no Todo, como a gota no oceano? --- perguntei.

--- Em termos definitivos, não. Porém se sentirá eternamente cada vez mais oceano, conhecendo-o cada vez mais, porém havendo sempre mistérios a desvendar, conhecimentos a adquirir e espaços a trabalhar, criar e construir.

--- Mestre, lembrei-me daquela sua frase: "Viver é o maior mistério da existência."

--- Sim. A vida, no sentido mais amplo, é o grande mistério. O porquê da vida, da existência, é que é desconhecido por nós. Quem sabe um dia encontraremos a resposta. Pessoalmente, meu filho, acho que não há resposta. A vida nasce naturalmente, sem razão, não no sentido biológico, mas espiritual. O Absoluto não tem vontade pensada, mas talvez intrínseca a seu próprio ser, Consciência Pura e Cósmica que é.

--- Mestre, nosso nascimento e evolução, como e quando se deram? --- perguntei.

--- Sou muito mais antigo do que você, meu filho. Nossa galáxia é comum, porém, iniciei minha caminhada evolutiva em outro sistema solar, em um dos braços espirais da Via Láctea, a 65 anos luz da Terra, na constelação do Cocheiro, como a chamais. Vivi no

Planeta que os espíritas brasileiros chamam de Capela, ou Sistema Solar de Capela. Mas deixemos isso para mais adiante.

--- Mestre, o senhor é capelino? --- indaguei surpreso.

--- Sim, Beto. Depois falarei a respeito de minha vida em Capela. Agora acompanhe meu raciocínio e explanação. O universo existe desde toda a eternidade, com constante renovação de estruturas físicas astronômicas setoriais ou localizadas. Como um todo, ele é eterno, mas há permanente renovação de planetas, sóis, sistemas e galáxias. O que hoje a astronomia conhece e considera como universo não passa de um grão do deserto de areia cósmica infinita. Há infinitas galáxias e conglomerados, muito além de nossa imaginação. A teoria do Big Bang, ou grande explosão, não retrata a realidade absoluta, mas apenas relativa. Há, de fato, expansão e afastamento das galáxias por nós vista, que se originaram de um centro comum de condensação de energia. O espaço é infinito, e antes que uma galáxia chegue a se chocar com outra, de um outro sistema de galáxias, a evolução física já chegou a seu termo no sistema galáctico e há desintegração da matéria, com renovação das estruturas e nascimento de estruturas físicas novas em outro lugar. No universo nada se cria, nada se perde, tudo se transforma, já dizia Lavoisier, com razão.

--- Mestre, então a Teoria da Grande Explosão é equivocada? --- perguntei.

--- Se tomada do ponto-de-vista relativo, essas galáxias tiveram um início de fato em um mesmo local no espaço, ponto de aglutinação de forças e inteligências espirituais que deram nascimento ao universo que vemos com os telescópios possantes. No entanto, Beto, a idade do universo está errada, e será corrigida com o tempo. Nosso sistema galáctico tem mais de 20 bilhões de anos e o universo como um todo, não tem idade, sendo eterno, sempre existente. Sempre existiu energia, matéria, Espíritos ou seres inteligentes, trabalho e criação.

--- Mas nós tivemos início posteriormente à criação de nossa galáxia! --- afirmei, mais do que perguntei.

--- Certo, Beto. Inicialmente os construtores siderais, Espíritos de alta evolução e idade cósmica, manipularam energias criadoras e condensaram-nas até darem nascimento às partículas subatômicas conhecidas pelo homem. Depois, em processo de abertura energética, essas partículas ou vórtices de energia expeliram de dentro de si, em sentido dimensional, outros vórtices menores, que passaram a rodear o vórtice original, em rota elíptica. Em processos repetidos nasceram o núcleo do que chamais átomo e em seguida o primeiro átomo de hidrogênio, possuindo apenas um elétron. Em seguida surgiram outros elementos químicos, formando os berçários estelares, onde nascem as estrelas ou sóis, os sistemas solares e as galáxias, tudo a partir de um núcleo, que continua sendo o núcleo da galáxia, e onde habitam os dirigentes ou governantes dessa estrutura astrofísica.

--- São quatrocentos milhões de sóis na Via Láctea, mestre. --- disse com certo espanto, demonstrando a imensidão da nossa estrutura.

--- Sim, e cada sol rodeado de planetas, havendo vida em muitos deles. Esse sistema solar não é o mais antigo da galáxia. O de Capela é anterior. A Terra, segundo cálculos científicos terrenos, possui cerca de 4,5 bilhões de anos. E a vida orgânica surgiu há 4 bilhões de anos, segundo microfósseis encontrados em camadas geológicas profundas. A vida, no entanto, não é só matéria. A vida orgânica é fruto e filha da reunião da matéria inorgânica, energia e psiquismo ou ser individualizado, ou Espírito. Deus está em tudo. Não há repouso absoluto no universo. Tudo se move, produzindo sons. A vida começa em Deus, Consciência Pura. Depois, com a emanção e envolvimento do ser espiritual em energias densas, ou matéria, começa o que é a evolução propriamente dita, com o fechamento da consciência na matéria sólida orgânica. O ser individualizado não tem consciência de si

mesmo, não tem autoconsciência. Mescla-se com energias e matéria inorgânica mineral, após o nascimento do universo físico, experimentando reações químicas inconscientes, atraídos de forma irresistível por outros elementos químicos e seres orgânicos. Há 4 bilhões de anos surge a vida orgânica, com seres unicelulares simples. Você então vivia como uma célula primitiva, experimentando sensações táteis primárias, calor, frio, agressões externas, desagregação molecular e nova existência orgânica.

--- A morte, mestre? --- perguntei.

--- Sim, a morte nasce quando começa a vida orgânica, pois que ela não é mais do que a desagregação molecular das partes ou faces da vida orgânica. Sem o ser espiritual individualizado, envolto em energias, não há vida orgânica, não há biologia. A matéria se corrompe, se desgasta e por isso precisa se renovar.

--- E a morte faz a renovação mestre?

--- Isso, Beto. A morte renova as estruturas orgânicas para que o Espírito adquira experiência no Plano Físico e evolua. O Espírito surge e começa a escalada propriamente dita da evolução a partir do surgimento da vida orgânica. Sai do fechamento consciencial do mineral e começa a abrir-se para o mundo externo na célula individual. Permanece ligado às estruturas moleculares da célula enquanto essas têm condições de albergá-lo. Cessadas essas condições, por desgaste natural do tempo, comum à vida orgânica, ou por destruição causada por outro ser vivo, o Espírito ou princípio espiritual, ou psiquismo, como queiram chamar, tem que abandonar o corpo celular. Isso é morte.

--- Mestre, onde ficam os seres após a morte do corpo celular? --- perguntei.

--- Em dimensão ou Plano imediatamente superior ao físico, onde estava o corpo celular. Superior em termos de refinamento de energia. O Espírito não é tão denso quanto o mineral ou a célula. Havia, desde o início da formação da Terra, Planos ou dimensões energéticas sutis envolvendo o Planeta Físico.

--- E quem cuidava desses seres que deixaram o corpo celular?

--- Seres mais adiantados, que vieram para cá em missão criadora evolutiva, e em aprendizado construtor.

--- Mestre, quer dizer que já existiam Espíritos na Terra quando eu ainda era uma célula individual? --- perguntei.

--- Claro. Você é novo. Há Espíritos antiquíssimos no nosso sistema solar.

--- Mestre, os Espíritos ou seres individualizados conscientes reencarnavam a esse tempo? --- indaguei.

--- Depende, Beto. --- disse Sana Khan, completando --- se você considerar a palavra reencarnação como ligação do Espírito a um corpo de carne, diria que não havia ainda reencarnação, pois naquele tempo não havia corpo de carne. Porém, se reencarnação significar ligação do Espírito, ainda que rudimentar, a um organismo vivo, que morre, ou se destrói, ligando-se depois o Espírito a outro organismo, diria que já havia reencarnação no tempo das células unitárias primitivas.

--- E quanto tempo levava de uma experiência em organismos unicelulares para outro, digo, o tempo entre uma experiência e outra? --- perguntei.

--- O tempo era curto. --- respondeu Sana Khan, completando --- Quanto menos evoluído um ser ou Espírito, isto é, quanto mais fechada sua consciência, menor o tempo interreencarnatório, porque as experiências adquiridas durante a vida orgânica são poucas e repetitivas, além do que o ser não possui ainda razão, não analisando suas experiências e vida. Quase imediatamente após a morte da célula primitiva, os seres que zelavam por suas

vidas e evolução dos Espíritos novos providenciavam logo outro veículo orgânico, ao qual ligavam o Espírito.

--- Mestre, --- perguntei --- nós, terrícolas, passamos por essa experiência?

--- Sem dúvida, Beto. O Espírito, tal qual conheceis hoje, com forma humana, não principiou seu aprendizado evolutivo em corpos da espécie humana, que é nova na Terra. Começaram em organismos unicelulares primitivos e simples, inicialmente sem núcleo celular, inclusive. As outras conquistas foram posteriores.

--- Prossiga com a evolução do ser, mestre. --- pedi a Sana Khan, ansioso por mais explicações.

--- Com a evolução lenta e gradual das estruturas geológicas da Terra, a vida se aperfeiçoou, sempre sob a direção do governador do planeta e seus inúmeros auxiliares técnicos, entendidos em química, biologia, física e outras ciências universais, ligadas ao universo material. Surgiram os seres pluricelulares, com o agrupamento de células, dando oportunidade, assim, a que seres experimentassem a vida mais complexa dos pluricelulares e os seres ligados às células se aperfeiçoassem e especializassem seu trabalho nos organismos complexos. Verdadeira comunidade de células, e de Espíritos novos, iniciando sua caminhada na vida orgânica.

--- E os vegetais, mestre? --- perguntei.

--- Assim surgiram os vegetais, com comunidades de células e divisão de tarefa por zonas e grupos de células, que formaram os órgãos das novas espécies vegetais.

--- Mas, mestre, por que a diferença de evolução entre os vegetais complexos, pluricelulares e as células individuais?

--- Como vimos, Beto, --- respondeu Sana Khan --- a criação é incessante, perpétua. Nem todos surgiram como Espíritos ao mesmo tempo. Uns vieram primeiro que outros, sendo pois mais velhos e experientes, liderando as espécies e servindo de batedores no rude planeta.

--- Os vegetais se tornaram complexos, chegando a grandes árvores, que vivem centenas e até milhares de anos. --- disse eu.

--- Exato, Beto. A evolução vegetal os levou, digo, aos Espíritos daquele nível, até às árvores grandes e frutíferas. Há árvores que vivem mais de dois mil anos, como uma existente no Brasil, que é mais antiga do que a passagem de Jesus no planeta, na Galiléia. Como vê, certas árvores vivem mais que qualquer homem. Porém, suas experiências são limitadas, presas que se encontram ao solo, sem cérebro, olhos ou ouvidos. Sentem o vento, a chuva, o sol, os choques mecânicos, a presença de outros seres, realizam a fotossíntese e liberam oxigênio na atmosfera. Após a morte da árvore, os seres ou Espíritos do nível vegetal permanecem no plano astral por período mais demorado que as células únicas e vegetais menos complexos, pois são elas expoentes maiores do reino vegetal, primeiro reino verdadeiro que se seguiu ao nascimento da vida na Terra.

--- Mestre, no tempo em que começaram a existir vegetais superiores, como as árvores, já existia Plano Astral na Terra? --- perguntei.

--- Claro. Muito antes. --- respondeu Sana Khan --- Como disse, existe o Plano Astral ou Espiritual desde a formação da Terra por Espíritos superiores. E cada ser que vive em ligação com os organismos vivos no planeta passam naquele Plano tempo proporcional ao seu grau de complexidade e evolução, o que vale até para os Espíritos no reino humano.

--- Mestre, as árvores deste vale, lá fora da cabana, são, então, Espíritos em evolução, em período de transição de uma para outra existência física?

--- Sim. --- respondeu Sana Khan --- São Espíritos em evolução, e já viveram no Plano Físico. Voltarão para lá com o tempo, em formas mais complexas e aperfeiçoadas, gerando frutos saborosíssimos que os homens apreciarão no futuro. São vegetais superiores, com grande sensibilidade. Não tardará sua transição para o reino seguinte, o animal.

--- A propósito, mestre, --- perguntei --- como se processa essa passagem? Há salto ou é lenta, gradual?

--- Não existe salto no universo. A evolução é gradual. Não há queima de etapas, como vocês falam no Brasil. Os Espíritos do Reino Vegetal ingressam no Reino Animal pelas formas inferiores, no sentido de complexidade. Sabemos que há animais com vida e inteligência quase vegetais, ou seja, com pouca inteligência, ou mente rudimentar. Não há, assim, choque de adaptação do Espírito que deixa o Reino Vegetal e começa a escalada evolutiva como animal. A palavra animal vem de anima, ligado a movimento, animação. Os animais se movimentam mais livremente do que as plantas, principalmente se tomarmos para comparação aquelas que estão presas e fixas ao solo por meio de raízes.

--- Mestre, e os organismos animais, como evoluem? --- perguntei.

--- Prosseguindo o Espírito a marcha normal da evolução, que é aperfeiçoamento, complexidade e abertura de consciência, deixa o Reino Vegetal ainda limitado em experiências e ingressa no Reino da animação, ou Animal. Movimenta-se pelo planeta, comendo, expelindo dejetos, dormindo, lutando pela sobrevivência, o que, gradativamente, face a repetição, se automatizou como reflexo de ação e se estabeleceu como instinto. Este é fruto da repetição prolongada de comportamentos, necessários e úteis para a sobrevivência do ser animal.

--- Mestre, --- perguntei --- aí já podemos falar em reencarnação?

--- O animal tem corpo de carne. E o Espírito passa de um corpo a outro, de uma espécie a outra, permanecendo período de tempo que varia de acordo com sua complexidade biológica e mental no Plano Astral ou Espiritual. No entanto, o Espiritismo, por exemplo, somente fala em reencarnação no Reino ou espécie Humana. Isso não quer dizer que os animais não reencarnem ou não sejam seres individualizados, ainda que Espíritos primitivos ou rudimentares. É apenas questão de interpretação dizer que só há Espírito no Reino Humano e antes disso havia um princípio inteligente, ou psiquismo. O ser é criado individualizado, consciente, ainda que possua fechamento de consciência e não possua mente racional até o animal. É questão de ponto-de-vista. Mas uma coisa é certa, quase todos aqueles que hoje são homens na Terra, ou Espíritos desencarnados com forma humana, habitando os planos mais sutis, passaram pela forma animal, como você teve oportunidade de vivenciar. Seria bom se todos fizessem isso, para que sentissem a veracidade dessa afirmação, e passassem a respeitar e a tratar melhor os animais, seres em evolução como os homens.

--- Mestre, os animais não pertencem a uma linha ou corrente evolutiva diferente da do homem? --- perguntei, lembrando-me da Teosofia.

--- Não, Beto. Na Terra, quem hoje é humano, um dia foi animal, em termos de Espírito ou ser individualizado. E quem foi ou é animal, um dia foi vegetal, e antes mineral. A corrente evolutiva não privilegia ninguém. As etapas são semelhantes para todos os Espíritos. Não é preciso você viver em corpos de todas as espécies de planta ou animal, pois a mudança de corpo e espécie orgânica depende do aproveitamento das experiências pelo ser, mas não há linha evolutiva de formigas e abelhas, por exemplo, ou peixe ou outra qualquer, sem passagem pelo Reino Humano. Isso é fruto de má observação ou engano do observador.

--- O senhor foi animal aqui na Terra? --- perguntei.

--- Não, essa etapa cumpri no meu planeta de origem, no Sistema de Capela. Vim para cá na forma humana.

--- Mestre, por que a forma humana impera?

--- Não sei quanto a outras galáxias, mas na Via Láctea a forma escolhida pelos seres superiores em evolução para receber a inteligência racional e despertar para a autoconsciência, com maior abertura de consciência, foi a forma conhecida por humana. Em Capela, a forma humana havia já atingido grau de perfeição orgânica e beleza estética que os homens da Terra só agora começam a alcançar, uns poucos.

--- E os Espíritos que dirigem a galáxia adotam a forma humana? --- perguntei, curioso.

--- Não sei quanto aos dirigentes da galáxia, pois não tenho certeza, devido à distância evolutiva que nos separa. No entanto, posso afirmar que aqueles que governam este sistema solar e o de Capela mantêm forma humana. Por isso é que a Bíblia diz que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus.

--- Mestre, demorou muito a experiência animal na Terra, até o surgimento do homem? --- perguntei.

--- Sim, a etapa foi longa. Basta exemplificar com os dinossauros, répteis gigantes, mas de pouca inteligência, pois possuíam cérebro diminuto, que viveram por cerca de 165 milhões de anos. O homem tem cerca de 15 milhões. No entanto, as experiências como animal eram de certo modo repetitivas, devido à pouca inteligência, falta de instrumentos, construção mental ou material. Viviam os animais para a satisfação das necessidades físicas e sobrevivência. Sua reencarnação era rápida, pois não havia por que demorem no Plano Astral. Reflexão não havia, nem planos, nem desejos de vingança. A vida do animal era simples. Vocês viveram como trilobitas no fundo dos oceanos, como peixes, anfíbios, répteis, mamíferos, até que finalmente se ergueram do chão, olharam para o alto pela primeira vez, fitando as estrelas, olharam seus reflexos nas águas dos lagos e se reconheceram como ser, como ente, separado dos outros. Descobriram o "eu", tornando-se autoconscientes. Nasceu, assim, o homem. Mas deixemos a evolução humana para amanhã. O dia amanhece no Plano Físico. Volte para o corpo. Muita paz e até amanhã, meu filho.

--- Mestre, como agradecer o que aqui recebi hoje?

--- Não precisa, Beto. Tenho certeza de que um dia ensinará tudo isso a outras pessoas. Então sua missão se cumprirá e também a minha aqui.

Parti de volta à Terra com lágrimas de emoção.

CAPÍTULO 10

Na noite seguinte, recolhi-me cedo, cumprindo o ritual de relaxamento cotidiano, a fim de deixar o escafandro de carne. Liberto do peso da matéria densa, sem que saísse pela casa, mentalizei logo a cabana onde estivera na noite anterior. Assim, segundos após, estava na porta de entrada. Abri a porta e adentrei, encontrando Sana Khan sentado, à moda yogue, em profunda meditação. Com receio de atrapalhar, sentei-me próximo, sem fazer qualquer ruído. No entanto, o mestre logo abriu os olhos e, fitando-me, falou:

--- E então, preparado para prosseguir com nossa conversa?

--- Sim, mestre, ansioso. --- respondi.

--- Estava revendo mentalmente o processo, refletindo acerca de alguns pontos complexos. Ao longo da conversa exporei alguns temas desses.

--- Bom, mestre, adoro temas filosóficos complexos, que me façam pensar profundamente. Não costumo aceitar filosofias e religiões sem raciocinar sobre suas doutrinas.

--- Continuemos, então. --- disse Sana Khan, prosseguindo --- Já vimos que a base do Universo, do Cosmo, é o Absoluto, Aquilo, Tat, Tao, o Uno, Deus, em seus sentidos mais profundos e abstratos. E que essa base possui substância, que pode ser chamada de Purusha e Prakriti, Fluido Divino, Fluido Cósmico Universal, Energia Primária ou Primordial ou ainda outros nomes com idêntica significação. Vimos, também, que a base é Consciência Pura, infinita, eterna, onisciente e onipresente.

--- Mestre, Deus é imaterial? --- interrompi, somente para me certificar.

--- Se pensais na matéria como a conheceis no Plano Físico deste Planeta, sim, é imaterial. No entanto, como vimos, possui base substancial, pois que não é o nada ou o vazio.

--- Entendi, mestre, pode prosseguir.

--- Beto, você entende o que seja eternidade?

--- Aquilo que não tem princípio nem fim, mestre. --- falei.

--- Exato. É fácil pensar no tempo sem fim, no futuro eterno. Porém, pensar logicamente no passado eterno, não é fácil para a mente racional. Estamos acostumados à idéia de que tudo que existe teve um início.

--- É, mestre, --- concordei --- não é realmente fácil pensarmos num passado sem começo. Mas, onde o senhor quer chegar?

--- Beto, o processo de criação, ou seja, as emanções Divinas de seu próprio Ser, dando nascimento aos seres individualizados, de consciência fechada, como vimos, não teve um início.

--- Como, mestre? --- interroguei Sana Khan, curioso.

--- Se Deus, o Absoluto, é eterno, nunca teve início e nunca terá fim. Sua emanção criadora, que sempre existiu e se faz eternamente viva e atuante, ainda hoje, perpetua-se, no tempo e no espaço.

Sana Khan fez breve pausa, para que pudesse digerir suas idéias sem o risco de uma indigestão mental-filosófica. É, isso existe, que é a perda da lucidez e estrutura por causa de bloqueio na mente. Após momentos, prosseguiu:

--- Beto, se Deus cria desde toda a eternidade, como se costuma dizer, há seres inteligentes no Universo em grau tão elevado que nossa mente primitiva sequer pode imaginar, por falta de referencial. Se você pensar em trilhões de anos, a esse tempo já

existiam seres inteligentes e o Universo, ainda que seja em forma diversa da presente. E todos os seres, Espíritos inteligentes, quando alcançam determinado patamar evolutivo, passam a ser, ou tornam-se, co-criadores no Universo. Isto é, eles passam também a criar, manipulando energias, formando mundos (Planetas), Sistemas Solares, galáxias, sistemas ou conglomerados de galáxias e estruturas cada vez maiores e mais complexas no Cosmos, além do que, dirigem a evolução de incalculáveis números de seres ou Espíritos, aos quais auxilia na criação e evolução. Porém, Beto, a Consciência, mãe da inteligência, é filha da Consciência Pura, não-criada, não-nascida. Os Espíritos manipulam energias, substâncias, utilizando-se de seus poderes e inteligência, fazendo o universo estuante de vida e inteligência. Mas sua criação é relativa, pois eles próprios não criaram a si mesmos, sendo também emanções do Absoluto, Deus.

--- Interessante, mestre, são como deuses.

--- Podem ser considerados deuses, no sentido relativo, porém, não são Deus, o Imanifestado, Transcendente, único, que permanece intocável em sua dimensão existencial. Todos os seres individualizados foram um dia criados, ainda que em passado remoto, em tempos imemoriais e inimagináveis. Só Deus, o Absoluto, Tao, Tat, Aquilo, o Uno, é eterno, incriado.

--- Mestre, as religiões orientais, notadamente as da Índia antiga, ora falam em Deus no sentido do Absoluto, impessoal, imanifestado, ora falam em Deus Pessoal, manifestado.

--- Exatamente, Beto. --- concordou Sana Khan --- O Absoluto é incriado, imanifestado, transcendente, impessoal. Não é pessoa, não tem personalidade. Porém os manifestados, emanções do Absoluto, são pessoais e pessoas, tendo personalidade, que tanto mais se assemelham quanto mais evoluem os seres. Assim, os seres mais antigos são muito parecidos, possuindo vontades semelhantes, o que mantém o universo em harmonia, regido por leis eternas e imutáveis.

--- Mestre, o Deus de que fala a Bíblia é o Absoluto ou um Deus pessoal? --- indaguei curioso.

--- Beto, você já leu a Gênese da Bíblia?

--- Sim, mestre.

--- Lembra-se da pessoa que narra a criação, em termos de gramática portuguesa? --
- perguntou-me Sana Khan.

--- Não, mestre.

--- É a primeira pessoa do plural. Na gênese, diz-se, por exemplo: "Nós criamos o homem à nossa imagem e semelhança. "

--- É, mestre. --- concordei, recordando as lições do catecismo.

--- Pois é, Beto. "Nós" não pode significar um só, mas pelo menos dois. E é assim que está escrito no texto original, não adiantando alterar-se agora o escrito antigo para modificar a verdade. A Gênese Bíblica prova que o homem físico, bem como a Terra, e esse cantinho do universo foram criados por vários seres inteligentes, Espíritos altamente evoluídos e poderosos, com conhecimentos que lhes possibilitam manipular energias capazes de gerar planetas e sóis.

--- Quer dizer, então, mestre, --- indaguei --- que esse planeta e os seres biológicos que nele vivem são criação de Espíritos evoluídos, não do Absoluto, imanifestado?

--- Sim, mas no sentido relativo. Pois, como lhe disse, esses seres são emanções do Absoluto, Deus, a Consciência Cósmica, que vive em seu Plano ou Dimensão Absoluta, transcendente e eterna. Os Espíritos, seres individualizados, ou almas, criam a partir das

energias que preexistiam a seu próprio nascimento. São co-criadores com o Absoluto. Fazem o serviço que o Eterno Incriado não pode fazer em seu plano. Porém, o Absoluto vive neles e através deles no universo fenomenal, energético e material. É a Imanência Divina. Deus está presente em suas obras e, conseqüentemente, nas obras dos seres por Ele emanados. Cada Espírito contém em si o Absoluto, em germe ou essência, podendo a qualquer momento, desde que maduro para tal, voltar a sentir-se a virginal Consciência Pura, que é a Sua Essência e origem existencial.

--- Mestre, então o Deus de que nos fala a Bíblia, que pedia a adoração só a Ele próprio é um Espírito? --- perguntei.

--- Sim. É pessoa, individualidade inteligente, porém não a única no universo. Fazem confusão entre Ele e o Absoluto, eterno, incriado. A pessoa é filha ou filho, pois não tem sexo, do Eterno, imaterial, onisciente, onipresente, infinito. Mas a pessoa não tem esses atributos. O Absoluto não atua na matéria diretamente, somente suas criaturas, os Espíritos imortais criados ou emanados podem atuar sobre a energia e a matéria tal qual a conhecemos.

--- Então qualquer Deus pessoal tomado pelas religiões várias são Espíritos imortais, mas que tiveram um dia nascimento a partir do Absoluto incriado, não-nascido? --- perguntei.

--- Sim, é isso, Beto. Tomam as criaturas pelo Criador. Por outro lado, se considerarmos o grau de evolução, inteligência e poder de tais seres que criaram nossa galáxia, podemos chamá-los, no sentido relativo, de Deus, pois não conseguimos alcançar com a nossa lógica e razão limitada, a amplitude de suas forças e conhecimento. São deuses, na verdade, integrados e harmonizados com outros Seres do mesmo nível evolutivo ou superiores e ainda integrados com as Eternas Leis Cósmicas.

--- Então, mestre, --- raciocinei --- todas as religiões estão corretas, no plano relativo.

--- Sim, meu filho, --- concordou Sana Khan --- desde que não achem que seu Deus é o único e diferente do Deus das outras religiões e povos. Muitos povos tiveram Espíritos a guiarem seus rumos na Terra, tendo considerado esses Espíritos como Deus. Alguns assim ainda os consideram, achando que só eles possuem Deus, sendo povos escolhidos. Deus é um só, universal, no sentido absoluto. E no sentido relativo, tomando-se por base nosso sistema solar ou galáxia, também Deus é um só para os habitantes da Terra. Não há, assim, razão para dissensões, lutas, disputas ou sectarismos no que diz respeito a Deus. O mesmo Deus que presidiu a minha criação, a sua, a de Hitler, de Átila, Einstein, Jesus, Buda e outros, presidiu a criação de nossa galáxia. Judeus, muçulmanos, católicos, budistas, sikkins e outros partidários religiosos adoram o mesmo Deus, visto de forma às vezes um pouco diferente, devido à sua cultura e grau de conhecimento, bem como a sua evolução espiritual. Pensam, no entanto, que seu Deus é único e diverso do Deus das outras religiões, o que gera a intolerância religiosa. Muita luta por causa disso você ainda assistirá até o final do século. Milhares deixarão a Terra por causa da intolerância e incompreensão, por falta de amor, que é a única coisa que Deus almeja para o universo e seus filhos, seja no plano relativo, seja no plano Absoluto. Deus é união, integração, unidade harmônica, Consciência Pura, coesão. Tudo visa a união e harmonização, após a criação de cada ser.

--- É, mestre, --- pensei alto --- é como se todos vissem o sol e o chamassem de forma diferente, dando-lhe nomes diferentes, como Gott, God, Deus, Theos, Alá, Jeová, Brahman e outros, e pensassem que cada um tem o seu sol particular. No entanto, o sol é um

só, pelo menos neste sistema solar. E ele se doa, esparge sua luz e energia sem distinguir a quem, se preto, branco, rico, pobre, bactéria, árvore ou animal.

--- Assim é para Deus, Beto. Não há distinção. Todos são iguais, em essência. Todos recebem, porém uns aproveitam mais que outros. Uns avançam, enquanto outros estacionam ou seguem lentamente a marcha da evolução. Mas não há retrocesso, nem morte para o Espírito. Uma vez nascido, é imortal, jamais deixando de ser individualidade, que no entanto se expande infinitamente em inteligência e poder, criando verdadeiros microuniversos.

--- Mestre, não há reunião, reintegração ou dissolução do ego, da individualidade, no Todo, no Absoluto, após algum tempo? --- perguntei, baseado em algumas filosofias orientais.

--- Não, meu filho. Nascido o Espírito, jamais se reintegra no Absoluto com perda de individualidade, a não ser temporariamente, como era feito nas iniciações antigas para fins de descoberta de sua própria origem, como você fez aqui neste Plano. Mas a perda definitiva da individualidade não se dá jamais. O que há é expansão contínua, com harmonização das individualidades espirituais com outros seres do universo, assemelhando-os e formando uma unidade de pensamento e vontade que mantém o Cosmos em marcha evolutiva eterna, sempre havendo criação.

--- Quer dizer que eu não vou me fundir no Todo, como a gota no oceano? --- perguntei.

--- Em termos definitivos, não. Porém se sentirá eternamente cada vez mais oceano, conhecendo-o cada vez mais, porém havendo sempre mistérios a desvendar, conhecimentos a adquirir e espaços a trabalhar, criar e construir.

--- Mestre, lembrei-me daquela sua frase: "Viver é o maior mistério da existência."

--- Sim. A vida, no sentido mais amplo, é o grande mistério. O porquê da vida, da existência, é que é desconhecido por nós. Quem sabe um dia encontraremos a resposta. Pessoalmente, meu filho, acho que não há resposta. A vida nasce naturalmente, sem razão, não no sentido biológico, mas espiritual. O Absoluto não tem vontade pensada, mas talvez intrínseca a seu próprio ser, Consciência Pura e Cósmica que é.

--- Mestre, nosso nascimento e evolução, como e quando se deram? --- perguntei.

--- Sou muito mais antigo do que você, meu filho. Nossa galáxia é comum, porém, iniciei minha caminhada evolutiva em outro sistema solar, em um dos braços espirais da Via Láctea, a 65 anos luz da Terra, na constelação do Cocheiro, como a chamais. Vivi no Planeta que os espíritas brasileiros chamam de Capela, ou Sistema Solar de Capela. Mas deixemos isso para mais adiante.

--- Mestre, o senhor é capelino? --- indaguei surpreso.

--- Sim, Beto. Depois falarei a respeito de minha vida em Capela. Agora acompanhe meu raciocínio e explanação. O universo existe desde toda a eternidade, com constante renovação de estruturas físicas astronômicas setoriais ou localizadas. Como um todo, ele é eterno, mas há permanente renovação de planetas, sóis, sistemas e galáxias. O que hoje a astronomia conhece e considera como universo não passa de um grão do deserto de areia cósmica infinita. Há infinitas galáxias e conglomerados, muito além de nossa imaginação. A teoria do Big Bang, ou grande explosão, não retrata a realidade absoluta, mas apenas relativa. Há, de fato, expansão e afastamento das galáxias por nós vista, que se originaram de um centro comum de condensação de energia. O espaço é infinito, e antes que uma galáxia chegue a se chocar com outra, de um outro sistema de galáxias, a evolução física já chegou a seu termo no sistema galáctico e há desintegração da matéria, com renovação das

estruturas e nascimento de estruturas físicas novas em outro lugar. No universo nada se cria, nada se perde, tudo se transforma, já dizia Lavoisier, com razão.

--- Mestre, então a Teoria da Grande Explosão é equivocada? --- perguntei.

--- Se tomada do ponto-de-vista relativo, essas galáxias tiveram um início de fato em um mesmo local no espaço, ponto de aglutinação de forças e inteligências espirituais que deram nascimento ao universo que vemos com os telescópios possantes. No entanto, Beto, a idade do universo está errada, e será corrigida com o tempo. Nosso sistema galáctico tem mais de 20 bilhões de anos e o universo como um todo, não tem idade, sendo eterno, sempre existente. Sempre existiu energia, matéria, Espíritos ou seres inteligentes, trabalho e criação.

--- Mas nós tivemos início posteriormente à criação de nossa galáxia! --- afirmei, mais do que perguntei.

--- Certo, Beto. Inicialmente os construtores siderais, Espíritos de alta evolução e idade cósmica, manipularam energias criadoras e condensaram-nas até darem nascimento às partículas subatômicas conhecidas pelo homem. Depois, em processo de abertura energética, essas partículas ou vórtices de energia expeliram de dentro de si, em sentido dimensional, outros vórtices menores, que passaram a rodear o vórtice original, em rota elíptica. Em processos repetidos nasceram o núcleo do que chamais átomo e em seguida o primeiro átomo de hidrogênio, possuindo apenas um elétron. Em seguida surgiram outros elementos químicos, formando os berçários estelares, onde nascem as estrelas ou sóis, os sistemas solares e as galáxias, tudo a partir de um núcleo, que continua sendo o núcleo da galáxia, e onde habitam os dirigentes ou governantes dessa estrutura astrofísica.

--- São quatrocentos milhões de sóis na Via Láctea, mestre. --- disse com certo espanto, demonstrando a imensidão da nossa estrutura.

--- Sim, e cada sol rodeado de planetas, havendo vida em muitos deles. Esse sistema solar não é o mais antigo da galáxia. O de Capela é anterior. A Terra, segundo cálculos científicos terrenos, possui cerca de 4,5 bilhões de anos. E a vida orgânica surgiu há 4 bilhões de anos, segundo microfósseis encontrados em camadas geológicas profundas. A vida, no entanto, não é só matéria. A vida orgânica é fruto e filha da reunião da matéria inorgânica, energia e psiquismo ou ser individualizado, ou Espírito. Deus está em tudo. Não há repouso absoluto no universo. Tudo se move, produzindo sons. A vida começa em Deus, Consciência Pura. Depois, com a emanção e envolvimento do ser espiritual em energias densas, ou matéria, começa o que é a evolução propriamente dita, com o fechamento da consciência na matéria sólida orgânica. O ser individualizado não tem consciência de si mesmo, não tem autoconsciência. Mescla-se com energias e matéria inorgânica mineral, após o nascimento do universo físico, experimentando reações químicas inconscientes, atraídos de forma irresistível por outros elementos químicos e seres orgânicos. Há 4 bilhões de anos surge a vida orgânica, com seres unicelulares simples. Você então vivia como uma célula primitiva, experimentando sensações táteis primárias, calor, frio, agressões externas, desagregação molecular e nova existência orgânica.

--- A morte, mestre? --- perguntei.

--- Sim, a morte nasce quando começa a vida orgânica, pois que ela não é mais do que a desagregação molecular das partes ou faces da vida orgânica. Sem o ser espiritual individualizado, envolto em energias, não há vida orgânica, não há biologia. A matéria se corrompe, se desgasta e por isso precisa se renovar.

--- E a morte faz a renovação mestre?

--- Isso, Beto. A morte renova as estruturas orgânicas para que o Espírito adquira experiência no Plano Físico e evolua. O Espírito surge e começa a escalada propriamente

dita da evolução a partir do surgimento da vida orgânica. Sai do fechamento consciencial do mineral e começa a abrir-se para o mundo externo na célula individual. Permanece ligado às estruturas moleculares da célula enquanto essas têm condições de albergá-lo. Cessadas essas condições, por desgaste natural do tempo, comum à vida orgânica, ou por destruição causada por outro ser vivo, o Espírito ou princípio espiritual, ou psiquismo, como queiram chamar, tem que abandonar o corpo celular. Isso é morte.

--- Mestre, onde ficam os seres após a morte do corpo celular? --- perguntei.

--- Em dimensão ou Plano imediatamente superior ao físico, onde estava o corpo celular. Superior em termos de refinamento de energia. O Espírito não é tão denso quanto o mineral ou a célula. Havia, desde o início da formação da Terra, Planos ou dimensões energéticas sutis envolvendo o Planeta Físico.

--- E quem cuidava desses seres que deixaram o corpo celular?

--- Seres mais adiantados, que vieram para cá em missão criadora evolutiva, e em aprendizado construtor.

--- Mestre, quer dizer que já existiam Espíritos na Terra quando eu ainda era uma célula individual? --- perguntei.

--- Claro. Você é novo. Há Espíritos antiquíssimos no nosso sistema solar.

--- Mestre, os Espíritos ou seres individualizados conscientes reencarnavam a esse tempo? --- indaguei.

--- Depende, Beto. --- disse Sana Khan, completando --- se você considerar a palavra reencarnação como ligação do Espírito a um corpo de carne, diria que não havia ainda reencarnação, pois naquele tempo não havia corpo de carne. Porém, se reencarnação significar ligação do Espírito, ainda que rudimentar, a um organismo vivo, que morre, ou se destrói, ligando-se depois o Espírito a outro organismo, diria que já havia reencarnação no tempo das células unitárias primitivas.

--- E quanto tempo levava de uma experiência em organismos unicelulares para outro, digo, o tempo entre uma experiência e outra? --- perguntei.

--- O tempo era curto. --- respondeu Sana Khan, completando --- Quanto menos evoluído um ser ou Espírito, isto é, quanto mais fechada sua consciência, menor o tempo interreencarnatório, porque as experiências adquiridas durante a vida orgânica são poucas e repetitivas, além do que o ser não possui ainda razão, não analisando suas experiências e vida. Quase imediatamente após a morte da célula primitiva, os seres que zelavam por suas vidas e evolução dos Espíritos novos providenciavam logo outro veículo orgânico, ao qual ligavam o Espírito.

--- Mestre, --- perguntei --- nós, terrícolas, passamos por essa experiência?

--- Sem dúvida, Beto. O Espírito, tal qual conheceis hoje, com forma humana, não principiou seu aprendizado evolutivo em corpos da espécie humana, que é nova na Terra. Começaram em organismos unicelulares primitivos e simples, inicialmente sem núcleo celular, inclusive. As outras conquistas foram posteriores.

--- Prossiga com a evolução do ser, mestre. --- pedi a Sana Khan, ansioso por mais explicações.

--- Com a evolução lenta e gradual das estruturas geológicas da Terra, a vida se aperfeiçoou, sempre sob a direção do governador do planeta e seus inúmeros auxiliares técnicos, entendidos em química, biologia, física e outras ciências universais, ligadas ao universo material. Surgiram os seres pluricelulares, com o agrupamento de células, dando oportunidade, assim, a que seres experimentassem a vida mais complexa dos pluricelulares e os seres ligados às células se aperfeiçoassem e especializassem seu trabalho nos organismos

complexos. Verdadeira comunidade de células, e de Espíritos novos, iniciando sua caminhada na vida orgânica.

--- E os vegetais, mestre? --- perguntei.

--- Assim surgiram os vegetais, com comunidades de células e divisão de tarefa por zonas e grupos de células, que formaram os órgãos das novas espécies vegetais.

--- Mas, mestre, por que a diferença de evolução entre os vegetais complexos, pluricelulares e as células individuais?

--- Como vimos, Beto, --- respondeu Sana Khan --- a criação é incessante, perpétua. Nem todos surgiram como Espíritos ao mesmo tempo. Uns vieram primeiro que outros, sendo pois mais velhos e experientes, liderando as espécies e servindo de batedores no rude planeta.

--- Os vegetais se tornaram complexos, chegando a grandes árvores, que vivem centenas e até milhares de anos. --- disse eu.

--- Exato, Beto. A evolução vegetal os levou, digo, aos Espíritos daquele nível, até às árvores grandes e frutíferas. Há árvores que vivem mais de dois mil anos, como uma existente no Brasil, que é mais antiga do que a passagem de Jesus no planeta, na Galiléia. Como vê, certas árvores vivem mais que qualquer homem. Porém, suas experiências são limitadas, presas que se encontram ao solo, sem cérebro, olhos ou ouvidos. Sentem o vento, a chuva, o sol, os choques mecânicos, a presença de outros seres, realizam a fotossíntese e liberam oxigênio na atmosfera. Após a morte da árvore, os seres ou Espíritos do nível vegetal permanecem no plano astral por período mais demorado que as células únicas e vegetais menos complexos, pois são elas expoentes maiores do reino vegetal, primeiro reino verdadeiro que se seguiu ao nascimento da vida na Terra.

--- Mestre, no tempo em que começaram a existir vegetais superiores, como as árvores, já existia Plano Astral na Terra? --- perguntei.

--- Claro. Muito antes. --- respondeu Sana Khan --- Como disse, existe o Plano Astral ou Espiritual desde a formação da Terra por Espíritos superiores. E cada ser que vive em ligação com os organismos vivos no planeta passam naquele Plano tempo proporcional ao seu grau de complexidade e evolução, o que vale até para os Espíritos no reino humano.

--- Mestre, as árvores deste vale, lá fora da cabana, são, então, Espíritos em evolução, em período de transição de uma para outra existência física?

--- Sim. --- respondeu Sana Khan --- São Espíritos em evolução, e já viveram no Plano Físico. Voltarão para lá com o tempo, em formas mais complexas e aperfeiçoadas, gerando frutos saborosíssimos que os homens apreciarão no futuro. São vegetais superiores, com grande sensibilidade. Não tardará sua transição para o reino seguinte, o animal.

--- A propósito, mestre, --- perguntei --- como se processa essa passagem? Há salto ou é lenta, gradual?

--- Não existe salto no universo. A evolução é gradual. Não há queima de etapas, como vocês falam no Brasil. Os Espíritos do Reino Vegetal ingressam no Reino Animal pelas formas inferiores, no sentido de complexidade. Sabemos que há animais com vida e inteligência quase vegetais, ou seja, com pouca inteligência, ou mente rudimentar. Não há, assim, choque de adaptação do Espírito que deixa o Reino Vegetal e começa a escalada evolutiva como animal. A palavra animal vem de anima, ligado a movimento, animação. Os animais se movimentam mais livremente do que as plantas, principalmente se tomarmos para comparação aquelas que estão presas e fixas ao solo por meio de raízes.

--- Mestre, e os organismos animais, como evoluem? --- perguntei.

--- Prosseguindo o Espírito a marcha normal da evolução, que é aperfeiçoamento, complexidade e abertura de consciência, deixa o Reino Vegetal ainda limitado em experiências e ingressa no Reino da animação, ou Animal. Movimenta-se pelo planeta, comendo, expelindo dejetos, dormindo, lutando pela sobrevivência, o que, gradativamente, face a repetição, se automatizou como reflexo de ação e se estabeleceu como instinto. Este é fruto da repetição prolongada de comportamentos, necessários e úteis para a sobrevivência do ser animal.

--- Mestre, --- perguntei --- aí já podemos falar em reencarnação?

--- O animal tem corpo de carne. E o Espírito passa de um corpo a outro, de uma espécie a outra, permanecendo período de tempo que varia de acordo com sua complexidade biológica e mental no Plano Astral ou Espiritual. No entanto, o Espiritismo, por exemplo, somente fala em reencarnação no Reino ou espécie Humana. Isso não quer dizer que os animais não reencarnem ou não sejam seres individualizados, ainda que Espíritos primitivos ou rudimentares. É apenas questão de interpretação dizer que só há Espírito no Reino Humano e antes disso havia um princípio inteligente, ou psiquismo. O ser é criado individualizado, consciente, ainda que possua fechamento de consciência e não possua mente racional até o animal. É questão de ponto-de-vista. Mas uma coisa é certa, quase todos aqueles que hoje são homens na Terra, ou Espíritos desencarnados com forma humana, habitando os planos mais sutis, passaram pela forma animal, como você teve oportunidade de vivenciar. Seria bom se todos fizessem isso, para que sentissem a veracidade dessa afirmação, e passassem a respeitar e a tratar melhor os animais, seres em evolução como os homens.

--- Mestre, os animais não pertencem a uma linha ou corrente evolutiva diferente da do homem? --- perguntei, lembrando-me da Teosofia.

--- Não, Beto. Na Terra, quem hoje é humano, um dia foi animal, em termos de Espírito ou ser individualizado. E quem foi ou é animal, um dia foi vegetal, e antes mineral. A corrente evolutiva não privilegia ninguém. As etapas são semelhantes para todos os Espíritos. Não é preciso você viver em corpos de todas as espécies de planta ou animal, pois a mudança de corpo e espécie orgânica depende do aproveitamento das experiências pelo ser, mas não há linha evolutiva de formigas e abelhas, por exemplo, ou peixe ou outra qualquer, sem passagem pelo Reino Humano. Isso é fruto de má observação ou engano do observador.

--- O senhor foi animal aqui na Terra? --- perguntei.

--- Não, essa etapa cumpri no meu planeta de origem, no Sistema de Capela. Vim para cá na forma humana.

--- Mestre, por que a forma humana impera?

--- Não sei quanto a outras galáxias, mas na Via Láctea a forma escolhida pelos seres superiores em evolução para receber a inteligência racional e despertar para a autoconsciência, com maior abertura de consciência, foi a forma conhecida por humana. Em Capela, a forma humana havia já atingido grau de perfeição orgânica e beleza estética que os homens da Terra só agora começam a alcançar, uns poucos.

--- E os Espíritos que dirigem a galáxia adotam a forma humana? --- perguntei, curioso.

--- Não sei quanto aos dirigentes da galáxia, pois não tenho certeza, devido à distância evolutiva que nos separa. No entanto, posso afirmar que aqueles que governam este sistema solar e o de Capela mantêm forma humana. Por isso é que a Bíblia diz que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus.

--- Mestre, demorou muito a experiência animal na Terra, até o surgimento do homem? --- perguntei.

--- Sim, a etapa foi longa. Basta exemplificar com os dinossauros, répteis gigantes, mas de pouca inteligência, pois possuíam cérebro diminuto, que viveram por cerca de 165 milhões de anos. O homem tem cerca de 15 milhões. No entanto, as experiências como animal eram de certo modo repetitivas, devido à pouca inteligência, falta de instrumentos, construção mental ou material. Viviam os animais para a satisfação das necessidades físicas e sobrevivência. Sua reencarnação era rápida, pois não havia por que demorem no Plano Astral. Reflexão não havia, nem planos, nem desejos de vingança. A vida do animal era simples. Vocês viveram como trilobitas no fundo dos oceanos, como peixes, anfíbios, répteis, mamíferos, até que finalmente se ergueram do chão, olharam para o alto pela primeira vez, fitando as estrelas, olharam seus reflexos nas águas dos lagos e se reconheceram como ser, como ente, separado dos outros. Descobriram o "eu", tornando-se autoconscientes. Nasceu, assim, o homem. Mas deixemos a evolução humana para amanhã. O dia amanhece no Plano Físico. Volte para o corpo. Muita paz e até amanhã, meu filho.

--- Mestre, como agradecer o que aqui recebi hoje?

--- Não precisa, Beto. Tenho certeza de que um dia ensinará tudo isso a outras pessoas. Então sua missão se cumprirá e também a minha aqui.

Parti de volta à Terra com lágrimas de emoção.

CAPÍTULO 11

Passei o dia inteiro refletindo acerca das explicações de Sana Khan. Causaram-me grande impressão, principalmente quanto à nossa passagem no Reino Animal.

Pela manhã, fui à Faculdade de Arquitetura, porém a professora não apareceu, como de costume. Aproveitei, então, para ir ao Parque da Cidade praticar yoga. Observei os animais livres, como pássaros e micos, e pensei em nossa essência comum. Comunguei com eles em pensamento o amor pela vida. Passadas duas horas voltei para casa, para o almoço.

À tarde, retornei à faculdade, assistindo aula de matemática.

A noite chegou, após ansiosa espera. Rapidamente me recolhi, relaxando e invocando a proteção dos seres superiores, para minha saída astral.

Fora do corpo, logo mentalizei a cabana e Sana Khan. Em instantes me encontrava em sua porta, adentrando, apressado.

--- Boa noite, mestre. --- disse.

--- Noite? Para você, meu filho. Para mim, aqui não há noite, manhã ou tarde. É tudo igual. Não durmo e não como. Não tomo banho, nem urino. Apenas medito e trabalho.

--- É, mestre, mas para mim isso ainda está longe. Preciso de tudo isso.

--- Trabalhe, cumprindo a missão que lhe confiarei, e em breve estará aqui, sem precisar dormir nem comer. Descansará da morte e renascimento. Será um imortal.

--- Mas, mestre, todos nós não somos imortais?

--- Como espírito, sim. Mas enquanto nascemos na matéria ainda sofremos a morte.

Interessante a colocação de Sana Khan. Considerou imortal aqueles que não mais morrem, pois não nascem. Então sou mortal!

--- Apenas trocadilho, Beto. Questão de palavras.

Já havia entrado e sentado, enquanto conversávamos.

--- Mestre, --- perguntei --- fale-me do surgimento do homem na Terra, e do Espírito evoluindo no organismo humano.

--- Claro, meu filho. É sempre um prazer explicar as coisas do Espírito para quem tem sede de saber e verdade.

Sana Khan pareceu fitar algo no meio da sala, único cômodo da cabana, e começou a falar:

--- Há cerca de 15 a 20 milhões de anos, você começou a sua etapa humana. Era a esse tempo um hominóide, conforme teve oportunidade de ver em regressão de memória. Meio homem, meio animal, semelhante aos macacos. Parecido ao que chamaram de Ramapithecus, que seria o elo perdido de ligação entre o símio, que é animal, e o homem. Começava a ficar de pé, olhando para cima e para a frente, e gostava de observar curiosamente o fogo. Era um hominóide inteligente, que sobressaía entre a maioria. Peludo, de rosto grande, boca enorme, nariz chato, olhos avermelhados, de pelos e pele negros. Suas expressões, no entanto, eram mais de humano que de animal. Não era muito agressivo, preferindo os lugares calmos, longe das feras. Apanhava pedaços de pau e pedra, e começava a usá-los para bater, quebrando cocos e caçando animais pequenos.

--- Mestre, --- interrompi --- possuía já a consciência de mim mesmo?

--- Foi nessa encarnação, que ora vejo como um filme, que você descobriu-se como um ente apartado dos outros, inclusive do grupo ao qual pertencia e com o qual convivia. Foi nessa época que descobriu ser um ego. Apalpou seu corpo todo, até a face, e então rolaram-lhe lágrimas dos olhos, ao se descobrir. Levava a herança animal, não só nos genes mas, sobretudo, no Espírito. Animal recente, os instintos ainda falavam alto em sua consciência. A razão era novata em sua vida espiritual. A lógica ensaiava seus primeiros passos.

--- Mestre, e os outros homens?

--- Da mesma forma, evoluíam. Os espíritos em evolução impulsionaram o desenvolvimento e crescimento do cérebro do animal. É a razão, a faculdade do raciocínio lógico, advindo da autoconsciência, da abertura consciencial, que dá o toque de humanidade no animal. O ser individualizado, no entanto, continua o mesmo, ou seja, a individualidade é a mesma, atravessando os diversos reinos da existência, adquirindo experiência e se desenvolvendo em inteligência. Cada vez que se liga à matéria, à vida orgânica, o ser ou Espírito aprende a superar as dificuldades e os obstáculos, saindo do Plano Físico mais enriquecido de vivências. Na próxima vida não precisa mais "quebrar a cabeça" com certas dificuldades que rapidamente vence com o auxílio da intuição, muitas vezes lembrança das experiências de outra vida, que afloram do subconsciente do Espírito, que é zona de armazenamento de saber.

--- Mestre, --- perguntei --- nessa época havia algum homem diferente dos demais, super dotado de inteligência, que conduzisse os demais?

--- Ainda não, Beto. --- respondeu Sana Khan --- Somente com a chegada dos capelinos, que se deu exatamente nessa época a que me reporto é que, decorrido algum tempo, começaram a surgir homens que se distinguiam dos demais.

--- Fale-me sobre isso, mestre. --- pedi-lhe.

--- Claro, Beto. --- disse contente Sana Khan, completando --- O Planeta do qual sou originário, bem como milhares ou milhões de Espíritos que habitam a Terra, há milhões de anos deu um passo que agora seu Planeta dará. A grande maioria dos habitantes era formada de pessoas boas, de paz e trabalho, que não gostavam de guerra, violência, crime, corrupção ou vida fácil, através do furto dos bens alheios. No entanto, havia ainda uma minoria afeita a essas coisas, apegada ao poder pelo poder, que queriam a todo custo dominar e governar o planeta. Pretendiam impor sua vontade à maioria do povo do planeta, que não os aceitavam.

--- Mestre, isso mais parece a história atual da Terra. --- falei brincando.

--- É, Beto, porém é verdade. A história muitas vezes se repete. E a história da Terra, de certo modo, foi escrita por eles, ou por nós, capelinos. Após decidirem os governantes do meu planeta e os dirigentes do Sistema Solar de Capela exilar os recalcitrantes e incorrigíveis marginais do planeta, fomos retirados dele e trazidos para a Terra. Aqui chegando, revoltados, pois viemos à força, contra a vontade, encontramos um planeta primitivo, cheio de animais, sem humanidade ou sensibilidade. E nos foi dito que, a partir de então, teríamos que nascer em corpos de homens primitivos, recém saídos da animalidade, e trabalhar arduamente para construirmos o planeta. Que tarefa hercúlea! O que chamavam de homens não passava de bandos de hominóides peludos, de pouca inteligência. Porém, essa era a nossa pena, o degredo, o exílio em planeta distante, longe do lar e da família humana capelina. Poderíamos resgatar nossas faltas e teimosia com o trabalho. Ao mesmo tempo em que saldávamos nossos débitos, ajudávamos a humanidade terrena a evoluir.

--- Mestre, então foram os capelinos que impulsionaram o progresso dos terrícolas?

--- Sim. No entanto, esperamos ainda alguns anos após nossa chegada para iniciarmos nossas encarnações. E quando o fizemos, impulsionamos automaticamente o desenvolvimento cerebral dos homens primitivos, bem como a queda dos pelos e a suavização dos traços faciais, porque nossas energias geravam hormônios mais depurados.

--- Mestre, recordando Charles Darwin, é o órgão que faz a função ou esta que faz o órgão?

--- Tudo no universo, Beto, --- falou Sana Khan em tom grave, porém sereno --- vem de dentro para fora. Toda a vida do Cosmos vem das dimensões mais internas e sutis. Os corpos são emanções do Espírito que se envolve em energias. Os órgãos são forjados por impulso interno, ainda que na maioria das vezes inconsciente. No caso dos capelinos, éramos Espíritos antigos, inteligentes, que já havíamos vivido em corpos graciosos, sem pêlo, de linhas suaves, como as estátuas gregas. Nossos corpos sutis, astral ou perispiritual, eram moldados na forma humana capelina. Nossa vontade interna, automaticamente, gerou mutações genéticas nos corpos primitivos da nascente humanidade terrena. Éramos extraterrestres, como Espíritos, que nascíamos em corpos terrestres e os modificávamos.

--- Mas isso era sem controle dos governantes do Planeta? --- perguntei.

--- Claro que não, Beto. Nada no universo está fora de controle. Não cai uma folha de uma árvore sem que o Pai o saiba e o consinta, era o que dizia Jesus, com razão. Não foi por acaso que os capelinos vieram para a Terra. Foi um plano previamente elaborado, estudado e autorizado pelos dirigentes superiores da galáxia. Isso sempre acontece. O mundo não é casual, mas causal. Tudo tem causa e efeito. Tudo está ligado a tudo. A humanidade seria impulsionada para o progresso, através da infiltração de inteligências superiores, que éramos nós, e ao mesmo tempo recebíamos nova oportunidade de aprendizado e trabalho redentor. Cresceríamos, construiríamos na Terra e depois voltaríamos redimidos e regenerados ao nosso lar em Capela.

--- Mestre, deve ter sido um sofrimento encarnar em corpos humanos primitivos, com cérebro diminuto, rosto animalizado, em planeta sem a menor estrutura de vida, sem cidades, agricultura, roupas, utensílios domésticos e tantas outras coisas a que estavam acostumados em civilização adiantada.

--- Sim, Beto, foi difícil para nós, e por isso houve revolta e muitos se negaram a encarnar em corpos ainda muito animalizados. A lenda dos anjos caídos do céu vem da chegada dos capelinos. Não éramos anjos, mas Espíritos que caíram das alturas de um planeta civilizado para um planeta primitivo. Porém, quando os corpos dos terrícolas começaram a melhorar de aspecto, tendo as fêmeas já perdido bastante pelo, os capelinos se animaram mais e começaram a aceitar a reencarnação, casando-se com as terrícolas, gerando descendentes cada vez mais depurados, sem pelo e de inteligência mais viva. A humanidade se desenvolvia, descobrindo instrumentos e criando artefatos. Logo aprendeu a dominar o fogo e a produzi-lo, cozinhando ou assando carne nele. Vestiu-se de pele, protegendo-se do frio e aqueceu-se com o fogo nas frias noites de inverno. Construiu cabanas de palha, de pele, de pedra e logo principiou a levantar cidades.

--- Tudo isso foi criação e impulso dos capelinos? --- perguntei.

--- Praticamente sim. Havia também a inspiração dos Espíritos que trabalhavam auxiliando-nos e amparando os terrícolas. Porém, tudo o que falei constituía conhecimento antigo e técnica fácil para nós capelinos. Nossa bagagem de conhecimento, de tecnologia, sequer encontrava campo fértil para se projetar e enraizar. Fazíamos o trivial, e ainda assim

éramos considerados como deuses pelos homens da Terra, pelos Espíritos novos como você. Muitas lendas têm fundo e origem nesses fatos verdadeiros. Muitos deuses mitológicos e históricos foram Espíritos adiantados, capelinos ou de origem outra, porém não terrena.

--- Mestre, em que região da Terra viveram os capelinos? E o que isso tem a ver com as raças-raiz, Lemúria e Atlântida?

--- Bem, Beto, é bom lembrar que a constituição física, geológica da Terra, quando da chegada dos capelinos, não era a mesma de hoje. A disposição dos continentes era outra. Observe o mapa à nossa frente, que representa os continentes naquele tempo.

Reparei que no meio da sala se formou uma tela bastante visível, apresentando um mapa que copiei depois em papel, quando acordei e que segue adiante (figura nº 1).

--- Beto, --- prosseguiu Sana Khan --- como você pode ver, a esse tempo já existia parte da Ásia, da África e da América. E onde hoje é a Groenlândia e o Pólo Norte existia um grande continente, o Hiperbóreo. Entre a Austrália e a África existia o Continente da Lemúria, ou Mu, como também é conhecido, e no Oceano Atlântico havia a Atlântida.

--- Como era o clima, nessa época? --- perguntei.

--- Quente. Eterno verão, chamaríeis. Não havia gelo no Pólo Norte.

--- E havia hominóides em todos esses continentes? --- perguntei.

--- A esse tempo, a vida estava em toda parte, distribuída uniformemente. As espécies espalhavam-se por todo canto. Porém, na América não havia hominóides. Os dirigentes do planeta concentraram-se principalmente na Lemúria, Ásia, Atlântida, Hiperbóreo e África, para dar nascimento à humanidade. Com as mudanças climáticas, os símios desceram da árvore, nascendo o que chamaram de Ramapithecus, o elo entre o símio e o hominóide. Então, o cérebro não cessou mais de crescer e a posição do corpo a se tornar ereta (fig. 2).

--- E foi aí que chegaram os capelinos? --- perguntei.

--- Sim, após algum tempo. Foi quando chegou o estágio a que chamam de homo habilis, devido às habilidades que desenvolviam.

--- Mestre, houve direcionamento na evolução do animal para o homem?

--- Claro! Os Espíritos que para cá vieram a fim de cooperar na obra da construção evolutiva, técnicos versados nos conhecimentos de química e biologia, além de outras áreas do saber, trabalhavam no Plano Espiritual produzindo alterações nos corpos astrais ou perispiríticos dos símios, e depois dos hominóides, imprimindo-lhes caminho a seguir na evolução celular e fisiológica. E isso se dava quando os seres dormiam, retirando-os de seus corpos e levando-os a colônias espirituais, onde havia laboratórios.

--- Parece com as experiências genéticas que hoje a ciência faz! --- disse eu.

--- Exatamente, Beto. Tendo sido a forma humana escolhida ao menos nesta galáxia para o ponto de abertura de consciência a que chamamos de autoconsciência, importante passo na evolução do ser, em todos os planetas direciona-se a evolução dos seres para o atingimento dessa forma. E isso se dá por meio da mutação genética impulsionada por manipulação da fôrma da forma, que é o corpo astral ou perispirito, ou então por meio da encarnação de Espíritos mais adiantados em corpos primitivos, para a devida modelagem e alteração da forma. Ambos aconteceram na Terra. O Espírito, pelo corpo astral, modela e dá forma ao corpo físico.

--- Quer dizer então, mestre, que a evolução é manipulada, não é espontânea?

--- De um certo modo, Beto. Há passos que são naturais ou espontâneos, como a abertura de consciência, por exemplo. Ninguém manipula consciência e inteligência. Elas

amadurecem por si sós. O que se pode fazer é produzir estímulos externos que influenciam no movimento interior do Espírito, na consciência.

--- E onde os capelinos encarnaram primeiro?

--- Na Lemúria. Foi nesse continente que a humanidade propriamente dita iniciou. Os hominóides peludos, recebendo em seus grupos Espíritos mais elevados, foram sendo "empurrados" para uma marcha evolutiva mais rápida. A inteligência superior, pois já desenvolvida, impulsionava o crescimento do cérebro, pensando, criando artefatos, técnicas de defesa, de obtenção do fogo, de alimentos e outras necessidades. Foi com a chegada dos capelinos que o homem começou a usar peles para cobrir o corpo, passando o homem a ter vergonha da nudez.

--- Mestre, isso tem algo a ver com o mito de Adão e Eva?

--- Sim. Eles representam os capelinos, que foram expulsos do paraíso, Capela, e passaram a trabalhar para produzir alimento com o seu suor. A consciência mais avançada é que deu ao homem a noção de nudez, e fê-lo sentir vergonha e ter pudor. O animal não sente isso.

--- Os lemurianos alcançaram grande progresso?

--- Relativo progresso, eu diria, Beto. Viviam basicamente da caça, no início. Depois desenvolveram a agricultura. Porém essa invenção não era do domínio de todos. Só os mais inteligentes a praticavam, plantando diversos produtos. A maioria era ignorante e vivia da caça, sendo muitos deles nômades caçadores. Depois de milhões de anos, construíram até pequenas cidades, de pedra na sua quase totalidade, mas já conheciam algumas pedras preciosas. Não conheciam ainda o ferro. Seus utensílios eram de barro, pedra, osso e madeira.

--- E o que lhes aconteceu?

--- Os Espíritos capelinos, lembrando os conhecimentos de magia negra que cultuavam em seu planeta, desvirtuaram o caminho que se lhes pretendiam imprimir os dirigentes do globo. E então deliberou-se afundar parte do continente, para que perecesse sob as águas aqueles que saíram do caminho traçado.

--- Quer dizer que se planejou o afundamento do continente e a morte de milhares de pessoas? --- perguntei meio espantado.

--- Sim, Beto. Os Espíritos que o fizeram são senhores do carma, com visão dilatada das intrincadas relações cármicas, ou de causa e efeito, com poder e autorização para tais cometimentos que visam sempre a correção de desvios nas rotas evolutivas do ser. Pode parecer cruel, frio, calculista, mas na verdade não é. A morte não existe. Os Espíritos apenas saem do corpo e depois reencarnam em outro, dando prosseguimento ao aprendizado no Plano Físico, abrindo a consciência. A morte, tão chorada, lamentada e temida pelos seres humanos ignorantes, nada significa para aqueles que atingiram planos superiores da vida. O que ocorreu com o continente da Lemúria foi bom para os Espíritos que lá viviam, pois lhes abriu mais a consciência, fazendo-os ver o erro que cometiam.

--- E o que se sucedeu ao afundamento do continente?

--- Parte do continente permaneceu, como a Austrália, Madagascar e Indonésia, além de algumas ilhas próximas, que eram picos de montanhas. Houve verdadeira revolução.

--- Os lemurianos, então, eram negros?

--- Sim, tão negros que chegavam, às vezes, a parecer azulados. Esse tipo físico desapareceu. Os negros são seus descendentes, já evoluídos, principalmente os africanos, de tipo mais belo e de traços mais suaves. Aproveitaram-se grupos sobreviventes para a

encarnação de Espíritos mais evoluídos. E houve então época de grande progresso na África e Índia, com os descendentes dos lemurianos.

--- Mestre, o que determinou a cor negra da pele dos lemurianos?

--- A proximidade evolutiva oriunda dos Símiões, que tinham pele e pêlo escuros, devido a necessidade de se proteger do Sol escaldante. A pele escura tem maior proteção, devido à melanina, não sofrendo queimaduras quando exposta demoradamente ao sol. A localização do continente lemuriano, no Equador, sujeitava-o ao sol forte o ano inteiro. Por isso a pele de seus habitantes tinha que ter proteção e os impulsos dos técnicos espirituais para a produção de mutações genéticas se deram na direção do aumento da melanina, até que o clima se amenizasse.

--- E quando o clima abrandou o furor do sol? --- quis saber.

--- Ao tempo em que a Lemúria afundava, o clima em outros continentes já era mais ameno, como na Ásia Central, Atlântida e Hiperbóreo. Assim, nesses continentes, a cor da pele sofreu alteração, se tornando mais clara, amarronzada, a princípio, e às vezes avermelhada. Os sobreviventes da Lemúria ficaram vivendo nas áreas já descritas, sem que tivessem contato com outros homens de outros continentes, o que somente ocorreu posteriormente, dando-se a miscigenação.

--- E a Atlântida? --- perguntei, curioso.

--- Foi o palco seguinte da concentração dos dirigentes do planeta para maior evolução dos Espíritos. Com o fracasso na Lemúria, que se deu devido à luta de grande número de Espíritos capelinos rebeldes e insubordinados, encaminharam-se grupos de Espíritos mais ordeiros e regenerados para o Continente Atlante. Dessa forma, o povo que ali vivia teve grande impulso, desenvolvendo a engenharia, que produzia cidades com água canalizada, vias de comunicação, agricultura avançada, embarcações para longas viagens que lhes possibilitavam o comércio com outras regiões e as conquistas. O homem atlante era meio avermelhado, ainda devido ao sol, tinha os cabelos pretos e lisos, nariz proeminente e olhos de castanhos escuros a castanho médio. Tinha o queixo comprido, era alto e forte, distanciando-se já dos lemurianos. A linguagem dos Atlantes era mais avançada que a dos lemurianos, e entre eles encarnavam Espíritos de grande saber, que eram reis ou sacerdotes. Construía pirâmides de grandes dimensões, com alta tecnologia e profundos conhecimentos de matemática, física e astronomia. Conheciam o ouro e o oricalco, um metal àquele assemelhado, que revestiam portas e utensílios vários. Sua religião era diferente da dos lemurianos, que adoravam vários deuses. Os atlantes adoravam o sol, doador da vida, e o Grande Espírito, representação de Deus. Não eram politeístas. A família era o núcleo da sociedade e tinha grande importância. Eram eles bons navegadores e comerciantes, tendo fundado colônias no continente Hiperbóreo, que ficava próximo do norte da Atlântida, na América Central e do Sul e mais tarde no norte da África, mais precisamente no Egito e localidades próximas.

--- A esse tempo, como viviam os homens dos outros continentes?

--- Crescendo em saber e se desenvolvendo também. Na Ásia, surgia a raça amarela, com alterações produzidas na cor da pele, de cabelos pretos e lisos e olhos rasgados. Também avançaram muito os homens desse continente, porém não se expandiram para outros por não desenvolverem embarcações a esse tempo. Deles descendem os mongóis, chineses, japoneses e vários outros povos atuais. Quanto aos homens do Hiperbóreo, devido ao clima mais frio que foi gradativamente se estabelecendo, tiveram sua pele cada vez mais fina e clara, bem como o cabelo foi ficando loiro e ruivo, e os olhos se tornaram claros, castanhos, verdes e azuis. Na América havia o tipo atlante avermelhado ou moreno, de olhos

escuros e cabelos lisos, de fio grosso e reto. Os astecas e maias eram descendentes dos atlantes, colônias por eles fundadas no novo continente descoberto pelos navegantes atlantes. Também os índios americanos, do Canadá até a Argentina, são descendentes dos atlantes, filhos dos filhos dos sobreviventes dos dois sucessivos cataclismos que afundaram o continente.

--- Mestre, por que a Atlântida também afundou?

--- Devido, ainda, à rebeldia de muitos capelinos e à influência que mantinham sobre Espíritos terrenos de fácil influência, por serem ainda ignorantes. Tentavam dominar o planeta, subjugando todos os homens. Aproveitaram-se do avanço da tecnologia dos atlantes, fruto de capelinos regenerados e Espíritos evoluídos que encarnavam entre os atlantes, e ainda da tendência pacífica destes, para se apoderarem de armas e tomar o Poder. Quando, pela primeira vez, o chefe dos rebeldes tomou o comando do Império Atlante, após anos de guerra sangrenta, deliberou-se, no Plano Espiritual, o afundamento de parte do continente. Mas esse não foi o único motivo. Havia se instalado, já há algum tempo, a desordem e prática de rituais de magia negra, em que as pessoas se promiscuíam com Espíritos perversos, em cavernas. Naquele tempo, o contato com os mortos era coisa comum e se abusava da comunicação com os Espíritos trevosos, capelinos rebeldes e seus seguidores, de origem terrena, ignorantes do seu destino. Esse abuso enfraqueceu as bases da sociedade atlante, quebrando o respeito pela autoridade dos sacerdotes e reis. O caos se instaurou e era preciso dar um freio àquela situação. Foi quando se deu a passagem de um grande cometa rente ao Globo, acima do céu da Atlântida, provocando o cataclismo que em dois anos afundou a maior parte do continente. Do antigo e grande continente atlântico, restou pequena porção de terra, conhecida como Pequena Atlântida, e tendo como capital a cidade de Poseidônias (Fig. 4). Platão tomou conhecimento dessas coisas através de um grego que esteve em Saís, no Egito, com sacerdotes do Templo. E sua autoridade foi importante para acreditar-se nele e na fonte de sua informação, e ainda porque o Egito era colônia atlante, e por isso tinha conhecimento desses fatos relativos ao Império Atlante.

--- Mestre, houve sobreviventes?

--- Sim. Como o primeiro afundamento foi lento, tendo durado dois anos, muitos milhares de atlantes se salvaram, chegando à América e à parte mais alta da Atlântida que restou incólume. Os que chegaram à América se juntaram aos colonos astecas, maias e incas, ou viveram como nômades errantes e caçadores no Canadá, América do Norte e do Sul. Todos os habitantes das Américas seguramente são descendentes dos Atlantes, porém de diversas partes do continente, e de níveis evolutivos diferentes. Daí vem a diferença entre os avançados astecas, maias e incas em relação aos demais habitantes do novo continente.

--- E por que o resto do continente afundou?

--- Após milhares de anos, os sobreviventes se esqueceram do trágico cataclismo e suas causas na moral e teimosia do povo. Os sacerdotes perderam novamente o poder sobre as massas; os reis não mais comandavam o Império, que novamente foi abalado pelos grupos rebeldes. Então o senhor da face tenebrosa tomou o poder na Cidade das Portas de Ouro, a capital. A magia negra novamente imperava e tudo o mais que causou a primeira catástrofe. Assim, novas movimentações no centro do planeta causaram o afundamento da Pequena Atlântida, praticamente fazendo desaparecer o resto do antigo continente que um dia dominou parte do Atlântico e cujo povo dominou parte do mundo (fig. 5). Dessa vez, no entanto, a catástrofe foi rápida, não dando margem a muitos sobreviventes. Somente através de grandes embarcações, que eram poucas, salvaram-se algumas vidas. Os sobreviventes

eram alguns poucos ainda obedientes aos sacerdotes, gente de boa índole, pacífica, ordeira, trabalhadeira e religiosa.

--- E para onde eles foram? --- perguntei, apressado em saber.

--- Calma, vamos devagar, Beto. Com o afundamento da Pequena Atlântida, outras terras apareceram, como a parte da América do Norte, próximo à América Central, o deserto do Saara, que antes era lago e teve seu fundo elevado e ainda parte da América do Sul, principalmente a região amazônica, além de outras alterações de menor importância em outros lugares. Com o afundamento da Atlântida, que matou milhões de pessoas, sobreviventes se deslocaram de navio para a América Central, onde havia colônias, e posteriormente para a América do Sul. E também um grupo de embarcações se deslocou em direção ao Estreito de Gibraltar, que se abriu naquela época, como parte das alterações sofridas pela Terra. No início, o estreito era de pouca largura, fazendo o oceano invadir as terras que hoje estão inundadas pelo Mar Mediterrâneo. Muitos habitantes dessa região morreram, havendo verdadeiro dilúvio, fonte da lenda de Noé. Naquele tempo, as águas subiram a um nível muito elevado, e depois baixaram novamente. Foi nesse tempo que os habitantes das colônias atlantes no Egito atual tentaram se salvar, em vão, das águas que a tudo inundavam, subindo nas pirâmides, que já existiam, pois foram construídas por atlantes de conhecimentos notáveis das ciências, posto que as faces das pirâmides eram lisas. Só depois da inundação foi que o revestimento caiu e se destruiu, jamais sendo repostos. Era o fim de um povo, restando poucos sobreviventes, sem conhecimento científico. Com o tempo, após alguns dias, a passagem do Estreito de Gibraltar se ampliou e o mar interior, o Mediterrâneo, já estava mais calmo. Havia ainda perigo, mas os barcos atlantes adentraram a nova região, alcançando, após alguns dias, as costas da atual Grécia, onde encontraram grupos de homens, antigos colonos atlantes da região. Havia colônias atlantes na Fenícia e no Egito, também em parte destruídas pelas águas da inundação. Iniciou-se, assim, nova civilização no Mediterrâneo, surgindo os gregos antigos, anteriores aos gregos históricos, os fenícios e egípcios.

--- Mestre, e a raça branca, dos Hiperbóreos, o que ocorreu com ela após o afundamento da Atlântida? --- perguntei, olhando o mapa do mundo.

--- Os homens que habitavam o continente Hiperbóreo tiveram sua cor modificada ao longo de milhares de anos, através de sucessivas mutações, impulsionadas também pela mudanç a climática, pois o clima naquela região começou a esfriar gradativamente, formando gelo no Pólo Norte. Isso causou um deslocamento da população para o Sudeste do continente, que se aproximava da Europa. Através de embarcações, migraram para a Europa, penetrando por onde hoje fica a Noruega, Suécia, Finlândia e a extinta União Soviética. Nessa trajetória para o sul da Europa, que levou milhares de anos, devido a paradas e dispersões, a população branca foi povoando a Europa, tendo chegado até o Mediterrâneo, na Grécia e Itália, e ainda chegaram à Índia. São os conhecidos indo-europeus, ou arianos.

--- Não ficou ninguém onde viviam?

--- Ficou. A Groenlândia é reminiscência do continente Hiperbóreo, assim como a Islândia e algumas ilhas da região. Porém, o Hiperbóreo era de clima quente e coberto de vegeta o verde. O resfriamento começou com a inclinação do eixo da Terra que se deu quando passou o cometa que causou o afundamento da maior parte da Atlântida. Veja que os habitantes dos países que mencionei são brancos e de cabelos louros e olhos claros, em sua maioria. Principalmente os da Islândia, onde viveram os Vikings. As suas embarcações muito se assemelhavam às dos antepassados do continente Hiperbóreo.

--- Quer dizer, então, que enquanto a Pequena Atlântida existia, os Hiperbóreos já se deslocavam para a Europa, com o resfriamento do norte do globo? --- perguntei.

--- Exatamente. Diversos tipos físicos humanos, conhecidos como negros, amarelos, vermelhos e brancos conviveram em continentes separados, ou no mesmo continente, com cultura diferente. Os Espíritos evoluíram em diversos corpos, em diversas raças. E com o tempo as raças miscigenaram-se, formando novas raças e tipos físicos. Do cruzamento dos descendentes dos atlantes que habitavam o Mediterrâneo com os brancos vindos do norte, outros tipos se formaram. Com o cruzamento dos negros da África com os colonos atlantes do Egito, e mais tarde os brancos, também outros povos surgiram, com outros tipos físicos. Na Índia, no início só havia os descendentes dos lemurianos, até que chegaram os indo-europeus, ou arianos, que dominaram o país, subjuguando os nativos por possuírem armas melhores e cultura mais complexa.

--- Mestre, a Teosofia nos fala das primeira e segunda raças-raiz. Quais foram elas?

--- Beto, a Teosofia diz que os lemurianos foram a terceira raça, os atlantes, a quarta e os arianos a quinta. Dizem, no entanto, que as duas primeiras não tinham corpos físicos, mas apenas etérico. Isso, contudo, não é correto. Não houve raça etérica. As raças são todas físicas. Muitos Espíritos, como já lhe disse, eram retirados do corpo e levados para colônias para terem alterados seus corpos energéticos, propiciando isso mutações genéticas e evolução física no direcionamento desejado. No entanto, Beto, isso não é raça. A alteração física só se dava no Plano Físico, na crosta terrena. E há espalhados pelo planeta fósseis de todas as etapas evolutivas da humanidade, ainda por serem descobertos. Todos os elos da cadeia que deu nascimento aos homens modernos, a partir de símios antigos, existiram fisicamente. Espécies eram geradas e se extinguíam, sobrevivendo apenas os melhores adaptados, como dizia Charles Darwin. Hoje, a ciência já reconheceu diversos tipos de ancestrais do homem, que desapareceram. É interessante notar, Beto, que as mudanças nos órgãos internos e externos, bem como a cor da pele e boca, cor de olhos e cabelos se dão muito mais rapidamente que as mudanças na estrutura óssea do homem. As emoções e sentimentos provocam alterações nos músculos faciais, imprimindo padrões de linhas no rosto. A alimentação gera mudança no estômago, intestino e outros órgãos. O clima muda a cor da pele. Em alguns milhares de anos, o tipo humano se modifica com essas alterações vindas de fora. Entretanto, a mudança do esqueleto é lenta, requerendo muito tempo. Por isso não se distingue o esqueleto de um negro, um amarelo, um vermelho ou um branco. Só com o esqueleto, não podemos dizer a cor dos olhos do homem, do seu cabelo e da pele.

--- Mestre, os atlantes eram mais avançados em tecnologia do que nós? --- perguntei.

--- Se chamais de tecnologia apenas as coisas materiais, como engenharia de construção, energia, transporte, comunicação, indústria e coisas desse tipo, não, eles não se comparavam à civilização moderna, com aviões, foguetes, computadores, energia nuclear e solar, armas atômicas e satélites. Os atlantes tinham uma vida semelhante à dos incas, maias e astecas, ou dos egípcios antigos. Possuíam cidades organizadas, porém suas construções não eram como os edifícios de hoje, de dezenas de andares. Suas construções eram quase sempre de blocos de pedra enormes, como as pirâmides do Egito. Suas estradas eram de pedra. Suas comunicações rudimentares. Essa história de que a civilização moderna ainda não os alcançou é infundada. E não foi explosão atômica que causou o afundamento do continente, pois eles não conheciam a fusão e a fissão nucleares.

--- No que, então, eram os Atlantes mais adiantados, mestre?

--- Em outras formas de energia e forças, para vós ocidentais modernos ainda desconhecidas. Os construtores das pirâmides levantavam-nas em posição e direção previamente concebidas, com ângulos estabelecidos, levando em consideração a posição de certos astros, tudo visando a captação e armazenamento de energias que podiam conservar alimentos, desidratar corpos e frutas, fazer múmias e, principalmente, propiciar um despertar de certos centros energéticos no corpo astral do homem, o que faziam em rituais de iniciação nas pirâmides. Não eram elas túmulos de faraós, mas templos de iniciação e captação de energia. Hoje já se estudam as pirâmides, comprovando-se seu poder. Mas o que se sabe ainda é muito pouco em relação aos seu potencial energético. No futuro, o homem moderno saberá aproveitar melhor essa herança dos atlantes, em cura, conservação e alteração do potencial energético dos alimentos, além de outras coisas.

--- Os poderes de que falam certos livros, como hipnotismo, materialização e desdobramento eram obtidos através dessas energias nas pirâmides?

--- Sim. Os sacerdotes do antigo Egito detinham grande soma de poderes, o mesmo ocorrendo com os sacerdotes atlantes. --- respondeu Sana Khan.

--- E os sacerdotes de hoje? --- perguntei.

--- Essas coisas se perderam no tempo, ficando pouca coisa, conservada e transmitida de mestre para discípulo. Hoje, no Egito, isso tudo é mito, sonho, fantasia. Aquele povo não é nem reflexo do que já foi, há milhares de anos atrás.

--- E a Índia, mestre? Como é que se tornou berço da filosofia?

--- Beto, o dia já amanhece na crosta terrestre e você precisa voltar ao corpo. Dentro de dois dias estarei fazendo palestra sobre religião, filosofia e ciência na Colônia Nova Era, para estudantes do assunto, principalmente Espíritos desencarnados que encarnarão brevemente, com a finalidade de dar novos rumos ao pensamento filosófico, científico e religioso na Terra. Volte daqui a dois dias, no início da noite, para que me acompanhe. Terás oportunidade de conhecer a Colônia e aprofundar seus conhecimentos do assunto. Veremos como os dirigentes do planeta planejam os impulsos na área do conhecimento humano, com infiltração, por meio de encarnação na Terra, de Espíritos sábios e detentores de conhecimentos de vários tipos. Agora vá. Até breve. Muita paz.

--- Muita paz, mestre. Obrigado por tudo. Aprendi muito hoje. Aproveitarei esses dois dias para refletir sobre o aprendizado.

Parti feliz, mais enriquecido de conhecimento e entendendo melhor minha origem e a da espécie humana. Sabia, agora, parte considerável da história das raças e entendia certas lendas, mitos e escritos de diversos livros sagrados, tão mal compreendidos. Quanta coisa agora fazia sentido. E estava apenas iniciando minha jornada junto ao mestre Sana Khan. Oxalá os ventos da sabedoria continuem com o mestre.

Acordei cedo, tendo dia tranqüilo, repetindo o mesmo do dia seguinte.

CAPÍTULO 12

Era domingo. Passei o dia no Parque da Cidade, refletindo acerca da descrença humana na continuidade da vida após a morte do corpo. Será que um dia a imortalidade e a reencarnação já foram crenças comuns? Será que voltariam a sê-lo? Especulava sobre o assunto, ansioso pela chegada da noite, para que conhecesse uma cidade no Plano Astral, espiritual, e ouvisse o mestre Sana Khan falar sobre religião, filosofia e ciência.

No fim da tarde, antes que escurecesse, rumei para casa, a fim de preparar-me para a viagem esperada.

Após o jantar leve, recolhi-me e, dentro de uma hora, estava saindo do corpo, concentrando-me no vale e em Sana Khan.

Rapidamente cheguei ao mestre.

--- Seja bem-vindo, meu filho. --- disse Sana Khan.

--- Estou feliz em vê-lo, mestre.

--- Pronto para ir à Colônia?

--- Ansioso por isto. Mas, como iremos? --- perguntei.

--- Concentrando o pensamento na Colônia Nova Era.

--- E isso basta, mestre?

--- Sim, é o bastante. Logo chegaremos lá.

--- Então, vamos mestre.

--- Concentre-se em mim, para que me siga.

Sana Khan logo desapareceu do cenário do verde vale. E eu o acompanhei, logicamente.

Em instantes, passei a ver uma cidade semelhante à Atenas antiga, pelo menos em parte. Estávamos em cima de monte relativamente alto, próximo à Colônia. Ela era belíssima. Possuía várias casas, com razoável distância entre si e algumas construções semelhantes aos grandes templos gregos, como o Parthenon, no alto da Acrópole. Havia ruas entrecruzando toda a cidade, ligando tudo a tudo, e uma construção principal no centro. Vista de fora, percebia-se ser a cidade redonda e as ruas eram raios da roda, acompanhadas de casas.

--- Mestre, quando foi fundada esta cidade?

--- No século terceiro antes de Cristo.

--- Onde fica este lugar?

--- No Plano Astral Médio, relativamente próximo à Atenas terrena.

--- Por que? --- perguntei.

--- Porque ela foi fundada por filósofos gregos desencarnados, com vistas a uma maior concentração de pensadores que amavam o saber e a especulação filosófica. E desejavam empreender reformas nas religiões da Terra, tão atrasadas e materializadas.

--- E quem vive aqui? --- quis saber.

--- Apenas estudantes, no verdadeiro sentido da palavra. Pessoas livres que buscam a verdade, o saber, sem qualquer interesse mesquinho.

--- E o que se estuda aqui?

--- De tudo que diga respeito à ciência, filosofia e religião.

--- E a população é permanente, mestre?

--- Alguns, sim, os instrutores.

--- E os outros?

--- São estudantes vindos de outras cidades espirituais e também vindos do Plano Físico, durante o sono do corpo, a fim de estudar e aprender. Daqui saem pensadores, religiosos e cientistas que influenciam o mundo das idéias na Terra.

--- O senhor vem sempre aqui?

--- Não. Raramente, pois vivo em plano mais elevado, em outra cidade menor, planejando tarefas de auxílio à humanidade encarnada e desencarnada.

--- Mestre, há então cidades também nos planos superiores?

--- Claro. Você acha que os Espíritos vivem na erraticidade, no espaço, flutuando como nuvens? Isso é coisa do passado, ou melhor, idéia errônea de certos encarnados que não conhecem a realidade da vida nos planos sutis de existência.

--- Mestre, o Governador do Planeta Terra também vive em cidade?

--- Sim, Beto. Na cidade mais pura que existe em redor da Terra, em plano elevado. Nela somente vivem Espíritos de alta estirpe, grandes e incansáveis trabalhadores, que vivem para o trabalho, sempre pensando na evolução espiritual de todos os seres. Lá não há separação de países, povos, cultura, religião ou filosofia. Os dirigentes espirituais que governam a região onde ficam as colônias espirituais ligadas às cidades do país estão subordinados ao Governador da Terra, que a tudo dirige, administrando tudo que diz respeito ao Planeta Terra.

--- Mestre, pouca gente acredita nisso.

--- Eu sei. Há poucos anos ninguém acreditava que fosse possível o homem ir à lua. No entanto, ele já andou até de carro naquele satélite natural da Terra. Um dia todos conhecerão a verdade e serão por ela libertos.

--- Há, então, ordem no planeta, com administração hierarquizada!?

--- Sim, Beto. Desde a cidade sede do Governo da Terra, até o mais profundo abismo, existe direção e comando. A atuação do mal é controlada, só atingindo aqueles que precisam e após permissão dos dirigentes, mentores e protetores. Do contrário, os maus já teriam dominado todo o planeta. O estado de materialização perispiritual dos Espíritos inferiores não lhes permite vir até aqui, devido à densidade diferente de energias de seus corpos e do meio ambiente daqui. Quem vive aqui no alto pode descer, porém, quem vive lá embaixo não pode subir. Quem pode o mais pode o menos, não se podendo afirmar a recíproca.

--- Mestre, pode-se falar em termos de alto e baixo, em cima ou embaixo, relativamente aos planos? --- perguntei curioso.

--- Sim, pois também as partículas que compõem a matéria deste plano, bem como de todos os outros ligados ao planeta são atraídos pelo centro e para o centro da Terra. É uma atração gravitacional fraca, se podemos chamar assim. Se ela não existisse, a matéria astral e as demais, mais sutis, se dispersariam pelo espaço. É essa força de atração que mantém as moléculas dos diferentes tipos de matéria, ou energia, se preferes, em distância regular e estável do núcleo planetário. Existe, assim, plano mais próximo da crosta e outros mais distantes. Considerada toda a extensão dos planos terrenos, chamados pelos espíritos de Plano Espiritual, ultrapassa ele a metade da distância entre a Terra e a Lua.

--- Tudo isso, mestre? --- perguntei espantado, não imaginando tal dimensão ou extensão do Plano Espiritual.

--- Sim, Beto.

--- Mestre, tem fundamento, então, a tradição que coloca o céu no alto e o purgatório e inferno embaixo?

--- Tem, Beto. O inferno é o abismo. O purgatório é o umbral e a crosta terrena, e o céu é essa imensidão de planos de felicidade e paz.

--- Mas, logicamente, os Espíritos que estão no inferno não permanecerão lá para sempre, eternamente.

--- Claro, pois sua passagem por lá é transitória, fruto da ignorância e atos desequilibrados. Todos crescem, evoluem. E todos saem do inferno e marcham pelos outros planos até alcançarem a felicidade, fruto da sabedoria e conhecimento da verdade e também do trabalho construtivo.

--- Mestre, não está na hora de sua palestra? --- lembrei, após perceber a passagem do tempo que acompanhava nosso diálogo.

--- Ainda não. Chegamos cedo. Pensei que conversaríamos um pouco, antes de entrarmos na cidade. Agora podemos ir, satisfeita sua curiosidade em alguns pontos.

--- Só mais uma coisa, mestre. Posso conhecer uma colônia em zona mais abaixo, onde reina ainda a dor e o trabalho redentor?

--- Não só isso, meu filho. Conhecerás, da próxima viagem, uma cidade localizada no umbral, e, depois, uma quase no abismo, fundada pelos Espíritos malignos, onde planejam sua atuação sobre a humanidade ignorante.

--- Que bom! --- expressei contentamento, frente a essa possibilidade de aprendizado.

--- Vamos descer, então. --- convidou-me Sana Khan para descermos o monte, rumo à cidade.

De início, penetramos por uma rua belíssima, cujo piso assemelhava-se ao mármore branco. Era por demais macio. Havia árvores dos lados, frondosas, de cores variadas. Não vi ninguém na rua, até chegarmos a um prédio semelhante a um templo grego, que vira de longe. Era belíssimo, todo branco, de colunas enormes. Havia uma escada com cerca de vinte degraus, a ser ultrapassada antes de chegarmos ao interior do prédio. Percebi que havia muita gente chegando, entre jovens e pessoas de mais idade, em aparência. Os trajes variavam em cores, entre o branco, que dominava, o azul claro, o amarelo e o rosa. As outras cores eram em menor número. As feições das pessoas denotavam tranqüilidade, paz interior e felicidade, com traços fisionômicos suaves e olhos brilhantes. Pensei ser isso fruto do saber superior, da sabedoria, da verdade, que transforma a nossa vida.

Reparei que Sana Khan estava de branco, diferentemente de quando o encontrei no vale, quando estava trajando o manto amarelo. Senti vontade de me trajar de azul claro, nos moldes gregos, como todos os outros. Rapidamente me percebi vestido como queria.

Subimos as escadas, cumprimentados por vários homens e mulheres, respondendo aos cumprimentos, com satisfação. Parecia que estavam felizes por receberem Sana Khan para a palestra.

No interior do prédio, que já estava cheio, percebi, inicialmente, sua altura. O teto era altíssimo, sustentado por várias colunas. As paredes eram lisas, como se fossem de mármore. Havia muitos bancos, dispostos em fila, como nas igrejas terrenas, porém não de madeira, mas de material que não consegui definir, algo semelhante ao acrílico, transparente.

Percorremos o corredor, ladeado de bancos, até chegarmos próximo a um batente sobre o qual havia pequena mesa e duas cadeiras. Pensei onde me sentaria, pois havia um Espírito de meia idade trajado de branco, a receber-nos, que provavelmente se sentaria em uma das cadeiras e a outra deveria ser para o mestre Sana Khan.

--- Salve, nobre amigo. --- falou o homem dirigindo-se a Sana Khan --- Como nos alegramos em recebê-lo novamente para palestra edificante. Sua vinda aqui é sempre motivo de júbilo.

--- É sempre com alegria que venho aqui, atendendo a convite, pois estou sempre à disposição para conversa sobre as verdades da vida. Deixe-me apresentar-lhe Luiz Roberto, amigo de muitas eras, discípulo de muitas jornadas na Terra.

--- É um prazer e uma honra conhecê-lo, irmão... --- disse eu.

--- Diógenes, a seu inteiro dispor. --- deu seu nome, inclinando-se, o anfitrião.

--- Você está em casa, fique à vontade. Pode sentar-se naquela cadeira, na primeira fila, pois está à sua espera.

--- Obrigado.

Procurei me acomodar na cadeira, ao lado de um jovem louro que, sorrindo, me cumprimentou, dizendo:

--- Bem-vindo à Colônia Nova Era. Espero que goste e volte outras vezes.

--- Obrigado. Qual o seu nome?

--- Laércio.

--- Há quanto tempo vive aqui? --- perguntei.

--- Há cerca de cem anos. Após minha última encarnação, na França, onde estudei os fenômenos espíritos junto a Allan Kardec, vim para cá, a fim de aprofundar meus estudos sobre filosofia, religião e ciências.

--- Você é feliz aqui? --- perguntei.

--- Claro. Passo meus dias em palestras sobre temas variados.

--- Não há trabalho aqui?

--- Como os considerados na Terra, não. Aqui nos preparamos para levar novas idéias à crosta terrena, com vistas ao desabrochar da Nova Era, ou do Terceiro Milênio. Daqui saem cientistas e pensadores para o mundo físico.

Percebi um grande silêncio no auditório e então nos calamos. À nossa frente, Sana Khan e Diógenes estavam sentados à mesa e este último falou:

--- Amigos e irmãos, dando prosseguimento a nosso plano de estudos, temos hoje a satisfação de receber o mestre Sana Khan entre nós, acompanhado de seu discípulo Luiz Roberto, aqui à frente. Tenho certeza de que todos aproveitarão a palestra e sairão daqui mais enriquecidos de conhecimentos. Para os que não sabem, o irmão Sana Khan já viveu na Índia, na China e na Grécia, possuindo profundos e vastos conhecimentos sobre Filosofia Yogue, Taoísmo, Budismo e outras tantas filosofias. Assim, consideramos autoridade nos assuntos que ora tratará. Para que não percam tempo, irmãos, passo a palavra ao mestre Sana Khan.

--- Muita paz ! Como todos já me conhecem, pois estive aqui há pouco tempo, ficam dispensadas as apresentações. Vamos direto ao assunto.

Sana Khan parecia fitar algo no ar, que eu não enxergava, fazendo ligeira pausa para, em seguida, prosseguir:

--- Vamos falar sobre religião, filosofia e ciência. Como todos devem saber, estes três aspectos da mesma realidade una começaram, na Terra, com a religião. Desta nasceu a filosofia, que gerou a ciência. De início, o homem primitivo, encarnação de Espíritos novos no Reino Humano, temiam os vulcões, o fogo, os trovões e outras forças da natureza. Ignorantes, não conheciam ainda as várias concepções de Deus. Viviam a época do culto às forças naturais, seguida pela adoração de pedras, montanhas, árvores e quaisquer coisas que julgassem sobrenatural e sobre-humano. Era a fase do totemismo. Essa fase primitiva inicial

da religião foi vivenciada por todos os Espíritos novos da Terra, que iniciavam a evolução humana. E isso se deu em todos os continentes onde havia seres humanos.

O mestre fez breve pausa, olhando para o infinito, e prosseguiu:

--- A fase seguinte teve início no continente da Lemúria, após a chegada dos capelinos. Iniciou-se, nessa época, um desenvolvimento de certas faculdades paranormais, anímicas e mediúnicas nos homens, principalmente nos capelinos encarnados. Assim, podiam muitos ver os Espíritos desencarnados. Dessa forma, Espíritos inteligentes e mais evoluídos, quando vistos, eram considerados deuses. Surgiam cultos a vários deuses, que diziam cuidar dos assuntos humanos. Era o politeísmo nascente e iniciado na Lemúria. Ele sobreviveu, espalhando-se pela Índia, Austrália, Madagascar e África. Ainda hoje, nesses lugares existem religiões politeístas, que cultuam vários deuses, que personificam as forças da natureza ou interferem e influem na vida dos homens. Concomitantemente ao desenvolvimento do politeísmo na Lemúria, surgiu também na Atlântida, na Ásia e Hiperbóreo essa forma de expressão religiosa. Dentre esses continentes, foi o atlante que mais se desenvolveu, espalhando sua cultura, tradições e produtos pelo mundo antigo. Assim, o politeísmo atlante chegou ao Hiperbóreo e à região que ligava a Europa à África, principalmente à Grécia e ao Egito. Todavia, ao mesmo tempo em que, na Atlântida, havia o politeísmo no seio das massas, entre os sacerdotes e pessoas mais cultas implantou-se a idéia do Deus único, o Grande Espírito, ou o Sol, adorado pelos atlantes. A idéia do Grande Espírito sobreviveu entre os índios americanos, descendentes dos atlantes e sobreviventes dos dois cataclismos. E da mesma forma, essa idéia do Deus único foi levada para o Egito e Grécia. No Egito, antiga colônia atlante, era cultuado o Deus único nos templos vários, desde o início, apesar de entre a massa grassar o politeísmo. Os iniciados egípcios conheciam a reencarnação e a evolução através dos diversos reinos da vida orgânica. As massas pouco sabiam, adorando a Ísis, Osires e outros deuses. Achavam que podiam encarnar em corpos de animal, como castigo. Com essa crença, imortalizada com o nome de metempsicose, os governantes, os faraós, que eram sacerdotes iniciados nos conhecimentos espirituais, no início, mantinham o povo sob seu domínio, mediante o medo. No Egito viveram grandes luminares da humanidade, com destaque para Hermes Trimegistros, o Grande Mago, como era conhecido, na verdade um grande iniciado e mestre profundo do saber. Com o passar do tempo, práticas de invocação dos mortos, dos Espíritos, para fins menos dignos, que se tornaram vulgares, de conhecimento do povo comum, levou Moisés, também um grande iniciado, a proibir a invocação dos mortos entre os hebreus, o que veremos mais adiante. Na Ásia, também se adoravam vários deuses, sendo comum o culto aos mortos, aos antepassados. Três mil anos antes de Cristo os chineses já se comunicavam com os Espíritos por meio de uma prancheta semelhante à que Allan Kardec usaria na França, no século XIX, com o surgimento do Espiritismo...

Sana Khan desviou seus olhos da platéia por um instante, fitando algo no espaço, e depois prosseguiu:

--- É importante ter sempre em mente que em tudo na vida dos humanos há sempre a participação do lado espiritual. Os grandes líderes religiosos são Espíritos evoluídos, que encarnam em missão de esclarecimento. Hermes e Moisés foram Espíritos em missão. O Egito foi o maior pólo cultural e religioso, após o afundamento da Atlântida, perdendo depois seu lugar para a Índia. Vocês sabem que os Atlantes que rumaram para o norte do planeta deram nascimento à raça branca, tendo no seio desta encarnado muitos Espíritos elevados com fins a um maior progresso religioso. A religião, como vós o sabeis, sempre foi muito importante para os homens, que se sentem fracos e impotentes diante de certos

fenômenos naturais, notadamente a morte, que sempre os fez tremer. No continente Hiperbóreo, os Espíritos superiores transmitiram aos sacerdotes iniciados ensinamentos profundos e complexos a respeito da criação, evolução, reencarnação, Deus, o universo e técnicas de despertamento de faculdades paranormais como a clarividência, a saída astral, a cura psíquica e outras, que seriam levadas para a Europa e Índia. Isso se deu quando começou o resfriamento do continente Hiperbóreo, há milhares de anos. Adentrando a Europa, grupos migrantes ficaram pelo caminho, espalhando-se por todo o continente europeu, chegando até a Grécia, Itália e adjacências. Porém, foi para a Índia que marcharam boa parte dos migrantes, penetrando pelo norte, onde ainda há ruínas das primeiras cidades levantadas, como Harapo. Na Índia foram conservados os conhecimentos profundos vindos do Hiperbóreo e aperfeiçoados por Espíritos que encarnavam como sacerdotes e filósofos. Pode-se encontrar esses conhecimentos nos Upanishades e nos Vedas, que remontam há mais de cinco mil anos antes de Cristo. E ainda encontra-se o sistema ou Filosofia Yoga, com suas várias correntes, como Hatha Yoga, Janna Yoga, Karma Yoga, Bakti Yoga e outros. Foi na Índia que se iniciou a filosofia, com o livre pensamento, a livre especulação, sem se estar preso a dogmas e limitado por sacerdotes. Lá viveram Kapilla, Patanjali, Ramakrisna, Crisna, imortalizado pelo Bagavad Gita, Buda e muitos outros luminares. Houve época em que era comum os filósofos saírem pela Índia em debates filosóficos, com grande assistência. O pensamento era livre, como nunca o foi em outra parte, nem mesmo na Grécia. A Índia foi o berço da filosofia e muitas religiões, como o Bramanismo e o Budismo, que dominaram. Se em todas as épocas existiram Espíritos perversos a desencaminhar os homens, os dirigentes do planeta sempre deliberaram enviar à Terra, em reencarnação missionária, Espíritos de escol, como Sidharta Gautama, o Buda, Crisna e outros na Índia, com vistas ao progresso intelectual e moral dos Espíritos que ali viviam, o que também se deu em lugares como a Grécia, China, Palestina, Atlântida e outros. Vocês sabem que os arianos ou indo-europeus da Índia também marcharam para a Europa, após alguns séculos, em conquistas militares, levando também, em consequência, sua cultura, principalmente a filosofia...

O mestre olhou para mim, sentado ali na frente, sorriu sutilmente e prosseguiu:

--- A massa dos indianos era ainda politeísta, adorando vários deuses. O próprio Bramanismo considera várias pessoas como Deus. É um politeísmo antropomorfo, como os demais, da Grécia, Egito, Atlântida e outros. No entanto, um deus era mais importante, sobressaindo aos demais, havendo Deus manifestado, assumindo formas, inclusive a humana, e Deus imanifestado, como Brahman e Parabrahaman, respectivamente. A necessidade do Espírito de uma forma para Deus, para que possa compreendê-Lo e adorá-Lo, sempre manteve acesa a chama do antropomorfismo e de certos tipos mistos de politeísmo. Na Índia, no entanto, guardou-se em registro escrito, pela primeira vez, a idéia monista, de Deus como o Absoluto, Único, Todo, sem forma humana. Algo bem complexo para as mentes ainda apegadas às coisas materiais e concretas. Por isso não se tornou popular. O monismo é para poucos compreenderem, coisa para o futuro. A concepção de Deus, o Absoluto, Aquilo, Tat, denominações suas na Índia, ou ainda Parabrahaman, era aceita sem discussão pelos filósofos indianos, sendo Ele o axioma básico para qualquer construção filosófica. Assim, em qualquer discussão, partia-se já com a aceitação do Absoluto. Por isso Buda não falava em Deus, sendo confundido pelos padres cristãos como ateu, o que foi um grande equívoco. Não se discute um axioma. A base do Budismo é o Absoluto, Aquilo, Deus. Na Grécia também houve período de grande ebulição filosófica, principalmente nos séculos VI, V e IV antes de Cristo. Demócrito, Heráclito, Parmênides,

Tales de Mileto, Leucipo, Sócrates, Pitágoras, Platão, Aristóteles e tantos outros cultuaram a especulação filosófica na busca da Verdade. Espíritos luminares, muitos dos quais já viveram ou ensinaram nesta colônia do saber. Pitágoras empreendeu viagem que durou 34 anos pela Índia e Egito, principalmente, onde aprendeu muito com sacerdotes e iniciados dos templos, tendo transmitido esses conhecimentos a seus discípulos, na academia que fundou, ao voltar para Atenas. Levou da Índia um grupo de iniciados para ensinar na Grécia, segundo a tradição espiritual. Com ele nasceram muitos dos chamados mistérios religiosos, rituais praticados nos templos gregos. Também Orfeu, iniciado grego, deu nascimento a certos rituais. Costumava afinar e desenvolver os centros energéticos de seus discípulos através de sons, tocando um instrumento de corda. Na Grécia também imperava o politeísmo, tendo Zeus como líder dos outros deuses, como Palas Atenas, Marte, Afrodite e outros. No entanto, mentes mais evoluídas como Epicuro e Sócrates atacavam a idéia politeísta tenazmente, dizendo não ser lógico temer-se os deuses. Sócrates era pregador de um único Deus, e pregava a reencarnação. Dizia ter um amigo, um Espírito, a lhe acompanhar. A filosofia, na Grécia, distinguiu-se imensamente da religião, apartando-se dela. Os filósofos, apesar de acreditar em Deus e de forma diferente, não efetuavam práticas ritualísticas, nem iam aos templos. O que importava era o belo, o justo, a moral, a retidão do caráter, a imortalidade da alma e outras coisas mais. E foi na Grécia, segundo berço da filosofia, que surgiu a ciência, com Aristóteles, no século IV antes de Cristo. Foi ele o primeiro conhecido na história a estudar de forma sistemática as plantas e os animais, dando nascimento à Botânica e à Zoologia. A partir daí, religião, filosofia e ciência se tornaram coisas distintas e separadas. A ignorância e os abusos cometidos por um ramo dava nascimento a outro, que tentava explicar o universo de forma diferente...

Sana Khan fez uma pausa, olhou para todos os presentes e prosseguiu:

--- Essa separação somente começou a se desfazer com o Espiritismo, no século XIX. Mas, para chegarmos lá, temos ainda algumas coisas a apreciar. Até aqui vimos o surgimento do Bramanismo, do Budismo, da religião egípcia. Vimos o surgimento de filósofos na Índia e Grécia. Na China, viveram também filósofos como Confúcio, Fo-Hi e Lao-Tsé, dando nascimento ao confucionismo e Taoísmo. Este último era monista, tão avançado que até hoje pouca gente entende e capta sua essência profunda. Vamos falar agora de outra região muito importante, onde viveram grandes reformadores religiosos e filósofos, a Mesopotâmia, onde existiu o Império Babilônico. Nessa região, também dominava o politeísmo, além da magia ritual, existindo inúmeros magos e astrólogos. Cerca de 3 mil anos antes de Cristo, surgiu um reformador religioso na cidade de Ur, no sul do Império Babilônico, em território onde hoje fica o Iraque. Seu nome era Abraão. Pregava idéias religiosas novas, principalmente a existência de um só Deus, a quem chamava de Jeová. Possuía inúmeros seguidores, e em certo tempo resolveu migrar da Babilônia para outras terras, acompanhado de grande número de seguidores. Seguiram acompanhando o Rio Eufrates até chegarem nas terras que hoje pertencem a Israel. Foram chamados, pelos que ali viviam, de Hebreus, que significa “aqueles de além rio”, porque viviam além do Eufrates. Ali se desenrolou uma história de lutas, guerras e dominações, sempre tentando os líderes manter a fé em Jeová. Foram cativos para a Babilônia e para o Egito. Neste, principalmente, o povo hebreu começou a perder sua identidade religiosa, mesclando suas crenças com as dos egípcios politeístas e praticando a invocação dos mortos. Surge, então, Moisés, iniciado nos mistérios das Pirâmides, de grande poder pessoal, que passa a liderar o êxodo dos hebreus do Egito. Durante os 40 anos no Sinai, Moisés tenta depurar a religião dos hebreus, recebendo, mediunicamente, o decálogo, que passa a ser a base da moral e vida

de relação dos hebreus. Aí nasce o Mosaísmo. Vão os hebreus para Canaã, a terra prometida, onde surgiram inúmeros profetas, como Isaías, Daniel, Ezequiel e a promessa da vinda de um Messias. Aquele povo era teimoso, de índole difícil, não acostumados ao perdão e apegados à Lei de Talião, do olho por olho e dente por dente. Apedrejavam as mulheres adúlteras e matavam todos os criminosos de morte.

Sana Khan fez nova pausa e continuou:

--- Vejam que a Lemúria afundou, pouco restando, sobrevivendo no entanto o politeísmo e a prática da magia negra. Também a Atlântida afundou e os sobreviventes, apesar de conservarem uma religião superior, de certo modo monoteísta, não a pregavam abertamente, e quando o faziam, não eram compreendidos nem aceitos. No Egito grassou a magia ritual, o mesmo se dando na Mesopotâmia, com abusos de toda ordem. Na Grécia, os vários sistemas filosóficos não foram capazes de conter a corrupção da moral e dos bons costumes, nem a depravação. Roma seguiu o mesmo exemplo, de depravação e corrupção. Na África, dominava o politeísmo e outras formas mais primitivas de religiosidade. Na China, nem Confúcio, nem Fo-hi ou Lao-Tsé impressionaram o povo o suficiente para fazerem-no adiantar-se no caminho da evolução moral. Na Índia quase apagou-se a lembrança de Crisna, e o Budismo, não compreendido, deu lugar à sobrevivência do regime de castas, antigo, milenar, com todos os seus excessos.

Sana Khan fez nova pausa, fitou o espaço, e prosseguiu:

--- Em suma, em todo o planeta imperava a ignorância, a depravação e a corrupção dos costumes. A vingança era admitida e até incentivada. O ódio era alimentado e o amor era coisa quase inexistente. Decidiu-se, então, que um Espírito de altíssima elevação, da cidade sede do Governo da Terra, encarnaria entre o único povo onde o monoteísmo ainda era vivo e aceito, o judeu. Nasce Jesus, levando uma filosofia que tinha por base o amor a Deus e ao próximo como a si mesmo. Pregava o perdão das ofensas e a reconciliação com os inimigos. Era uma filosofia extremamente depuradora dos seres, pois essencialmente moral e de relações humanas. Não tinha sistemas complicados. Era por demais simples e tocava mais o coração do que o intelecto, uma vez que constatou-se, nos altos planos, que os sistemas filosóficos arrojados e complexos não atingiam o objetivo de modificar e reformar os Espíritos, pois não eram compreendidos por eles. Era a vez da mensagem simples, direta ao coração e plena de impulsos à reforma moral, aplicável e tão necessária até os dias atuais. Lamentavelmente, o povo judeu, em sua maioria, não aceitou as idéias de Jesus, e o crucificou. Porém seus discípulos, corajosamente, espalharam suas idéias pelo mundo conhecido da época. E anos mais tarde surge a Igreja Católica Apostólica Romana, fruto de interesses de um grupo de cristãos e um imperador romano. Acabava a perseguição e a matança dos cristãos, que bravamente morriam, dando testemunho do destemor à morte. Cantavam no momento da morte, intrigando seus algozes. Apesar de todos os erros cometidos pela Igreja Católica, principalmente durante o período da Santa Inquisição, tem ela o mérito da divulgação da doutrina de Jesus em todo o planeta, e quase sem deturpação. A moral pregada por ele sobreviveu incólume. Apenas algumas passagens de ordem filosófica foram suprimidas dos Evangelhos, apagando, principalmente, a idéia da reencarnação, plenamente aceita pelos primeiros cristãos, da mesma forma que as práticas mediúnicas nas catacumbas romanas. Os Evangelhos escritos constituem o maior código de conduta ético-moral que a humanidade já teve. Contudo, como sempre, o Cristianismo não sobreviveu na Galiléia, onde nasceu. Nela sobreviveu o Judaísmo. Foi a Igreja Católica, como vimos, que imortalizou o Cristianismo, merecendo, nesse particular, os louros. O mundo prosseguiu sua marcha, com impérios sucedendo impérios. Os movimentos da Idade

Média sufocaram os impulsos filosóficos, onde a Igreja Católica dominava. Nessa época, lutas sangrentas se travaram entre cristãos e islamitas, ou muçulmanos, outra religião que surgiu com o profeta árabe Maomé. Em nome de Alá se cometiam as maiores atrocidades, nas chamadas Guerras Santas, aberrações dos intérpretes dos escritos de Maomé. Finda a Idade Negra, o Renascimento faz ressurgir as tradições greco-romanas, com as artes e filosofias dos gregos. O Iluminismo traz filósofos que também por aqui passaram. O mundo se abre para o saber, com o incentivo à ciência. Contudo, o positivismo e o materialismo jogaram uma pá de terra em cima da religião e da filosofia, dando prevalência à ciência, após os abusos da Igreja Católica durante a Idade Média e os arroubos poéticos, mas surrealistas de certos filósofos. O homem do século XIX se tornou descrente, materialista, sem Deus. Somente se aceitava a palavra da ciência, novo deus dos homens. A filosofia e interpretação da vida por Karl Marx leva o homem a lutar contra o homem, com as lutas de classe. A religião fica restrita aos "ingênuos" e "incompetentes". O que valia, então, era o dinheiro, o capital, tendo o capitalismo destruído já inúmeros lares pela necessidade de que todos trabalhassem o dia inteiro. Antevendo essa situação e preparando caminho para maiores incentivos no campo do saber, planejou-se no Plano Espiritual a vinda de um Espírito que, atuando no campo científico, o único aceito no século XIX, tentaria provar a existência do Espírito e sua sobrevivência após a morte do corpo. Surge Allan Kardec, na França, que estudara na escola do grande pedagogo Pestalozzi, grande mestre que vivia na Suíça. Hypolite Léon Denizard Rivail era o nome de Allan Kardec, sendo ele um pedagogo francês de renome. Interessou-se pelo fenômeno das mesas girantes, ou falantes, que chegaram à França vindo da América do Norte, após a fama conquistada pelas irmãs Fox, originárias de Hydesville, no Estado Nova Iorque, onde os fenômenos dos ruídos provocados pelos Espíritos tiveram início. Allan Kardec estudou durante vários anos os fenômenos espíritas e publicou em 1858 o primeiro livro a respeito, "O Livro dos Espíritos". Depois, publicou vários outros livros tratando de assuntos como reencarnação, mediunidade, origem dos Espíritos e do universo e outras coisas mais. Ele tentou unir religião, filosofia e ciência novamente, posto que o Espiritismo é como um tripé formado pelos três aspectos. Sem um, ele cai. A história se repetiu, e o Espiritismo não ficou na França. Difundiu-se no Brasil, onde cresce sem parar, e tem se tornado muito popular, havendo Espíritos notáveis encarnados com a missão de fazê-lo crescer, com destaques principais para Chico Xavier e Divaldo Franco, este último vivendo na cidade do nosso irmão Luiz, aqui presente e que pode dar o seu testemunho. O Espiritismo é religião, mas não deveria ser uma religião. Transformá-lo em religião organizada pode significar-lhe a morte. Sua filosofia é muito boa e satisfatória para as necessidades da maioria dos Espíritos deste planeta. Sua ciência experimental deslumbrou os cientistas do século XIX, como William Crooks e Alexandre Aksacof, ambos de renome internacional. O Espiritismo tem por base a existência de Deus, a imortalidade da alma, ou Espírito, a reencarnação, a Lei de Causa e Efeito e a comunicabilidade com os mortos. Nos centros espíritas é pregada a moral cristã dos Evangelhos, pratica-se a caridade e comunica-se com Espíritos desencarnados por meio dos médiuns psicofônicos, ou falantes, e ainda por meio dos videntes, psicógrafos e outros. Doutrinam-se os Espíritos desencarnados que vivem ligados ao mundo físico, a perturbar os homens e atrasarem sua evolução, esclarecendo-os acerca das verdades espirituais.

Sana Khan fez pequena pausa, como que para tomar fôlego e prosseguir. Fitou o auditório e continuou:

--- Apesar de todos os esforços empreendidos pelos espíritas, o Espiritismo não se difundiu ainda pelo mundo. Apenas uns poucos países possuem alguns centros. O Brasil está

só na vanguarda do trabalho mediúnico evangelizador. Em nenhum outro país se realizam trabalhos de desobsessão como lá entre os espíritas do Brasil. Todavia, como o homem do século XX acompanhou o materialismo do século anterior, Espíritos reencarnaram com a missão de desenvolverem aparelhos capazes de gerar a comunicação entre os planos físico e espiritual. Incentivado e intuído, Raudive, após descobrir que tinha gravado vozes humanas em seu gravador em um bosque onde somente havia pássaros, inicia trabalho de pesquisa conhecido como Vozes do Além, onde apresenta resultados surpreendentes, com gravação de mensagens e dizeres de várias ordens. Após ele, Jungerson aperfeiçoou o método para a gravação das vozes, dando nascimento às E.V.P.s., ou vozes eletrônicas. No mesmo caminho de pesquisa, o Dr. George Meek e sua equipe, em um laboratório nos Estados Unidos da América, auxiliados por Espíritos desencarnados que se comunicam através de médium psicofônico, desenvolvem o aparelho chamado de Spiricom, de "Spirit communication". Com esse aparelho, já conseguem se comunicar com os Espíritos, ouvindo suas vozes, ainda meio metálicas, mas que serão ouvidas nitidamente em breve. E eles já desenvolvem o Videocom, aparelho tipo televisão capaz de captar imagens do lado de cá, que são transmitidas ao tubo de imagem do aparelho. Abre-se, assim, oportunidade maravilhosa de comunicação entre os dois planos, o físico e o espiritual. Em breve, os habitantes da Terra nos verão na televisão, da mesma forma que nós os vemos em nossos aparelhos similares. É importante salientar que no Plano Espiritual não há religiões. Aqui ninguém é católico, judeu, espírita, budista ou partidário de outra religião qualquer. Após a morte, compreendemos que a vida continua, que os Espíritos são imortais, que Deus é uma realidade, ainda que com concepções diferentes, mas sentido de alguma forma, e que todos somos irmãos. Não há, então, necessidade de divisão ou separação. A tendência deve ser sempre a união, a unificação, a harmonia e a síntese. A base da religiosidade é Deus, a existência do ser individualizado imortal, a evolução, a Lei de Causa e Efeito e a reencarnação. O resto são detalhes, que não têm o condão de separar e dividir os seres. Somos religiosos sem religião, no sentido terreno. Buscamos a verdade, e uma vez tendo-a encontrado, não a engarrafamos e rotulamos. Somos livres pensadores, e buscamos o amor, a força que nos une a Deus, o Absoluto, e uns aos outros. Daí a importância de, ao receber outro corpo de carne na Terra, levarem consigo a idéia da verdadeira religiosidade, independente de religião, e tentar levar a ciência a ver que o que procura é o mesmo que almeja a filosofia e a religião, o saber, a Verdade, a Consciência Cósmica. Nossa origem é divina, e nosso destino é a evolução infinita e eterna. Meditemos sobre tudo isso, e saiamos daqui cheios de amor pela vida e por todos os seres do universo. E que a paz de Deus esteja com todos.

Sana Khan terminou a explanação. Levantaram-se as pessoas sem aplausos, o que ali é comum, diferente do comportamento, nessas ocasiões, na Terra. Porém, em seus semblantes, viam-se o contentamento e a alegria. Todos gostaram da palestra e se dirigiam ao mestre para saudá-lo. Após os cumprimentos, Sana Khan chamou-me e disse:

--- Beto, vamos embora. Já é hora de você acordar.

--- Mas, mestre, não posso conhecer melhor a Colônia e seus habitantes?

--- Outro dia poderá vir, inclusive só, pois agora já poderá mentalizá-la e vir em seguida. Se forçar agora o seu organismo carnal, nada recordará dessa palestra e do que viu aqui.

--- Está bem, mestre. Vamos.

Despedimo-nos e saímos da cidade, rumo ao monte. Lá chegando, partimos para o vale, despedindo-se Sana Khan de mim a dizer:

--- Vá. Amanhã iremos a uma colônia no umbral. Será uma experiência interessante para você. Muita paz.

--- Muita paz, mestre. Até amanhã.

Voltei para meu escafandro de carne meio contrariado. Não queria voltar. Conhecer o mundo de lá como conhecia agora me atraía demais, e me fazia descuidar das coisas materiais. Este foi o motivo principal pelo qual, depois de alguns meses, cessassem as experiências fora do corpo.

CAPÍTULO 13

Após dia entediante, finalmente deitei-me, relaxei e dormi, saindo do corpo sem problemas. Parti para outro encontro com Sana Khan, que já me esperava.

Chegando ao vale, encontrei-o sentado na velha pedra, o que me fez lembrar Don Juan e seu círculo de poder. Teria uma coisa algo a ver com a outra? Nada lhe perguntei, no entanto, tal a ansiedade que se apoderara de mim, em partir rumo a uma colônia no astral inferior, próximo à crosta terrestre.

--- Muita paz, mestre.

--- E muito amor, meu filho. São duas coisas boas e que nos dão felicidade. Foi um símbolo bonito usado pelos hippies. Pena que o deturparam!

--- Mestre, onde vamos hoje?

--- À Colônia Nova Esperança.

--- Onde fica? --- quis saber.

--- Próximo à Cidade do Salvador, onde você mora, porém no Plano Astral inferior, ou no início do Plano Espiritual, se prefere. Fica em zona chamada pelos espíritos de umbral.

--- Como a Colônia Nosso Lar, conhecida do livro de André Luiz?

--- Exatamente. Fica em região semelhante, só que distante daquela colônia.

--- Podemos partir? --- perguntei.

--- Claro. Vamos.

Sem nada dizer, Sana Khan foi sumindo. Mas como já conhecia o processo, concentrei-me nele, passando a segui-lo.

Logo chegamos a um bosque escuro, parecendo ser noite. Estávamos em uma espécie de clareira, cercada de árvores altas, esquisitas, cheias de cipós compridos. Senti uma espécie de vento frio e percebi que um nevoeiro cobria a região. O clima era meio fantasmagórico. Porém, não cheguei a sentir medo.

--- Beto, --- disse-me Sana Khan --- não se ligue mentalmente às condições por você percebidas. Do contrário sentirá, de fato, frio. Entrará no esquema aterrador próprio dos Espíritos que vivem aqui.

--- Alguém vive aqui, mestre? --- indaguei espantado.

--- Sim. Aqui é o chamado umbral, zona habitada por seres em sofrimento, com crise de consciência, em ignorância, purgando as energias deletérias que fizeram aderir a seus corpos energéticos. Há, em contrapartida, seres perversos, inteligentes, prontos a dominar os incautos e despreparados, fazendo deles verdadeiros marionetes, joguetes nos esquemas de obsessão.

--- Há perigo em permanecermos aqui, mestre?

--- Não, pois eles percebem a minha aura luminosa, respeitando-me, por saberem que não são páreos para mim, de energias mais poderosas. Não me atacariam.

--- E se eu estivesse só, seria atacado?

--- Sim, Beto. --- respondeu Sana Khan sorrindo, e completou --- Você ainda não atingiu tamanha elevação, capaz de desestimular os ataques das trevas pela simples luminosidade de sua aura.

--- Mestre, o que esperamos para entrar na Colônia?

--- A chegada de Rodolfo e Marlene.

--- Eles virão conosco? --- perguntei com claro tom de surpresa e alegria --- Que ótimo !

--- São trabalhadores permanentes da Colônia Nova Esperança. Conhecem bem essas paragens. Viveram recentemente no Brasil, optando, após o desencarne, em viver e trabalhar aqui, em serviço de auxílio aos que estão em condições de sair do umbral, da escuridão, para penetrarem na cidade de recuperação e trabalho redentor.

Enquanto ouvia Sana Khan falar, percebi chegarem por entre as árvores Rodolfo e Marlene, com ar de alegria ao nos ver. Aproximaram-se, e Marlene foi a primeira a cumprimentar-nos.

--- Olá, mestre. Beto, como vai de aprendizado?

--- Como vão vocês? --- perguntou Rodolfo, em seguida.

--- Bem ! --- respondi --- Na companhia do mestre Sana Khan.

--- Como vai o trabalho? --- perguntou Sana Khan aos dois.

--- Bem, mestre. --- respondeu Rodolfo --- Temos conseguido auxiliar bom número de irmãos que perambulam por aqui, principalmente os arrependidos. Estes já estão abertos ao auxílio, o que facilita a ajuda. Recebem tudo de bom grado, sendo gratos. Porém, os não-arrependidos se martirizam com as cenas constantemente revistas, recordadas, de atos errados, às vezes criminosos, cometidos em vida carnal, sendo fechados ao auxílio. Muitos são teimosos, achando que agiram corretamente. Essa atitude muitas vezes arrasta os Espíritos para regiões ainda mais escuras e profundas, em muito assemelhada ao inferno descrito por Dante Alighieri, no livro A Divina Comédia.

Sana Khan interrompeu Rodolfo, dirigindo-se a mim e dizendo:

--- Beto, não sei se você sabe, mas Dante esteve no Abismo, nas Trevas, em viagem de observação, em missão, a fim de escrever para o mundo a realidade das zonas espirituais. Esteve também em zonas elevadas. O livro O Abismo, de Ranieri, também é fruto de viagem àquela região terrena, chamada de Abismo, devido à profundidade em que se encontra em relação à crosta terrestre.

--- Mas, mestre, quer dizer que há Espíritos vivendo abaixo do solo terreno?

--- Sim, muitos quilômetros abaixo, em lugares que você não está preparado para visitar. Você se desequilibraria se fosse lá, com toda certeza.

--- Se o senhor está dizendo, acredito.

--- Mestre, podemos entrar na Colônia. --- disse Marlene.

--- Então vamos. --- concordou Sana Khan.

Caminhamos durante alguns minutos, dentro de minha percepção de tempo terrena, não sabendo se tem correspondência com o tempo naquela dimensão. Mais tarde, descobriria que o tempo é diferente nos planos físico e espiritual.

Chegamos frente a grande muralha, de enorme portão, o que me fez lembrar cidade medieval, ou mesmo Jerusalém antiga. Ao aproximarmos do portão, ele se abriu, uma banda para cada lado, sem que vissemos ninguém. Começamos então a entrar, tendo feito pergunta a Rodolfo, a fim de matar minha curiosidade habitual.

--- Por que o portão é aberto sem antes identificarem as pessoas que dele se aproximam? Não há perigo de entrarem invasores da zona umbralina, Espíritos perturbadores?

--- Não, Beto. --- respondeu Rodolfo, sorrindo --- Aqui foi desenvolvido moderno sistema de identificação da aura, pelas suas cores, o que dá para se saber o nível do Espírito que o emite, suas emoções e pensamentos. Há acima do portão uma espécie de

camera que filma automaticamente qualquer um que se aproxime. A depender das cores detectadas é acionado ou não o dispositivo que faz abrir o portão, sem que seja preciso a permanência de guarda ou vigia, como em tempos passados. Aberto o portão para alguém entrar, em poucos instantes ele se fecha, sendo mais rápido esse ato quando é detectada aura escura se aproximando. A aura, ou ovo áurico que nos envolve, serve para nos identificar quanto aos padrões morais, intelectuais e físicos ou astrais, para os desencarnados.

Ao terminar as explicações de Rodolfo, que muito me surpreenderam, face ao engenho moderno e científico utilizado na colônia espiritual, percebi que já percorríamos rua larga, com pavilhões de um andar apenas, que se assemelhavam a um hospital. As paredes eram brancas, o que reforçava minha suspeita.

--- Aqui, nesses pavimentos, logo após o portão, ficam os centros de atendimento de primeiros socorros. Para aqui são trazidos os Espíritos resgatados das zonas escuras e sombrias do umbral deste plano que se encontram em piores condições de degeneração do corpo astral ou perispírito. Pessoas que desencarnaram através de doenças e acidentes também são trazidas para cá, às vezes diretamente da crosta terrestre, outras vezes após passarem tempo nas zonas contíguas à colônia.

Vi dois jovens vestidos de branco, caminhando em pátio que ficava à frente do pavilhão, que se estendia por mais de cem metros, e tendo diversas divisões.

--- São médicos, Beto. --- adiantou-se Marlene --- Trabalham aqui há poucos anos. Aprofundam os conhecimentos que obtiveram na Terra, em faculdade de medicina, tendo desencarnado ainda quando estudantes.

Proseguimos caminhando. Ao chegarmos a um pequeno edifício de dois andares, azul-claro, de porta larga, Marlene se adiantou a explicar-nos.

--- Aqui é o Centro de Triagem e Encaminhamento. Depois da recuperação no Centro de Tratamento, ou hospital, as pessoas vêm para cá, para que os especialistas em administração, auxiliados por psicólogos e sociólogos, decidam para onde irão encaminhar as pessoas. Alguns vão para o Centro de Esclarecimento e Reeducação, por terem desencarnado sem conhecimento da vida após a morte, totalmente ignorantes quanto à vida neste plano, e sua condição de Espírito desencarnado. Muitos são resgatados na Terra e no astral inferior ainda sem saber que morreram. Faz-se necessário, assim, o devido esclarecimento e a reeducação do Espírito para a nova vida, já que o passado anterior a suas últimas encarnações está esquecido temporariamente.

--- Quanto tempo levam aqui nesse Centro? --- perguntei.

--- Geralmente, pouco tempo, onde recebem as primeiras lições sobre a vida e a morte do corpo, o desencarne, a reencarnação, a imortalidade e a Lei de Causa e Efeito. Recebem, também, as primeiras explicações acerca de seus veículos ou corpos astrais, a fim de se adaptarem rapidamente à sua funcionalidade e meio ambiente daqui.

--- E depois? --- perguntei, apressado.

--- Mais esclarecidos, --- falou Rodolfo --- alguns vão para os setores de escolas, ou de trabalhos diversos. Os que possuem menos conhecimento geralmente passam por escolas, onde aprendem muito sobre a evolução espiritual e a necessidade de trabalho. Depois do estudo, vem o trabalho propriamente dito, bastante variado.

--- E os que chegam aqui possuindo já conhecimento dessas coisas? --- perguntei.

--- Se não precisarem de tratamento médico, passam pela triagem e são encaminhados para setores de escolas ou de trabalho. --- respondeu Marlene.

--- E há controle do número de Espíritos que chegam aqui, para fins de se evitar super população? --- perguntei.

--- Claro! --- respondeu Marlene --- A administração controla isso. Estão informados sobre todos que aqui chegam, bem como sobre todos que deixam a colônia, reencarnando ou indo para outra colônia ou posto de serviço avançado no umbral.

--- Quer dizer que há controle da população?

--- Sim. --- respondeu Rodolfo --- Sem isso a cidade ficaria superlotada e de difícil administração, face aos limites impostos pelas muralhas protetoras, necessárias em razão da região em que fica a colônia.

--- Além de estudo e trabalho, que outras atividades há aqui? --- perguntei, como sempre, curioso.

--- Atividades artísticas, como encontros de músicos, concertos, exposições de pintura e escultura, congressos culturais, exposições de inventos e pesquisas e outras coisas mais. Muitos Espíritos levam para a Terra idéias encontradas aqui. Copiam invenções, obras de arte e música. Os autores não se preocupam com os direitos autorais, posto que aqui não existe dinheiro, como na Terra. Aqui vigora o sistema bônus-hora. O que vale é o trabalho produtivo, seja ele qual for. Uma hora de trabalho tem o mesmo valor para o médico e para aquele que resgata o doente por aí afora. O engenheiro que usa sua concentração e esforço mental para construir casas, recebe em uma hora o mesmo quinhão que o guarda de segurança que acompanha as equipes que saem nas regiões perigosas. O controle é feito pelo tempo de trabalho, não pela espécie. E aqui todos trabalham com amor, com vontade, fazendo o que gostam. Ninguém é forçado a trabalhar em função que não goste. Há enorme respeito aos dons e aptidão de cada ser.

--- Se isso fosse feito na Terra, --- disse Marlene, referindo-se ao sistema do bônus-hora --- as pessoas viveriam muito mais felizes.

--- Exatamente. --- acrescentou Sana Khan, calado até então --- O problema está no egoísmo, e na supervalorização de certas tarefas em detrimento de outras. O homem não compreendeu ainda que todos os serviços são igualmente importantes, desde que se destinem ao bem-estar e crescimento evolutivo do Espírito. Na Terra, o varredor de ruas deveria ser tão respeitado quanto o médico. Sem ele, as cidades se encheriam de lixo, gerando inúmeras doenças que dizimariam a humanidade. Porém, sem reconhecimento, e altamente discriminados, os apanhadores de lixo levam a vida a mexer em matéria putrefata, sem condições de proteção adequada à sua saúde e recebendo mísera remuneração. O sistema de salário em alguns países, como o Brasil, ainda é por demais primitivo e injusto, fruto do egoísmo dos empregadores e empresários e de economistas míopes que não percebem que sem poder de compra não pode haver crescimento da produção, permanecendo o mercado estacionado e os empregados a passarem fome. Mas vamos prosseguir em nossa visita.

--- Sim, mestre. --- disse Rodolfo.

Proseguimos, passando por vasto jardim, na verdade uma praça com bancos, regatos de água cristalina e plantas coloridas.

--- Aqui as pessoas vêm conversar ou meditar, quando não estão fazendo nada. --- disse Rodolfo.

Mais adiante, começaram a aparecer quarteirões com várias casas, todas possuindo jardim em volta. Todas de tamanho modesto. Não vi nenhuma mansão.

--- Por aqui moram os médicos e enfermeiros, além de trabalhadores de setores próximos. Assim, podem ir andando para o serviço. --- disse Marlene.

--- Há transporte na colônia? --- perguntei.

--- Sim, Beto --- respondeu Celene --- A maioria dos moradores daqui não podem voitar, que é elevar-se acima do solo. Seus corpos ainda são de energia densa. Poucos podem fazê-lo. Assim, o governador da colônia instituiu uma norma, proibindo vôo pelas ruas da cidade, para que não constrangesse ou humilhasse os que não podem voar. A norma foi aceita sem contestação, pois aqui todos confiam no governante e todos buscam a harmonia com o próximo, cansados da vida na Terra, onde não há fraternidade, nem respeito ao próximo. Aqui todos sentem a diferença de vida, de trato, da consideração e respeito, e por isso cooperam para que todos se sintam bem e cresçam.

--- Como é o transporte, então? --- quis saber.

--- É uma aeronave chamada de aeróbus, misto de ônibus terreno com os trens mais modernos da Terra, só que não possuem rodas, deslizando pouco acima da superfície. É impulsionado por energia deste plano, de difícil compreensão para vós, porque sem similar na Terra. Não produz ruídos ou poluição. Um engenheiro brasileiro desenvolveu algo semelhante, no sul, chamado de aeromóvel, um trem movido a ar, silencioso, econômico e não poluente. A idéia foi boa!

Prosseguimos com nossa caminhada e penetramos o setor das artes. Havia belíssimas construções, com requinte de arquitetura e decoração. As cores eram distribuídas com magistral e magnânima harmonia.

--- Cada edifício desses --- adiantou-se Rodolfo --- é centro de uma arte, como pintura, música e escultura. Os artistas se desenvolvem e criam aqui, fazendo a colônia mais alegre em suas cores, ritmo e estética.

--- Agora penetramos a zona das escolas. --- falou Rodolfo ao prosseguirmos a caminhada.

--- Ali fica a Academia Médica, onde se aprende tudo sobre o corpo humano, com réplicas quase vivas do organismo humano terreno. Aprende-se, também, muito sobre a organização e funcionamento dos outros corpos mais sutis, como o astral, o mental e o causal, conforme nomenclatura da Teosofia de Helena Blavatsky. Mais ali adiante é a Academia de Física, seguida da de Química. Ali do outro lado fica a Academia de Astronomia, onde realizam importantes estudos sobre os buracos negros do universo.

--- Interessante, --- disse, interrompendo Rodolfo --- gostaria de ver por dentro.

--- Infelizmente hoje não será possível, Beto. Hoje estão fechados, devido ao feriado instituído para o encontro no Parque Central, que durará todo o dia, no centro da colônia. --- disse Rodolfo.

--- Feriado!? O que haverá nesse encontro?

--- É uma festa, em comemoração à fundação da colônia, que se deu no século XVIII. Há grande confraternização entre os habitantes desta colônia e visitantes de outras, com troca de experiências. E mais tarde haverá a fala de Shigabushi, um Espírito muito elevado que nos visita.

--- Sobre o que falará? --- perguntei.

--- Sobre o amor. Será uma palestra rápida. Ele não é de falar muito.

--- Shigabushi por aqui? Que coincidência! --- disse Sana Khan.

--- O senhor o conhece, mestre? --- perguntou Rodolfo.

--- Sim, fomos amigos na China, há muito tempo atrás. Viveu em mosteiro na mesma província em que eu vivia. Já nos encontramos em outra colônia, em plano mais elevado.

--- Prossigamos, então. --- convidou-nos Marlene.

Seguindo, passamos pelo setor de Alimentação.

--- Nos planos mais elevados, os Espíritos não comem ou bebem, o mesmo acontecendo com alguns Espíritos daqui. Porém, a maioria recém desencarnada ou recém saída do umbral ainda sente fome e sede. Você sabe que a mente comanda tudo. Se há apego ao alimento, à sensação de estômago cheio, de fato o Espírito sente a fome. Assim, devido a essa necessidade dos habitantes da colônia, foi decidido que seria elaborado um alimento energético, com aparência de certos alimentos terrenos. No entanto, não é isso que mantém a vida do Espírito, mesmo porque, se o Espírito não ingerir esses alimentos, não morrerá. A fonte energética do ser é outra.

Ouvia as explicações de Rodolfo enquanto caminhávamos, aproximando-nos de grande praça, repleta de árvores e gente. Grama baixa e macia cobria todo o espaço, como tapete convidando a deitar sobre ela.

Passamos por entre as pessoas, sem despertarmos curiosidade, face ao número de pessoas. Jovens e velhos, em aparência apenas, acorriam de todos os lados àquele lugar. Aproximamo-nos do centro do parque, percebendo espécie de palanque de comício político. Havia um homem falando, aparentando uns cinqüenta anos, porém, sei que isso nada tem a ver com idade do Espírito, que pode assumir a forma que desejar.

--- ... e como governador desta colônia, posso afirmar-lhes que tenho me realizado.
--- dizia o homem --- Tenho tido oportunidade de trabalho, que muito me faz crescer. Espero contar sempre com a colaboração de todos os irmãos, que tanto cooperam para o bem-estar geral da comunidade.

Fez pausa, o governador, e prosseguiu:

--- Hoje, teremos alguns momentos da palavra do irmão Shigabushi, tão ligado a tudo quanto possa dizer respeito ao amor. E sobre isso é que nos falará.

Silenciou, enquanto se aproximava um homem de notável aspecto, porte elegante, roupas brancas como a neve, olhos puxados e sem barba. Seu semblante era o de um sábio chinês.

--- Paz para todos. --- começou dizendo e continuou --- É por amor que agora estou aqui. Amo todos vocês e me sinto honrado com a presença amorosa de todos. Posso sentir as vibrações de vocês chegando a mim. Sei que a maioria de vocês esteve na Terra, há bem pouco tempo, tendo atravessado turbilhões de provações e expiações, e tendo aprendido muito, o que sem dúvida servirá de substrato para maior crescimento espiritual.

Parou de falar por um segundo, fitando ao longe a multidão que o escutava, apesar de não haver sistema de som como acontece na Terra.

--- O Espírito Puro, a Consciência Pura, o Absoluto, ou Deus, é essencialmente amor, uma força de absoluta atração, que faz com que todas as partículas do universo estejam ligadas indissolivelmente, ainda que em aparência vejamos a separação. Na atração entre o núcleo de um átomo e os elétrons, ou entre os planetas que giram em torno do sol, ou ainda entre casal de qualquer espécie onde exista a polaridade sexual, há a viva presença desse amor. Ele está em tudo. No início de nossa evolução, quando somos emanados do Absoluto, de Deus, do Tao, "saímos" do estado de Consciência total, aberta, para o de Consciência individualizada, fechada, sofrendo redução e limitação, tanto em relação a nossa espacialidade, quanto em relação à consciência. Depois de percorrido um caminho de envolvimento em energias cada vez mais densas e chegando ao plano físico em um planeta qualquer, iniciamos o processo de abertura de consciência. Este se inicia propriamente com o surgimento da vida orgânica, com a célula primitiva, que já se relaciona mais abertamente com o meio. Depois, em fase animal, é importante o surgimento do cérebro, dos olhos e dos ouvidos, fazendo o ser se abrir para o exterior. Quando homem, o Espírito atinge a

autoconsciência, grande passo na abertura de consciência. E a linguagem falada, que surge após evolução das cordas vocais no Reino Animal, trouxe a grande oportunidade de relacionamento entre os Espíritos, utilizando-se os símbolos dos sons que representam as idéias e objetos. Tudo isso tem feito com que o Espírito se abra cada vez mais para o universo, abrindo sua consciência. A evolução tem amadurecido o amor, nas fases animal e hominal, principalmente, com a maternidade dos mamíferos e o surgimento da família, já no meio dos animais. Os laços sangüíneos desenvolvem os laços espirituais. A família cumpre seu papel de levar os seres a se amarem. Sem ela, seriam precisos muitos milhões de anos para o nascimento do amor entre os homens estranhos uns aos outros, que se fechariam em seu individualismo isolacionista. O tempo, por seu turno, tem aquecido a fôrnalha do coração do Espírito, fazendo-o compreender que não basta preservar e cultivar a família humana, mas sobretudo a família terrena, a humanidade, em termos abrangentes dos Espíritos encarnados. É a grande família universal, alargando-se os estreitos horizontes da vista humana, para que se contemple os seres de todos os níveis evolutivos, de todos os reinos, todas as raças, e de todos os recantos do universo. Como é bom olhar nos olhos de outro ser espiritual, seja uma formiga, um leão, uma coruja ou um cão, ou ainda um homem em evolução, e ver neles a nossa própria essência, a nós mesmos, automanifestação Divina. Sorrir para todos, estender as mãos e abrir o coração, desmanchando a couraça e os castelos construídos para a defesa, deixando baixar as guardas. Vencer a indiferença com o sorriso, levando neste o mais puro sentimento do amor fraternal. Aqui chegados, vocês compreendem a fugacidade da vida humana e a insanidade do apego à matéria, principalmente ao dinheiro, poder e fama. Tudo isso fica na Terra, como que impedido de chegar aqui por buracos de uma peneira, a da morte. Esta alarga, por mais das vezes à força, os horizontes limitados pelo berço e túmulo. Desencarnado, o Espírito compreende a realidade da imortalidade e da vida após a morte. Com o tempo, percebe as intrincadas relações de causa e efeito, a lei do carma, que nos liga aos atos praticados por nós em qualquer tempo e lugar. Nenhum desequilíbrio causado passa desapercibido, e vêm, muitas vezes, dores e sofrimentos retificadores, não como punição, mas como bênção, como o remédio a curar a doença, que muitas vezes se faz de forma dolorosa, como injeção curadora. Não há castigo, nem punição, mas experiências retificadoras do comportamento do ser, com vistas ao seu crescimento espiritual. E a melhor forma de crescermos sem percorrermos a via da dor, ou de anular a dor, é trabalhando pela nossa própria evolução e a dos outros seres, com o máximo de amor. Não ser caridoso, mas amoroso. Não dar por dar, mas fazê-lo por amor e com amor. Solidariedade e fraternidade. Estamos todos no mesmo mundo, no mesmo universo, e somos todos filhos da única realidade transcendente, Deus. Ele é amor e paz. Somos como Ele, e vivemos por sua vontade. Assim, devemos amar, fazendo não só desta comunidade, ou deste planeta, mas de todo o universo um lugar em que os seres se amem, vivam em paz e em harmonia. Aproveitem a estada no mundo terreno, ao retornarem pela via da reencarnação, para amarem intensa e imensamente, sem distinguir sexo, raça, cor, religião ou ideologia. O Espírito e o amor não comportam distinção nem separação. Amem e deixem-se amar. Sejam felizes. Muita paz.

Terminou Shigabushi de falar, deixando grande alegria nos rostos dos presentes.

Sana Khan foi até o palanque, deixando-me com Marlene e Rodolfo. Conversou ligeiramente com o palestrante depois de abraçá-lo, e voltou para junto de nós.

--- Podemos ir. Quero que você registre em seu cérebro físico o máximo possível do que aqui viu e ouviu. Por isso, não podemos nos demorar mais. --- disse Sana Khan.

--- Está bem, mestre. Vamos!

Deixamos o Parque Central, percorrendo o mesmo caminho. Conversamos sobre o tema exposto até o portão. Ali chegando, Rodolfo e Marlene se despediram, dizendo terem serviço a esperá-los. Sana Khan acompanhou-me na viagem de volta ao vale. De lá, segui só para casa.

CAPÍTULO 14

Estava ainda no mês de setembro de 1978. Fazia alguns dias que abandonara a faculdade, em decisão de não mais estudar, mas apenas preparar-me para ir à Índia. Tomara essa decisão após muita meditação, e após perder, por completo, o entusiasmo com a faculdade e o curso de arquitetura. Depois de tomar conhecimento da filosofia oriental, e algumas práticas, como a yoga, passei a pensar que melhor seria morar alguns anos na Índia, aperfeiçoando-me e desenvolvendo minhas faculdades psíquicas, e depois retornar ao Brasil, para minha missão.

Essa idéia consolidava-se em minha mente, como se não tivesse retorno. E então decidi começar a preparar minha mãe e alguns irmãos para a separação inevitável.

Comecei a comprar algumas coisas para levar comigo, como mochila, cantil, barraca e lanterna. E levaria cobertor e algumas mudas de roupa.

A esse tempo, dava aulas particulares, posto que sabia um pouco de matemática, aprendida no Colégio Militar e no curso que fiz no Rio de Janeiro, em 1977. Com o dinheiro que recebia pelas aulas, comprava livros e os objetos que levaria na viagem.

Segundo meus planos na época, pretendia juntar dinheiro para a passagem e se possível iria de navio. Na Índia, andaria de trem, carona e a pé, rumando para o norte, até alcançar o Nepal. Minha grande atração era pelo Himalaia, terras de mistérios e encantamentos, onde outrora viviam os yogues em suas vidas reclusas de meditação e práticas de técnicas da Yoga. Pretendia procurar algum entendido em Filosofia Yogue, Vedas e Upanishades, para aprender com vontade e crescer mais espiritualmente, antes de voltar para o Brasil.

Andara o dia inteiro a meditar sobre a origem da matéria e do Espírito, após ter lido sobre o assunto em alguns livros. Não encontrei harmonia entre os autores, mas divergências várias. Cada um defendia um sistema filosófico para explicar as origens da matéria e Espírito. O espaço e o tempo também eram objeto de especulações e divagações para os autores e também para mim.

Sempre fui livre pensador, desde os onze anos nesta encarnação e tempos remotos vividos na Grécia, China e Índia. Jamais me prendi definitivamente a qualquer explicação ou sistema filosófico. Sempre me senti à vontade para mudar de opinião quando passava a enxergar mais profundamente os fenômenos da vida Espiritual e as coisas do universo. E os assuntos matéria, Espírito, espaço e tempo, constituíam para mim pontos básicos e fundamentais no quebra-cabeças do universo.

Dessa forma, resolvi conversar com Sana Khan a respeito desses assuntos, na tentativa de obter esclarecimento.

À noite, saí do corpo e rumei ao seu encontro. Chegando na cabana, entrei e encontrei o mestre a meditar, observando algo no centro da sala.

--- Olá. --- disse-me --- Estava à sua espera.

--- Muita paz, mestre. Estava ansioso por vê-lo. Alguns problemas filosóficos perturbam o meu juízo. Pensei, então, que talvez o senhor me pudesse ajudar.

--- Se puder, estou às suas ordens, meu filho. Do que se trata? Sente-se.

Sentei-me a seu lado, acalmando meus pensamentos, pela simples presença de Sana Khan e o ambiente energético de sua cabana.

--- Mestre, tenho meditado sobre a matéria, energia, Espírito, espaço e tempo e tenho esbarrado em dúvidas e conflitos atroz, que às vezes me colocam em xeque-mate.

Ao ouvir o que disse, Sana Khan sorriu.

--- Beto, às vezes, quando buscamos de forma mais profunda respostas para as questões mais complexas da vida e do universo, realmente nos vemos impotentes para encontrar explicações para tudo, devido aos nossos limites. Temos que ser conscientes de que apenas iniciamos nossa evolução, e nossa razão, auxiliada pela intuição, que é sentido superior da alma, ainda não consegue penetrar todos os mistérios.

--- É exatamente como me sinto agora, mestre. Não encontro respostas exatas.

As fontes de onde tentei haurir tais respostas são conflitantes, contraditórias, ou às vezes superficiais. O senhor sabe que procuro o fundo das coisas, a verdade, não me satisfazendo com explicações superficiais.

--- Eu sei, meu filho. E isso me ajudou muito quando vivemos juntos no passado, pois suas dúvidas e questionamentos me levaram sempre a maior e mais profunda reflexão sobre as coisas. O discípulo questionador é o que mais agrada ao mestre, pois é o que mais exige dele e o que mais o impulsiona ao crescimento espiritual. Por isso é que gosto tanto de você!

--- Obrigado, mestre.

Senti-me contente com tal declaração de amor, que teve o efeito de acender, ainda mais, meu ímpeto de questionar e buscar incansavelmente a verdade, o saber.

--- Beto, para começar, vamos analisar uma das questões mais polêmicas em filosofia avançada, e somente apreciada por poucas correntes filosóficas, principalmente da Índia, onde alcançou-se maior profundidade na revelação da verdade, ou em especulação pura e simples dos pensadores.

--- Qual é, mestre? --- perguntei ansioso.

--- Vamos devagar. Você sabe que a matéria como hoje a consideram não é mais do que concentração de energia, e que está em movimento. A moderna ciência já consegue perceber os elementos básicos formadores do átomo, que antigamente era tido por indivisível, daí porque o nome átomo, que é de origem grega. Descobriu-se, inicialmente, que o átomo era formado por um núcleo de prótons e neutrons, circundado por elétrons. Depois, descobriram-se os protinos, neutrinos e descobrirão outras partículas, como quarks, bosons e outras. Percebe a Física Quântica que nenhuma das partículas antes tidas como indivisíveis assim o são. Ao contrário, cada uma delas é a combinação e união de algo em movimento, cada vez menor e mais acelerado. Se percorrermos mentalmente essa via, já que não possuímos nem neste plano aparelhos que nos capacitem perceber partículas ou movimentos menores, onde chegaremos?

--- É aí que está uma de minhas dúvidas, mestre. --- respondi.

--- Só há duas correntes básicas, que diferem essencialmente entre si e que são seguidas, ora uma, ora outra, pelos diversos filósofos. O livre pensamento especulativo do Espírito o leva a especular sobre coisas, tentando encaixar o fruto de sua imaginação especulativa buscadora às percepções da realidade, ou, de outra forma, tentam adequar suas criações especulativas a modelos ou sistemas filosóficos lacunosos. Se se encaixam, são aceitáveis, se não, são abandonados, por insuficiências racional e lógica.

--- Quais são as duas linhas? --- perguntei.

--- Uma imagina que, por processo de divisão constante das partículas que formam a matéria, ou seja, dividindo-se cada partícula encontrada após a divisão anterior, chegaremos a uma partícula última, indivisível, o átomo-semente, ou a base de toda energia, matéria, forma e tudo o mais que tem consistência. Essa substância última, primordial, comporia o que chamam de Energia Cósmica, Energia Divina, Fluido Cósmico Universal ou Fluido

Divino; Prakriti, para Kapilla, da Índia, e outros nomes que nos dão a mesma idéia de substância básica e primeira.

--- E quanto à outra linha, mestre?

--- Considera que não há limites à divisão da matéria, partículas ou substância da energia. Não haveria uma partícula última, nem energia primordial, de onde tudo brotaria. Estariam em processo de eterna elaboração e transformação as energias que dão nascimento à matéria. Assim, esse processo não teria tido início, mas viria de um passado sem começo.

--- Mestre, --- perguntei --- quando penso nisso, associo à evolução do Espírito. Como o senhor sabe, dentro do espiritualismo há também duas correntes. Uma acha que o ser espiritual, uma vez criado, evolui eternamente ou infinitamente, jamais se reintegrando no Absoluto. Já a outra acha que um dia tudo se reintegrará no Absoluto, inclusive os Espíritos. Há relação desses dois sistemas com a base ou substância do universo?

--- Há quem os relacione. --- respondeu Sana Khan, completando --- Acham uns que a base de sustentação do sistema filosófico da evolução espiritual infinita é a existência de um processo eterno de elaboração da substância do universo, em suas diversas fases, como energia, matéria e outras. Acreditam esses que os diversos planos ou dimensões são formados de matérias ou energias diferentes, que por sua vez seriam constituídas de moléculas ou agregados de vórtices de movimento, havendo relação direta entre os planos mais sutis e elevados com as partículas menores. Em outras palavras, as partículas mais antigas em termos de formação seriam a base substancial dos planos mais sutis de energia, ou as dimensões superiores da vida do cosmos. Isso, segundo pensam, explicaria a possibilidade da existência de infinitas dimensões, com gradações infinitas de refinamento e sutileza energética desses planos e ainda dos corpos energéticos a envolver os Espíritos.

--- Interessante, mestre! E qual a outra corrente?

--- A outra relaciona a evolução espiritual finita com a existência de uma substância básica universal, composta de partículas indivisíveis, os átomos-semente. Havendo fim da busca das partículas diminutas, dizem, os planos ou dimensões seriam limitados, posto que formados por essa energia. E também o Espírito atingiria um fim evolutivo, ao chegar a ser envolvido com as menores partículas, até chegar a perder todo e qualquer envoltório energético que o "separe" do Absoluto. Chegada a hora da desagregação do envoltório Espiritual, reintegrar-se-ia ele novamente no Todo de onde saíra, Deus, o Absoluto.

--- Mestre, qual a corrente que o senhor segue?

--- Um misto dessas duas que lhe falei. Acredito que a base do universo seja uma energia ou substância formada de moléculas ou vórtices de energia aglomerados de algo desconhecido e incompreensível para mim, que contém em si mesma uma potencialidade infinita de se combinar, agrupando-se, e dar nascimento ou formar outras substâncias ou energias. Essa Energia Primária seria a base de todo o universo energético-material em sua multiplicidade infinita de planos ou dimensões, bem como os diversos envoltórios dos seres individualizados nascidos. Assim, da mais densa matéria até a mais sutil forma de energia imaginável, todas nasceram dessa Energia ou Substância Primária. Como vê, também acho que a evolução do Espírito não terá fim, uma vez nascido. Está no Absoluto a potencialidade infinita criadora, intrínseca em sua própria essência.

--- E a Consciência Cósmica, mestre, como convive com essa Energia Primária? É algo apartado? --- perguntei, curioso.

--- Não, Beto. --- respondeu Sana Khan em tom sério e grave, porém afetuoso --- A Consciência Cósmica, o Absoluto, não é algo apartado, separado, da substância, ou seja, não se pode verdadeiramente retirar a Consciência da Energia Primária. Sem substância, a

consciência desapareceria, surgindo o vácuo filosófico, ou o nada. Como já conversamos em outra ocasião, a consciência tem base consistencial. E ela está indissolivelmente e intrinsecamente ligada à Energia Primária. É como se fossem dois em um, mas na verdade apenas um, o UM ou o UNO. Princípio material e Princípio Espiritual, Prakriti e Purusha para Kapilla, o indiano, na verdade são apenas aspectos da Realidade Una. Impossível separá-los. Espírito e matéria têm a mesma origem, tendo sido "projetados" da dimensão do Absoluto para o universo por Ele criado, para sua glória, sendo sua expressão. Deus verdadeiramente vive em seu universo, que não é verdadeira e essencialmente separado d'Ele. Mas isso não implica em panteísmo! Ele é imanente e transcendente ao mesmo tempo.

--- Mestre, sendo o universo material também infinito e a evolução espiritual infinita, não chegará um dia em que a Criação Divina superlote o universo?

--- Não, Beto. --- respondeu Sana Khan sorrindo, e continuou --- A substância do Absoluto, que é um de seus aspectos, é infinita, e por isso jamais se esgotará, bem como jamais se esgotará o seu potencial de combinação. Seres individualizados serão "projetados" no universo eternamente, misto de consciência e envoltório "isolante". O Espírito sempre estará associado a alguma forma de matéria, em níveis de concentração de energia infinitos.

--- A alma não é então algo abstrato, como pensam os homens?

--- Claro que não. --- sorriu Sana Khan ao responder --- Não existindo o nada, todos os seres e dimensões são formados de algo, por mais sutil e incompreensível que possa nos parecer.

--- Mestre, e as dimensões ou planos não atrapalham uns aos outros?

--- Não. Você sabe que as ondas de TV são capazes de atravessar as grossas paredes das construções humanas, assim como as do rádio. Os raios X também atravessam a carne. E esses tipos de energia radiante nem de longe se comparam às sutis energias das dimensões espirituais. O Espírito influencia a matéria em certas circunstâncias e em certas condições, como, por exemplo, quando estão encarnados, ou utilizando-se de matéria intermediária entre o plano físico e o plano espiritual, que é o ectoplasma. Fora dessas condições, só mediante o pensamento, que é energia mais sutil e que pode atravessar o espaço e algumas dimensões. Há, no entanto, planos onde não se utiliza o pensamento articulado como o conhecem, que é fruto de sua linguagem simbólica. Há coisas que ainda não podeis conceber.

--- Mestre, é possível se antever o futuro?

--- Os Espíritos mais elevados, que conseguem enxergar as causas dos fenômenos da vida de forma mais ampla e profunda, inclusive conhecendo a psicologia humana e espiritual de comportamento individual e coletivo, podem prever o que acontecerá com a continuação da marcha evolutiva individual ou coletiva. Hoje o homem já pode dizer com relativa margem de segurança que choverá em algumas regiões da Terra e que em outras fará sol. Isso se deve a seus engenhos como balões atmosféricos e satélites que, fornecendo-lhes informações das localizações e deslocamentos de nuvens, bem como sua concentração e densidade de vapor d'água, dão-lhes uma visão de conjunto que, aliada a seus conhecimentos de física e matemática, lhes permitem saber por onde passarão as nuvens e onde as águas cairão. Se o homem branco disser a um bosquemane australiano que vai chover em tais e tais dias, e acertar, será tomado por um deus, um ser superior, capaz de prever o futuro. Projetada essa possibilidade em escala infinitamente maior, em termos de ciência e alcance consciencial individual e coletivo, chegamos à conclusão de que saber o futuro é possível, ainda que tenha limites essa previsibilidade.

--- Esse é um assunto complexo, mestre.

--- Sim, e muito. Imagine que um Espírito se locomova em velocidade superior à da luz, distanciando-se da Terra, e presencie o nascimento de uma estrela, a milhões de anos-luz de distância. Ao retornar, a luz dessa estrela ainda não será vista pelos habitantes da Terra. Esse Espírito poderá prever o seu nascimento, sendo incompreendido pelos habitantes da Terra. Poderá dizer até a localização da estrela na abóbada celeste e mapa celeste, pois já viu a estrela nascer. Esse é um caso em que se vê coisas que já aconteceram e se conta o que foi visto para aqueles que ainda não presenciaram o fato. Nesse caso, um fato é presente para uns, os que estão vendo o nascimento da estrela; passado para outros, os que já viram o nascimento; e futuro para outros, aqueles que ainda verão o nascimento da estrela. Velocidade, espaço e tempo produzem, unidos, relações às vezes de difícil compreensão para quem vive no plano físico, de velocidade pequena dos meios de transporte e comunicação, e cérebros de velocidade de raciocínio lento. Em outras dimensões, o pensamento é mais rápido, as moléculas são mais ágeis, o deslocamento velocíssimo, o que modifica muito a relação velocidade-espaço-tempo, onde reside a potencialidade de se ver o futuro do homem. Nostradamus captava intuitivamente o que lhe ditava um Espírito elevado que já havia superado os conceitos limitados humanos quanto à velocidade, espaço e tempo. Por isso podia ele ver aquilo que ainda iria acontecer no plano físico, porém já possuíam suas causas plantadas em várias mentes.

--- Mestre, é realmente necessário o Espírito viver em contato com a matéria do universo físico para evoluir? Não poderia ele viver e evoluir somente em outras dimensões?

--- Não, Beto. A abertura de consciência se dá inicialmente na matéria, bem como o fechamento de consciência e o nascimento do Espírito propriamente dito, com a célula individual.

--- Explique-me isso, mestre.

--- Claro. Você já amadureceu mais desde a última vez em que falamos a respeito do nascimento do Espírito. Assim, podemos complementar e aprofundar a questão. Da potencialidade absoluta e infinita criadora, da dimensão do incriado, inicia-se o processo de elaboração e transformação de energia até o surgimento da matéria densa como é conhecida, como o corpo físico e o universo material. Os sóis dão nascimento à vida orgânica, irradiando o prana, ou energia vital, que penetra a matéria inorgânica em elaboração da célula primitiva. Nesse momento histórico-evolutivo, a consciência passa das dimensões sutis por onde experimentou os processos de elaboração da matéria para esta, vindo de dentro do núcleo dos átomos, de outras dimensões, para se tornar um ente individual, um ser individual. Antes da célula surgir, não se pode falar em seres individualizados, ou Espíritos. O momento em que o Espírito nasce, propriamente falando, é exatamente quando a Consciência mesclada com a substância energética atinge o ponto máximo de condensação ou concentração de energia, formando a matéria e a vida orgânica. O Espírito é filho da Consciência Cósmica projetada através das dimensões energéticas até se individualizar na matéria orgânica vitalizada pelo sol, que dá nascimento ao que chamam de vida. E é essa consciência, ou psiquismo rudimentar que intelectualiza a matéria. Como vê, matéria e Espírito estão bastante ligados. Pode-se dizer, no plano relativo, que o Espírito nasce com a matéria, e de dentro dela, de seu íntimo, de dimensões sutis, em cadeia que o leva até o Absoluto, a Consciência Cósmica.

--- Quer dizer, então, que o Espírito nasceu após a matéria? --- perguntei.

--- Cada Espírito nasce nesse processo, ou seja, se individualiza na célula primitiva. Como a criação dos sóis e planetas é infinita, também os Espíritos são criados infinitamente. Porém, todo nascimento de Espíritos é acompanhado por outros Espíritos mais antigos e

evoluídos, havendo seres em infinitos graus de evolução, criados em eras inimagináveis por nós. Não alcançamos nem a mente do Espírito que governa nosso sistema solar, quanto mais a galáxia. Não sabemos o alcance de consciência dos seres de outras dimensões superiores. Porém, um dia chegaremos lá, quando aqueles terão passado a outros planos, e atrás virão incontáveis Espíritos evoluindo...

--- Mestre, a abertura de consciência começa com a célula? Como ela se dá?

--- Beto, com o surgimento da célula individual nasce o ser individualizado, ou Espírito. Antes, o psiquismo ou princípio inteligente estava se elaborando, experimentando estados de energia variados, porém sem individualização. Quando surge a matéria inorgânica, o mineral, nele não há ainda a expressão da individualidade, e quase não se percebe a existência do psiquismo, que marcha de dentro da estrutura interior dos átomos, vindo de outras dimensões, até alcançar o momento da penetração da matéria pela energia vital ou prana, vinda do sol. Com a vida orgânica, se inicia propriamente a abertura consciencial evolutiva do Espírito, que passo a passo desenvolve sua inteligência, através das relações com o meio externo, dos problemas, e da superação dos obstáculos à existência e à sobrevivência.

--- E com a vida nasce a morte. --- afirmei.

--- Exato. E também a reencarnação. --- disse Sana Khan.

--- Como isso se dá, mestre?

--- A vida orgânica sofre desgastes e tem duração limitada. Quando chega ao seu termo, a consciência, agora um indivíduo, ainda que primitivo, se desliga do organismo unicelular, passando quase que imediatamente a outra célula, dando continuidade ao processo de experimentação e vivência na matéria. Sem grandes mudanças psíquicas no começo, não há necessidade de se permanecer em outra dimensão, o que impulsiona a reencarnação quase que imediata.

--- Mestre, normalmente se fala em reencarnação apenas no nível humano.

--- Eu sei. --- disse o mestre --- Reencarnação significa para vós habitar novo corpo de carne, porém para nós tem outro significado mais profundo. Ela se inicia muito antes da evolução no Reino Humano. O ser reencarna em milhares de células, aperfeiçoando-se e aprimorando as funções celulares. Órgãos e funções se desenvolvem paralelamente. Espírito e matéria se completam, em opostos aparentes, porém em síntese complementar verdadeira.

--- E os vegetais, mestre?

--- Surgem por evolução celular, evolução dos seres inteligentes, que se multiplicam incessantemente, dando nascimento a uma riquíssima variedade de espécies, que se sucedem ou vivem ao mesmo tempo, em épocas iguais. As plantas são mais inteligentes do que pensam os terrícolas encarnados. Elas sentem, pressentem, têm iniciativa, vivem intensamente, porém com a limitação muitas vezes de locomoção, quando se encontram presas ao solo.

--- Os animais têm mais liberdade. --- afirmei.

--- Sim. A evolução orgânica e espiritual dá surgimento a bifurcações nos caminhos da vida terrena, fazendo aparecer também o Reino Animal, mais livre, dinâmico, inteligente, participativo e comunicante. Não se sabe quando houve essa bifurcação, existindo até hoje membros considerados tanto animal como vegetal. A evolução da forma orgânica animal proporcionou maior dinâmicas consciencial, ou abertura de consciência, quando começaram a surgir os órgãos dos sentidos, como as antenas, que, ligadas a um cérebro rudimentar e primitivo do animal, principalmente dos insetos, dão-lhes percepção do mundo externo a si

próprios. Se a separação entre o "eu" e o "externo" nasce, também surge maior integração com o meio externo através dos órgãos dos sentidos e o cérebro. O tato complementa o contato com o mundo externo, bem como a gustação, a audição, o olfato e principalmente a visão. A evolução, o aperfeiçoamento dos sentidos, expressa a evolução consciencial, ou abertura de consciência.

--- Mestre, por que dizem que os olhos são o espelho da mente?

--- A mente surge com o cérebro. Porém, apesar de se expressar através dele, não é propriamente seu dependente. Nascida a mente, pode se manifestar fora do cérebro, em outras dimensões. O surgimento dos olhos, por seu turno, marca um momento evolutivo muito importante. Com eles, o ser, a consciência, por meio do cérebro, trava contato com o meio externo de forma mais perfeita. "Filma" imagens, que são registradas na mente, que é energética. O cérebro é apenas veículo, não o condutor, que é a mente. Com as imagens surgem mais vivamente os símbolos, que associados ao fenômeno da memória dão início ao que se chama de pensamento. Este surge de início rudimentar, primitivo, apenas associação de imagens, sons e sensações. A evolução do animal e de seus órgãos dos sentidos abrem perspectivas imensas ao Espírito em evolução. Chegada a fase humana, o Espírito, mais amadurecido pela passagem nos Reinos Vegetal e Animal, já pode desfrutar de aparelho biológico superior. Olhos mais perfeitos, ouvidos, nariz, boca e pele sensível dão ao homem percepção mais perfeita e nítida do mundo no qual vive. Com o cérebro mais desenvolvido e sistema nervoso sensível, a mente do Espírito se expressa melhor e cresce em inteligência.

--- Qual o próximo passo na abertura de consciência? --- perguntei ansioso.

--- O Espírito no Reino Humano é provido já de razão, de faculdade de raciocínio lógico que lhe dá vantagens sobre os demais seres do planeta. Porém, sem poderem se comunicar de forma mais complexa, ainda vivem próximos do animal, produzindo sons fortuitos, como os animais. A evolução das cordas vocais no animal propiciará aos homens a fala, a linguagem articulada, modificando muito sua vida de relação. A linguagem como meio de comunicação impulsiona a formação de núcleos societários maiores e mais complexos, além de permitirem a transmissão e conservação de conhecimento, técnicas, modo de vida, cultura enfim. O homem individual se transforma no homem social, abrindo-se cada vez mais para o universo, até tornar-se o homem espiritual, com a descoberta de sua independência da matéria orgânica, que lhe possibilita viver neste plano e em outros, temporária ou definitivamente.

--- A escrita também denuncia abertura de consciência?

--- Sim. --- respondeu Sana Khan --- É a expressão simbólica das coisas percebidas, como a escrita egípcia, ou representação gráfica de sons, como o alfabeto fenício, o grego, o romano, que deram origem à linguagem ocidental. Sem dúvida que a escrita representou um grande passo na acumulação e transmissão do saber humano e espiritual. Foi através dela que você pôde ler os Upanishades e os Vedas, escritos há milhares de anos, não se sabe por quem. E é através da linguagem escrita, da verbal ou apenas telepaticamente que os Espíritos desencarnados se comunicam com os encarnados na crosta da Terra.

--- Mestre, qual o próximo passo na abertura de consciência? --- insisti.

--- Após a descoberta do "eu", o ser descobre o "outro", os demais seres. Em seguida, descobre o sobre-humano, o sobrenatural, com as primeiras manifestações de religiosidade. Tendo adorado o fogo, o sol, o trovão, o vulcão, pedras, rios, Espíritos, chega finalmente a redescobrir a Deus, a essência do universo, viva e presente dentro de si mesmo, em dimensão superior e última. Essa descoberta faz com que se inicie uma nova etapa evolutiva do ser, que se processa por ciclos. Um termina, e logo outro se inicia, maior, mais

aberto, como uma espiral sem fim, tendo tido, porém, um começo. A Lei de Causa e Efeito, de braços dados com a reencarnação, que é temporária, preenche determinado momento evolutivo na Terra, no qual os seres se ligam sucessivamente a corpos e mais corpos orgânicos com vistas a aprenderem através da superação das dificuldades e situações-problema que surgem na vida. Após cada encarnação, o ser passa período mais longo no plano espiritual, visando a revisão e aproveitamento de suas vivências no plano físico, e sedimentando experiências que lhe servirão de alavanca evolutiva. Vamos ver, a partir de amanhã, no plano físico e no astral inferior, principalmente, e na prática, como vivem os Espíritos, como encarnam, como desencarnam, como se apegam à vida, como buscam vingança, e muitas outras coisas. Estou em processo de materialização energética, para a descida aos planos inferiores. Não poderei me demorar muito nesses planos. Por isso temos que aproveitar bem o tempo. Dentro de alguns dias partirei.

--- Partir, mestre, para onde?

--- Depois explico. Agora volte para o corpo. Já é quase dia na Terra. Paz no seu coração.

--- Muita Paz, mestre.

Parti, levando comigo já um pouco de saudades, antevendo uma separação. Para onde iria Sana Khan? Por quanto tempo? Nada sabia. O melhor era aproveitar os momentos com o mestre.

CAPÍTULO 15

Passei o dia meditando nos assuntos tratados anteriormente, acerca da abertura da consciência em contato com a vida orgânica. E pensei um pouco em minha viagem à Índia, ao Nepal.

Acontece, porém, que quanto mais pensava em ir à Índia, mais me distanciava de meus amigos e familiares, interiorizando-me ao extremo. Fechava-me em meu casulo, qual lagarto sedento de metamorfose que o leve ao estado de borboleta.

Durante o dia folheei um livro de história, observando as construções antigas, de blocos de pedra enormes e pesados. Tive vontade de ver o passado, notadamente as construções gregas e egípcias, maias e astecas.

Chegada a noite, recolhi-me e, após o ritual diário de relaxamento, deixei o corpo a repousar na cama e parti ao encontro do mestre, pensando que não o veria por muito tempo.

Rapidamente cheguei à cabana, onde Sana Khan meditava.

--- Muita paz, mestre.

--- A paz é boa e necessária, meu filho.

--- Mestre, o que vamos fazer hoje?

--- Inicialmente, faremos uma rápida visita àquela colônia onde assistimos a palestra de Shigabushi. Visitaremos seu museu, que é muito interessante.

--- Ótimo, mestre! Quando partiremos?

--- Já! --- respondeu Sana Khan, ao mesmo tempo em que desaparecia.

Fiquei meio perdido, a princípio, sem saber o que fazer. Como seguir o mestre? Captei, então, seu pensamento, em mensagem telepática que chegava até mim, dizendo: "Basta você rastrear minhas vibrações. Concentre-se fortemente em mim!"

Deitei. Concentrei-me firmemente e em instantes alcancei o mestre, vendo-o sem nada perceber ao nosso redor, face à velocidade com que nos movíamos.

--- Viu como é fácil? --- disse Sana Khan --- Isso vai ajudá-lo a chegar a pessoas encarnadas e desencarnadas sem que você precise saber onde elas se encontram. Cada pessoa tem sua energia própria, individual, inconfundível, como a impressão digital do ser humano. Se você se concentra no Espírito, capta sua vibração e é atraído até ele, salvo se ele se encontrar em plano inacessível a seu estado vibratório, porque aí você será barrado pela seleção energética.

--- Mestre, quando o senhor partir para dimensões superiores não poderei mais vê-lo?

--- Se você crescer espiritualmente, refinando seu corpo energético, sim. Porém, se você não mudar sua vibração, seu campo energético, sua aura, não conseguirá atingir plano superior àquele onde estávamos há pouco.

--- Mestre, um Espírito com maus pensamentos, má índole, com desejo de vingança, pode ascender aos planos mais elevados?

--- Não, Beto. Os semelhantes atraem os semelhantes. Corpos energéticos muito materializados vivem apenas junto à crosta terrena ou abaixo dela, às vezes, em casos mais graves. A gradação dos planos é a mesma da energia dos corpos espirituais. Para subir é preciso despojar-se das energias mais concentradas ou densas.

--- E o que faz com que sejamos revestidos com energia ou matéria diferente? --- perguntei.

--- Nossos pensamentos, sentimentos e emoções. --- respondeu Sana Khan, e completou --- Pensamento é energia, e atrai energia. O mesmo se dá com os sentimentos e as emoções. Formamos para nós envoltórios energéticos que representam e expressam nossa real condição ou estado interior. Nossa aura, ou campo vibratório, tem cores, que representam nossos sentimentos, emoções e estado de pensamento. O religioso, por exemplo, se sincero, está rodeado por aura azul clara; o intelectual moralizado, por aura amarela brilhante, como o ouro.

--- As cores da aura podem ser mudadas?

--- Sim. Basta mudar o estado interior e então as energias se renovam.

--- A alimentação também é refletida na aura, mestre?

--- Claro. Animais e plantas têm suas auras de energia. Se você os come, absorve suas energias que são mais condensadas nos animais e menos nos vegetais. O ectoplasma dos animais, quando absorvido pelo homem, entra em choque com seu próprio ectoplasma, causando uma série de desequilíbrios orgânicos, a partir de bloqueios dos canais de energia, os nadis dos indianos, ou os meridianos da acupuntura.

Percebi, nesse ponto da conversa, que estávamos em um pátio grande, tendo à frente uma construção assemelhada a um galpão gigantesco, verdadeira obra ciclópica.

--- Mestre, por que não passamos pelo portão da cidade?

--- Não há necessidade. Somente entramos por ele naquele dia para que você visse tudo aquilo na entrada, como o dispositivo que abre o portão, o hospital e os outros prédios. Poderíamos ter entrado voando, porém isso poderia chocar alguns habitantes, que ainda não podem voar neste plano. Hoje, no entanto, viemos em grande velocidade, direto para este pátio, sem que os Espíritos daqui pudessem nos ver. Vindo de planos mais e mais sutis, entramos nesta cidade sem passar por portões. Porém, os Espíritos que habitam as zonas inferiores não podem se elevar do chão para passar por cima do muro da cidade. É lógico. Quem está em dimensões superiores não representa perigo, não acontecendo o mesmo com aqueles que estão abaixo.

--- O mal então é mais limitado que o bem? --- perguntei, quase afirmando.

--- Claro, Beto. Se fosse diferente, que estímulo os seres teriam para se tornarem melhores? O mal somente se expressa em zona ínfima do universo, em planetas como a Terra, em início de escalada evolutiva. Ele serve de atrito, causando dor e sofrimento, seja físico ou moral, e faz brotar a ânsia da produção evolutiva. Porém, não atinge aqueles que, por evolução, atingiram o estado de imunidade ao mal. Ele é fruto da ignorância, da ilusão que nos encobre a visão espiritual como um pesado véu. Ainda falaremos sobre o mal, presenciando sua atuação. Agora entremos.

Chegando próximo ao portão, de beleza rara, com escultura em mármore branco e de grandes proporções, ele se abriu. Vi, então, um jovem aproximar-se, de roupas claras, parecendo um grego. Sorria, demonstrando satisfação.

--- Sejam bem-vindos. Como vai mestre?

--- Em paz. E você, meu jovem?

--- Vou bem.

--- Este é Luiz. --- Sana Khan apresentou-me ao jovem.

--- Tudo bem? --- perguntei.

--- Tudo. E você? Sou Themis. Administro o museu, sendo guia dos visitantes.

--- Gostaríamos de dar uma olhada geral. --- disse Sana Khan ao jovem.

--- Pois não, mestre. Sigam-me.

Pelo que pude perceber, Sana Khan e Themis já se conheciam.

--- Iniciaremos pelas construções antigas.

Caminhamos rumo a uma estátua verdadeiramente gigante, com a altura de um edifício de, pelo menos, oito andares. Era uma estátua de um homem, feita de blocos de pedras cuja altura ultrapassavam a minha. Quando nos aproximamos mais, olhei para cima, tendo uma visão encantadora. Jamais vira algo semelhante.

--- É a réplica de uma estátua que ficava em um porto, numa das ilhas do Mediterrâneo, muito tempo antes de Cristo. Foi obra de um engenheiro descendente dos atlantes que aportaram no Mediterrâneo. --- disse-nos Themis.

Themis nos levou até uma pirâmide de tamanho regular, e nos disse:

--- É a réplica de uma das pirâmides do Egito, a menor. A real foi construída cerca de 75 mil anos antes de Cristo, pelos colonos atlantes na região do atual Egito. Destinava-se a cultos religiosos e iniciáticos e foi um marco da passagem atlante pela Terra, ainda não compreendida pelos historiadores.

Passamos para outra construção. Dessa vez, uma edificação hindu do início da colonização ariana no norte da Índia, segundo Themis. Era grande, assemelhada a uma pirâmide, porém era um prédio de vários andares, em forma piramidal. Notei que Themis não se demorava nas explicações. Olhei para Sana Khan, que me disse:

--- Não vamos nos demorar. Quero mostrar-lhe a Biblioteca depois.

Olhamos ainda alguns templos gregos, romanos, atlantes e de outros povos. Vi embarcações de vários tipos e tamanhos, construídas por povos de todas as épocas e lugares. Vi roupas em bonecos, representando todas as raças que existiram no planeta. Artefatos domésticos, utensílios forjados pelo homem primitivo. Vi aparelhos de guerra, representando o aperfeiçoamento da arte de matar. Parei quando vi um jato de caça, carregado de bombas. A visão chocou-me. Detestava a guerra, pensando nas crianças que ficavam órfãs.

Em pouco tempo, olhamos mais algumas coisas, como sarcófagos egípcios e túmulos de vários tipos, que davam a idéia do culto aos mortos, do apego à vida e do desconhecimento da vida no que chamamos de além. Então Sana Khan interveio e disse:

--- Chega, por hoje. Em outra oportunidade você poderá apreciar o museu com mais calma. Vamos à Biblioteca, que fica aqui perto.

Despedimo-nos de Themis, agradecendo a gentileza das explicações e a companhia e saímos pelo portão, atravessando o pátio e chegando a outro prédio de dois andares, porém muito grande em sua área.

Entramos no prédio e Sana Khan dirigiu-se até uma sala onde falou com um senhor de cabelos grisalhos, porém sem aspecto senil. Era de aparência alegre, ativo, parecendo um filósofo grego.

Sana Khan nos apresentou. Seu nome era Cássio. Convidou-nos a penetrar a biblioteca. Atravessamos uma porta e chegamos a vasto salão, repleto de mesas e cadeiras. Ao redor, prateleiras cheias de livros.

--- Aqui nós temos réplicas dos mais importantes livros de todas as religiões do mundo, de todas as épocas e lugares. Da Atlântida, com seus pergaminhos; da Biblioteca de Alexandria, da Grécia Antiga, de Roma, da Babilônia, da Índia, dos países europeus na época do Renascimento, Iluminismo e outros. Temos livros de todas as ciências e artes, de Ptolomeu a Einstein, de Leonardo Da Vinci a Picaço. O que você imaginar em termos de cultura, nós temos aqui, salvo as obras sem importância para o enriquecimento da alma.

--- Posso olhar um livro? --- perguntei.

--- Claro.

Cássio pegou um livro e me entregou. Coloquei-o sobre a mesa, sentei-me e o abri em uma página aleatória. Havia uma gravura de um híbrido, metade homem, metade animal, parecendo cavalo. Vi-me, de repente, como que transportado a época remota da humanidade, vendo um homem branco, forte, vestido com pele de animal, pintada, como a de uma onça. Ele se aproximava do híbrido. Então a imagem desapareceu, deixando-me espantado.

--- Os livros aqui têm esse poder de levá-lo às vezes ao passado, em regressão de memória ou a épocas e ambientes registrados nos livros. O que você viu de fato existiu, em época muito remota. Foram tempos em que os homens se misturavam com animais, gerando híbridos. A mitologia grega registra esse fato, porém não é acreditada, o mesmo se dando com os ciclopes, gigantes de mais de três metros. Infelizmente, onde eles viviam, hoje o mar encobre tudo, não permitindo a descoberta de esqueletos e construções. Talvez um dia sejam descobertos.

--- É incrível a sensação que tive. Mal olhei para a figura e logo me vi em outro lugar e época. Mas foi muito real, muito real.

--- Claro que foi real, Beto. --- disse Sana Khan.

--- Há coisas que os humanos dificilmente acreditarão quando você contar, como isso que acabou de ver.

--- Contar? Eu? Quem iria acreditar?

--- Alguns acreditarão, outros não. Mas vale a pena tentar mostrar aos encarnados como é a vida aqui no plano espiritual. Você escreverá sobre isso um dia.

--- Escrever, mestre? Pensei em falar.

--- Poderá falar e escrever. --- disse Sana Khan.

--- Posso ver outro livro? --- pedi.

--- Sim, claro. --- respondeu Cássio, pegando um grosso livro sobre espécies animais da era pré-histórica da Terra.

Abri em uma página que tinha uma gravura de dinossauro. Concentrei-me nele e passei a me sentir no ambiente terreno daqueles idos longínquos, vendo um enorme dinossauro a andar, fazendo tremer o solo. Que visão maravilhosa. Quão grande era aquele animal. Quantas toneladas deveria pesar? Olhei em seus olhos e vi consciência, inteligência, ainda que em lampejos de despertar. Seu cérebro, sabia, era diminuto, em relação a seu peso, porém era ele um ser inteligente, amoroso com seus filhotes, apesar de, às vezes, brutal com seus adversários na luta pela sobrevivência em terrenos áridos. Sabia que já havia vivenciado aquilo que ele vivia. Já passara por seu estado de consciência.

A visão cessou e Sana Khan disse-me:

--- Vamos, Beto, quero mostrar-lhe a escola de medicina e a de astronomia. Olhei mais uma vez para aquelas prateleiras, suspirei e disse:

--- Ainda voltarei aqui. É fantástico.

--- Serás sempre bem-vindo. --- disse Cássio.

--- Obrigado. --- agradei a gentileza.

--- Vamos, Beto. Até outra oportunidade, Cássio.

Nos despedimos e saímos, em busca do prédio onde funciona a Escola de Medicina.

Andamos cerca de cinquenta metros, até nos defrontarmos com a Escola de Medicina. Era um prédio em estilo grego, em cuja entrada se via uma inscrição acerca da importância do conhecimento dos corpos, o físico e os demais, para a manutenção da saúde.

Subimos as escadarias e penetramos largo recinto. De imediato, fomos recebidos por um homem aparentando seus cinquenta anos. Sorria, parecendo conhecer Sana Khan. Apresentou-se a mim, após cumprimentar o mestre e disse:

--- Sejam bem-vindos. A escola é de vocês. Venham comigo, que lhes mostrarei as dependências.

Percorremos um corredor, entramos por uma porta e nosso guia, que se chamava Fábio, falou:

--- Esta sala se destina aos estudos do corpo físico, terreno. Por aqui passam alunos vindos do plano físico, que desejam aprofundar os conhecimentos acerca do corpo, sua estrutura e funcionamento, além de alunos deste plano, que em breve retornarão ao vosso plano a fim de abraçar o sacerdócio da medicina. Vejam esta réplica do corpo do homem. Contém todos os órgãos, sistema nervoso, respiratório, sanguíneo, excretor e todos os outros. É como se aqui estivesse um homem. Nele fazemos estudos de anatomia, fisiologia e outros. Quando necessário, ampliamos a faculdade visual do aluno, acelerando a velocidade vibratória do centro de força frontal, para proporcionar-lhe maior acuidade visual, até poder ver o interior das células e tecidos. Podemos ver o sangue circulando e até os glóbulos vermelhos e brancos. As doenças aqui são analisadas com muito maior exatidão do que na dimensão material. Podemos perceber a energia vital percorrendo os canais de energia, irrigando todos os órgãos. Vemos os chackras.

--- E a ação de vírus e bactérias no corpo, vocês podem estudar aqui? --- perguntei.

--- Sim. Criamos mentalmente formas-pensamento de vírus diversos e bactérias, introduzindo-os neste corpo artificial, podendo então percebermos a reação do organismo e sua luta para destruir os invasores. Assim, passamos a entender os mecanismos de defesa orgânica e desenvolvemos técnicas de estímulo ao organismo para que se auto-cure. Produzimos também réplica das substâncias químicas desenvolvidas pelo homem, inoculando-as no corpo para ver a reação. Constatamos que o organismo humano está muito enfraquecido em sua capacidade de defesa em virtude da ingestão de química venenosa, como álcool, fumo, vários tipos de drogas e substâncias conservantes de alimentos. O organismo está se deteriorando, se degenerando biologicamente. Se o homem não passar a cuidar melhor de sua alimentação, passará por mutações genéticas desastrosas. As células não suportam as drogas ingeridas, acabando por morrer. O sistema nervoso se enfraquece, não permitindo a livre circulação da energia vital, o prana.

--- Os chamados médicos espirituais também passam por aqui? --- perguntei.

--- Sim, muitos passam por aqui, após o desencarne. Estudam, se aprofundam nos conhecimentos dos corpos e depois vão trabalhar no plano físico, porém sem encarnarem. Atuam, às vezes, através de médium e outras vezes sem esse intermediário. O Dr. Fritz age da primeira forma, no Brasil, enquanto o Dr. Bezerra de Menezes age mais da segunda, com sua grande equipe de médicos. E como você sabe, esse trabalho está crescendo e se popularizando cada vez mais. Dentro de poucas décadas não haverá mais preconceito em relação à medicina espiritual e nenhum médium será preso ou processado por sua prática como instrumento dos Espíritos. Muitos são curados por intermédio dos médicos desencarnados.

Enquanto falávamos, adentraram a sala vários jovens e alguns Espíritos com aparência de mais idade. Fábio, então, nos falou:

--- Bem, esqueci-me de dizer-lhes. Agora temos uma aula sobre o funcionamento do coração. Querem assistir?

--- Vamos ficar próximo por alguns instantes e logo sairemos para rápida visita à Escola de Astronomia. --- disse Sana Khan.

Nada disse, concordando com o mestre. Despedimo-nos de Fábio e ficamos a alguns metros, ouvindo suas explicações sobre o coração. Era um bom mestre, captando

integralmente a atenção de seus pupilos. Em determinado momento, vimos concentrar-se no corpo acima da mesa e fazer com que ficasse transparente, possibilitando a visão do coração em separado, com as artérias e vasos expostos. Dava para ver, inclusive, o sangue circulando, e as válvulas se movendo. As artérias se contraíam fazendo o sangue se mover.

--- Mestre, --- perguntei a Sana Khan --- as artérias também se contraem para bombear o sangue?

--- Sim. Não é apenas o coração que faz todo o trabalho de bombeamento do sangue. Todo o sistema de artérias e veias auxiliam nesse serviço. Ao se contraírem, impulsionam o sangue para o sentido que deve seguir.

--- Interessante, mestre. Não sabia que isso acontecia. Pensava que o trabalho era só do coração.

Sana Khan sorriu, dizendo-me:

--- Você não estudou muito sobre o corpo. Ainda fará alguns estudos, quando futuramente pesquisar sobre mediunidade. Sem conhecer anatomia, fisiologia e física, entenderá muito pouco dos processos mediúnicos. Dentro de alguns anos se deparará com essa necessidade.

Sana Khan fez sinal para Fábio e saímos da sala.

--- De outra vez veremos outras salas com os estudos respectivos. No momento, você não está preparado para estudos profundos do corpo astral, pois não entende muito de química e de física. Foi mal aluno nessas disciplinas, não tendo base de conhecimentos suficientes para entender a química desse corpo que ora utiliza. Precisa fazer, futuramente, estudos de energias, sobretudo ondas eletromagnéticas, física do estado sólido e física quântica, a fim de poder iniciar estudos sobre o corpo astral. Futuramente retornaremos aqui.

Deixamos a escola, enquanto me lembrava que de fato não tivera bom rendimento nos cursos de física e química. Tivera dificuldades no Colégio Militar e no Curso Bahiense, no Rio de Janeiro. Este foi um dos motivos porque desisti de ir para o ITA (Instituto Tecnológico da Aeronáutica), em 1977. Não pensei que os estudos no plano físico fossem tão importantes para os estudos espirituais.

--- Meu filho, sem entender energia a fundo, jamais entenderá as leis deste plano e dos demais, muito mais sutis que este. A ciência e as tecnologias modernas no plano físico facilitarão o entendimento da humanidade quanto à mediunidade, comunicação entre os planos e independência do Espírito quanto à matéria.

Seguimos rumo à Escola de Astronomia, enquanto refletia acerca da realização de estudos científicos. Sentia que não gostava muito de física, gostando um pouco de química. Sentia mais atração pela parte teórica do que pelas fórmulas complicadas e os exercícios. Gostava dos enunciados e postulados.

Realizamos rápida visita à Escola de Astronomia, assistindo a parte de uma aula, em ampla sala, com escadarias em círculo, em forma de anfiteatro. O mestre falava aos alunos acerca de um planeta que se aproximava da Terra, naquela época do ano. Enquanto falava, criava formas-pensamento de energia, no ambiente, na parte baixa, onde se encontrava, formando o sistema solar em réplica que dava a exata noção do que explicava e da realidade. Parecia que víamos a Terra do lado de fora ou do alto, com camadas de nuvens e os continentes. Que espetáculo. As órbitas eram perfeitas. Porém, o sol não tinha tanto brilho, talvez para não ofuscar a visão daquele esplendoroso espetáculo.

--- Ele já esteve fora da Terra, em várias viagens espaciais, em naves desta dimensão. --- disse-me Sana Khan --- Por isso é capaz de recriar o que viu.

--- Gostaria de viajar para fora da Terra, mestre.

--- Quem sabe, um dia. No momento você tem mais o que fazer aqui. Precisa se preparar para sua missão. Ainda tem muito o que aprender e muito que produzir. Cuide primeiro da Terra. Depois poderá viajar em estudos.

Apesar de meio desapontado, dei plena razão ao mestre. Saímos da sala, passamos por vasto salão e descemos as escadarias, brancas como a neve, vindo à nossa frente larga rua com vários edifícios.

--- Beto, por hoje chega de visitas. Oportunamente poderá visitar as demais escolas da cidade. Precisamos nos apressar quanto à visita ao seu plano físico. Recebi mensagem de dimensões superiores sobre missão que me foi confiada. Em breve me ausentarei das proximidades da Terra por tempo que ainda não sei. Amanhã descerei a seu plano. Espere-me em casa. Preciso partir agora, a fim de condensar ainda mais meu corpo astral. Sou esperado no Departamento de Materialização desta cidade. Vá para casa e registre suas experiências no cérebro físico.

--- Está certo, mestre. Então esperarei o senhor amanhã em casa. Até amanhã.

--- Muita paz, meu filho.

Retornei ao corpo com saudades de Sana Khan. Será que deixaria de vê-lo para sempre, ou por muito tempo, e ele não queria me dizer? Retornaria ele a Capela, definitivamente?

Já no corpo, dormi, repousando meus pensamentos. Ainda necessitava dormir, apesar de ter consciência de tantas coisas. Talvez a ligação com o corpo físico me impelisse a tal necessidade, que seria então fisiológica e física, não espiritual.

CAPÍTULO 16

O dia seguinte passou rápido, com grande expectativa em relação à visita de Sana Khan. Seria a primeira vez em que ele, pessoalmente, viria esperar-me sair do corpo para uma saída pelo plano físico.

Recolhi-me cedo, relaxando meu corpo e tendo a mente repleta de paz. Logo deixei de sentir a organização biológica, sentindo-me flutuando sobre a cama. Ouvi, então, a voz de Sana Khan dizer:

--- Muita paz, meu filho.

--- Muita paz, mestre. --- respondi.

--- Saiu rapidamente, sem problemas.

--- Tenho praticado muito, perdendo o medo e vencendo as dificuldades. Assim, cada vez mais consigo sair rapidamente.

--- Vamos dar uma volta pelas ruas, Beto. Acompanhe-me.

--- Pois não, mestre.

Sana Khan deslizou através da porta do quarto que estava fechada, seguindo pelo corredor, até a sala. Acompanhei-lhe o movimento, sem nada dizer. Chegando à sala, parou diante da porta de vidro que dava para a varanda e perguntou-me:

--- Você tem medo de altura?

--- Claro que não, mestre. --- respondi.

--- Então, vamos.

Lançou-se em vôo através do vidro, como um pássaro, no que o acompanhei. Voamos por sobre a varanda de meu apartamento e sobrevoamos a rua Rubem Berta, onde morava, na Pituba. Percorremo-la por inteiro, acerca de dez metros do solo.

--- Mestre, por que não vamos pelo solo? --- perguntei, sempre curioso de entender tudo.

--- No alto estará sempre mais seguro, pois os Espíritos de más inclinações têm o corpo astral denso demais para alçar vôo. Se fôssemos por baixo, precisaríamos de vez em quando ter que agir com mais energia a fim de afugentá-los, o que é desagradável. Breve desceremos, quando chegarmos a nosso destino.

--- Onde iremos? --- quis saber.

--- Logo verá.

Após percorrermos a rua inteira, dobramos à direita, quase na praia e seguimos. Notei que as ruas tinham um tipo de claridade diferente, que não era fruto da iluminação dos postes. Podia ver tudo em detalhes, sem dificuldade visual. Não havia limites à minha visão.

A rua estava movimentada, com grande fluxo de automóveis. Poucas pessoas andavam pelas calçadas. De repente, vi um homem com aparência diferente, algo sinistro, com expressão de ódio, parecendo ser cinzento, ou estar envolvido por uma camada de algo escurecido, como uma pequena nuvem carregada de chuva.

--- Mestre, veja aquele homem.

--- É um desencarnado, Beto. Está à procura de alguém, uma provável vítima.

--- Como podemos saber que é desencarnado?

--- Veja aquele outro que vem na frente. Tem um fio tênue a sair da nuca. Está fora do corpo, como você. Agora repare que o veículo ou corpo daquele anterior é menos denso, menos material e mais brilhante do que aquele outro ali, que está encarnado.

Olhei o outro apontado por Sana Khan. Realmente, havia diferença. O corpo humano era menos brilhante, talvez devido ao rebaixamento vibratório que sofremos ao nos ligar a ele. Em desdobramento, ou saída astral, emitimos mais luminosidade, brilhando mais, o que também ocorre com o Espírito desencarnado.

--- Terá muitas oportunidades ainda, de estudar o Espírito desencarnado, em andanças no plano físico. Agora prossigamos.

Continuamos volitando por sobre a rua, chegando a uma outra, onde viramos à direita. Chegando próximo a um prédio de três andares, Sana Khan parou no ar, dizendo:

--- É aqui.

Olhou bem o prédio, parecendo procurar algo, e completou --- Já localizei. Entremos.

Atravessamos a parede, entrando em um apartamento. Vi o interior de uma sala, muito bem decorada.

--- Vamos esperar a chegada da equipe do Departamento de Reencarnação da Colônia Nova Esperança.

--- Mestre, vai haver reencarnação aqui? --- perguntei eufórico.

--- Sim. Informe-me ontem na colônia sobre um lar onde se daria o ato reencarnatório hoje, tendo recebido um mapa de seu bairro, que gravei em minha mente. A equipe já está a caminho. É o tempo de o casal adormecer por completo, após o ato sexual que dará oportunidade a um Espírito vir novamente integrar a humanidade física.

--- Mestre, como se dá a preparação?

--- Depende do caso e do Espírito reencarnante. Um Espírito medianamente esclarecido, que tenha vivido em uma cidade no plano astral, passa por um curso preparatório para reencarnação, onde é conscientizado sobre os objetivos da reencarnação; participa, às vezes, da escolha dos futuros pais, que muitas vezes são Espíritos amigos, inclusive fazendo visitas a eles, durante o sono e no final; e passam pela câmara reencarnatória.

--- Que é isso, mestre?

--- É uma câmara de desconcentração de energia, ou desmaterialização, onde o Espírito que vai reencarnar tem seu corpo astral, em grande parte, desagregado, sofrendo enorme redução espacial.

--- Como um processo de miniaturização, das ficções científicas terrenas? --- perguntei.

--- Mais ou menos, Beto, só que, no caso da câmara reencarnatória, o corpo astral não é reduzido com a conservação da forma que tinha. O Espírito perde a maior parte da matéria que constituía o corpo astral, reduzindo-se em tamanho e estrutura molecular, voltando a assumir a forma primeira das épocas em que iniciou sua evolução na Terra. Reassume a forma celular, semelhante a um óvulo, ou uma célula-ovo. Assim, estará preparado para ligar-se magneticamente, energeticamente, ao óvulo fecundado.

--- E a consciência, mestre, como fica?

--- Na câmara reencarnatória o Espírito sofre também um processo conhecido como “sono da alma”, espécie de sonoterapia, onde adormece, esquecendo-se quem é, o que fazia, seu passado e tudo o mais. Volta ao estado de consciência celular, em recordação ao seu passado biológico, até que o desenvolvimento dos órgãos do corpo físico em formação lhe dê, novamente, a condição de estar consciente para o exterior, ou ser autoconsciente. No entanto, nada se perde. É apenas temporário o esquecimento. Depois de reencarnado, paulatinamente o Espírito recobra sua identidade, sua individualidade, demonstrando ter

personalidade independente da dos pais. Desde cedo, a criança mostra o que é, o que será, dando aos pais a dimensão das dificuldades ou facilidades que terão para educá-lo e encaminhá-lo.

--- Mestre, não podemos reencarnar sem esquecer o passado?

--- Sim, em raros casos. Somente os Espíritos muito evoluídos podem ligar-se ao corpo sem passar pelo processo de sono e esquecimento do passado. Suportam o tempo da geração, gestação e primeira infância conscientes, podendo expressar-se com inteligência, fora do corpo, porém tendo os limites da falta de amadurecimento dos órgãos cerebrais e dos sentidos a impedi-los de expressar-se como gostariam ao mundo físico. Esses bem-dotados, ou gênios, cedo se expressam, na plenitude de seus potenciais, aprendendo a ler e escrever, compondo música ou criando engenhos científicos. Mas, são raros. E só o fazem em missão. A grande maioria dos Espíritos se submete ao sono do esquecimento e a redução energética, para ligar-se à célula-ovo, revivendo, em nove meses, vários bilhões de anos de evolução como organismo e como ser inteligente, consciente, criação divina.

Vi que adentravam, nesse instante da conversa, um grupo de pessoas, formado de homens e mulheres, todos vestindo roupa branca. Deduzi serem médicos.

--- Salve, mestre. --- disse um senhor que parecia ser o líder do grupo, a Sana Khan.

--- Disseram-me que viria, com o amigo, assistir ao momento da fecundação e reencarnação.

--- Sim. Pedi que lhe informassem para que não criássemos surpresa.

--- Sua presença é sempre benéfica a nossas atividades, mestre. Sejam bem-vindos.

Sana Khan apresentou-me ao grupo, tendo sido bem recebido por todos, que demonstraram satisfação em ter-nos como assistentes.

--- O casal já está dormindo. --- disse Sana Khan ao líder do grupo, que se chamava Dival.

--- Como sabe, mestre? --- perguntei.

--- Vi através da parede, meu filho.

--- Por que não posso ver?

--- Pode sim. Basta concentrar-se, vencendo o condicionamento do corpo físico de que a parede constitui obstáculo à sua visão.

Olhei para onde parecia ser a parede que nos separava do quarto do casal. Pude ver, então, para minha alegria, todo o ambiente, com o casal deitado a cama.

--- Entremos. --- disse Dival.

Atravessamos sem dificuldades a parede, nos fixando junto à cama. O jovem casal estava coberto com fino lençol, abraçados. O rapaz estava de bruços, enquanto a moça estava deitada com o ventre virado para cima. Parecia esperar o momento que estava sendo preparado.

--- Preste atenção, Beto. --- disse Sana Khan.

Estava ligado a cada passo dos Espíritos ali presentes. Dival aproximou-se da moça e, parecendo concentrar-se em seu ventre, disse:

--- Os espermatozóides já estão a caminho, para o encontro com o óvulo. Traga-me o irmão reencarnante, Mário.

Um jovem médico aproximou-se com algo que se assemelhava a uma caixinha de anel, entregando-a a Dival.

Todos nos aproximamos, a fim de ver melhor a operação.

Sana Khan tocou-me a testa com a mão direita, dizendo:

--- Assim você poderá ver os espermatozóides e o ato da fecundação.

Alegrei-me, diante de tal oportunidade.

Dival abriu a caixa, atraiu para sua mão algo que não pude definir bem, parecendo uma grande célula ovalada, semelhante à textura da clara do ovo, de diminuta dimensão. Era o Espírito reencarnante, em sono profundo de esquecimento. Verdadeira regressão aos tempos celulares, porém compulsoriamente, para ter nova oportunidade de aprendizagem em novo veículo físico.

Dival aproximou o ser ovalado do ventre da jovem, explicando:

--- Aproximando o Espírito do grupo de espermatozóides, automaticamente se sentirá atraído por aquele que carrega a carga genética que lhe formará a organização fisiológica mais apropriada para as experiências que seu carma impõe. Não somos nós que escolhemos o espermatozóide. Trabalhamos na colônia quanto às necessidades cármicas do Espírito, que atividade deverá desenvolver, aptidões, trabalho, que forma física terá, seu sexo e outras coisas mais. Isso, às vezes, com a participação do reencarnante, e outras vezes, à sua revelia, nas reencarnações compulsórias. Registradas as necessidades cármicas e as condições ideais devidas, com o conseqüente modelo fisiológico, passa o Espírito pelo processo do sono. Porém, essas coisas ficam arquivadas em seu corpo causal, mente profunda e inconsciente, arquivo de memória latente. Neste momento, essas informações emitem vibrações que, como um radar a emitir ondas, localiza um objeto. Neste caso, o objeto é um espermatozóide específico, único, detentor da carga genética que contém as informações a nível estrutural da forma orgânica que se harmonizam perfeitamente com as informações do corpo causal ou arquivo de memória do Espírito. Não há falhas. A localização é perfeita. A identificação vibratória é absolutamente perfeita. E o Espírito se ligará ao óvulo no momento imediatamente após a penetração do espermatozóide.

Dival fez breve pausa, observando algo. Concentrou-se e disse:

--- Ele se identificou com aquele espermatozóide. Vejam o tênue fio energético que ele está emitindo em direção ao espermatozóide.

De fato, percebemos a ligação através de um fino cordão de luz.

--- Agora vamos concentrar as energias no espermatozóide escolhido para que ele chegue em primeiro lugar ao seu destino, o óvulo.

Dival concentrou-se em oração interior, o que todos fizemos. Logo pudemos ver os resultados. O espermatozóide escolhido se movimentava com maior rapidez, deixando os outros para trás. Em poucos instantes, chegava próximo do óvulo, estando este a emitir luz branca.

O espermatozóide encontrou, sem problemas, a entrada para o interior do óvulo, sendo bem recebido. Então o óvulo se fechou, não mais permitindo a entrada de outros espermatozóides.

Nesse momento Dival aproximou o Espírito em forma ovalada da sua incipiente organização física. Notamos que ele se agitava, não sei se de alegria, revolta ou temor, pois não conhecia seu histórico. Então integrou-se à célula-ovo, como eu fazia ao retornar ao corpo físico, após minhas saídas astrais.

--- Pronto. --- disse Dival --- Está completo o trabalho de ligação ao futuro corpo. Agora só depende da aceitação dos pais. Se rejeitarem o reencarnante, poderá se dar um aborto natural, para a ciência humana, porém impulsionado pela rejeição, segundo conhecimento espiritual. E poderá se dar um aborto proposital, em alguma clínica clandestina da cidade, com risco de vida para a mãe e talvez gerando revolta no Espírito que anseia pela volta ao plano físico. Nosso trabalho, por hora, está terminado.

--- E quanto à escolha do óvulo, como se dá? --- perguntei a Dival, curioso.

--- Estivemos aqui antes da ovulação, trazendo o Espírito reencarnante e realizando processo semelhante ao que assistiu há pouco. Ele se identificou com esse óvulo, que foi então energizado e impulsionado para deixar o ovário. São duas etapas que se sucedem, com a culminância na ligação total do Espírito à medida que o feto se desenvolve.

--- No presente caso há risco de rejeição? --- perguntei.

--- Um pouco. Conversamos antecipadamente com os futuros pais, conscientizando-os da necessidade de trazerem o Espírito. Porém, não gostam muito da idéia de perder a liberdade. Gostam de curtir a vida, como eles dizem, sem hora para dormir ou acordar. Um filho implica em compromisso, responsabilidade, limitações várias, coisas que nem todos estão dispostos a encarar. No plano espiritual, os pais aceitaram a paternidade. Contudo, não sei exatamente como reagirão no plano físico. Às vezes, pensam diferente, ofuscados pelo manto da matéria, que causa ilusões de difícil dissipação.

Sana Khan agradeceu a Dival e aos outros membros da equipe, o que também fiz. Partimos, então, deixando o apartamento. Flutuamos acima da rua, tendo Sana Khan dito:

--- Vamos agora a um hospital, no centro da cidade, onde um Espírito está sendo preparado para o desencarne.

--- O que, mestre?

--- É isso mesmo que você ouviu. Vai acompanhar e ajudar um futuro Espírito desencarnado. Vai ver a morte, como ainda não viu, nesta vida.

Fiquei em silêncio, analisando a futura experiência, enquanto voávamos alto, por sobre toda a Pituba e outras zonas de Salvador, até um hospital no centro.

Chegando ao hospital escolhido, um grande edifício, Sana Khan levou-me até a maternidade, após atravessarmos vários corredores, passando por médicos e enfermeiros. Percebi, no trajeto, que alguns daqueles que víamos vestidos de branco não eram encarnados. Médicos que trabalhavam do outro lado da vida, auxiliando no nascimento e na morte, facilitando o trabalho dos médicos terrenos.

Às vezes cruzávamos com médicos quase sem percebermos que se tratava de desencarnados. Pelo menos eu me confundia.

Chegados à porta da maternidade, penetramos a sala de parto, indo Sana Khan na frente. Percebi, de imediato, uma mulher em posição de parto na cama especial, tendo um jovem médico a puxar a criança para fora, pela cabeça, com muito carinho e cuidado, enquanto encorajava a jovem mãe com palavras afetuosas, dizendo que estava terminando, e que seu filho estava quase totalmente fora.

--- Está se completando o processo do reencarne. Você viu, há pouco, um Espírito ligando-se ao óvulo fecundado. Agora, vê um Espírito reencarnado deixando o corpo da mãe, onde foi gerado o seu veículo físico de expressão neste plano. --- disse Sana Khan.

Vi que havia um médico espiritual, um desencarnado, inspirando o médico que fazia o parto. Olhou para nós sorrindo, assim que entramos.

--- Correu tudo bem. --- disse-nos ele --- É o começo de nova experiência no mundo material. Espero que seja proveitosa.

--- Sim. --- disse Sana Khan --- E que ele não se perca no labirinto das ilusões da carne, em razão da cegueira espiritual em que se encontra o homem, atualmente. Que possa nos perceber através da percepção extrasensorial, a fim de compreender que a carne não é tudo, sendo o Espírito a base da vida.

O bebê foi levado ao berçário por uma enfermeira, enquanto o médico espiritual se despediu e seguiu junto ao bebê, tendo dito que recebera a missão de acompanhar a criança

nos primeiros dias, pois ela teria algumas complicações de saúde, na fase de adaptação ao plano material.

--- Sigamos para a UTI, meu filho, onde um Espírito está prestes a deixar o corpo.

Deslizamos por um corredor comprido, até chegarmos a uma sala de espera que estava cheia de gente, muitos chorando e se lastimando, dizendo que ele é tão moço e forte. Falavam de alguém que estava muito mal.

Passamos através da porta de acesso à UTI, encontrando nesta sala, com cerca de seis leitos cercados de aparelhos, médicos e enfermeiras.

Ouvi um médico dizer que o paciente estava com o pulso fraco, e com as batidas cardíacas em declínio, não parecendo reagir aos medicamentos e aparelhos. Chegamos, então, mais perto, a fim de tomarmos pé da situação.

Sana Khan perguntou a um médico espiritual que estava cuidando do paciente se ele estava preparando o desenlace, recebendo resposta positiva. Em seguida, completou o médico espiritual, um jovem, em aparência:

--- Somente não efetivamos ainda o completo desenlace do Espírito por causa da família que, em desespero, envolve-o com energias densas, o ectoplasma, mescladas com formas-pensamento, tentando mantê-lo vivo.

--- Isso é feito de forma consciente? --- perguntei.

--- Não, é inconsciente e instintivo. Devido ao apego à vida e medo da morte, fruto da ignorância da moderna sociedade materialista, as pessoas irradiam suas energias-pensamento muito densas e portando energia vital e ectoplasma, fatores indispensáveis à vida orgânica. E isso, chegando ao corpo doente, dá-lhe novo fôlego e novas forças, prorrogando a hora da morte. --- explicou-me o jovem médico.

--- O que aconteceu com ele? --- perguntei.

--- Sofreu um acidente de automóvel há dois dias, ficando com traumatismo craniano e coágulo no cérebro. Este está sendo paralisado, pouco a pouco. Está entrando em morte cerebral. Quase não reage a estímulo externo, pouco ouvindo e apenas vendo vultos, já do lado de cá.

--- Ele pode nos perceber? --- perguntei, curioso.

--- Às vezes sim. Porém, recusa-se a pensar que está morrendo. Prefere iludir-se pensando que é um sonho.

--- Já é tarde, e a maioria dos parentes e amigos estão indo embora. --- disse Sana Khan.

Disse aquilo com um sentido que pude perceber, como uma insinuação ao médico desencarnado. Este, então, replicou:

--- Vou injetar-lhe energias calmantes e revigorantes. Ajudem-me.

Sana Khan e eu nos aproximamos mais do rapaz, que parecia ter aproximadamente vinte anos e ser muito forte. Estendemos as mãos sobre ele, juntamente com o médico, enquanto o médico encarnado observava as batidas do coração, atrás do aparelho próximo à cama. Subitamente, houve melhora, o que causou alegria ao médico terreno. Percebeu ele, em poucos minutos, melhora considerável do paciente. Alegrou-se, relatando o fato a outro médico, que de pronto deixou a sala e conversou com os pais do jovem, que se encontravam na sala de visitas.

Mais animados, os pais do rapaz acidentado foram descansar em um sofá. Tempos depois, todos os demais parentes, exceto um irmão do rapaz, foram embora, visto que era muito tarde, passando da meia-noite.

Percebemos essa conversa sem sairmos da UTI, como se não houvesse paredes.

--- Tudo é questão de sintonia e interesse interior, Beto. --- disse Sana Khan --- Se você quer ouvir ou ver através das paredes, estende seu perispírito ou corpo astral, mesmo sem notar, até onde quer ir. As percepções fora do corpo são mais extensas e ampliadas.

--- Mestre, por que estamos doando energia ao corpo? Ele não deve desencarnar?

--- Sim, deve. Porém isso é tática utilizada para despistar os médicos e parentes que tudo fazem para impedir a morte. Quando o doente não tem que desencarnar, tudo é feito para ajudar os médicos terrenos, inclusive injetando-se energias que auxiliam na recuperação do paciente, às vezes parecendo milagre. Contudo, quando sabemos que chegou a hora do desencarne do Espírito, trabalhamos para que morra tranqüilamente, como no caso presente. Agora que os parentes foram dormir, em razão da notícia da melhora do rapaz, e os médicos vão descansar, acreditando que ainda há esperança, vamos aprontá-lo para o desencarne.

--- Tiremos o irmão do corpo, para conversarmos com ele. --- disse o médico, que se chamava Marcos.

Sana Khan aproximou-se da cabeça do rapaz e tocou-lhe entre os olhos, concentrando-se.

--- O que o senhor está fazendo, mestre? --- perguntei.

--- Enfraquecendo a ligação do Espírito com o corpo, através da desintegração do cordão que liga o corpo astral ao físico, no elo de ligação principal, que é a glândula pineal. Esse é o centro da ligação do corpo e da alma e o último elo a ser desligado. Não vou desligá-lo totalmente agora, mas apenas enfraquecer a ligação, a fim de facilitar a saída do Espírito. Aplique-lhe um passe magnético ao longo de todo o corpo, da cabeça aos pés, Beto.

Apliquei o passe, que é transmissão de energia, com o movimento das mãos e o poder dirigido da vontade.

--- Sérgio, --- disse Sana Khan, dirigindo-se ao rapaz --- não tenha medo, saia.

O rapaz levantou-se da cama - o Espírito, é claro - em seu veículo astral ou perispírito.

--- Vamos conversar, meu filho. --- disse Sana Khan, carinhosamente ao rapaz, deixando-o tranqüilo com seu tom de voz paternal.

--- O que vai ser de mim? --- perguntou o rapaz assustado --- E minha família, onde está? Que aconteceu? Eu morri?

--- Não, Sérgio. Tenha calma. --- disse-lhe Sana Khan.

--- Você sofreu acidente grave. Seu corpo foi muito danificado, não mais permitindo sua permanência nele. Você retornará ao plano de onde veio, o plano do Espírito.

--- Quer dizer que eu vou morrer? --- perguntou o jovem, inconsolável.

--- Sim e não. Vai deixar esse corpo em definitivo, porém isso não é morte. Você não está consciente, pensando, conversando?

--- Sim, estou.

--- Veja seu corpo no leito.

O rapaz olhou, viu seu rosto, a cabeça envolta em gaze e disse:

--- Estou morto.

--- Ainda não. Fique calmo. A morte não existe. --- consolava Sana Khan --- Não pode retornar ao corpo, pois ele não lhe confere mais condição de morada e expressão no plano físico. Você irá para uma cidade, no plano imediatamente seguinte a este, onde será esclarecido e se adaptará novamente à nova vida.

--- E meus pais?

--- Ficarão bem. Estão rodeados de amigos. Vamos ajudá-los a suportar a dor da separação momentânea. Não lute contra as leis divinas. É chegada a hora de seu desencarne, por motivos que depois saberá.

--- Está bem. Mas depois quero vir visitar meus pais.

--- Quando estiver recuperado poderá vir. Primeiro, terá que ir a um hospital, para recuperação perispiritual.

--- Beto, fique aqui com o irmão Marcos. Vou levar Sérgio até a colônia.

Sana Khan partiu com o rapaz. Aproveitei para perguntar a Marcos se já havia se consumado o desencarne.

--- Não, meu amigo. Vamos cuidar disso agora. Com a saída do Espírito, fica mais fácil proceder o desligamento.

Chamou outros dois auxiliares que se encontravam próximos, em outro leito, e disse-lhes:

--- Ajudem-me a desligar o Espírito do corpo.

Iniciaram um processo de passe por todo o corpo, retirando o ectoplasma em grande parte das células. Expulsavam a energia vital do corpo, que circulava ao redor dos nervos. O aparelho registrava ritmo mais lento nas batidas cardíacas. Marcos aproximou-se da cabeça do rapaz e trabalhou no desligamento das energias do corpo astral no cérebro.

--- Aqui é onde está a maior cadeia de fios que liga o Espírito ao corpo. Estou desligando os circuitos energéticos. Os centros de força ou chackras já foram desativados. Perceba que o coração bate muito fraco, estando quase parado, fazendo com que a circulação sanguínea quase estacione.

Fez breve pausa, e continuou:

--- Pronto, só falta romper o cordão de prata, como o chamavam os yogues antigos. Ele está ligado à glândula pineal, sede da alma.

Concentrou-se, Marcos, no centro do cérebro e afirmou:

--- Está desligado. Ele está morto, para a Terra. E está livre para o mundo Espiritual.

Nesse momento, o aparelho que indicava os ritmos cardíacos passou a emitir um ruído constante, deixando aquele pulsante ritmo de "bip", fazendo com que os médicos corressem até o leito, munidos da aparelhagem de eletrochoque, que aplicaram várias vezes no corpo imóvel, debalde.

Frustrados, porém tranqüilos, demonstrando maturidade e ao mesmo tempo costume com tal situação de rotina, um dos médicos afirmou:

--- Era o esperado. O quadro era praticamente irreversível.

Decidiram sobre quem daria a notícia aos familiares.

Enquanto assistia à conversa, chegou Sana Khan.

--- E então, Beto, acompanhou todo o processo de desencarne?

--- Sim, mestre. É muito interessante. Porém, achei que o rapaz estava muito tranqüilo. Esperava reação mais dramática.

--- O irmão tinha conhecimento da Doutrina Espírita. Já frequentou um centro espírita durante alguns meses. Isso ajudou na compreensão da situação e sua aceitação. Porém, nem sempre o desencarne é tão tranqüilo, como terá oportunidade de acompanhar de outras vezes. Aqueles que não acreditam na imortalidade da alma e na sobrevivência após a morte do corpo, às vezes levam muito tempo para descobrir que morreram, após andarem atordoados, sem entenderem porque as pessoas não falam consigo, por que não podem pegar os objetos e não são vistos por seus familiares. As doutrinas espiritualistas auxiliam muito

na preparação para a morte, principalmente o Espiritismo. Por isso o Brasil será importante no próximo milênio.

--- Mestre, o irmão que desencarnou há pouco sentiu o momento do seu desligamento final?

--- Ligeiramente, e de forma suave, por se encontrar fora do corpo e em dimensão afastada. Se estivesse aqui, próximo ou mesmo dentro do corpo de carne, teria sentido muito mais o desligamento. Há Espíritos que desencarnam sem nada sentir, estando nas colônias, enquanto os médicos procedem o desligamento. Somente os apegados ao corpo e à matéria sofrem com a morte.

Observei que a equipe preparava outro desencarne.

--- Eles trabalham nisso, Beto. São técnicos do Departamento de Desencarnação da colônia próxima. São como os parteiros do lado de cá. Agora você deve voltar ao corpo para que retenha na memória o que assistiu. Amanhã irei apanhá-lo para nova lição. Muita paz.

--- Muita paz, mestre.

CAPÍTULO 17

A noite seguinte caiu, levando consigo as preocupações do dia. Havia refletido muito acerca da morte e do renascimento. Como as pessoas se apegam à vida e temem a morte, pensei. Se soubessem que a morte não é o fim, tampouco o começo, mas tão-somente passagem de dimensões e de estados de consciência e de energia, tudo seria diferente.

Lembrei-me do desespero dos parentes do jovem desencarnado no dia anterior. Se pudessem deixar o corpo de forma consciente e ir visitá-lo em colônia espiritual, retendo na memória a alegria do encontro, não sofreriam tanto.

Convencia-me, cada vez mais, da importância da experiência fora do corpo, de forma consciente. Um dia teria que divulgar todas as minhas experiências e ensinar, com a devida cautela, as pessoas a saírem do corpo, mas tendo sempre presente o nobre propósito, pois, do contrário, estaria abrindo-lhes a porta para experiências e encontros terríveis.

Por volta das dez da noite, deitei-me, relaxando, parte por parte, meu instrumento de evolução, o corpo físico.

Ao cabo de poucos minutos, estava flutuando, pairando sobre meu túmulo noturno, onde todos os dias jazia meu corpo inerte por algumas horas, enquanto viajava livremente em busca de novos conhecimentos.

Logo que saí, percebi Sana Khan ao lado da cama, sorrindo como sempre. E me disse-me:

--- Está cada vez mais rápido em suas saídas. No início era uma maratona para você sair do corpo.

--- É, mestre, a prática me tem facilitado as saídas. Venci o medo, pelo menos acho assim.

--- É, disse Sana Khan, contudo você não viu as piores coisas do plano astral. Sua casa está protegida. Se você sair e der de cara com uma figura do astral inferior, ou mesmo do abismo, subirá pelo teto como um foguete.

--- E eles podem me pegar, mestre?

--- Não se você sair rápido como um raio.

--- Mas mestre, eles não podem me seguir?

--- Meu filho, --- explicou Sana Khan com a paciência de um pai --- a velocidade que se pode atingir no corpo astral depende de sua suavidade e condensação de energia. Os Espíritos de baixa evolução, na ânsia de atuar para manipular os seres encarnados, envolvem-se em demasia com ectoplasma, essa energia intermediária entre os planos físico e astral, o que lhes torna pesados, comparados aos seres livres do astral. Mesmo você, encarnado, ao desdobrar-se, ou projetar-se para fora do corpo físico, é mais leve que todos os Espíritos umbralinos e trevosos. Assim, se você se deslocar em grande velocidade, eles o perdem, não tendo condições nem de saber em qual direção você seguiu.

--- Mas isso é ótimo, mestre. --- disse com grande satisfação --- Então posso andar livremente por aí, inclusive sozinho.

--- Se você não tiver medo, sim. Porém, em certos ambientes se deparará com seres malignos, que às vezes lhe surpreenderão, podendo atingi-lo energeticamente se você tiver medo ou estiver em desequilíbrio interior.

--- Procurarei manter o equilíbrio e não ter medo. Afinal, ninguém pode me matar, pois sou imortal.

--- É, nisso você tem razão. Não há motivo para o medo. Não havendo morte, o que se vai temer? Mas vamos dar uma volta, pois quero mostrar-lhe algo.

--- Claro, mestre. Vamos.

Sana Khan voou pela janela do meu quarto, no que o seguiu. Percorremos a rua Rubem Berta e passamos por cima de uma casa do outro lado da rua que lhe é perpendicular. Percebi que na casa havia um cachorro policial latindo e olhando para o alto, acompanhando nosso vôo.

--- Mestre, --- disse surpreso --- ele está nos vendo.

--- Sim, está. Você não sabe que muitos animais são portadores de faculdades extrafísicas, como os humanos? Muitos cães percebem os Espíritos livres da matéria. Você nunca observou seu gato arrepiando-se para alguém invisível para você?

--- Já, muitas vezes.

--- E então? Faça experiências nesse sentido, no futuro.

--- Farei, com certeza.

Atravessamos outra pista, chegando ao grande estacionamento do Jardim dos Namorados, parando antes de maior proximidade dos carros estacionados de frente para a praia.

--- O que você vê? --- perguntou-me Sana Khan.

--- Carros estacionados.

--- Só isso?

--- Devem estar namorando, pois aqui é local próprio para isso. O próprio nome do local já sugere o que fazer.

--- E até onde vai o namoro, você sabe?

--- Bem, mestre, pelo que sei, algumas pessoas mantêm relações sexuais aqui, dentro dos carros.

--- Você já fez isso? --- perguntou-me Sana Khan, sorrindo.

--- Não. Quando tinha vontade, não tinha carro. Depois, era muito tímido e ainda sou. Porém, hoje, isso não constitui desejo para mim. Não sei se voltarei a pensar em sexo no futuro. Mas hoje não ligo para isso. Só penso em crescer.

--- Contudo, --- disse Sana Khan, ainda sorrindo --- ainda vejo a chama do desejo em seu íntimo. Parece estar adormecida, latente, podendo ainda ser despertada, incendiando sua mente de desejo.

--- Espero que isso não aconteça, mestre.

--- Aguardemos o futuro. --- disse Sana Khan.

Olhou para os carros, pensou e disse-me:

--- Percebe Espíritos desencarnados junto aos carros?

--- Sim, agora percebo. Inicialmente pensei serem encarnados. São esquisitos, parecem cercados de nuvens cinzentas.

--- São seres perturbados, apegados ao extremo ao prazer sensual. A morte não lhes retirou o desejo sexual, e por ainda gostarem do sexo, procuram o prazer com avidez.

--- Mas, mestre, como podem sentir o prazer sem o corpo, que é a fonte da sensação no sexo?

--- O desejo está na mente e é filho do apego. O corpo é só o instrumento. Contudo, no caso do sexo, o prazer vem da sensação, principalmente do contato da pele. O sexo é contato de pele, é tato, é fricção. No ato sexual, há troca de energias, quando há sentimento, principalmente amor. Se o que se busca é somente o prazer pelo prazer, sendo ele o objetivo em si mesmo, pode haver perda de energia, e até vampirismo, quando um dos dois suga as

energias do outro, indefeso. Com a penetração, há maior fricção dos órgãos genitais, com o aumento da sensibilidade de todo o sistema nervoso, até culminar com o êxtase, ou orgasmo, como hoje vocês chamam. Essa sensação prazerosa, que tanto vira a cabeça dos humanos tem função nobre. O êxtase é o momento em que se dá a ejaculação, ou saída do sêmen, no qual estão os milhões de espermatozóides. A que isso visa? A reprodução da espécie e sua perpetuação. Sem a reprodução não há reencarnação, sendo esta indispensável para o aprendizado e evolução do Espírito, no nível em que se encontra hoje. Você já viu que a abertura de consciência começa no plano físico, com a vida biológica. O sexo foi a forma planejada para a reprodução das espécies orgânicas, até o homem, com o simultâneo desenvolvimento do sentimento. Os laços sangüíneos, mesmo nos animais, iniciam as ligações de família, por mais rudimentares que sejam. E esses laços se aperfeiçoam até o amor, inicialmente de mãe, de pai, de filho, de irmão carnal, até de irmão no sentido mais amplo e irrestrito. E é o sexo que une os seres. Essa é sua função principal. Tudo leva à união, que é amor. Nesse quadro, o prazer dos sentidos existe para garantir tanto a reprodução, e assim, a reencarnação e evolução, quanto a união, o desenvolvimento do amor. Você já pensou se o ato sexual fosse doloroso, sempre?

--- Ninguém teria relações sexuais. --- respondi sorrindo.

--- Exatamente. Os criadores cósmicos pensam em tudo. Criaram mecanismos fisiológicos e psíquicos vinculados, de forma a fazer com que o prazer obtido no ato sexual atraísse os homens e mulheres, seres racionais, a se unirem para constituir família e reproduzirem corpos para novos seres reencarnantes. E ao mesmo tempo, os laços do sentimento, notadamente o amor, se desenvolvem.

--- Mestre, por que os homens se apegam tanto ao prazer do sexo?

--- Porque suas vistas muitas vezes estão ofuscadas, impedindo-lhes de ver mais além. Não conhecem as verdades espirituais, pensando que a vida física é tudo. Acham que a vida é passageira, e por isso têm que aproveitá-la ao máximo. A morte pode chegar a qualquer momento, por isso é preciso gozar a vida enquanto ela não chega. São argumentos normalmente utilizados para justificar o apego ao sexo. Alguns têm o sexo como único prazer, ou ao menos, o maior e melhor. As pessoas desconhecem os prazeres do saber, do conhecimento, do trabalho construtivo, da ajuda ao próximo, do trabalho pela evolução do planeta e do cosmos. Há prazeres inimagináveis para esses seres que estão aí se atritando em busca do orgasmo!

Sana Khan olhou novamente para a fila lateral de carros e disse:

--- Estou penetrando instantaneamente na mente, no corpo mental, de algumas pessoas, para ver seus motivos e situações. Aquele ali, por exemplo. ---apontou Sana Khan para um carro vermelho --- O rapaz é casado. Disse à sua esposa que iria sair com uns amigos, mas, na verdade, encontrou-se com a jovem, que não tem mais de vinte anos. Estão prestes a ir para outro local, a fim de manterem relações sexuais. Veja o Espírito junto ao carro. Projeta-se para dentro do veículo, ligando-se à organização psicossomática do rapaz. Penetra sua mente, devido à afinidade de pensamento e desejos. São como dois em um, agora. Alojou-se no cérebro do corpo, sentindo parcialmente todas as sensações que o jovem sente, pois o prazer vem pela via nervosa até o cérebro. Agora começa a comandar os movimentos, dominando a situação.

--- E o rapaz não se apercebe disso, mestre? --- perguntei.

--- Não. Está tão afim com o Espírito que não pode distinguir seus pensamentos e desejos daqueles do Espírito.

--- Mestre, isso é terrível. --- desabafei.

--- O rapaz bem que está gostando, o mesmo se dando com a moça. Dão vazão a seus desejos reprimidos e incompreendidos, porém de forma incontrollável e inteiramente irresponsável. Perderam o controle de si mesmos. Não conseguem mais parar.

--- E aí, mestre, o que vai acontecer?

--- Você ainda pergunta, Beto? --- respondeu Sana Khan sorrindo.

--- O Espírito que participa com o casal do momento íntimo não pode ser afastado?

--- Poderia. Porém é deixado agir livremente, dando azo à sua imaginação. É apenas marionete de uma grande organização das trevas.

--- O que, mestre? --- perguntei estupefato.

--- Sim, Beto, é ele apenas um peão no tabuleiro de xadrez de grande organização.

--- E qual é seu papel?

--- Levar os casais que vêm aqui para um motel. Quer acompanhá-los?

--- Sim, gostaria, mesmo porque nunca entrei num motel. Mas, e os outros casais?

--- Cada um tem sua história de vida. Uns estão namorando, sendo apaixonados, simplesmente. Outros, fazem juras de amor. E ainda outros apenas buscam o prazer. Observe, no entanto, que os Espíritos de aura escura e tenebrosa não se aproximam de todos os carros. Onde há amor, há isolamento vibratório natural, formando campo de forças impeditivo da aproximação e interferência de seres desequilibrados. Somente onde não há amor eles penetram, influenciam e às vezes manipulam, que foi exatamente o que aconteceu com o casal que vamos acompanhar. O casal se prepara para partir.

O carro foi ligado, acendendo-se os faróis, devido à escuridão da noite. Deu marcha-a-ré e partiu rumo ao Jardim de Alá.

--- Vamos. --- disse Sana Khan.

--- Voamos a cerca de vinte metros da rua, um pouco atrás do carro vermelho. Dentro de alguns minutos ele parava na entrada de um motel com letreiro luminoso.

Notei que havia dois guardas na entrada, com roupas de couro, esquisitas, de calças, porém com tiras de couro envolvendo o tronco, sem camisa. Tinham a cabeça raspada e eram escuros, parecendo eunucos dos haréns árabes.

--- Mestre, são Espíritos.

--- Sim, guardas do motel, que é reduto de uma organização.

--- Como vamos entrar? Pelo alto?

--- Não, pelo portão. Vamos pedir autorização.

Custei a acreditar no que ouvi, confesso. Pedir autorização a guardas espirituais para entrar em um motel!?

Descemos ao nível do solo e nos aproximamos dos guardas, tendo o mais alto tomado a frente, quase agressivamente, e perguntado:

--- Que desejam?

--- Vimos em boa paz, acompanhando o jovem casal. Temos missão a cumprir, e o irmão lição a aprender. Pedimos permissão para entrar. --- disse calmamente o mestre.

--- Não podem interferir em nada aqui. Tenho ordens superiores para manter a ordem e controlar a entrada de Espíritos. Vou perguntar ao chefe se vocês podem entrar.

O guarda sumiu, tendo o outro ficado de braços cruzados à nossa frente, em postura defensiva e arrogante.

Sana Khan poderia neutralizá-lo em segundos, se quisesse. Porém, não queria agir assim, o que hoje compreendo. Afinal, ninguém era forçado a ir ao motel. O livre arbítrio e o desejo é que guiam as consciências que buscam o antro do prazer sexual.

O guarda retornou e disse:

--- O chefe autorizou a entrada desde que não interfiram nos trabalhos da casa. Ele sabe qual o seu propósito, pois ele é sábio, não querendo confronto com as forças do cordeiro. Façam o seu trabalho e deixem-nos fazer o nosso.

O carro entrara há pouco tempo. Com a autorização, Sana Khan agradeceu e seguimos atrás do casal.

Entraram em uma garagem e estacionaram.

--- Mestre, como o tal chefe soube do seu propósito? --- perguntei.

--- Porque essa situação não é nova. Muitos Espíritos vêm aqui aprender, ou trabalhar, ou ainda proteger seus apadrinhados dos Espíritos que aqui buscam o prazer. Porém, geralmente não há interferência quanto ao que fazem esses Espíritos com os casais que se entregam ao frenesi do sexo. São livres, até certo ponto. Porém, quando chega ao limite, pode haver interferência do alto, dos protetores.

Entramos no apartamento luxuoso, cheio de espelhos, com cama redonda. O casal já estava deitado na cama, porém não tinham tirado ainda a roupa. Repentinamente entraram três figuras, que nos olharam com desprezo. Um deles, que parecia membro da organização que dirige o motel, no lado espiritual, disse:

--- Não se metam com a gente. Não cheguem perto.

Sana Khan fez sinal com a cabeça concordando, demonstrando ser de boa paz.

Aquele que se dirigiu a nós se apresentava como homem, estando acompanhado por um casal jovem, de aspecto asqueroso, parecendo dementados pela ânsia incontida de prazer e mais prazer.

A jovem desencarnada perguntou ao homem que os levou, com rispidez:

--- Eles vão assistir a tudo, é?

--- Não sei, --- respondeu --- mas não se importem. Façam de conta que não há ninguém.

--- Ah, está bem. Vamos Carlos, vamos aproveitar. Não é todo dia que a gente pode transar com corpos tão bonitos e jovens.

Enquanto o casal de encarnados se beijava na cama, o casal de desencarnados começou a se integrar com seus corpos, principalmente na cabeça, por causa do cérebro. Como disse Sana Khan, a sensação está na mente, sendo recebida através do cérebro e restante do sistema nervoso.

--- Eles estão se afinizando e mesclando com as energias e a organização nervosa dos corpos dos jovens amantes. Como já disse, há afinidade de desejo, o de sentir prazer. Isso abre o campo energético vibracional dos jovens à influência dos Espíritos.

--- E o outro Espírito que os trouxe?

--- Foi embora. Sua tarefa era apenas insuflar os desejos e trazer as pessoas até aqui. --- respondeu o mestre.

--- E como funciona a coisa aqui?

--- Há milhares de grupos no astral inferior e na crosta da Terra que trabalham para manter essas casas do prazer. Esses grupos estão ligados a outros mais poderosos, com raízes fincadas no abismo, nas camadas astrais mais inferiores, onde habitam os líderes das trevas. Tudo é perfeitamente coordenado, desde o trabalho de abertura psicológica para aceitação do prazer, que compete aos psicólogos das organizações, até a propaganda maciça através dos meios de comunicação de massa, hoje em grande parte manipulada pelas organizações.

--- Que propaganda, mestre? --- perguntei.

--- A propaganda do sexo. Você sabe que neste século houve a grande "revolução" sexual. Isso foi bastante manipulado e distorcido do lado espiritual, visando a busca do sexo como prazer, independentemente do sentimento ou da formação de família. As pessoas foram levadas a acreditar que tinham que liberar suas energias sexuais. Deu-se grande ênfase e importância demasiada à energia sexual, inclusive na solução dos problemas psicológicos. Porém, você já deve ter ouvido dizer que o homem que foi o maior responsável por isso era viciado em cocaína e homossexual. Você não imagina como essa corrente psicológica foi induzida do lado de cá. E o trabalho de divulgação com os livros, revistas e, principalmente, a televisão, hoje mantém a humanidade quase que por inteiro nas malhas da rede lançada pelas trevas. Até mesmo os espiritualistas de várias correntes se deixam seduzir pela propaganda do sexo, e passam a buscá-lo como fonte de prazer e divertimento, sem atentar para a irresponsabilidade de seus atos. Homens e mulheres se perdem na rede de ilusões que envolve o sexo. Muitas vezes, os rápidos momentos de intenso prazer, fugaz, fugidio, escorregadio, geram momentos de prolongada agonia. Quantos dissabores e desilusões após atos físicos desacompanhados de sentimento. Quantos caem no vazio existencial após essas desilusões, chegando às vezes ao suicídio. Quantas vidas ceifadas em abortos de filhos indesejados, fruto, muitas vezes, de uma relação como essa que está prestes a acontecer. Ah! humanidade iludida, ignorante das verdades do Espírito, das funções do corpo e do sexo, afastadas do sentimento maior, o Amor. Você ficaria atônito ao ver essas organizações reunidas em assembléia para deliberar sobre as formas de propaganda do corpo feminino, despertando sensualidade; sobre o ataque psicológico direto ou subliminar do erotismo. Não foi o acaso que fez com que as mulheres deixassem de usar vestidos longos e cheios para usar calças e saias curtas. A mini-saia provocante, que deixa entrever as possibilidades de prazer foi meticulosamente arquitetada e passada para o plano físico, através dos médiuns das trevas, pessoas sensitivas, intuitivas, e afinizadas com os propósitos das organizações. Também não surgiram por acaso os biquínis, os campos de nudismo, as roupas sensuais transparentes, provocantes. Pode parecer mentira, mas os seres humanos são manipulados, e muito, pelos Espíritos, que tencionam mantê-los na ignorância das coisas do Espírito, pois assim podem continuar mantendo o domínio sobre as massas. Se houvesse esclarecimento, essa casa do sexo não existiria. Seu proprietário é instrumento manipulado das organizações, comprometido, carnicamente, em alto grau, por lucrar com a degradação humana e espiritual. Não sabe o compromisso que assume pela Lei de Causa e Efeito.

--- E os Espíritos que vêm em busca do prazer? --- perguntei.

--- São seres ignorantes, que se apegaram loucamente ao prazer sensual quando tinham corpo de carne e não conseguiram sublimar o desejo e o sentimento após a morte. Continuam escravos de seus próprios desejos, e muitas vezes para obter um reflexo do prazer físico, como o que esse casal sentirá, entregam-se a organizações que os utilizam inescrupulosamente, proporcionando-lhes prazer em troca de favores, de trabalho sujo, de obsessões, junto aos encarnados. Isso aqui é como um supermercado do prazer. Há controle dos Espíritos que entram e dos que aproveitam os momentos dos casais que se relacionam sexualmente. Porém, tudo tem seu preço; e muitas vezes o preço é alto. Às vezes, é difícil se livrar dessas organizações poderosas, que perseguem seus combatadores, como os moralistas.

--- Existem outras organizações que cuidam de outras atividades, mestre?

--- Sim, inúmeras. De droga, de crime, de álcool... depois veremos isso. Vamos embora, pois o casal vai tirar a roupa, e não quero assistir ao espetáculo dos Espíritos afastando os corpos astrais do casal para se integrarem em sua organização física.

--- Isso é possível?

--- Sim, quando há afinidade total de energia, o que é o presente caso.

Deixamos o quarto e o motel, sem sermos incomodados pelos guardas, que apenas nos olhavam com raiva nos olhos.

No caminho de volta para casa, Sana Khan me disse:

--- Meu filho, tenha cuidado. Você será visado por essas organizações. Eles já sabem que você está sendo preparado para algo especial e que tem bons pensamentos. Eles vão atacá-lo de todas as formas possíveis, para tentá-lo. Não sossegarão enquanto não desistirem da idéia de o virem cair no mundo do prazer, não só do sexo, como da droga, do álcool e outros. Hoje você está equilibrado e protegido. Porém, se sair do centro do equilíbrio, estará à mercê das intempéries dos ataques dos seres malignos que tentarão envolvê-lo com mulheres bonitas e sensuais, senão com drogas ou álcool. Proteja-se, ore, medite, trabalhe. Esteja atento, acima de tudo, aos desejos e pensamentos que surgirem em sua mente, pois a telepatia pode levá-lo à confusão, fazendo com que você pense que é seu um pensamento inoculado em sua mente, por Espírito poderoso e inteligente. E, ainda, o trabalho de regressão de memória despertou regiões há muito adormecidas em sua mente, o que pode fazer despertar desejos antigos, lembranças agradáveis e outras coisas mais, que podem servir de suporte à implantação de estratégia de ataque sutil a você. Atenção, toda atenção é pouca. Não cochile, pois poderá cair nas malhas das organizações, jogando por terra nosso trabalho, ou pelo menos adiando-o por anos. Vá para casa e medite. Até amanhã. Muita paz.

--- Muita paz, mestre e, obrigado por tudo.

Como estávamos em frente a meu prédio, entrei pela varanda. Sana Khan desapareceu. Fui para meu quarto, olhei para o corpo deitado na cama e pensei:

--- Ah, corpo, quanta ilusão você dá aos Espíritos quando abriga-os. Você é apenas um boneco de pilha, dependente de minha energia e vontade para se mover e viver. É apenas uma fachada, uma embalagem e todos lhe consideram como a um ser e lhe chamam de "eu". Vou lhe animar, corpo adormecido.

Aproximei-me e integrei-me ao meu instrumento de evolução no plano físico temporário.

CAPÍTULO 18

Acordei no dia seguinte em paz. Havia conquistado a paz d'alma de uma forma que até hoje sinto saudades. Em minha alegria juvenil, somente desejava viver para ajudar o próximo. O meu prazer era ver os outros felizes. Minha dor, ver o sofrimento alheio e não poder minorá-lo.

Era sábado. Tomei café, conversei um pouco com minha mãe e fui para a praia caminhar solitariamente. Adorava a solidão das longas caminhadas.

Meditei longamente acerca do prazer, principalmente aquele advindo do sexo. Como as pessoas estão presas ao corpo, à sua forma, estética e sentidos. Quantas pessoas hoje colocam o sexo como centro de suas atenções, e às vezes como o objetivo da vida. É ele a fonte da vida e da reencarnação, porém, as pessoas lhe estão dando exagerada importância, retirando-o de seu eixo, de seu centro.

O mundo ocidental, principalmente, está obcecado pelo sexo, colocando-o nas vitrines, cartazes, propagandas, tevês, cinemas. Tudo hoje "cheira" a sexo. Os produtos são vendidos por causa do sexo e utilizando-se sempre o corpo de belas mulheres como atrativos para os consumidores. A propaganda do sexo deu resultado, como planejado nos planos inferiores, deslocando-o de sua função natural.

Presos ao prazer, condicionados à forma bela dos corpos, caímos em várias armadilhas e, às vezes, custamos a sair delas. Uma vez presos às teias ilusórias das formas, demoramos a acordar do belo e enganador sonho e somente com uma vontade de aço conseguimos nos libertar da prisão dos sentidos. Somente conscientizando-nos de nossa prisão, poderemos dar o primeiro passo no caminho da verdadeira libertação dos condicionamentos e do apego ao prazer, as sensações prazerosas. Cessado o apego, esvai-se o desejo da busca das sensações.

Caminhava pela praia, observando belas garotas de biquíni, seminuas, deixando transparecer a total visão de seus corpos. Lembrava-me do recente tempo em que me perturbava a visão daqueles belos corpos. No momento, voltado para o crescimento espiritual, desviava-me do caminho do prazer, sentido-me livre de desejo sexual ou sensual. Já não me perturbava a visão das belas formas femininas, o que duraria algum tempo.

Pensei em como as mulheres usavam sua beleza e charme, exploradas ao máximo, para ganharem a vida. Como as mulheres bonitas levam vantagem nessa nossa sociedade de homens apegados ao sexo. As mulheres consideradas feias quase sempre são rejeitadas, esquecendo-se os homens que muitas vezes em corpos menos belos habitam Espíritos belíssimos, bondosos, inteligentes, afáveis, carinhosos, fiéis e amigos. A atração física, a atração das formas, da fachada, muitas vezes nos leva a caminhos de ilusões, dissabores, desilusões e sofrimento. Quantas vezes aqueles que pareciam bonitos se revelam ao cabo de algum tempo em pessoas feias, devido ao interior desequilibrado e desarmonioso.

Um dia, todos perceberão a ilusão das formas, que são passageiras, instáveis, sem continuidade no tempo e no espaço.

As formas mudam a cada instante, transformando-se em nova forma. Por trás da forma há substância, que é menos transitória. O ser individualizado segue seu caminho evolutivo envolvendo-se com várias formas, todas passageiras, apenas instrumentos de passagem e aprendizado. Apegar-se a um corpo transitório, temporário, é como apegar-se a uma roupa e não mais querer tirá-la, o que é absurdo.

Do nascimento à morte, em cada nova vida, assumimos formas diversas. Do bebê à criança, ao adolescente, ao jovem, ao adulto e ao velho. O rosto muda, os músculos se modificam. Os ossos se fortalecem e se enfraquecem. A pele lisa e fina se enrugam. As feições suaves, muitas vezes, ficam sulcadas pela dor e preocupação. A coluna ereta se enverga. Os cabelos pretos ou louros embranquecem. Os órgãos perdem a vitalidade. A vida se esvai. Tudo é tão transitório. O corpo não é o Espírito, mas apenas lhe serve de abrigo. E essa vida não é a única, mas uma entre milhares vividas na Terra, onde aprendemos lições necessárias e indispensáveis à nossa evolução espiritual.

Não adianta nos apegarmos ao corpo, nem querermos mantê-lo forte, em forma, bonito, pensando que somos ele. Sua morte é inevitável, cedo ou tarde. Importante é termos consciência de que ele é nosso instrumento. Nós, Espíritos, é que somos a essência, o real, partículas divinas. Nossa ligação direta com a Consciência Cósmica é que nos dá a dimensão da realidade de nossa essência espiritual.

Não precisamos temer a morte, mesmo porque ela não existe. O fenômeno é apenas o desligamento energético do Espírito e do corpo físico. Do outro lado há ainda vida, muito mais bela, muito mais rica e estuante de possibilidades de experimentação, aprendizado e crescimento evolutivo. E podemos conhecer essa outra vida, o chamado Além, ainda em vida, através das saídas astrais, ou desdobramento do corpo astral. Basta termos coragem, técnica, força de vontade e bons propósitos, para que atraiamos Espíritos nobres para nos auxiliar e conduzir. O meu esforço tem valido a pena e não me arrependo de ter renunciado a certas coisas para conseguir viajar no plano espiritual como hoje faço. A recompensa pelo esforço de meses é extraordinária. O que aprendi em poucos meses levaria, normalmente, dezenas de anos, principalmente por ter convivido com Sana Khan, meu mestre de muitas eras.

Pensava nisso tudo quando resolvi retornar para casa, pois já eram duas horas da tarde.

Pela tarde li algumas páginas de um livro de alto teor espiritual e filosófico, o que me elevou sobremaneira os pensamentos.

À noite, fiz ligeira refeição leve e recolhi-me. Não tardei a sair do corpo, ficando ao lado da cama por alguns minutos, admirando aquele veículo a que tantos chamavam de Beto, porém já não me causava essa ilusão. Afinal, o pensamento estava comigo, a consciência e a inteligência. "Eu era" e "eu sou". O corpo não é individualidade consciente, nem tem personalidade. Não vive sem a presença do Espírito. É como um boneco que depende da pilha ou como um automóvel que depende do motorista.

Repentinamente, senti a presença de uma Entidade amiga ao meu lado, logo identificando Sana Khan, que surgira como que do nada, apesar de saber que veio de outra dimensão, em rápida velocidade, não dando para se perceber seu deslocamento, mas dando a impressão de que simplesmente mudara de lugar.

--- Olá, Beto.

--- Muita paz, mestre.

--- Como vão as reflexões? --- perguntou-me.

--- Tenho meditado sobre o prazer e o apego a ele.

--- Isso é bom, pois você tem uma história ligada ao prazer. Espero que nessa vida você se liberte, finalmente.

--- Também espero, mestre.

--- Estás disposto a dar uma volta pelas ruas?

--- Sim, mestre. Aonde vamos?

--- Sair por aí...

--- Vamos. --- concordei.

Sana Khan virou-se para a janela de meu quarto e simplesmente voou através dela, deixando o prédio. E eu o segui, atravessando a janela de vidro, que estava semi-aberta.

Seguimos por cima de um terreno baldio atrás do meu prédio, em altura razoável, rumo à orla marítima da Pituba. Logo chegamos a um bar, na rua da praia, chamado "Sobatidas". Estávamos já à altura normal do solo, em frente ao bar.

--- Mestre, --- perguntei --- por que logo aqui?

Sana Khan sorriu diante de minha pergunta. Sabia que aquele bar estava ligado ao meu passado. Era ali que meu irmão comprava litros de batida de limão, maracujá ou coco, ou ainda tamarindo, com que nos embriagávamos na rua ao lado. Tinha apenas quinze anos quando comecei a beber, embriagando-me quase todos os sábados. E aquele irmão que comprava a batida tinha um ano e meses a mais de idade. Ele me pusera no mau caminho, com meu total consentimento e até gratidão, porque, afinal, adorava ficar "alto", alegre, rindo à toa, falando bobagem.

Sana Khan perguntou-me:

--- Quer recordar um pouco mais, com nitidez, a realidade?

--- Não sei, mestre. Talvez não me faça bem.

--- Bobagem. Veja.

Tocou-me a fronte com a mão esquerda, fazendo com que, quase que imediatamente, passasse a me sentir garoto, mais baixo, estando na esquina próxima ao bar "Sobatidas". Estavam comigo meu irmão e um amigo apelidado de Bilola. Meu irmão, então, falou:

--- Só tinha batida de coco.

--- Hum, detesto batida de coco. Só gosto de limão. Maracujá ainda desce. --- disse aos dois.

--- O que interessa é beber. --- disse Bilola --- Pra mim qualquer uma serve.

--- Tudo bem, que jeito... Vamos lá. --- disse a eles.

Era um litro de batida, em garrafa que lembrava a de água sanitária. Bebíamos em copinhos iguais aos de tomar cafezinho em repartição pública, daqueles de plástico, descartáveis. Uma dose após outra, arrepiando os cabelos do corpo e fazendo balançar a cabeça e depois estalando os dedos das mãos. O litro deixava-nos bastante "altos", sendo que eu sempre ficava "altíssimo" no início, quando não bêbado.

Vi uma cena degradante, em que eu deitava no meio da rua, de bruços, cabeça levantada, rindo a valer, e um carro freiava à minha frente, próximo, tendo os dois companheiros que me retirar da via pública.

Em seguida, vi-me sentado a uma mesa no bar "Sobatidas", com um irmão mais novo, Jorge, aquele do ovo frito na copa, e mais quatro rapazes. Tinha dezessete anos e Jorge quinze. Fiz com ele o que meu outro irmão fez comigo, ou seja, induzi-o a entrar no mundo da bebida, como curtição.

Jorge estava bêbado, olhos vermelhos, cabeça balançando, quase cochilando.

Levantei-me e fui ao banheiro, encontrando no caminho pequena pilastra de madeira que sustentava um telhado externo do bar, quase batendo-me nela, vacilando quanto a qual lado passar. Tive dúvidas mesmo, até chegar cara a cara. Mas cheguei ao banheiro.

Era um cubículo, com apenas um vaso sanitário. Após entrar, fechei a porta e comecei a urinar. Repentinamente entrou um rapaz empurrando a porta. Virei-me para ele, sem contudo deixar de urinar, tendo ele dado um pulo e berrado:

--- Porra, bicho, mijar no meu pé não.

--- Desculpe. --- disse-lhe sem jeito.

Ao voltar à mesa, sentei-me passando um período a contar piadas picantes. Após algum tempo, Jorge chegou para mim e disse:

--- Beto, estou me sentindo mal. Eu vomitei.

--- Vomitou? Onde?

--- Na sua perna.

Olhei para minha perna e, de fato, constatei que minha calça jeans estava toda vomitada, bem como o chão.

Não senti nojo, devido ao meu estado, e ainda ao fato de não estar sentindo cheiro algum, o que é típico dos bêbados.

Vi, em seguida, nosso grupo brincando de briga na pequena área da frente do bar. Uns dando socos nos outros, rasteiras e pontapés. Jorge foi arrastado por alguém e caiu no chão. Percebi, repentinamente, que havia dois soldados da Polícia Militar debruçados no muro a assistir o ridículo espetáculo da rapaziada. Foram pacientes em não nos terem levado. Afinal, éramos menores.

Passado algum tempo, Jorge saiu do bar e ia atravessar a rua, quando corri e o segurei. Imediatamente passou um carro em alta velocidade. Ele teria sido atropelado se eu não o tivesse segurado. Atravessamos e ele debruçou-se sobre a murada da praia e vomitou até a alma. Em seguida, rumamos para casa andando, o que dava cerca de três quilômetros. Próximo a nosso prédio em rua sem calçamento, havia poças de lama enormes. Jorge andou por dentro de algumas, afundando os pés na lama vermelha, sendo que às vezes eu o desviava, empurrando pelo ombro, para a direita ou para a esquerda e dizendo, no linguajar próprio dos adolescentes da época:

--- Tá cego, porra?

Em casa íamos direto para o banheiro, após dar ordens a Jorge para que não falasse nada se meu pai estivesse acordado, o que quase sempre acontecia, devido à sua preocupação. No banheiro, Jorge vomitava de novo. Bebíamos água, às vezes sob os olhares inquisidores de meu pai, que perguntava:

--- Vocês beberam?

--- Beberam o que, meu pai? --- dizia eu, seguro, tentando demonstrar que estava absolutamente sóbrio.

Mas voltei ao bar "Sobatidas", tendo Sana Khan retirado a mão de minha frente.

--- Que incrível, mestre. Há quanto tempo não me lembrava desses acontecimentos.

--- Que achou?

--- Ridículo. Como eu era bobo. Quantos atos insensatos. Urinei nos pés do rapaz, briguei diante de dois policiais. E agora lembro-me de ter dado risada para um rosto que vi na parede do bar, que era apenas uma máscara, segundo dizem, o rosto do dono do bar. Jamais quero viver experiência igual. Não tem sentido.

--- Mas você gostava, curtia, como vocês dizem na Terra. Sempre se aprende algo. Toda experiência é válida, Beto. Não valeu a experiência?

--- Sim, mestre, valeu. Aprendi muito. Mas não quero repetir. Nem servir de exemplo.

--- Só o mau aluno repete as lições e os anos na escola. Viver a experiência da embriaguez é interessante e até enriquecedor para muitos. O ruim é permanecer nessa experiência anos a fio, ou em muitas vidas, repetindo a sensação da embriaguez, apegando-se a esse estado, tornando-se escravo do álcool, seu dependente, e, o que é pior, marionete de espíritos ignorantes e inescrupulosos.

--- Como assim, mestre? --- perguntei intrigado.

--- Os homens que se tornam dependentes do álcool após o desencarne permanecem ainda com o desejo de sorvê-lo. A mente não muda apenas porque o Espírito deixou o corpo. Geralmente os seres permanecem os mesmos, com os mesmos desejos e vícios, e também virtudes. Um viciado em álcool, tabaco ou droga qualquer continua viciado após a morte, e continua buscando a satisfação de seus desejos.

--- Mas, mestre, sem corpo eles não podem beber ou fumar, nem tomar drogas. --- disse.

--- Quem lhe disse, Beto? Você não viu os Espíritos sentindo o prazer do sexo através de corpos alheios? Também com o álcool e as drogas isso se dá. Basta que o Espírito desencarnado encontre um encarnado viciado, dependente de algumas dessas substâncias, e proporcionando a devida afinidade psíquica e energética adequada para que ele se ligue à organização fisiológica corporal, notadamente ao cérebro, e absorva parte das substâncias volatizadas. O prazer é menor, sendo quase um reflexo daquele sentido pelo encarnado, porém não deixa de matar a saudade do desejo dos dependentes desencarnados.

--- Mas os encarnados têm dependência energética quanto a essas substâncias?

--- Não, é apenas psicológico. --- respondeu Sana Khan.

--- Quer dizer, então, que no lado espiritual também há viciados? --- perguntei.

--- Naturalmente. Assim como em cima, é embaixo. O astral inferior e a crosta terrena estão cheios de Espíritos em busca da sensação da embriaguez do álcool e do "barato", da alucinação das diversas drogas, como marijuana ou maconha, cocaína, LSD, heroína, haxixe... E o seu número é crescente, devido à propaganda feita no plano físico pelas organizações espirituais que querem a humanidade degradada ao máximo e totalmente manipulada e dominada.

--- Mestre, há também organizações ligadas à produção, distribuição e propaganda dessas substâncias na Terra?

--- Sim, Beto. E são muitas e poderosas. Os encarnados não agem sozinhos, mas possuem verdadeiros comparsas desencarnados. Recebem todo o apoio de que precisam, conseguindo inspiração para melhorar os negócios, para a propaganda e dinheiro para impressionar as mentes fracas.

--- É mestre, o ouro brilha ao sol e ofusca as mentes fracas.

--- Exatamente, Beto. Parte dos negócios e do dinheiro na Terra são manipulados pelos Espíritos que integram organizações do mal. Por isso, normalmente, se vêem pessoas egoístas e desequilibradas, degeneradas moralmente, gerindo altas fortunas e delas tirando exclusivo proveito, sem se sensibilizarem com a miséria dos outros. O dinheiro é a mola-mestre do mundo, como vocês dizem, e com propriedade. É com ele que as organizações do mal dirigem parte do plano físico, iludindo os encarnados com vida fácil, luxo, prazeres e gozos fugazes, que tanto ofuscam a visão espiritual. Enquanto o homem não se libertar da ganância, da usura, do apego ao dinheiro pelo dinheiro, estará à mercê das trevas que o dominará e guiará os passos. Dinheiro é apenas energia-papel. Representa um valor que pode servir para troca por bens e serviços. Mas hoje ele é avidamente buscado, como a um deus. Os homens lhe erigem altares, rendendo-lhe mil homenagens, esquecendo-se da essência da vida e da essência do ser inteligente.

Enquanto Sana Khan falava, percebi um rapaz chegando ao bar e sentando em uma cadeira. Pediu uma cerveja e começou a beber. Logo aproximou-se um Espírito, de aparência jovem, porém com ar de desequilibrado. Aproximou-se do rapaz e, debruçando-se sobre suas costas, integrou-se a seu corpo. Tive a impressão de ver apenas um. O rapaz

rapidamente "virou" quatro copos e pediu outra cerveja. Tomou-a rapidamente. E o processo se repetiu por dez vezes.

--- Mestre, ele vai matar o rapaz.

--- Não, o rapaz está acostumado. Vejo que ele é freguês da casa e o Espírito desencarnado já o conhece e já se afinou com suas energias e desejos. Por isso rapidamente se incorpora ao rapaz, que é médium, e vive quase como se estivesse encarnado, por algumas horas. Quando o médium está bêbado, o Espírito expulsa o outro do corpo e toma conta dele, agindo sozinho. Bebe, fuma, sai com mulheres, têm relações sexuais e muitas vezes o encarnado nada recorda no dia seguinte. Quando o médium é do tipo inconsciente, que deixa de forma mais completa o corpo, o domínio é maior e mais rápido. Com os médiuns conscientes a influência é menor, mas não deixa de proporcionar prazer aos viciados desencarnados.

Percebi que o rapaz, em determinado momento, pediu batida de limão. Sem querer, derrubou um copo no chão. Rapidamente aproximaram-se dois Espíritos pequenos, de feições horrendas, de olhos esbugalhados e bocas grandes e vermelhas. Estenderam uma espécie de bico ou tromba e sugaram a bebida que caiu no chão.

--- Esses são Espíritos mais desequilibrados ainda. Rondam os ambientes de bebidas, os botecos, onde são servidas bebidas mais fortes. Eles sugam o álcool diretamente, sem necessidade de intermediários humanos encarnados.

--- Mas, mestre, não vejo aqui controle de organização, como no motel.

--- É porque o lugar é pequeno, sem expressão para eles. Porém, nos grandes bares e principalmente nas boites e bordéis há controle organizado de entrada de Espíritos desencarnados. Permitem momentos de prazer, em troca de trabalhos degradantes de obsessão de vários matizes e graus. Às vezes esses Espíritos são colocados junto a um encarnado até que ele se torne uma "caneca viva" e termine por desencarnar em decorrência de cirrose. Quantos planos de vingança e de dominação são perpetrados com a ajuda desses viciados e desequilibrados do lado invisível para os humanos. No dia em que entenderem isso e acreditarem, cortando o mal pela raiz e fechando a porta, pondo fim ao vício, serão afastados naturalmente os desencarnados viciosos. Vício atrai vício. Desejo atrai desejo. Morbidez atrai morbidez. Trevas atraem trevas, que só podem ser desfeitas com a luz da consciência.

--- Mestre, por que não fomos a ambientes onde atuam as organizações?

--- Porque o espetáculo é por demais triste e a degradação humana e espiritual é depressiva. Temia que lhe impressionasse demais e lhe deixasse o germe da tristeza e da depressão, abrindo-lhe portas e brechas para o ataque das trevas, que já lhe namoram de longe. Se você deslizar, eles cairão em cima. Pressentem que você está sendo preparado para algo importante e espionam a sua vida. Por isso, cuidado. Fique atento. Mantenha sempre o equilíbrio e a paz interior. Futuramente visitará esses ambientes dominados e, quem sabe, até as cidades onde as organizações estão sediadas. Isso é complicado. Agora você não está preparado.

--- Espero um dia poder ver tudo isso.

--- Você ainda tem muito que aprender. Deve começar em trabalhos de socorro espiritual que serão desenvolvidos em conjunto com Rodolfo e Marlene, no astral inferior. Assim, breve estará razoavelmente familiarizado com a vida do lado de cá.

--- Mestre, e esses Espíritos que vivem a beber, mesmo desencarnados, não se cansam disso?

--- Sim, um dia se enfastiam dessa vida vazia e buscam vida mais útil e rica de trabalho e aprendizado nas cidades do plano astral. Mas nada é forçado. Cada um tem seu ritmo e seu tempo, e a Vida sabe aguardar o momento propício para tocar o coração e a mente de cada ser, despertando-o e chamando-o para objetivos mais nobres e edificantes. Por isso não nos aproximamos para tentar convencê-los. Seria esforço inútil. Inclusive a maioria deles sequer nos perceberiam, por estarem demasiadamente envolvidos com energias densas, o ectoplasma humano, para que possam agir sobre os encarnados, principalmente sobre o sistema nervoso, visando a obtenção de sensação forte e prazer, a que se apegaram quando no corpo, e por não terem se libertado do desejo de continuar sentindo os prazeres físicos. A sede de seus problemas está no apego, que gera o desejo de satisfação do desejo e de sua eterna renovação. Esvaziai a mente de desejos, libertando-te dos apegos, e terás uma vida feliz, conquistando a paz e a serenidade interior, estados que ninguém poderá te roubar.

--- O senhor tem razão, mestre. --- concordei --- O problema todo está no apego e no conseqüente desejo.

--- Beto, vá para casa e medite. Muita paz.

Sana Khan fez uma saudação indiana ou chinesa, e desapareceu.

Senti-me meio amedrontado, em frente ao bar. Tive imediato desejo de voitar, de subir, e logo flutuei acima das ruas e prédios da Pituba, até reconhecer meu edifício, na Rua Rubem Berta.

Entrei pela janela, olhei para o meu corpo estirado na cama, qual defunto em velório, imóvel, e me reintegrei em sua massa. Senti energia circulando em todo o meu corpo e lentamente comecei a mexer as mãos, braços, pernas e tronco, até mexer a cabeça.

Acordei, para o plano físico, pois estava acordado no plano astral, fora do corpo. Abri os olhos, olhei em volta e pensei: "Isso tudo não é mais real do que aquilo tudo que vivi há pouco. Ambos os planos e ambos os estados de consciência são reais, fazendo parte da mesma vida. Por que limitar a vida ao organismo físico, se o que lhe sustenta é a energia invisível aos olhos da carne e a consciência que os aparelhos humanos não podem detectar nem a inteligência limitada conceber?"

O dia clareava, com os primeiros raios do sol matinal banhando as paredes de meu quarto, laboratório de ricas experiências. E mais um dia se foi.

CAPÍTULO 19

O dia passou rápido, repleto de recordações e análises de minhas experiências com álcool, anteriores à minha fase espiritualista.

Dos quinze aos dezenove anos, fiz constante uso de álcool, embriagando-me quase todo final de semana. Porém, após tornar-me vegetariano, até o simples cheiro de bebida, por mais fraca que fosse, me deixava enjoado.

A noite chegou, tendo rapidamente relaxado e deixado o corpo. Ao sair, logo senti a forte vibração do mestre, que me aguardava no quarto.

--- Muita paz, meu filho.

--- Que bom vê-lo de novo, mestre. Onde vamos hoje?

--- Girar pelo mundo.

--- O quê?

--- É isso, girar pelo mundo. Não é assim que falam na Terra?

--- É, mestre. É uma ótima idéia.

--- Pois então, vamos. Siga-me.

--- Com prazer.

Deixamos o quarto, atravessando a janela em rápida decolagem, qual foguete a deixar a rampa de lançamento. Logo vi o céu estrelado, acima de nós, enquanto voávamos alto, por cima da Cidade do Salvador. Sobrevoamos o mar, aumentando a velocidade até nada vermos. Dentro em pouco estávamos acima de grande cidade, repleta de arranha-céus, sendo dia claro, e as ruas estavam apinhadas de carros e gente. A princípio custei a identificar a cidade, face a altura em que nos encontrávamos. Porém, tendo Sana Khan me convidado a descer até próximo da rua, pude perfeitamente bem perceber os traços fisionômicos das pessoas, constatando serem japoneses. Estávamos no Japão, e a julgar pelo porte da cidade, provavelmente era Tóquio.

--- Exato, Beto. A cidade formigueiro. Veja a loucura de gente se batendo nas calçadas, com pressa. A vida é trabalho para eles. Estão se tornando na maior nação industrializada do planeta, no entanto o povo não é tão feliz. Alcançado o conforto material, a vida perde um pouco o sentido, pois lhe falta o substrato espiritual, uma razão de ser mais profunda para todas as coisas. Muitos não sentem prazer pela vida e às vezes se suicidam. A vida material se aproxima da perfeição da satisfação das necessidades, porém o espírito está ausente. Por isso as pessoas se perdem. A religião se perdeu. O Budismo se distanciou da verdadeira doutrina de Buda, sendo hoje um complexo de rituais desnecessários, incapazes de dar o verdadeiro conhecimento e a paz às pessoas. Muitos japoneses se embriagam nos bares após o trabalho.

--- Mestre, eu não conseguiria viver aqui.

--- Nem eu, Beto. E todas as cidades grandes estão se tornando iguais, devido a fusão cultural que os meios de comunicação e as migrações proporcionam. Em todas elas hoje há imensos engarrafamentos de veículos nas ruas, deixando as pessoas neuróticas e nervosas, o que chamam de stress.

--- É, a vida nos grandes centros está se tornando insuportável. Excesso de gente, de carros, de poluição, a criminalidade crescendo devido a má distribuição de renda em alguns países, como o Brasil. Hoje o Rio de Janeiro é uma das cidades mais violentas do mundo, a segunda, perdendo apenas para Nova York.

--- Os homens têm que encontrar alternativas de vida, Beto. Essa superpopulação localizada nos grandes centros gera problemas imensos. Há falta de espaço para moradia, falta de alimento, de segurança e elevação do índice de mortalidade por problemas do coração. Além disso, o grande número de veículos lançando grande quantidade de gases venenosos na atmosfera está causando a destruição da camada de ozônio que protege o planeta. E isso faz com que os homens fiquem à mercê dos raios solares e outros vindos do espaço. A temperatura do planeta está subindo por causa disso.

--- É, mestre, mas as pessoas não se preocupam com isso ainda. No Brasil, a consciência ecológica apenas desperta em pequenos grupos, como os leitores da revista Planeta, de vanguarda.

--- O individualismo e o egoísmo estão levando a humanidade a um beco sem saída, em termos de civilização e sociedade. O atual modelo de vida tem que mudar. É preciso substituir o transporte individual e poluente pelos transportes coletivos seguros, silenciosos e não-poluente. Metrô, trens rápidos, veículos movidos a ar ou a bateria elétrica, utilização de energia solar, são alternativas mais seguras, econômicas e preservadoras do meio-ambiente. Vamos a outro lugar.

Voamos por cima de Tóquio, e ainda sobre outras cidades. Passamos por Hiroshima, apenas pelo alto e Sana Khan comentou:

--- A sede do poder, o sonho do imperialismo, o orgulho, a vaidade, a insensatez levaram esse povo à guerra terrível que terminou por forçar gênios a criarem o engenho terrível da bomba atômica que foi despejada aqui. O mundo jamais esquecerá os efeitos da radiação atômica. Espero que os governos atuais e futuros não repitam a loucura dos seus antecessores.

--- Mestre, --- perguntei --- por que o homem luta tanto? Por que não consegue viver em paz? Será impossível a convivência pacífica, a fraternidade, a cooperação?

--- Meu filho, a guerra é fruto da ignorância, da ambição, do orgulho, da sede de poder e dominação, próprios dos Espíritos de pouca evolução e de pouca moral. A Terra vive em guerra desde a chegada dos capelinos, porque eles desejam dominar o planeta, estabelecendo o Reino da Terra, ao invés do Reino dos Céus pretendido pela Espiritualidade superior. Desde a Lemúria à Atlântida e desde os primeiros povos brancos a povoarem a Europa do Norte até os dias atuais, as guerras têm sido impulsionadas pelo comando das trevas. As forças do mal não desistem de seus propósitos. O grande líder dessas forças, compostas por milhares e milhares de Espíritos é conhecido como "Dragão", ou Lúcifer, se assim preferir. Ele de fato existe, e já encarnou na Terra algumas vezes, porém há milhares de anos está trabalhando nas sombras. Contudo muitos sequazes se encarnam de tempos em tempos, com a permissão e superintendência dos governantes do planeta, para dar cumprimento à Lei de Causa e Efeito, ou Karma. Isso porque o mal só existe onde pode germinar suas sementes e gerar frutos. Nos planetas mais evoluídos, o mal é apenas passado. Na Terra, porém, devido à sua humanidade nova e em início de evolução, ainda se faz preciso a existência desses Espíritos capelinos ávidos de poder, domínio, guerra e escravização. O atrito do mal com a faculdade intelectual do Espírito o faz raciocinar e crescer em inteligência. E após algum tempo de inteligência sem coração e sem moral, o Espírito passa a aliar o coração à razão, o sentimento ao poder criativo. A moral é impulso natural que brota do imo da alma. Por isso ela nasce e impregna o ser que está ainda envolto em matéria. A moral não é criação humana, mas parte da essência divina.

--- Mestre, quando é que a Terra vai livrar-se desses Espíritos maus que planejam as guerras, as revoluções e os crimes?

--- Quando a maioria das pessoas mudar seu padrão vibratório.

--- E como se faz isso? --- perguntei.

--- Mudando seus pensamentos, atitudes, ações. Se você muda de forma de pensar, muda as energias-pensamento que emite ou atrai. Se altera as ações, muda a vida de relação e o mundo material exterior. A mudança externa começa sempre no interior do Espírito. Não adianta querer mudar o mundo externo, a sociedade, com leis e decretos, como têm tentado os países chamados comunistas. Isso não funciona. Um dia a força de pressão e opressão vai fazer explodir em revolta o povo escravizado. Essa tendência de fazer do homem um animal escravizado, sem vontade e submetido à vontade do Estado, que na verdade é a vontade de um pequeno grupo, quando não de um só homem, é própria dos Espíritos vindos de capela, que fizeram escola entre os terrícolas. Foram eles que programaram os golpes e revoluções que levaram tantos povos à escravidão, como ainda vivem muitos europeus do leste. Porém breve se libertarão. A hora da liberdade está próxima para eles. Vários Espíritos estão sendo preparados para revolucionarem os países comunistas. Alguns serão sacrificados, porém outros vencerão, porque as pessoas os apoiarão, cansadas que estão de tanta opressão e dirigismo estatal em suas vidas, pensamento e consciência.

--- O senhor quer dizer que os países comunistas se abrirão para o mundo, democratizando-se? --- perguntei.

--- Sim, muito brevemente. Um Espírito instruído e evoluído, inspirado pelo alto, iniciará a abertura na União Soviética, que puxará o trem da liberdade no leste europeu.

Voamos de Hiroshima para a China Vermelha, sobrevoando a muralha antiga e passando ligeiramente por algumas cidades e aldeias.

--- Aqui haverá derramamento de sangue, antes da libertação, porque o chinês quando domina não abre mão de seu poder com facilidade. A União Soviética se libertará primeiro.

Voamos até Moscou, dando para ver o Kremlin.

--- As idéias libertárias e democráticas se implantam lentamente aqui, devido ao contato de atletas e artistas com o mundo livre. E ainda os agentes americanos que vivem aqui, que com astúcia despertam a idéia da liberdade na mente das pessoas que às vezes sequer sabiam que isso existia.

Rumamos para Berlim, na Alemanha Oriental. Observei o muro que separa as duas Alemanhas em triste espetáculo.

--- Os alemães resgatam seu passado. Muitos Espíritos que no passado escravizaram homens hoje estão dentro do grande campo de concentração. Porém essa fase está chegando ao fim e em breve se libertarão. A Espiritualidade trabalha nesse sentido, não só aqui mas também no Vietnã, Coréia do Norte, África do Sul, Cuba e outros países onde a população não tem liberdade. Os tempos das idéias romanas de conceder o pão e o circo estão findando. Estamos próximo da Era de Aquário ou do Terceiro Milênio, quando a humanidade viverá em paz, sem guerras, revoluções ou golpes de estado.

--- Mestre, e os crimes crescentes nos países pobres? --- perguntei, lembrando-me do Brasil.

--- São fruto da própria injustiça social, da sociedade egoísta e individualista, além de serem incentivados pelas trevas. Estas manipulam as mentes fracas, envolvendo as pessoas "perdidas", sem direção certa na vida, colocando drogas em suas mãos (via organizações) e incentivando-lhes a coragem para a prática criminosa diversa. Drogados, os homens com tendência à violência e ao crime podem assaltar, estuprar e matar. A droga encoraja, muitas vezes retirando o medo da mente e a nitidez da realidade. A mente, em

vãos alucinatórios, comete os maiores desatinos, muitas vezes sem ter consciência clara do que fez.

Enquanto conversávamos, voamos em alta velocidade para o Brasil. Fomos ao Rio de Janeiro, percorrendo algumas ruas centrais, em plena madrugada.

--- Veja, Beto, como as pessoas hoje têm medo de sair de casa. A tensão em que vivem os países é insuportável. Os criminosos rondam livremente pelas ruas e as pessoas de bem vivem trancadas dentro de casa, cheias de grades, cadeados, cães de guarda e vigilantes. Os prédios são cercados de altas grades com ponta de lança para cima, em atitude de defesa. A agressividade está estampada onde quer que você vá. As pessoas não conversam na rua. Todos seguram bem suas carteiras e bolsas, com medo de serem roubadas. A neurose é geral.

--- Mestre, as pessoas vivem com medo de viver. Preferem ficar em casa assistindo os programas tolos da televisão a se arriscarem nas ruas em vivências reais.

--- É exatamente o que desejam os Espíritos trevosos. Através dos médiuns da violência e da criminalidade, afastam as pessoas das ruas, encurralando-as dentro de suas próprias casas e aí injetam o terror e o medo e todas as idéias que quiserem, por meio da televisão, que dominam em grande parte.

--- Mestre, como é que eles passam as idéias de medo e de terror? --- perguntei, curioso.

--- Através dos filmes de terror, realizados por mentes perturbadas e neuróticas e ainda por meio dos noticiários dirigidos apenas para notícias ruins e depressoras, como guerras, acidentes, catástrofes, crimes, corrupção, desonestidade e tudo o que possa levar as pessoas a pensarem que só acontecem coisas ruins no mundo, cultivando assim o negativismo, o pensamento negativo, a descrença em Deus e a desesperança.

--- A televisão realmente passa tudo isso, com algumas exceções. Realmente os jornais só noticiam coisas ruins. Raramente mostram coisas boas, gestos humanos, de solidariedade, de fraternidade, de desprendimento. É só acidente de automóvel, de ônibus, de trem, de avião, incêndios, guerras, crimes. Parece que as emissoras têm um radar para captar essas coisas. Não procuram as coisas boas para noticiar, como as pesquisas científicas em torno da sobrevivência da alma, os congressos espiritualistas, os seminários, os encontros. Não vêem as pessoas ajudando os mendigos, os orfanatos e asilos. Já vi tanta coisa boa e vejo diariamente. Mas a imprensa somente corre atrás de sangue. A cultura fica esquecida. Escritores lançam livros científicos, de poesia e romances que não são divulgados. Se um médico estiver salvando uma vida no meio da rua, e ao lado um criminoso estiver tirando uma vida, com certeza um repórter que passasse pelo local registraria em sua câmera o assassinato. Assim é a imprensa hoje.

--- Mas, Beto, não se esqueça de que aqueles que assistem os jornais são acionistas dessa atitude. Muitas pessoas gostam do sangue. Sentem-se atraídas por ele e pela miséria humana. Essas pessoas alimentam essa atitude mental e a máquina da imprensa, sendo acionistas das empresas, sustentando-as com a audiência elevada. A tragédia atrai mais, porque faz mais ruído o mal do que o bem. Este ainda não desperta atenção. Por isso passa despercebido.

--- O que é preciso fazer, então, mestre?

--- Desligar a sintonia com o mal. Parar de se sentir atraído pelo sangue, pelas catástrofes e guerras. Parar de assistir filmes de violência e terror e desligar-se de tudo aquilo que gere depressão e medo. Não é se alienar. Procurar programas menos violentos e alienantes e filmes mais humanitários. Assistir aos programas da TV Educativa, a única que

não cheira a sangue, e a que mais instrui e educa, sem alienar e idiotizar os indivíduos. As forças das trevas conseguem, em grande parte, manter os humanos alienados o suficiente para manipulá-los. Eles não deixam a imprensa divulgar as pesquisas das coisas ligadas ao Espírito, nem propagar as idéias espiritualistas elevadas. Só pensam em incentivar a idéia do materialismo, do sucesso, do gozo dos prazeres dos sentidos, como álcool e sexo, dos jogos e divertimentos. Assim, não perdem o controle que conseguiram a muito custo.

--- Não vai ser fácil mudar os hábitos e a consciência das pessoas, mestre.

--- Eu sei. Mas é preciso trabalhar nesse sentido, para despertar alguns do sonho do brilho do ouro e do gozo dos sentidos. As pessoas precisam ver além dos sentidos físicos e além da matéria. Precisam descobrir os mundos invisíveis que os rodeiam, onde a vida é rica de experiências e possibilidades de crescimento.

--- A descoberta do Espírito imortal revolucionaria a filosofia materialista. --- disse.

--- Sim, e é por isso que as trevas lutam para que a imprensa não trabalhe nesse campo. Só veiculam notícias superficiais, e mesmo assim de cunho meramente sensacionalista.

--- É exatamente isso mestre. --- concordei.

--- É preciso muito empenho para divulgar as verdades espirituais à humanidade materializada. Coragem e determinação, como Buda, Jesus, Sócrates, Gandhi e Kardec. E o trabalho continua. Você tem uma missão a cumprir, como divulgador da verdade, dos conhecimentos que adquire passo a passo. No momento próprio você iniciará sua divulgação.

--- Mestre, preparo-me para isso, tendo já certeza de que vim para isso. Não desejo a vida vazia dos prazeres físicos apenas. E o dinheiro não me atrai nem ilude. Quero ajudar às pessoas a despertarem, a sentirem-se Espíritos. O mundo vai mudar, as trevas serão dissipadas e a luz há de vencer.

--- Sim, Beto. Breve começará o exílio de Espíritos para outro planeta, repetindo o que aconteceu em Capela. E estarei envolvido em trabalho ligado ao exílio, tendo que me ausentar por algum tempo. Espero que você não se perca, não se afaste deste caminho que ora escolheu. Se isso acontecer, todo o esforço terá sido em vão, ou pelo menos teremos que adiar o seu trabalho. Espero contar com você no plano físico, como médium intuitivo, para as mensagens necessárias aos homens. Temos muito trabalho a fazer e você ainda tem muito que aprender.

Enquanto conversávamos, partimos para Salvador e chegamos em casa.

--- Nos despedimos, por hora, quanto ao contato que tivemos ultimamente. Porém, se precisar de mim, pense em mim, pois estarei sempre contigo. Sou como um pai à distância. Conte sempre comigo. Cuide-se, e não se deixe seduzir pelas belas formas que colocarão no seu caminho, para lhe desviar.

--- Mestre, mestre, vou sentir sua falta. Não queria me afastar do senhor neste momento. Ainda tenho muito que aprender.

--- Aprenderás com outros irmãos. Rodolfo e Marlene trabalharão contigo doravante, em auxílio a Espíritos nos planos inferiores. Adquirirás mais experiências antes de iniciar o cumprimento da missão para a qual te preparei. Muita paz e até breve.

--- Obrigado, mestre. Muita paz.

Sana Khan partiu, deixando um vazio em meu coração. A saudade seria uma constante dali por diante, principalmente porque eu me desviaria do meu caminho por

longos anos, apesar de tantas advertências do mestre. Fui seduzido, não só pelo sexo, mas novamente pelo álcool.

Após a partida de Sana Khan e passados alguns dias, decidi ir embora, não mais para a Índia, por causa da dificuldade de comunicação, mas para rodar pelo interior da Bahia, pregando a filosofia universalista do Espírito imortal. Podia, naquela época, realizar algumas curas devido ao meu equilíbrio interior e conseqüente equilíbrio energético, aliado ao aumento de energia proporcionado pelos Espíritos amigos.

Porém, quando estava próximo da partida, ouvi a voz do mestre falar em minha mente que eu não deveria partir, mas ficar. Perturbei-me, por não saber o que fazer. Preparara-me durante meses e agora não partiria. O que faria? Abandonara a faculdade, não queria mais estudar, mas pregar as verdades que descobri.

Viajei para Porto Seguro, como planejado antes, só que voltaria para casa, ao invés de seguir em frente.

Foram treze dias andando pelas praias, refazendo contato com a vida de sociedade, acostumando-me à idéia de ficar em Salvador.

Quando voltei, fui trabalhar com meu pai, tendo cortado os longos cabelos em estilo indiano que usava. Mudara as vestimentas e a atitude mental. E sem me aperceber, envolvi-me em toda uma atitude de vida que me levou a experimentar certas coisas que me afastariam do caminho traçado por Sana Khan.

Levaria vários anos preso à matéria, seduzido pelos sentidos, até o meu novo despertar, que me possibilitaria voar mais alto do que nos tempos que comecei a desdobrar.

As saídas astrais cessariam por algum tempo, para depois retornarem mais vivas e profundas. O contato perdido com o mestre só a muito custo seria reatado.

Muitas coisas aconteceram entre janeiro de 1979 e esta data em que estou a escrever, 23 de junho de 1991. Um mundo de experiências psíquicas e extrasensoriais. Contato com Espíritos e pesquisas. Trabalhos de auxílio e palestras. Mas isto tudo já é um outro ciclo que poderei contar futuramente, se este trabalho for publicado. Afinal, nossas experiências não nos pertencem, mas à toda a humanidade, pois somos marinheiros do mesmo barco e devemos remar todos na mesma direção. A soma das experiências enriquece-nos, passo a passo, até atingirmos a Consciência Cósmica, aberta, mas individualizada, continuando, assim, o trabalho para a manutenção da harmonia do universo.

Muita paz!